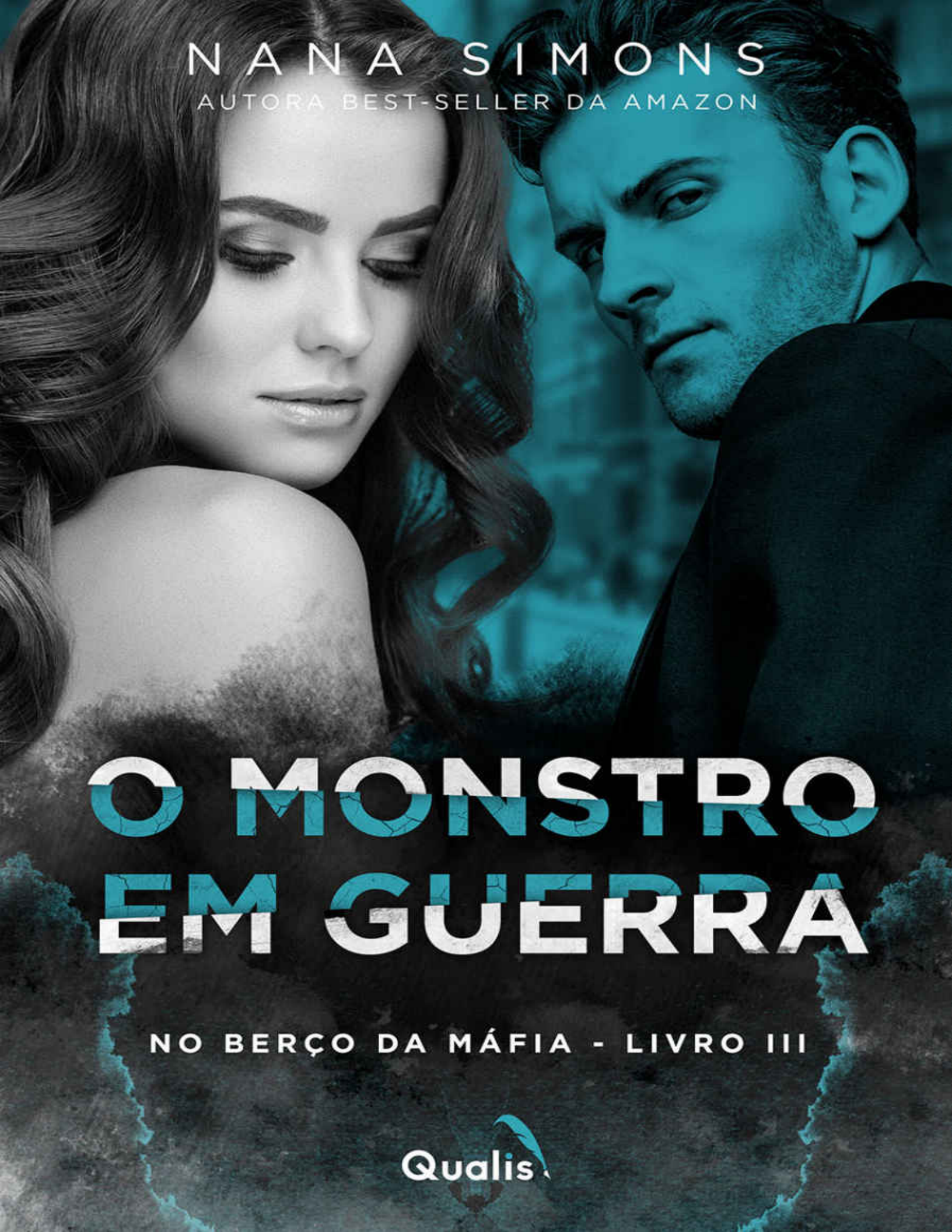




NANA SIMONS

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

O MONSTRO EM GUERRA

NO BERÇO DA MÁFIA - LIVRO III

Qualis



NANA SIMONS

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

O MONSTRO EM GUERRA

NO BERÇO DA MÁFIA - LIVRO III

1ª Edição

Santa Catarina-2020

Qualis 

Todos os direitos reservados

Copyright © 2020 by Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda

Editora Responsável:

Produção Editorial: Simone Fraga

Preparação de Texto:

Revisão Ortográfica: Qualis Editora

Capa: Renato Klisman

Projeto Gráfico: Qualis Editora

Imagens Internas: Shutterstock

Diagramação Impressa: Marcos Jundurian

Produção Digital: Cristiane Saavedra | Saavedra Edições

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S611o

1.ed

Simons, Nana, 1997 -

O Monstro em Guerra / Nana Simons. — [1. ed.] —
Florianópolis, SC: Qualis Editora e Comércio de Livros
Ltda, 2020.

Recurso digital

Requisito do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-87383-04-0

1. Literatura Nacional 2. Romance Brasileiro 3. Dark
Romântico 4. Ficção I. Título

CDD B869.3

CDU - 821.134.3(81)



Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda
Caixa Postal 6540

Florianópolis - Santa Catarina - SC - Cep.88036-972

www.qualiseditora.com

www.facebook.com/qualiseditora

@qualiseditora — @divasdaqualis



PREFÁCIO



DANTE

Há uma escuridão em mim que corre pelas minhas veias, escorre das minhas feridas e flui pelo ar com a minha respiração. Eu a vejo, eu a sinto e quase posso tocá-la. Eu abdiquei dos caminhos convencionais e escolhi andar pelas trevas. Dei a mão para a morte e esperei – ainda espero – que ela venha me buscar.

Eu ri na cara do diabo quando assinei o contrato vendendo minha alma, e ele cantou para mim uma canção que dizia que eu andaria por essa terra como a encarnação de seu próprio filho.

Esperei que a preciosa mulher quebrada viesse e pegasse minha mão, mas quando ela segurou firme, eu soltei. Porque prometi o paraíso, mas não se deve acreditar em promessas feitas por monstros, não é?

ALESSA

Versículos e histórias contadas diziam que Lúcifer usava uma beleza fora do comum para atrair mulheres e prendê-las em seus encantos. Olhei em seus olhos e caí na irresistível armadilha bela do pecado. Acreditei e o fiz acreditar que o abismo à nossa frente não existia. Eu o fiz crer profundamente em sua doce ilusão de que segurei sua mão e nós dois só percebemos que não havia salvação quando já era tarde demais.

Ele pensou que era o único a ter segredos.

Eu sabia que o diabo havia cantado uma canção para ele, entoando que o bem não existia e que sua alma vagaria pelas sombras. Mas ele não esperava que eu me deitaria com o diabo, e quando cantei, ele se enfeitiçou pela minha voz.

Nós demos voltas e paramos o tempo, enquanto o ar sumia e nós nos afundávamos no oceano de águas vermelhas. Tão vermelho como nosso sangue, rosas mortas e nossa promessa.



DEDICATÓRIA



Para todas as pessoas que quebraram o meu coração.

Alessa sentou-se ao meu lado e me contou sua história, levando-me a lágrimas em algumas partes e enfeitando meu rosto com um sorriso inocente, assim como ela toda era.

Dante não foi muito fácil no começo, mas aos poucos me deixou visitá-lo, me permitiu conhecê-lo e finalmente concordou em contar seus segredos.

Dante e Alessa estão no meu coração, e eu espero que eles possam encontrar um lugar no de vocês também. Não houve nenhuma outra criação da minha mente pela qual eu me apaixonei tanto quanto esses dois.

Que Alessa te ensine e que Dante te mostre como voltar a viver.



SUMÁRIO



CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

PREFÁCIO

DEDICATÓRIA

PRÓLOGO

PARTE I

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

PARTE II

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

EPÍLOGO

EPÍLOGO 2

ALESSA'S AGRADECIMENTOS



PRÓLOGO



*“Eu sou uma contradição
E foge da minha mão fazer com que tudo o que eu digo faça
algum sentido
Eu quis me perder por aí, fingindo que nunca precisei de um
lugar só meu
Não são só memórias
São fantasmas que me sopram aos ouvidos coisas que eu nem
quero saber...”*

Pitty – Memórias

ALESSA BONUCCI – 11 ANOS DE IDADE

Passei a mão pelo vestido rosa que Antonela, nossa babá, vestiu em mim e segurei a barra dele em cada ponta, sorrindo e dando boas-vindas aos nossos convidados.

Era o meu aniversário e de Anita.

Ella e eu tivemos nossa última aula de etiquetas na semana passada, nível médio, para treinar a forma como

falaríamos com as pessoas. Passaríamos, então, para as regras e formalidade mais difíceis – o que dizer, o que não dizer, o que fazer e o que não fazer. Antonela até disse que seríamos treinadas desde aquele momento para quando chegasse *aquela* hora. Nós duas não entendemos, mas Anita, sim, e depois de jogar água no rosto da nossa babá, ficou de castigo, e papai ordenou que fizesse as aulas sozinha desde o início, mais uma vez.

Peguei o copo de vidro cheio de refrigerante que o garçom me ofereceu e o bebi. Pequenos goles, lentos e elegantes, para não borrar o batom, como havíamos aprendido. Qualquer pessoa podia estar vendo, e eu não queria que papai ficasse chateado. Nunca era bom quando isso acontecia. Já foi um milagre ele ter permitido algo além de suco integral ser servido.

Algumas mulheres adultas passavam por mim e me davam sorrisos, mexiam no meu cabelo, apertavam minhas bochechas, me elogiavam e aquilo me fazia sorrir. Era sinal de que eu estava fazendo tudo certo, portanto, papai poderia ficar orgulhoso.

Olhei ao redor, procurando minha gêmea, e não a encontrei, o que me preocupou. Todas as festas às quais íamos, eu procurava ficar sempre de mãos dadas com ela, para evitar que papai a castigasse, só que como ela não tinha jeito se tornava muito difícil.

— Olhe só, é a menina de Sonia. Não está uma gracinha? — uma senhora com um coque engraçado e muitas cores no rosto disse para outra, que concordou.

— Sonia era muito bonita, está explicado tamanha beleza de seus filhos e filhas desde jovens.

— Quantos anos tem, garotinha?

Inflei o peito e ajeitei a postura, exatamente como aprendi, e mostrei um grande sorriso.

— Estou fazendo 11 hoje.

Elas riram.

— Oh, eu não disse? Você mal cresceu e já é uma bela dama, a *famiglia* sempre cria as melhores meninas.

No mesmo momento, a mulher ao seu lado tropeçou para frente, soltando um pequeno grito. E quando uma cópia minha correu ao seu lado, quase levando seu vestido junto, arregalei meus olhos, e meu primeiro instinto foi correr para segurá-la. Segundos depois, Lorenzo passou, andando com uma cara muito, muito malvada, com Bernardo logo atrás, tentando segurar nosso irmão.

Olhei para as duas, temerosa de que fossem dedurar Anita.

— Peço sua licença, senhoras, mas preciso ir. — Abaixei a cabeça e me retirei. Era tão difícil falar daquele jeito. As palavras enrolavam minha língua e eram longas demais, eu estava com pressa.

Elas acenaram e sorriram mais uma vez, parecendo esquecer o ocorrido.

— Apenas porque é adorável.

Eu tentei sorrir uma última vez e sai de lá, chegando ao corredor de acesso à nossa sala. Olhei para todos os lados, tentando decidir se entrava em uma das portas ou subia as escadas, mas minha irmã poderia estar em qualquer lugar, e eu só queria chegar logo até ela. Dei um passo para a segunda porta quando a dos fundos abriu, Ella saiu correndo e se escondeu atrás de mim. Nós três

éramos pequenas, mas Ella, com seus nove anos, ainda se parecia muito conosco.

Segurei suas mãos, que agarraram firmes em meu vestido, enquanto olhava para mim e atrás de mim.

— Lessa, por favor, vamos para lá. — Apontou a porta do salão. — Rápido!

Ela tentou me puxar, mas a segurei mais uma vez.

— Espere, o que foi? O que te assustou?

Ela gemeu, seus pequenos olhos se enchendo de água.

— Por favor, Lessa, por favor.

Olhei para trás, vendo apenas as três portas fechadas, e sorri para ela.

— Ficou com medo do escuro?

Ela balançou a cabeça.

— Não, é um monstro — sussurrou.

— Não há monstros ali, irmãzinha, se lembra do que eu disse?

— Ah, aí está você. — Virei-me novamente, escondendo Ella atrás de mim pelo susto da voz repentina, mas relaxei quando vi quem era e sorri educadamente.

— Ela deve ter se perdido, obrigada por encontrá-la — agradei.

Ele me olhou de cima a baixo e passou a língua nos lábios. Eu desviei o olhar, abaixando a cabeça. Nós nunca devemos encarar os homens da *famiglia* como iguais. Abriela me cutucou e balançou a cabeça mais uma vez.

— Por favor, Lessa.

Ele apoiou as mãos no joelho, tentando diminuir sua altura, e nos encarou.

— Nós estávamos apenas brincando. — Ele riu e estendeu a mão, tentando tocar Abriela.

Ela se apertou mais contra mim, soltando um barulho estranho. Eu empurrei sua mão de perto dela e a abracei.

— Ela não parece querer brincar com você.

Ele inclinou a cabeça.

— Ela está tímida, mostrei um brinquedo e se assustou.

Olhei para a minha irmã e depois novamente para ele, que sorria cada vez mais.

— Ela não vai brincar com o senhor, nós vamos voltar para a festa.

Virei-me de costas, mas ele segurou meu braço.

— Ei, menina, porque não espera? Você sabe que sou de confiança.

Puxei meu braço com força, para nada, pois ele o apertava.

— Vou pedir a papai e ver se ele nos autoriza a brincar.

— Lessa! — Abriela chamou.

Ele me segurou mais ainda.

— Você não vai até o seu pai, nós vamos entrar e vou mostrar a vocês minha brincadeira favorita.

— Nós não queremos! — insisti.

Seu rosto mudou, indo de calmo e sorridente para irritado.

— Tem certeza de que quer ir incomodar seu pai? Já pensou o que ele vai achar de seu comportamento? E sobre sua irmã correndo na festa e tropeçando nas senhoras?

Arregalei meus olhos e olhei para Ella.

— Tudo bem. Mas Ella vai voltar e ficar com Anita.

Eu não podia deixá-lo dizer a papai, a última vez que castigou Anita, ela ficou de cama o dia seguinte inteiro. Ele sorriu mais uma vez.

— Ótimo. — Caminhei até Ella quando me soltou.

— Volte para o salão de festas e procure Anita, diga que já vou, *va bene*?

Abriela balançou a cabeça, mas insisti.

— Ella, não quero que você e Anita fiquem de castigo, vou apenas ver o que ele quer e já te encontro. Faça isso.

Ela olhou para ele e para mim mais uma vez.

— Lessa, eu não quero isso.

— Mas eu quero, quantas vezes já nos coloquei em confusão?

— Nenhuma — respondeu baixinho, tentando agarrar a minha mão enquanto eu a empurrava sem que ele visse.

Algo me dizia para tirar minha irmãzinha dali. Não apenas seu terror em ficar perto dele.

— Então, faça isso. — Abracei-a, tentando passar segurança e sussurrei em seu ouvido. — Vá para longe e não saia de perto de Anita, não a traga até aqui também.

Minha irmã assentiu, fechou os olhos e olhou para baixo. Preocupei-me que ela fosse chamar alguém, e então nós três estaríamos enrascadas, mas ela não faria aquilo, se eu disse para não fazer.

— Ela tem medo de você — falei para ele.

Ele sorriu, abaixou-se à minha altura e sussurrou no meu ouvido.

— Ah, ela deveria ter, e você também.

Ele me puxou para dentro, e eu olhei para o corredor uma última vez antes de aquela porta se fechar, então, vi Abriela chorando, estendendo seus braços para mim, olhos arregalados de pavor.

Então entendi seu medo e temi também, mas não era do escuro e tampouco do monstro que estava ali.

Mas do que me tornei quando aquela porta se abriu novamente mais tarde.

PARTE 1



“Você se veste com ternos caros e lenços. Usa a sua máscara de civilidade e eloquência, mas é tão abominável quanto eu. Ou pior.”

The Originals, Klaus Mickelson



CAPÍTULO 01



*“Não há remédio para as lembranças
Seu rosto é como uma melodia que não sairá da minha cabeça
Sua alma está me assombrando e me dizendo que tudo está
bem,
mas eu queria estar morta
Toda vez que fecho os meus olhos é como um paraíso
sombrio”*

Lana Del Rey – Dark paradise

ALESSA BONUCCI – 22 ANOS

4 MESES ANTES

— Nós não tínhamos certeza do número certo para encomendar — uma das meninas da organização do buffet me disse.

Assenti.

— Tudo bem, acredito que seja o suficiente, se não for...
Dio, não. Precisa buscar mais.

Ela riu, pois me conhecia bem depois de tantas festas.

— Concordo, melhor sobrar do que faltar.

— Exato. Como estão os docinhos e o bolo?

— Tudo certo, ficou faltando apenas o *zepolle*. As meninas estavam com um problema com a ma...

— Precisa estar pronto — cortei-a e respondi, séria. — São os favoritos de Antony, e ele vai ter para comer o quanto quiser em seu aniversário.

— É claro, Alessa — assentiu rapidamente, anotando em seu tablet.

— Tem algo mais? — perguntei, fingindo estar distraída conferindo as bebidas que chegaram.

— Por enquanto é só isso, qualquer problema que tiver...

— Você resolve — interrompi mais uma vez.

— *Va bene*.

De cabeça baixa, observei de canto dos olhos enquanto ela se afastava e continuei minha tarefa. Precisava deixar tudo pronto e impecável. Era a primeira festa de Antony, e ele teria tudo. Puxei uma longa respiração, lamentando ter que estar mais uma vez com aquelas pessoas. Mas valeria a pena, eu faria tudo pelo meu menino.

Pouco depois Lucca chegou, falando com Juliano rapidamente antes de dispensá-lo e se aproximar de mim. Pegou a garrafa em cima da mesa e analisou o rótulo.

— Esse é dos bons.

— Meu primeiro porre — concordei com um pequeno sorriso.

Ele colocou a mão na frente da boca, escondendo a risada dos outros na sala.

— Eu me lembro.

— É claro que lembra, você acompanhou minha adolescência problemática.

Seu rosto adquiriu aquela expressão, uma da qual eu não gostava nem um pouco.

— Alessa.

— Era para ser uma piada, relaxe.

— Não sei como consegue brincar com isso.

Dei de ombros, tirando a última garrafa da caixa.

— Rindo para não chorar. Não é esse o lema? Você já leva tudo a sério demais o suficiente por nós dois.

Ele ia responder, mas alguém envolveu dois braços em torno dele. Lucca olhou ao redor, vendo que as outras pessoas na sala estavam distraídas e a puxou para frente, abraçando-a.

— Olá, *bella mia*.

— O que vocês dois estão cochichando, hein?

— Eu contava a sua irmã o quanto você acordou bonita hoje.

Ella sorriu como sempre fazia quando ele dizia coisas como aquela.

— Acordei exatamente como ontem.

— Como todos os dias. Linda.

Eu sorri, observando-os.

— Alguém me salve, acabei de ficar diabética.

Lucca me deu um pequeno sorriso contido, sabendo que não havia nada que eu gostasse mais do que observar o quão apaixonados os dois eram um pelo o outro. Ele não era um homem que se permitia ser alcançado

emocionalmente com facilidade por alguém, mas quando o fazia, levava a sério.

— Bom dia — a voz vinha da porta da mansão e pertencia ao seu irmão, Dante, o subchefe da *famiglia*.

— Olá, Dante! — Ella sorriu, chamando-o.

— Bom dia — respondi educadamente, voltando a atenção para as minhas coisas. Quanto mais cedo terminasse, mais cedo podia ir para casa, tomar um banho e me preparar para mais uma festa.

Minha irmã jogou um braço sobre meus ombros, observando o que eu fazia.

— Hoje é finalmente o dia — comentou, me lembrando do que eu mais ansiava todas aquelas semanas.

— Eu sei — assenti, vendo Lucca sair silenciosamente com seu irmão.

— Acha que devo falar com ela sobre aquilo?

— Conhecendo Anita, espere que ela fale.

— Ela não vai.

— Exatamente.

Ella me olhou confusa.

— Mas Lessa... se eu não falar, ela também não vai e não resolveremos isso.

Deixei as caixas de lado e a encarei.

— Por dois anos ela conversou com você por telefone, te mandou fotos, vídeos e foi a nossa irmã de sempre. Você sabe que Anita tem um coração enorme, se não tocou nesse assunto até agora é porque não quer falar ou não se importa mais. — Abriela olhou para cima por alguns minutos, franzindo o nariz, pensativa. Suspirei, voltando

aos meus afazeres. — Você está com cara de quem vai ignorar completamente tudo o que eu disse e falará com ela.

Ella sorriu.

— Eu vou.

— Sei que vai.

Ella riu, me deu um abraço de lado e saiu cantarolando.

Esperiei que estivesse sozinha mais uma vez e suspirei aliviada. Era melhor daquele jeito, estar sozinha era normal para mim, comum. Eu vivia rodeada de pessoas, mas nenhuma delas, nem sequer uma, podia entender o quão desesperada por solidão eu estava.

E assim era melhor, passei uma vida deixando que observassem o mundo dos sonhos no qual eu vivia, porque não queria nunca que conhecessem meus piores pesadelos.



Saí da cozinha após ter conversado com Goretti e voltei ao salão.

— Alessa! — Olhei para trás, vendo Gema Fraccele e Belinda Gianni se aproximando.

Internamente me condenei por não ter esperado apenas alguns segundos para sair da cozinha, poderia ter escapado das duas. Sorri para cada uma.

— Olá.

Belinda, sendo extremamente educada como sempre, pegou uma de minhas mãos e deu dois tapinhas.

— Está tudo incrível, Alessa.

— Verdade, há tanto tempo eu não via *zepolle* pelas festas da família, estão deliciosos — Gema concordou.

Eu controlei a vontade de dizer a ela que os doces eram para Antony e assenti.

— Fico feliz que estejam gostando. Foi um trabalho em equipe.

— Dando os créditos de sua criatividade aos serviçais, que gentil.

— É linda e de tamanha educação.

Estava dada a largada de quem puxava mais o meu “saco”. Vez ou outra faziam aquilo e era difícil decidir qual delas podia ser mais irritante. Dei um sorriso sem graça, deixando claro que estava sendo educada e não achando engraçadas as suas colocações, principalmente a de Gema falando dos empregados, e puxei suavemente minha mão.

— Que bom, espero que continuem apreciando a noite.

Depois de Gema e Belinda terem se afastado, olhei ao redor e vi que todos estavam bem. Bebendo, comendo, conversando e sem nenhum problema à vista. Aproveitei que ia tudo sob controle e resolvi me dar um tempo.

Subi as escadas, esperando que ninguém tivesse me visto e entrei no quarto de Lucca. Fechei a porta atrás de mim e sentei-me na beira da cama. Precisava respirar, ficar um pouco longe de tudo e toda aquela agitação. Depois de ver minha irmã lá embaixo, fingindo que não estava no mesmo ambiente que Luigi e sorrindo, com sua arrogância e ousadia, me afastei. Os dois tinham acabado de ter uma conversa e nada parecia ter se acertado. Daria um tempo para que enxergassem o óbvio sozinhos; se não fizessem, eu entraria no meio e acabaria com todo aquele show.

— Você viu Lucca? — Dei um pulo da cama, me assustando com a presença repentina.

— Pelo santo, você me assustou!

Dante, como sempre, não mostrou nenhuma reação, olhou em volta do quarto com a mão ainda na maçaneta.

— Meu irmão?

— Eu não o vi — confirmei. Ele assentiu e, sem mais, saiu, me deixando sozinha outra vez. Levantei-me, indo até a janela e observando o jardim lá fora, cheio de pessoas rindo e se divertindo. Sabia que logo eu teria que descer, colocar mais um sorriso que parecesse verdadeiro no rosto, que fosse digno de um Oscar, e aguentar.

Aguentar explicar inúmeras vezes cada coisa e responder às perguntas de sempre, observar o falatório disfarçado e fingir que não via a forma como os homens no lugar me olhavam.

“Como é possível que ainda não esteja casada, tão bonita. Está envelhecendo e logo não poderá formar uma família.”

“É uma vergonha, a mais velha, mais disciplinada, a menina típica da máfia, será a última a se casar.”

“Ela organiza as festas mais lindas, mas não pode escapar de um destino solitário. Deveria se casar logo.”

Como se me casar fosse a solução de todos os problemas. É claro que eu precisava ouvir e sorrir, fingir que achava graça das piadas e ser educada. Era o que a *famiglia* esperava de mim. E eu nunca, jamais, desapontei suas expectativas. Sempre atendendo a pedidos, sempre dizendo sim, sempre sorrindo, sempre assentindo.

Sempre mentindo.

Fingindo.

Guardando.

Vestida com uma máscara.

Sempre a hipócrita que não poderia nunca ter uma vida, nunca atender àquela expectativa deles.

“Menina suja.”

Eu fechei os olhos, tentando impedir que aqueles pensamentos comesçassem a me atacar logo cedo, logo naquele momento.

— Agora não — sussurrei comigo mesma.

“Vê como você gosta disso.”

Eu me sentei mais uma vez, ouvindo de repente aquela voz perto de mim, seu cheiro perto demais, nítido demais. Sentia o arrepio por cada polegada da pele, como se o toque ainda estivesse lá. E estava, vivo dentro de mim.

“Você merece um prêmio por fingir tão bem, sabe que quer isso. Você anseia.”

A risada. Eu podia ouvi-la, tinha certeza de que se ousasse olhar para frente, poderia ver.

O pânico começou a crescer em ondas, pequenas, médias, se tornando grandes demais para suportar. Era sempre assim, eu conhecia a sensação. Mas porque logo naquele momento, logo ali? Antony estava lá embaixo, se divertindo e sendo a criança doce que era, festejando seu segundo aniversário, sua primeira festa.

Eu deveria estar lá embaixo com ele, vivendo aquela memória, tendo um dos poucos momentos de felicidade que podia ter. Soltei um gemido, apertando a palma das mãos contra ouvido, fazendo as tarraxas dos brincos furarem a minha pele.

Foi quando duas mãos seguraram o meu braço que eu abri os olhos, pronta para gritar. Mas assim que o rosto de Lucca, cheio de preocupação, ficou visível, eu pude respirar. E junto com o ar, uma enxurrada de lágrimas encheu meus olhos, quase transbordando.

— Respire. Alessa, sou eu, está tudo bem, lembra? Você está bem agora.

Eu o encarei por alguns minutos, imitando sua respiração.

Devagar, respirando.

— Vamos lá, comigo. — Lentamente ele traçou círculos na minha mão, exatamente como fizera anos atrás. Como precisava fazer todas as vezes que me encontrava daquele mesmo jeito.

Sempre que era demais. Meu coração foi de batida em batida se acalmando, minha respiração entrou em ordem, eu controlei as lágrimas e a vontade absurda de gritar, e Lucca assentiu, entendendo que, daquela vez, novamente, tinha passado.

— Está tudo bem, *cara mia*. Tudo bem agora.

Mas, não, não estava. E nem ia ficar.



CAPÍTULO 02



*“Você deixou seus pés correrem livremente,
o tempo passou enquanto caíamos
Antes da queda você teria coragem de olhá-lo bem nos olhos?
Porque eles vão te perseguir até a escuridão
Até você cair, até o seu interior,
até que você não possa mais rastejar
E ladeira abaixo nós vamos”*
Kaleo – Way down we go

ALESSA BONUCCI

4 MESES ANTES

— Tem noção de quantas vezes ela esteve aqui só este mês? — Gardenia, meu braço direito dentro da associação, me questionou naquela noite.

— Não temos muito o que fazer, infelizmente ela volta para ele todas as vezes. Ela foge para ir atrás dele. Não

estou aqui para prender as pessoas e as obrigarem a ficar, fica quem quer.

Ela suspirou.

— Eu sei, mas pelo menos ela deixa a menina.

— Sim, pelo menos essa consciência ela tem.

Ela me contava sobre Lisa, uma das mulheres a quem dávamos aconselhamento semanal. A primeira vez que chegou a nós, tinha hematomas por todos os cantos e um cabelo de quem não tomava banho há dias. E, realmente, saiu de casa fugindo do marido, com a filha de sete anos nos braços e uma sacola de roupas.

Nós a acolhemos até que um abrigo em Palermo teve uma cama disponível e pedimos que ela voltasse com a filha uma vez por semana. Era simples, só precisava pegar o ônibus que disponibilizávamos para pessoas na mesma situação dela e depois voltar para lá. Mas isso foi demais, e Lisa acabou voltando para casa. Não era fácil sair de um relacionamento tóxico, e víamos exemplos todos os dias.

Phil, o psicólogo especializado em crianças que trabalhava comigo há cinco anos, desde o início da associação, entrou na sala e nos cumprimentou.

— Como estão a advogada e a assistente social mais lindas da Sicília?

Gardenia riu, pegou sua bolsa e começou a guardar suas coisas.

— Me elogie mais, por favor.

Phil piscou para mim e se aproximou dela.

— Amor, eu já te digo todos os dias como você é bonita, inteligente e muito sexy. Não vamos ficar explanando perto da chefe.

Eu lhes dei um pequeno sorriso de boca fechada, me acomodando na cadeira, e arregacei as mangas da blusa social.

— Devo ser feita de mel, não é possível. Todo casal apaixonado adora ficar perto de mim.

Eles deram risada, e Gardenia o abraçou.

— Por que não desliga esse computador e vem com a gente?

— Onde vocês pretendem ir? — perguntei, mesmo sabendo que a resposta seria um belo não.

— A banda de um amigo vai tocar — Phil respondeu. — Música italiana, vinho, pessoas dançando.

Digitei a senha do meu e-mail.

— Gentileza de vocês por convidarem, mas... melhor, não.

— Qual é Lessa? — minha colega perguntou. — *Per favore!* É sexta à noite, ninguém mais está trabalhando!

— Eu estou.

Phil bufou, revirando os olhos em mais uma recusa minha.

— Vamos lá, doutora, se nos metermos em alguma confusão seria bom ter uma advogada conosco.

— Vocês estariam em péssimas mãos, vendo que não tenho experiência alguma.

Gardenia apoiou as duas mãos na minha mesa e cerrou os olhos.

— Sabe que até os 25 terá um ataque cardíaco, certo?

— Claro, só porque não vou sair com vocês hoje.

— Porque poderia se divertir um pouco, uma vez que nos estressamos durante o dia todo.

— Gar, são onze e vinte da noite — tentei argumentar.

— Outra justificativa de por que não deveria estar trabalhando.

Eu suspirei, sabendo que ela seria irredutível. Já havia saído com eles, mas o último passeio fora a um pub em Palermo, lugar distante e onde ninguém conhecido me veria.

Eles não eram ingênuos sobre quem eu era. Na verdade, bem difícil não saber, dando em conta o nome e os soldados que sempre estavam por perto. Mas no início da relação profissional, foram vendo que eu não era perigosa nem lhes causaria qualquer dano, e passamos por isso. Viam-me como uma colega de trabalho, sua chefe. É claro que os limites eram mantidos, nunca faziam perguntas e nunca tocaram no assunto “máfia” comigo.

— Onde vai ser isso?

— No centro de Catânia. — Phil sorriu, sabendo que me ganhara.

Eu pensei por alguns minutos. Isso seria uma distância de no mínimo duas horas. E eu bem que poderia relaxar um pouco, mesmo que por uma noite.

— *Va bene.*

— Isso, garota!

Phil bateu palmas e deu risada, acompanhando a alegria de sua noiva. Coloquei tudo dentro da bolsa e fiquei de pé, pegando meu celular no caminho e digitei uma mensagem para Lucca.

“Vou chegar mais tarde em casa, por favor, não se preocupe.”

Coloquei o celular no bolso e voltei minha atenção para meus amigos. Assim que entramos no elevador, meu telefone começou a tocar. Peguei-o e quando vi o nome dele no visor segurei as portas abertas e voltei. Sorri para Gardenia e Phil.

— Vão indo na frente, esqueci o carregador do meu celular.

— Não demore! — ela gritou.

Esperei que fechasse e atendi.

— Ei.

— Vai me explicar sua mensagem? — Lucca perguntou.

— O que há para explicar?

— A última vez que recebi uma sua dizendo para não me preocupar te encontrei pend...

— Lucca — interrompi. — Preciso te lembrar que já tenho 22 anos?

— Para mim, sempre terá 15.

Suspirei e me encostei na parede.

— O psicólogo e a assistente social daqui vão a um show de amigos em Catânia; vou com eles. Tomar uma taça de vinho, ouvir música, conversar.

— Alessa... — sua voz emanava preocupação e eu odiava colocá-lo naquela posição.

— Prometo que vai ficar tudo bem, não vou voltar lá.

— Por favor.

— *Va bene*. Antony e Ella estão bem?

— Antony aprendeu como abrir a grade na escada, está tendo a diversão de sua vida e Ella está louca.

Eu dei risada e apertei o botão do elevador.

— Sem novidades, então.

Ele ficou quieto por alguns minutos e falou novamente quando o elevador apitou a chegada.

— Fique bem, Alessa.

— *Ti prometto*. — Desliguei e encostei-me nas portas, encarando meu reflexo no espelho. — Quanto tempo mais você vai aguentar? — perguntei a mim mesma e, como sempre, não houve resposta para aquilo.



Um caminho que duraria duas horas, Phil fez em uma. Eu desci do carro, me apoiando na porta, e puxei longas lufadas de ar.

Eles dois saíram do carro rindo. Cerrei os olhos.

— Você é louco.

Phil jogou um braço ao redor dos ombros da noiva.

— Sou mal compreendido. E nós estamos atrasados, vamos lá.

Coloquei um pé na frente do outro lentamente de primeira e os segui. Gardenia enganchou um braço no meu e seguimos para dentro. Mal entramos e havia uma comoção no lugar.

— Merda. Ei, cara, o show acabou? — Phil perguntou a um homem encostado na parede do bar.

Ele respondeu sem desviar o olhar de dentro.

— Nem começou, a banda cancelou.

— Caramba, dirigimos uma hora até aqui.

O cara assentiu e entrou no bar.

— Você não foi o único. Leve suas meninas aí para outro lugar, camarada, a coisa aqui dentro vai ficar feia.

— Que droga, Stive podia ter me avisado. Vamos lá, vamos para casa. — Puxou Gardenia, mas minha colega o segurou.

— Amor, espera! Estou muito apertada para ir ao banheiro.

— Gar, aquele homem disse para sairmos daqui — argumentei, querendo evitar estar envolvida em qualquer coisa que chamasse atenção, como uma briga de bar.

— Vamos levá-la e já voltamos, Lessa.

— Espero vocês aqui.

— Não vou te deixar aqui fora.

— Vou ficar encostada no balcão, perto do garçom.

Eles concordaram e entramos. Eu me coloquei exatamente onde disse que iria ficar e permaneci por alguns minutos. De repente, uma sequência de três garrafas quebraram na parede e chão perto de mim, e eu gritei, pulando fora de lá.

Um homem com um sobretudo e chapéu preto pegou outro e o bateu contra a parede, enforcando-o. Expirei, querendo mais do que nunca dar o fora. Outro cara chegou perto dele pelo lado, fazendo-o virar o rosto. Assim que tive um pequeno vislumbre de seu perfil, voltei alguns passos e cerrei os olhos, tentando ver se era quem eu pensava. Balancei a cabeça de olhos fechados e os abri novamente. É claro que não seria. Eu nem tinha bebido e já estava vendo coisas.

— Ei, cara! Não pode fazer isso! — o garçom do bar reclamou com o homem que causava um alvoroço no lugar.

— Me impeça — o homem de costas para mim respondeu. Eu parei onde estava, preparada para correr de lá.

Era Dante DeRossi, eu tinha certeza. Minha única dúvida era, o que ele estava fazendo ali? Com toda a certeza não era a mando de Lucca. Seu irmão e eu nunca tínhamos trocado meia dúzia de palavras, e eu estava bem com aquilo. Era perturbada o suficiente para reconhecer alguém que tinha pesadelos e suspeitava que os dele fossem piores do que os meus.

Dei dois passos para trás, ainda de costas, mas de repente meu corpo bateu contra outro e braços rodearam minha cintura. Fiquei tensa imediatamente.

— Cuidado, princesa — falou no meu ouvido, e a primeira coisa que senti foi o cheiro de cigarro. Exalava dele.

Dei uma cotovelada para trás, me soltando, e virei-me para encarar o homem, que logo me segurou novamente.

— O que foi, lindinha? Te impedi de cair nesses saltos finos. O que uma beleza como você faz nesse antro?

— Me solte, posso ficar em meus pés sozinha.

Ele riu e o cheiro veio mais forte ainda em meu rosto. Abriu a boca para falar alguma coisa, mas de trás de mim um punho voou em seu rosto, fazendo-me ir junto com ele quando tropeçou para trás. Mas o mesmo do ataque me segurou, e sem que eu sequer raciocinasse, estava sendo puxada para fora.

Olhei para o homem, mas os fios de cabelo em meu rosto e o chapéu cobrindo seus olhos me impediam de ver se realmente era ele ou eu tinha ficado louca de vez.

— Ei, pare! Solte-me! — Ele ignorou. — ME SOLTE AGORA!

Ele parou, me puxou mais perto e levantou a barra de seu chapéu até que vi claramente seu rosto.

— Fique quieta e nós vamos sair daqui sem maiores problemas.

Eu o segui, tropeçando quase o caminho todo pela pressa de seus passos. Outro homem de preto entregou a ele uma chave, e nós andamos alguns minutos até encontrar o seu carro.

Um carro da *famiglia*.

Ele abriu a porta e praticamente me empurrou para dentro. Segurei minha bolsa firme no colo e esperei que entrasse também.

— Coloque o cinto — falou, olhando pelo retrovisor.

Eu ia ignorá-lo, mas meu senso de proteção falou mais alto.

— Lucca te mandou aqui?

Ele franziu levemente a testa e tirou o chapéu, jogando-o no banco traseiro.

— Claro que não.

— Muita coincidência você estar aqui.

— Estou em muitos lugares. O que me surpreende é você estar aqui.

Eu o olhei. Era estranho estar com ele tão perto daquele jeito, o que nunca tinha acontecido antes.

— Por que estava em uma briga?

— Eu não quero conversar.

Levantei as sobrancelhas, surpresa pela sinceridade bruta.

Dante dirigia rápido, os pneus do carro deslizando perigosamente pelas estradas que revezaram do asfalto à terra. Depois de sua resposta, evitei olhá-lo e passei todo o caminho encarando a vista do lado de fora. Quando “Bem-vindo à Sicília” apareceu, suspirei aliviada, certa de que ele me deixaria em casa. Então eu tomaria um banho e cairia na cama, já eram quase duas da manhã.

Mas me enganei. Ele seguiu um caminho completamente contrário ao da minha casa.

— Dante? — arrisquei.

Ele não me respondeu, foi como se fingisse que não me ouviu. Ele parou o carro em frente a um lugar com uma placa brilhante escrito “Hell” em vermelho. Saiu e bateu a porta, me deixando lá dentro sozinha, sem dizer uma palavra sequer. Quando entrou, percebi que o vidro de sua porta estava aberto e a chave na ignição. Ou ele era muito idiota, ou todos aqui sabiam quem ele era. Olhei pelo lado de fora, vendo homens de barbas grandes e roupas escuras por todos os lados. Um deles chegou perto, passando a língua pelos lábios e me encarando da janela do motorista.

Sem perder mais tempo, tirei a chave e sai do carro, entrando rapidamente.

O lugar por dentro não poderia ser mais clichê. Paredes escuras, quadros, fotos de motos e mulheres seminuas em todos os cantos, garrafas de bebida em prateleiras no alto

e a música de fundo era um rock. Não aquele pesado que você não consegue entender a letra, mas algo como Blues Saraceno.

Procurei lá dentro, ignorando os olhares que os estranhos me davam e avistei Dante sentado numa mesa de canto, virando uma garrafa no copo. Sem cerimônias derramou a dose cheia na boca. Eu parei, me perguntando se aquele era realmente o homem que eu pensava que fosse.

Não o conhecia nem nada do tipo. Mas tudo o que sabia dele era que se portava como um verdadeiro cavalheiro. As bocas pela Itália e afora, diziam o quão educado era e como se parecia com alguém que veio direto dos reinos mais abastados.

Não parecia. Estava mais para um bad boy, arruaceiro e cachaceiro. Aquilo me chocou.

Ele levantou a cabeça, encarando-me por apenas um momento, franziu a testa e voltou sua atenção para o copo. Era suficiente. Caminhei em passos decididos até sua mesa e puxei uma cadeira, me sentando. Coloquei a chave em cima da madeira molhada.

— Você ia me deixar lá?

— Não é o que parece?

Eu pisquei e pisquei de novo.

— Sério? Ia terminar essa garrafa enquanto eu o aguardava lá fora a noite toda?

Ele virou mais uma dose e me encarou. Prendi a respiração. Seus olhos estavam dilatados e me perguntei se a bebida tinha feito efeito tão rápido.

— Tem algum problema com isso?

— Eu não pedi para vir com você, meus amigos teriam me levado direto para casa. Por que praticamente me arrastou com junto?

— Seus amigos estavam mais preocupados em trepar no banheiro do que tirá-la das mãos daquele cara que, não sei se você se esqueceu, mas estava te segurando contra a sua vontade.

Eu me assustei com a sinceridade e brutalidade de suas palavras.

— Eles não estavam... — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não estavam?

Ele era um idiota. Provavelmente achou graça do meu espanto diante de seu vocabulário.

— Eles não estavam fazendo isso. Phil foi levar sua noiva ao banheiro, eu disse que esperaria lá. Não podia imaginar que daria nisso.

Ele me ignorou novamente e no mesmo momento houve um grito de excitação feminino mais à frente. Olhei naquela direção e havia uma loira tatuada, toda babydoll no cabelo longo e shorts curtos, botas acima do joelho e camiseta amarrada acima do umbigo, em cima do palco. Ela pegou o microfone e começou a rebolar. Pude sentir meus olhos se arregalando.

Os homens que estavam do lado de fora começaram a entrar, e assobios reinaram no ar. Um telão se acendeu atrás dela e uma batida mais forte, um rock cheio de sensualidade, soou. A loira começou a cantar surpreendentemente bem. Revezava entre mandar olhares sedutores, dançar e cantar, e eu não podia desviar os olhos dela.

Só fiz isso quando desfez o nó de sua camiseta e a tirou, ficando apenas com um minúsculo sutiã vermelho. Mesmo com medo de olhá-lo, virei-me para Dante. Pensava que o encontraria babando na mulher ou excitado como estavam os outros homens. Mas seus olhos perdidos estavam voltados para cima. A cabeça apoiada na parede, mãos jogadas para os lados e os olhos sem foco, sem vida, encarando o teto.

Meu celular vibrou e começou a tocar na bolsa. Eu o peguei, vendo o nome da minha gêmea na tela.

Coloquei uma mão em um ouvido e no outro apoiei o aparelho.

— Oi!

— Ei! — ela respondeu. — Que barulho é esse?

— Eu estou em um bar. — Ela ficou quieta por alguns minutos. — Anita?

— Aqui. Espere só um momento, estou processando a informação.

— Tudo bem com Tony e Ella? — perguntei, estranhando o horário de sua chamada.

— Sim, todos bem. Você inclusive, pelo jeito. O que são esses caras gritando? Está rolando strip-tease?

— Mais ou menos isso — respondi, voltando a fitar a loira no palco. — Estou me sentindo em uma gravação de American Pie.

Anita riu.

— Então aproveite e seja a próxima a tirar a roupa.

Eu tive que rir. Senti um aperto leve em meu braço e olhei para Dante. Ele levantou o queixo para o telefone.

— Anita, tenho que desligar.

— Não! Espere! Não tire a roupa, mas, por favor, se divirta!

Dante balançou a cabeça, como que dizendo para que eu não dissesse que estava com ele.

— Tenho que ir.

— Me prometa que vai se divertir!

— Eu vou. — Era uma mentira, e ela notou.

— Então vá até o bar agora e peça uma dose de tequila ao garçom.

— O quê?!

— Com quem você está aí? — perguntou, gargalhando.

— Com um casal de amigos — menti.

— Então faça o que estou dizendo.

— Anita... — Suspirei, passando a mão pela cabeça.

— Se não fizer isso vou arrumar minhas malas e voltar para o Caribe.

— Está me chantageando para beber?

— Não, para se divertir. Você está com uma voz de quem vai dormir a qualquer momento. E tenho certeza de que ficará segura.

— Como sabe disso?

— Porque você jamais sairia sem um soldado.

Eu sairia, já saí e saía constantemente, mas aquilo era outra coisa que ela não sabia.

— Tudo bem — resmunguei e caminhei até o bar. — Uma dose de tequila, por favor.

O cara atrás do balcão me olhou e serviu meu pedido. Esperei que colocasse o limão e sal no guardanapo e virei, dando um pequeno pulo no lugar.

— Argh!

— Mais uma! — ela gritou no meu ouvido, rindo.

— Não.

— Lessa, viva um pouco, porra! Amanhã tudo voltará à sua ordem estrategicamente pura novamente.

Eu dei risada ouvindo a palavra pura. Se ela soubesse que não havia nada de puro em mim...

Gesticulei para o cara mais uma vez, e ele encheu o pequeno copo. Anita era toda gargalhadas do outro lado da linha e só desligou quando me incentivou a beber a quinta dose. Tirei uma nota de cem da bolsa e entreguei ao homem.

Virei-me, pronta para voltar à mesa, mas uma tontura me atingiu e tropecei para o lado. Mal vi Dante parado me observando, e seu reflexo foi rápido o suficiente para me segurar. Ele franziu a testa, e eu dei risada.

— Merda! — resmunguei e coloquei a mão na boca.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Sua irmã causa problemas até de longe.

— Ela só quer que eu me divirta.

Ele assentiu, olhando para fora. Ainda me apoiando, encarou o homem do balcão.

— Devolva a nota e coloque na minha conta.

Fui protestar, mas ao invés disso saiu um arroto. Arregalei os olhos e forcei a vista quando comecei a ver embaçado.

— Sou mais educada do que isso, eu juro.

Ele não disse nada sobre isso.

— Vou te levar para casa.

No mesmo momento, uma música que eu adorava começou a tocar.

— Por favor, vamos ouvir essa.

— Você já bebeu alguma vez na vida? Como foi que algumas doses de tequila fizeram isso?

Eu dei risada e comecei a dançar contra seu corpo.

— Ah, eu já bebi, sim... Mas é sempre a mesma coisa. Eu *seeeeeempre* fico assim!

Dante deu um passo atrás, e eu o segui, diminuindo novamente a distância entre nós.

— Só quero dançar.

Quando me encostei novamente nele, senti uma protuberância em minha cintura. Ele cerrou a mandíbula, afastando-se mais uma vez. Algo dentro de mim se acendeu – ele teria me feito esperá-lo a noite toda, me levou a um bar de quinta categoria, me ignorou e me arrastou como se eu fosse uma boneca. Queria fazê-lo pagar um pouco.

E homens faziam besteiras sem controle a mando do tesão.

Com toda a coragem recém descoberta pela bebida, agarrei sua cintura e comecei a balançar meu corpo ao som da música. Um pequeno pedaço de consciência da minha mente me dizia para parar, que não deveria brincar com ele. Mas ignorei e por trás da névoa que a bebida formava na minha mente, vi seus olhos dilatados descerem por todo o meu corpo antes de sua boca cair com força sobre a minha e um aperto firme de suas mãos me fazerem lembrar o que estava prestes a acontecer.

Dante pressionou seu corpo grande com mais força contra o meu, quase me esmagando quando me empurrou até me encostar no balcão e mordeu meu pescoço. Abri a boca num grito silencioso e cravei minhas unhas em seu braço.

Quando seu joelho foi entre minhas pernas e subiu, fazendo uma pressão ali, meu cérebro girou, e, naquele momento, não tive como parar para pensar ou conversar comigo mesma sobre minhas atitudes.

A última coisa em minha mente foram as palavras de Lucca mais cedo.

“Fique bem, Lessa.”

E a promessa que eu não cumpri.



CAPÍTULO 03



*“Eu me lembro, não se preocupe, como poderia me esquecer?
É a primeira e a última vez onde nós nos encontramos
Mas eu sei a razão por que você mantém seu silêncio
Você não me engana, a dor não aparece, mas a dor ainda
cresce
Não é estranho para você ou para mim...”*

Phil Collins – In the air tonight

ALESSA

04 MESES ANTES

O barulho insistente de um apito me acordou. Parou minutos depois e mesmo que eu quisesse me virar para o lado e dormir, precisava ficar de pé. Era sábado, havia muito o que fazer.

Espreguicei-me e, ao fungar, senti o cheiro de café no ar. As empregadas começaram cedo. Sempre acordava no escuro, cortinas fechadas, o cheiro de café fresco e no

silêncio. E permanecia até criar coragem de enfrentar o mundo mais um dia.

Abri os olhos lentamente, e a primeira coisa que reparei foi que não estava no meu quarto. Fiquei imediatamente em alerta. O edredom escorregou quando me sentei, e meus seios ficaram à mostra. Puxei-o novamente, levantando-me da cama e enrolando-o em volta de mim.

— Santo... o que foi que eu fiz? — sussurrei comigo mesma.

— Você estava sem condições de voltar para sua casa. — Pulei ao som da voz masculina. E no canto do quarto, encostado na parede, no escuro, estava Dante. Seus braços cruzados, olhos no chão.

Apertei a coberta mais forte em torno do meu corpo e olhei para os lados, buscando minhas roupas.

— Estão no banheiro.

Eu foquei minha atenção nele.

— O que... nós...?

— Já disse, não podia te levar para a casa bêbada como estava — respondeu ainda sem me encarar.

Eu suspirei de alívio, sabendo que só me abrigou.

— *Grazzie a dio*. Obrigada por isso, vou me vestir e estou saindo.

— Está agradecendo pelo quê?

— Por ter me abrigado. Se eu aparecesse em casa em más condições, papai teria me feito sabe Deus o quê.

Dante finalmente me olhou.

— Acha que te coloquei para dormir? — Quando não respondi, ele balançou a cabeça. — Eu te trouxe para cá e

nós fodemos a madrugada toda. As provas disso estão marcadas em todo o seu corpo.

— Eu não... não me lembro disso, você disse que eu estava bêbada.

— Eventualmente vai se lembrar.

— Dante, se eu estava desse jeito, por que fez sexo comigo?

Ele se desencostou da parede e se aproximou de mim, seus olhos predatórios.

— Porque você implorou. Porque isso aqui não é uma produção de Hollywood. Eu não me importo se você não estava ciente do que acontecia, não sou um cavalheiro, você abriu as pernas, e eu afundei nelas.

Vacilei para trás com suas palavras, surpresa, chocada, abismada demais que tivesse dito aquilo. Dei a volta em torno dele e entrei no banheiro. Peguei minhas roupas, vendo apenas um vislumbre da vermelhidão em minhas costas, ignorei o sutiã que não estava lá e não me preocupei com aquilo. Coloquei minha blusa social e a saia, e enfiei meus pés no salto Jimmy Choo.

Voltei para o quarto, e ele permanecia do mesmo jeito.

— Minha bolsa?

Ele não respondeu, mas seus olhos foram para a cômoda no canto, onde minha Chanel e o celular estavam. Levantei o queixo, querendo sair de lá com o resto do que sobrava de minha dignidade intacta, e puxei a maçaneta da porta.

Trancada.

Virei-me para Dante e apontei.

— Pode abrir, por favor?

— Antes de ir, quero deixar algumas coisas claras.

— Você deixou tudo bem claro a meu ver.

Ele enfiou a mão no bolso de sua calça jeans e segurou a chave prateada.

— Ninguém saberá que você esteve aqui.

— Ótimo.

— Falo muito sério. Eu prezo pela minha privacidade e não seria bom para ninguém se alguém soubesse o que aconteceu. Isso inclui suas irmãs.

— Prezo pela minha privacidade também, espero que nem mesmo os soldados saibam disso. Eu tenho um nome a honrar.

— Muito bem, já basta as bocas que terei de calar depois do seu show no bar.

— Errando e aprendendo, nunca mais dou um show desses. E não se preocupe, se envolver dinheiro, te pago de volta.

Sua expressão não mudou; ele continuava neutro, como se toda a situação não fosse além de humilhante, mas terrível. Meu nome estaria na lama, e Lucca o mataria se soubesse o que aconteceu. Minha cabeça girava e tudo o que queria era sair logo de lá.

— Agora, por favor, abra a maldita porta!

Dei um passo para o lado quando se aproximou e não perdi tempo em sair, uma vez que foi possível. Andei pelo longo corredor escuro, meus saltos tilintando, repentinamente me dando uma dor de cabeça.

Virei o corredor assim que ouvi o barulho de uma televisão e passos logo atrás de mim.

Era uma sala de estar grande e bem iluminada, cheirava a café, como havia sentido, e ao passar meus olhos por todo o lugar avistei uma mulher deitada no sofá. Ela levantou a cabeça, dando-se conta da minha presença e franziu a testa. Então, sentou-se e olhou através de mim.

Eu olhei também, e ele estava lá, olhou entre eu e ela com a mesma indiferença.

— Dante? — a mulher perguntou, ficando de pé.

Eu tinha a sensação de que a conhecia, seu rosto não me era estranho. Ela me encarou mais uma vez, colocando algumas mechas de seu cabelo loiro curto atrás da orelha e seus olhos encheram de lágrimas não derramadas.

Dante andou à minha frente, ignorando-a, o que parecia ser uma de suas coisas preferidas. Ignorar. Ele abriu a porta e me encarou.

— Tem um táxi lhe esperando lá embaixo.

Olhei uma última vez para a mulher que, sem meu salto, deveria ser alguns centímetros mais alta que eu, olhos tão azuis como os meus eram verdes, mas cheios de tristeza. Ela passou os olhos de cima a baixo em mim, mas não com maldade, era com mágoa. E uma lágrima deslizou em seu rosto quando olhou o homem na porta novamente.

Eu o encarei também, recusando-me a acreditar que mesmo estando sóbrio ele tenha me levado à casa onde vivia com alguém.

Alguém que claramente, definitivamente, tinha sentimentos por ele.

— Alessa — ele chamou e eu forcei meus pés a andar, não querendo lhe dar o gosto de ver o quão abalada fiquei.

Passei por ele de cabeça erguida, tendo a certeza de que não queria nunca mais estar perto.

Eu o conheci por quem era de verdade e daria tudo para voltar no tempo e não ter encarado o homem de preto na noite passada.



A única coisa que passava em minha cabeça era... merda! Como é que fui fazer uma besteira daquelas?

Tantas propostas, tantas oportunidades de me deitar com quem quer que fosse, e eu neguei. E agora me via diante daquilo, caí na cama do mais improvável. Na verdade, todo e qualquer homem, se me fosse perguntado, eu diria que era improvável, impossível de me envolver. Mas a realidade que batia na minha cara era outra. Estava muito ferrada.

E, além de tudo, ainda era uma destruidora de lares. Ou de amores, sabe-se lá o que os dois eram. Sentei-me na minha cama, apoiando a cabeça nas mãos. Quanto será que tinha bebido?

Ao mesmo tempo em que estava brava por ter sido tão descuidada, tão burra, me sentia surpresa por ter deixado que acontecesse tão fácil. *Grazzie a dio* não me lembrava de nada. Eu sabia que não teria um colapso, ou travaria, nem nada do tipo na frente dele, mas e se tivesse dito algo? Fui tão, tão inconsequente. Pela forma como me colocou para correr, não duvidava de nada. Ou talvez aquele fosse apenas quem ele é.

Meu celular tocou na mesma hora, me tirando de meus pensamentos. Pensei em ignorar, mas assim que vi o nome da minha irmã, deixei meus problemas de lado e atendi.

— Ella — cumprimentei.

— Lessa, Ani-Anita f-foi... — Soluçou, e eu fiquei imediatamente alerta.

— Abriela, o que houve?

— Anita ela ela fo-foi embora, mais uma vez! Tudo culpa dele, estou tão tão brava com Lucca!

— Primeiro de tudo, respire, respire e fale devagar o que aconteceu!

— Lucca encontrou Evangeline. Ele veio me contar e estávamos discutindo sobre não dizer nada a ela quando passou e ouviu a conversa. Anita surtou, Lessa, Lucca foi atrás dela, mas e se não quiser voltar?

Fechei os olhos, sentando-me novamente.

Eu não era idiota, sabia bem o motivo de ela querer ir embora e não tinha nada a ver com o que Ella pensava. A verdade era que desde que tinha voltado, Anita procurava uma alternativa, uma desculpa para poder ir embora. Qualquer uma serviria, e não tinha nada a ver com Evangeline. Seu desespero para fugir tinha nome e sobrenome, e isso acabaria naquele momento.

Suspirei de forma audível.

— Ella, escute. Vai ficar tudo bem. Pegue Antony e vá aproveitar o dia com ele. Está sol lá fora, por que não o leva à piscina?

— Ma-mas, Lessa, ela...

— Eu disse que vai ficar tudo bem. Já estou resolvendo. Te ligo mais tarde, cuide do seu filho e eu fico com o resto, ok?

Não dei tempo para que respondesse, pois sabia que ficaria insistindo. Fui até as chamadas recentes, sabendo

que o telefone dele seria um dos primeiros, uma vez que me ligava o tempo todo para saber dela. Toquei no ícone de chamada. Deu alguns toques, e ele atendeu.

— A... — começou, mas o cortei.

— Minha irmã acabou de sair da casa de Lucca. Ela está indo embora, Luigi, levante a sua bunda de onde quer que esteja e corra até ela!

Ele ficou quieto por alguns segundos.

— O que disse?

— Você é surdo ou o quê? Está bêbado de novo?

— Você não está fazendo qualquer sentido, fale direito.

Eu estava perdendo a minha paciência. Tinha sido uma manhã de merda e tudo o que queria era tentar dormir para conseguir um pouco de paz.

— Você é o homem mais idiota do mundo todo! E olha que existem muitos, muitos homens idiotas nesse planeta! Anita está indo embora mais uma vez, vá encontrá-la e a faça ficar, *per l'amor di Dio*, Luigi, chega dessa confusão de vocês!

— Porra! Ela não quer me ver!

— VOCÊ TEM UM ÓRGÃO FEMININO ENTRE AS PERNAS?

— O QUÊ?

— Não, você não tem! Então escute a mulher aqui e faça o que eu digo! Se ela sair desse país, Luigi, não vai voltar mais. É isso o que quer?

— É claro que não!

— ENTÃO PEGUE UM CARRO MALDITO E VÁ PEGAR A SUA MULHER!

— *VÁ BENE!*

— Vocês são duas crianças, não vou ficar mais no meio disso, Luigi, mostre que é o homem que tanto diz ser! — Desliguei sem ouvir sua resposta.

Respirei fundo, já me sentia ficando inquieta. Não havia muito que fazer. Toda aquela confusão dos dois me cansava além do limite. Compreendendo que ficar me lamentando sobre minha atitude de uma noite atrás não resolveria nada, o estrago estava feito, só queria acelerar o tempo até o momento em que esqueceria. Limitei-me a uma taça de vinho, fui até o armário do banheiro e peguei os comprimidos que eram como um tiro certo no meu botão de sono, tirei os sapatos e as roupas e me enfiei no roupão de banho. Não demorou até que meus olhos comessem a pesar, me aproximei da cama e subi lentamente e não demorou muito até que eu apagasse.



CAPÍTULO 04



*“Até o seu mundo queimar e desabar
Até você estar no fim da linha
Até você estar no meu lugar
Eu não quero escutar nada de você
Porque você não sabe
‘Se recomponha, você vai ficar bem’
Diga-me, o que diabos você sabe?”*

Lady Gaga – Til it happens to you

ALESSA BONUCCI – 11 ANOS DE IDADE

Eu levei a água até o quarto de Anita sem que papai visse e subi na cama, tomando cuidado para não machucá-la mais. Ela tentou pegar o copo, mas eu sabia que com seu dedo quebrado e sem remédios para dor, não conseguiria. Ajoelhei-me no colchão ao seu lado e levei o copo até a boca, dando pequenos goles, tomando cuidado para não encostar o vidro na gengiva machucada pela perda de um dente da frente.

Uma semana após a nossa festa, ela parecia melhor. Papai soube, de uma forma ou de outra, de sua bagunça pelo salão e não ficou feliz, seu castigo era aquilo que eu estava vendo.

— Me desculpe — eu disse, bem baixo.

Ela franziu todo o rosto.

— Pelo quê?

— Por papai ter feito isso.

— Eu já disse que não é culpa sua! — respondeu, brava.

Coloquei um dedo em frente os lábios, não querendo que ela alardeasse que eu estava lá, mesmo papai tendo dito que não deveria.

— Fale baixo!

Ela olhou para a porta e depois para mim.

— Eu quero que ele entre aqui e me bata de novo para que eu não acorde.

— Anita!

Ela virou o rosto, evitando que eu visse uma lágrima escorrendo.

— Me deixe sozinha.

— Não!

— Saia daqui — rosnou, a mão livre de machucados fechando em punho.

Eu me sentei na sua frente e a encarei, me preparando para fazer o que mais a irritava.

— Saia daqui.

Ela franziu o nariz, eu fiz o mesmo.

— Pare de me imitar!

— Pare de me imitar!

— Alessa, falo sério!

— Alessa, falo sério!

A porta de repente se abriu, e eu pulei para o chão, abaixando-me para entrar debaixo da cama. A madeira rangeu e fechou.

— É apenas Bernardo — Anita avisou. Eu suspirei, saindo de onde estava e fiquei de pé.

Nosso irmão estava de terno, cabelo bem penteado e uma cara nada boa.

— Você parece um mané — nossa irmã comentou.

Bernardo sorriu e se sentou na cama, deixando por um momento a expressão infeliz. Ele me esticou a mão.

— Venha aqui, Lessa.

Me acomodei do seu lado, e ficamos nós três sentados, pensando provavelmente a mesma coisa, tentando entender se papai precisaria matar um de nós para estar feliz ou se queria apenas nos ver machucados.

— Eu vou matá-lo — meu irmão disse, o rosto sério, livre de brincadeiras.

Anita bufou.

— Você não matou nem uma barata no quarto de Alessa, imagine seu próprio pai.

Bernardo abaixou a cabeça, envergonhado, e eu a belisquei.

— Não seja cruel com ele!

Ela passou a mão pelo braço, resmungando.

— Se quer fazer alguma coisa, arrume veneno, eu mesma coloco na bebida dele.

Fiquei de pé, querendo que aquele assunto parasse antes que fosse longe demais.

— Parem com isso, parem os dois! Ouçam o que estão dizendo, é o nosso pai!

Anita bufou.

— Nosso pai que me deixou mais uma vez de cama e de brinde fiquei sem um dente. Tem noção da força que ele usou?

Sim, eu tinha, porque o roxo ainda era presente na bochecha dela.

Bernardo ficou de pé também e caminhou pelo quarto. Com seus 15 anos, já havia sido iniciado, mas nem a tortura que ouvimos falar tirou dele aquela coisa de irmão protetor que sempre lhe pertenceu, ele continuava o mesmo. Diferente de Lorenzo, com 17, que deixou a vontade de ser um homem falar mais alto e por isso seguiria qualquer coisa que papai dissesse.

— Eu não vou deixar que ele fique machucando vocês, eu tenho que... — Ele foi interrompido quando a porta abriu, e Lorenzo colocou a cabeça para dentro.

— Papai disse que não queria ninguém com ela.

— Sabemos disso — Bernardo respondeu.

Lorenzo abriu a porta completamente e apontou para fora.

— Vão para seus quartos antes que eu chame o pai.

Eu abri a boca, querendo implorar que me deixasse pelo menos me despedir de Anita, mas ele cerrou os olhos.

— Eu vou contar até dez para ver a porta do seu quarto fechada com você lá dentro.

Eu olhei para Anita, que encarava nosso irmão cheia de raiva e dei um passo em sua direção, mas ela me olhou e balançou a cabeça, acenando sutilmente para fora. Entendi o recado e corri, ouvindo Lorenzo contar atrás de mim.

Antes que resolvesse mudar de ideia e chamar o pai, peguei a escova de cabelo e passei pelos fios, desembaraçando meu irritante cabelo longo e a coloquei em cima da penteadeira de volta. Peguei meu urso da cadeira de balanço e subi na cama logo em seguida.

Comecei a cantarolar a canção que mamãe sempre cantava para nós antes de dormir e, aos poucos, fui sentindo o sono chegar. Pedi a Deus que protegesse minhas irmãs e irmãos e que ensinasse papai a ser melhor. Aquela música sempre funcionava, eu quase podia sentir os dedos de mamãe passeando pelo meu cabelo e ouvir como ela trocava as palavras da canção para me fazer algum elogio. Não havia um dia sequer que eu e Anita não dormíssemos sorrindo.

Aqueles eram bons tempos, tempos doces com os quais eu queria sempre sonhar.



ALESSA BONUCCI

1 MÊS DEPOIS

Coloquei o livro na cabeça e endireitei meus ombros. Da última vez derrubei-o e deixei Antonela muito zangada; queria treinar o suficiente para que não a decepcionasse mais. Andei em linha reta da porta do banheiro até a minha

cama e quando meus joelhos encostaram na madeira, virei-me de costas, sentando-me sem deixar o livro cair.

— Gostaria de mais uma xícara de chá, por gentileza — repeti as palavras que ela nos fez decorar.

Dei um sorriso, conseguindo me ver no espelho da penteadeira, orgulhosa de mim mesma que o objeto ainda permanecesse sobre meus fios de cabelo.

— Oh, por favor, um pedaço de bolo seria ótimo para...

A porta do quarto se abriu, assustando-me um susto quando ele surgiu me olhando. O livro caiu e pulei da cama para pegá-lo, sentando-me novamente depois.

Ele olhou para fora e entrou, virando a chave e a colocou em seu bolso.

— Olá, Alessa.

— Oi.

— Está praticando?

Dei de ombros e me arrependi imediatamente. Antonela dizia que moças comportadas não deviam fazer aquilo. Que era como se eu dissesse “estou nem aí”. Ele notou e sorriu para mim.

— Não se preocupe, ninguém vai saber que escorregou nas boas maneiras.

Eu abaixei a cabeça.

— Não acredito mais em você. Na nossa festa de aniversário você disse que se eu tocasse seu machucado e te ajudasse a ficar melhor, Anita estaria livre de problemas.

Ele se sentou do meu lado e pegou o livro das minhas mãos.

— Eu falei a verdade, não contei ao seu pai. E você realmente é uma fada, não acredita em mim? Seus dedos são mágicos.

Olhei para a minha mão e tentei ver algo diferente.

— Elas são mãos iguais às de todas as meninas.

Ele sorriu e passou a mão pela minha cabeça, alisando os fios do meu cabelo.

— Não, Alessa, você não tem nada igual às outras meninas.

Olhei para a porta que ele fechou.

— Acho melhor eu me deitar, papai vai vir ver se estou dormindo daqui a pouco.

— Tem razão. — Ele concordou com a cabeça, colocou o livro na penteadeira e estendeu a mão para mim. — Venha, vou te ajudar a se deitar.

Peguei sua mão, e ele deu a volta na cama comigo, segurou minha cintura e me impulsionou para cima.

— Muito bem. Agora tire o pijama, está muito calor. As cobertas vão te fazer suar muito.

Balancei a cabeça.

— Papai diz que apenas Antonela pode me vestir. Bernardo e Lorenzo não podem ver também.

Ele se sentou na beirada.

— Mas eu sou adulto como seu pai, lembra? Nós somos muito amigos.

Eu o encarei, confusa, e tentei me lembrar se papai já tinha dito algo sobre ele não poder me ajudar ou me colocar para dormir. Não conseguindo lembrar, dei de ombros.

— Mais uma vez está fazendo o que Antonela disse que era falta de educação.

Eu fiquei parada, com medo que fosse me dedurar.

— Por favor não conte a Antonela, da última vez ela me mandou tomar banho na água gelada e estava muito, muito frio.

Ele balançou a cabeça, suspirando.

— Terá de me provar que é uma menina respeitosa, Alessa, ou não poderei ajudá-la.

— Está bem.

— Deixe-me ajudá-la a tirar seu pijama.

Coloquei os braços para cima, ele puxou meu vestido branco. Meu cabelo caiu sobre o rosto quando o tecido o bagunçou, e ele me encarou de forma estranha.

— Tão... linda. Será uma mulher maravilhosa, Alessa.

Ele me empurrou devagar pelos ombros e ajeitou o travesseiro sob minha cabeça. Depois disso, tirou seus sapatos e subiu na cama, deitando-se do meu lado. Assustei-me e me afastei.

— O que está fazendo?

Ele apenas ficou me olhando e antes que eu dissesse qualquer coisa subiu em cima de mim, me abraçando.

Fiquei parada, com medo do que fosse fazer. Nunca tinha sentido medo dele, mas desde a minha festa de aniversário isso mudou. E naquele momento, vendo-o fazer algo que nunca tinha feito antes, senti mais ainda. Papai nunca se deitou comigo, nem deixava que meus irmãos fizessem isso.

— Papai... meu pai... — Ele colocou uma mão na minha boca.

— Seu pai foi viajar com Lorenzo e Bernardo. Suas irmãs estão dormindo e Antonela também. Sabe o que vai acontecer se tentar acordá-las agora? Seu pai ficará muito, muito bravo. E vai castigar suas irmãs. É isso o que quer, Alessa?

Arregalei meus olhos, balançando a cabeça rapidamente.

— Boa menina — elogiou. — Agora, eu estou doente. Preciso dos seus poderes de fada mais uma vez. Vai me ajudar?

Balancei a cabeça, sentindo uma picada de dor quando apoiou a mão no colchão e se ergueu o suficiente para separar minhas pernas, ficando no meio delas. Papai me abraçava o tempo todo, e ele também, mas isso não era como um abraço, não parecia um.

De repente, senti uma coisa pesada e molhada na altura da minha perna. Ele fechou os olhos e fez um barulho estranho.

— Me ajude Alessa, eu estou tão, tão doente.

— Eu não consigo te ajudar, por favor, o que... o que está fazendo?

Ele enfiou a mão debaixo das cobertas e segurou em mim. Exatamente onde Antonela me disse ser proibido de tocar. Por que ela disse aquilo se ele fazia e dizia que o ajudaria? Será que ela não queria que eu ajudasse as pessoas?

No meio dos meus pensamentos, ele cobriu minha boca mais uma vez e abriu mais ainda as minhas pernas, se aproximando. Mais.

— Eu vejo você desde que fez quatro anos, sempre foi tão sorridente, seus cabelos tão lindos. Eu sonhava com o dia em que veria seus olhos cheios de terror.

E mais.

— Você nunca vai cortá-los.

E mais.

Até que seu rosto estava no meu pescoço, sua boca no meu ouvido.

Sua mão segurou minhas duas para cima, machucando com a força do aperto.

— Ah, Alessa. Você vai me ajudar, eu sei disso.

Tentei soltar minhas mãos e minhas pernas num esforço tão grande para empurrá-lo de cima, mas era enorme. Eu sempre fui muito pequena perto dele. Perto de qualquer homem. Eu tinha acabado de fazer 11 anos.

Ele tirou a mão da minha boca e levou em seu rosto, lambendo a palma, enfiou entre nós e esfregou com força no meio das minhas pernas.

— Ai!

Ele arregalou os olhos, a boca numa linha fina.

— Quieta! Se Antonela entrar aqui vou contar a ela sobre seus maus atos. E, dessa vez, além de tomar banho gelado no frio, ela vai lhe deixar sem comer e trancada sozinha por dias!

Meu coração estava batendo tão forte. Nem mesmo quando papai nos deixou ver um desenho na televisão uma única vez na vida, meu coração bateu daquele jeito. E se Antonela tivesse me ouvido? Eu passaria fome? Tremaria de frio como da última vez? Ficaria trancada, sozinha e sem ver minhas irmãs? Uma lágrima escorreu dos meus

olhos e selei meus lábios, prometendo a mim mesma que não faria nenhum barulho.

Ele precisava que eu mostrasse educação, e eu faria isso. Se ele estava doente, tudo bem ajudá-lo. Pessoas boas faziam isso.

Ele sorriu para mim.

— Isso, seja uma boa menina, e eu prometo que você e suas irmãs nunca mais serão castigadas novamente.

Olhei para o teto, vendo o desenho que fiz de mim, Ella e Anita colado lá, onde pedi que Bernardo colocasse. Quando outra lágrima escorreu, pensei nelas. Ele faria aquilo para ficar melhor de sua enfermidade, e se eu era uma fada, tudo bem ajudar.

As outras garotas diziam que nos desenhos de princesa, fadas eram sempre boas.

Senti uma coisa me machucando na parte de baixo, onde ele tinha passado a mão antes e meus olhos transbordaram mais ainda. Por que é que doía tanto?

Foi ficando pior e pior, e eu não entendia. Será que estava fazendo algo errado?

Ele fez aquele mesmo barulho mais uma vez, e a dor foi mais forte. Foi pior do que quando cortei meu dedo ou quando cai e ralei todo o joelho. Parecia que ele tentava colocar algo dentro de mim, mas era impossível. Minha boca abriu, e ele apertou sua palma mais forte ainda sobre ela.

Meu corpo começou a se debater contra ele, mesmo que eu não quisesse, mesmo pensando em fazer o bem, em ajudá-lo. Estava me machucando muito, e ele não

parava. Ficou mais forte, balançando seu corpo e fechando os olhos.

Eu fechei os meus junto e comecei a pensar na canção que mamãe cantava. Concentrei-me para, em meio à dor e àquela tortura, conseguir tentar ouvir a voz dela. E me transportar para um lugar melhor.

Um lugar tranquilo.

Longe da dor.

Longe dos barulhos.

Pedi que se fosse uma fada mesmo, que minhas asas e meu pó mágico me ajudassem a escapar.

Foi assim, cada uma das vezes.



CAPÍTULO 05



*“Podemos fingir que os aviões na escuridão
da noite são como estrelas cadentes?
Seria muito bom poder fazer um pedido agora...”*

B. O.B & Paramore – Airplanes

ALESSA BONUCCI – 22 ANOS

04 MESES ANTES

— Não uso nada faz duas semanas — Cindi, uma das meninas que participavam daquela reunião semanalmente, comentou.

Gardênia sorriu para ela.

— Nós ficamos muito felizes em saber, querida, como se sente?

Ela deu de ombros, e eu controlei a vontade de fechar os olhos diante daquele pequeno gesto.

— Mal.

— Quer nos dizer por quê?

Cindi olhou para cima e suspirou. Ela era sempre impaciente, dizia que odiava frequentar, mas era como se toda vez que pensava em faltar se sentisse agoniada e com vontade de voltar aos impulsos, então sabia que precisava ir.

— Quando eu fumo é a única forma de me ver livre das lembranças.

Eu engoli em seco e olhei discretamente para cada um dos adolescentes sentados na roda. Eram doze no total, entre quinze e 18 anos. A terapia era dividida por idades, até porque a linguagem e a forma de se expressar de uma criança é diferente da de um adolescente ou um adulto. As crianças de três a dez anos ficavam juntas e se comunicavam conosco de forma mais lenta; precisávamos ser pacientes, saber respeitar o espaço de cada uma, dar uma folha de papel, lápis e bonecas, e esperar que mostrassem qualquer indício de que estavam prontos, que confiavam em nós para contar seus segredos.

Então tínhamos dos onze aos quatorze também, idade em que os ânimos estão se exaltando, e eles não têm controle da língua. Eram geralmente os que mais falavam e com mais rapidez.

Eu não era psicóloga, nem assistente social, enfermeira ou médica, mas assistia a todas as sessões. Todos os dias fazia questão de estar lá, esperando, ansiando que algum deles nos desse um nome, que nos contassem o que sofriam, nas mãos de quem e desde quando.

Era revigorante quando eu finalmente tinha uma lista de nomes e endereços e podia entregá-la a Lucca. Ele fizera questão de entrar nessa comigo e quando eu disse que queria fazer justiça por todos os abusos que eram

relatados naquele lugar, sua decisão foi clara – eu me lembraria de suas palavras para sempre.

“A justiça é falha. Você me dá o nome de quem toca nessas crianças e a *famiglia* vai cuidar disso sem deixar qualquer rastro. Pessoas que fazem isso não merecem misericórdia.”

No início, minha consciência pesou, mas quando Wendy, uma menina de sete anos, veio até mim, chorando e dizendo que não existiam mais monstros em baixo de sua cama, eu soube que estava fazendo o certo.

Então, condenar homens abusadores, mulheres que maltratavam seus filhos e exploradores infantis à tortura e morte, se tornou algo em que eu era especialista. E aquilo estava bom para mim. Se pudesse fazer por todos os lugares onde crianças sofriam, faria sem pensar duas vezes.

Cindi tinha dezessete anos, e quando nos contou sua história eu fiquei sem dormir por dias, pensando em pedir a Lucca que deixasse eu mesma torturar seu padrasto. O relato dos abusos grupais que sofria no porão de casa junto com seu irmão, a mando de seu padrasto e sua mãe, apenas para que o infeliz tivesse lucros, foi o ápice do meu ódio. Os soldados foram até a casa dela no dia seguinte e a libertaram daquele lugar. Ela passou a viver com a tia. Seu irmão infelizmente não havia resistido a tanta maldade e faleceu após uma hemorragia interna causada por uma surra.

Toda vez que ela aparecia, eu agradecia aos céus por não ter desistido. Cada pessoa que pisava naquele lugar tinha o mundo nas costas para carregar.

Confiavam em nós depois de tanto tempo e quando nos contavam tudo, ficavam órfãos. É claro que jamais saberiam o que causava as mortes e os desaparecimentos das pessoas que lhes faziam mal. Mas a leveza no olhar quando voltavam e diziam que estavam livres, compensava tudo.



Tinha chegado a pior parte. As crianças de três a dez anos estavam sendo recebidas e depois de três horas sentada, ouvindo adolescente dividirem traumas e experiências que não deveriam ter vivido, estava prestes a ficar mais três com crianças.

Era o momento de lutar comigo mesma, de esquecer a minha história e focar no que eles me mostrariam. Eu precisava olhar nos rostos deles sem me ver, precisava deixar meus olhos abertos e concentrar minha cabeça no momento.

Peguei a primeira cartela de Alprazolam¹ da minha bolsa e despejei quatro comprimidos na mão, enfiando-os na boca sem o auxílio de qualquer líquido. Segurei-me na pia, respirando profundamente e esperando que a confusão em minha cabeça acalmasse. Não demorou e meus olhos começaram a doer, precisava fechá-los e torcer para a dormência tomar conta rapidamente.

Precisava ficar adormecida. Entorpecida.

Enfiei de volta na bolsa quando alguém bateu na porta.

— Sim?

— Lessa, as crianças já estão na sala — Phil avisou.

— Eu estou indo.

Depois daquele dia e o show da banda de seu amigo que nunca aconteceu, ele e Gardênia me bombardearam de perguntas e pedidos de desculpas, mas eu facilmente inventei uma desculpa sobre encontrar um parente que me levou para a casa.

Ouvi seus sapatos batendo longe através do corredor e me olhei no espelho uma última vez. A maquiagem não escondia as olheiras causadas pelos últimos dias sem dormir. Mas quem ia reparar nisso vendo meu batom, meu cabelo perfeitamente arrumado e minhas roupas caras?

Quem desconfiaria, se nas revistas em recepções da Itália a foto meu rosto estampava marcas e propagandas?

Abri a porta, dando as costas ao meu reflexo e caminhei para dentro da sala colorida e de carpete azul claro com um sorriso aconchegante no rosto. Fechei a porta e abaixei a cabeça; as crianças faziam sua oração. Não foi algo que eu impus, mas a Itália sempre foi um país extremamente religioso, e nossas crianças levavam a tradição consigo em qualquer lugar.

Tony, um menino de seis anos, muito especial, não só pelo nome, mas por seu jeito animado e carinhoso de ser, fazia os pedidos e agradecia a Deus e as outras crianças repetiam.

—*Papa dalcielo, grazie* pelo nosso lanche, por estarmos aqui mais uma vez, pelo meu gato que voltou para casa, pela mamãe, a tia Lessa, tio Phil, tia Laura e tia Gard. *Amen.*

Sophie, uma garotinha de cinco, colocou as duas mãos na cintura.

— Agradeça pelo papai também, você só agradeceu pela mamãe.

Tony franziu a testa.

— Não quero agradecer por ele.

Sophie me encarou.

— Tia Lessa, ele não quer agradecer pelo papai.

Eu encarei meus colegas de trabalho, sabendo que precisávamos explorar aquela declaração de Tony, e me abaixei até o nível da menininha.

— Cada um pode agradecer pelo o que se sente feliz, Sophie. Você quer agradecer por seu papai?

Ela assentiu.

Eu sorri.

— Então você pode fechar os olhos e fazer isso.

Ela sorriu, me olhando como se seus problemas tivessem sido todos solucionados e fez o que eu disse.

— *Signore Dio, grazie per mio padre.*

Eu assenti e recebi seu abraço.

— Muito bem. Agora sente-se na roda.

Um por um eles foram se acomodando numa roda, e Laura, nossa psicopedagoga, sentou-se junto, colocando à sua frente uma caixa cheia de brinquedos.

— Olá, crianças, como vocês estão hoje?

— *Buongiorno*, tia Laura! — alguns responderam juntos.

Laura olhou no relógio de pulso e fez uma careta, fazendo-as dar risada.

— Bom dia? Já são três da tarde, seus preguiçosinhos! Alguém acordou agora?

Tony levantou a mão, mas abaixou quando viu que foi o único.

— Ops.

Eu sorri com tamanha fofura, assim como todos.

Laura continuou.

— Hoje nós vamos explorar essa caixa mágica, quem quer fazer isso?

— Eu!

— Eu, por favor!

— Posso ser a ajudante, tia Laura?

Um a um eles foram mostrando sua animação em explorar a tal caixa.

Eu observei enquanto cada um se distraía com o brinquedo que escolheu. Eram nove crianças, cada uma de seu próprio jeito. Algumas falavam, outras, não. Alguns brincavam e interagiam entre si, e outras preferiam ficar sozinhas e quietas, falando apenas o necessário e, às vezes, nem isso.

Olhei para cada uma delas, e meus olhos pararam justamente em Milena, uma menina de quatro anos que estava frequentando há pouco mais de quatro meses. Ela era do time que não falava muito, na verdade, quase nada, e nós sabíamos que a pior coisa a fazer seria forçá-la, então ela sempre ficava em seu próprio canto brincando sozinha.

Pelo histórico e a conversa que Gardênia teve com seus parentes, ela perdeu os pais em um acidente de carro fatal, quando tinha apenas um ano e alguns meses – os dois estavam a caminho de ir buscá-la na casa dos tios, que eram os dois atuais responsáveis por ela.

Os professores da escola notaram algum comportamento estranho e aconselharam os tios a levarem-na em um psicólogo, mas como não tinham condições, recorreram a nós. Nosso atendimento era completamente gratuito. A associação era mantida com o dinheiro dos meus trabalhos e por Lucca.

Desde que chegou, sua postura era sempre a mesma: atenta a tudo o que falávamos, mas depois que era dada a atividade do dia, ela pegava seu próprio material e se sentava num canto, de costas para todos e de frente à parede, onde ficava até o fim.

Meu coração se apertava cada vez em que a olhava.

Gardênia desencostou da parede ao meu lado meia hora depois e suspirou:

— Vamos à luta.

Observei quando se aproximou de Luna, que tinha escolhido a lousa mágica com desenho das princesas e se sentou, puxando assunto. Nós sempre dávamos em torno de meia hora para que as crianças brincassem e comesçassem a se sentir confortáveis com o ambiente e o material que entregávamos a elas.

Meus olhos novamente foram para Milena. Era uma das coisas mais lindas que já vi.

Aproximei-me dela lentamente e me sentei um pouco distante para não a assustar. Seus olhos se moveram de canto, nunca subindo para o meu rosto, e depois voltou a passar a mão no cabelo da boneca que havia escolhido. A roupa do brinquedo havia sido tirada e pousada no chão, e a boca estava toda riscada com canetinha preta.

— A boca dela está suja.

Ela olhou ao redor, evitando meus olhos, e se arrastou apenas um pouco mais para longe de mim.

— Não está suja, está fechada.

— Ah, é?

Ela assentiu.

— Sim, ela tem um segredo.

Era uma boneca de pano antiga. Milena soltou um barulhinho audível, e eu encarei seu rosto. Assim que percebeu, deixou a boneca no chão e se levantou, correndo, sentando-se de costas para a parede do outro lado da sala.

Phil me encarou questionador, e eu o ignorei. Garanti que Milena não estava olhando, então peguei a boneca e a roupa para colocar de volta. Assim que a levantei vi que estava saindo espuma de dentro, procurei um rasgo ou um furo em algum lugar e quando encontrei fiquei travada.

No meio das pernas da boneca havia marcas de caneta, a mesma tinta preta que sujava a boca e um rasgo enorme, de onde vazavam as espumas.

Olhei para a menininha que brincara com ela e segurei a boneca mais firme, antes que as lágrimas comesçassem a cair. Meu coração acelerou, e eu me levantei, saindo da sala imediatamente. Entrei no banheiro mais próximo e ajoelhei-me em frente ao vaso sanitário. Fechei os olhos depois de colocar todo o conteúdo para fora e me sentei contra o piso gelado, sendo atingida por uma tontura terrível, e minha visão turvou.

Aqueles pequenos olhos inocentes vieram na minha mente e eu ofeguei.

— Oh deus...

Parecia que estava vivendo tudo de novo. Mas eu tinha onze, e ela apenas quatro anos... Quem estava protegendo aquela criança?

Enfiei a cabeça entre os joelhos e peguei a boneca do chão, segurando-a contra meu peito. Soltei um barulho agoniado, um soluço alto e deixei que as lágrimas caíssem em forma de desabafo, porque ninguém estava vendo.

E tudo bem chorar.

-
1. Alprazolam é um remédio utilizado em distúrbios da mente, vendido apenas sob prescrição médica. É um medicamento de tarja preta dentro da classe dos benzodiazepínicos. Benzodiazepínicos atuam como sedativos (desaceleram as funções do corpo). São drogas psicotrópicas que atuam sobre o sistema nervoso central. Ou seja, a sua ação não se limita apenas ao relaxamento e sedação, mas são também anticonvulsivas, amnésicas e relaxantes musculares. A sua função é relaxar e reduzir a atividade dos neurônios.



CAPÍTULO 06



*“Os jogos que você jogou nunca foram divertidos
Você diz que fica, mas então corre
Dando-lhe o que você está implorando
Dando-lhe o que você diz que eu preciso
Eu não quero bater nenhum recorde
Eu só quero que você me liberte”*

Billie Eilish – Bored

ALESSA BONUCCI – 22 ANOS

04 MESES ANTES

Uma semana depois, o caos parecia estar sob controle. Anita e Luigi resolveram se dar uma nova chance, o acompanhamento de Tony estava indo bem e a cada consulta o médico nos deixava mais esperançosos. Eu vi minha irmã se mudar para uma casa nova e tentei agir surpresa. Luigi disse que tudo bem que eu dissesse que tive grande parte na escolha, mas via em seus olhos que queria fazer algo especial para ela. Então deixei que me

apresentasse a casa que já havia visitado mais de uma vez e conferimos juntas se estava em ordem enquanto meu cunhado ficava de canto, olhando-a, babando feito cachorro na frente do osso. Juro que tentei insistir neles, mas depois da segunda vez que fugiram, me deixando sozinha para tratar de sua intimidade incendiária, desisti e voltei para casa. Lidar com casais apaixonados, principalmente diante do meu trauma de noites passadas, não era meu forte naquele momento.

Desci as escadas de casa, encontrando papai sentado no sofá da sala de visitas. Um copo na mão e um livro na outra.

— Papai?

Ele demorou alguns segundos, mas levantou seus olhos cansados para mim.

— Oi, filha.

— Está tudo bem?

Ele deu de ombros, me fazendo estremecer como sempre e assentiu, medindo-me da cabeça aos pés.

— Como deveria estar. Vai a algum lugar?

— Ella vai levar Antony a uma consulta de rotina e vou acompanhá-la.

Ele assentiu, voltando seus olhos para o livro.

— Leve Cosmo com você.

— Não é necessário, Juliano me espera no portão com Ella.

— Muito bem.

Aproximei-me e passei a mão por sua cabeça.

— Estarei de volta mais tarde.

Não tive uma resposta e me afastei, caminhando para a porta.

— Alessa.

— Sim?

— Sabe quando Luigi volta?

Controlei-me para não revirar os olhos. Ele claramente queria saber sobre Anita, mas não daria o braço a torcer.

— Eles planejam passar três meses fora. Embarcaram essa tarde, mas ele está com o celular, se quiser...

— Isso é tudo.

Respirei fundo, entendendo a dica, e saí antes que me chamasse outra vez.



— Vamos lá — Marrie sentou Tony na cama do consultório e deixou que Ella tirasse sua roupa.

Ela fez todo o processo de verificar os batimentos cardíacos, temperatura, observou o corpo dele para ver se havia qualquer mancha ou marca que poderiam ter fugido dos olhos da minha irmã e se sentou atrás da mesa de volta. Ella o vestiu e se acomodou na cadeira ao meu lado.

— Tudo certo, sim?

Marrie assentiu enquanto fazia anotações.

— Ele está bem, aparentemente. Daqui a dois meses vamos fazer um novo checkup e raio x, não quero que fiquemos muito tempo sem esses procedimentos.

Abriela assentiu.

— Tudo bem. Fui àquela nova nutricionista que você recomendou, ela é ótima, Marrie, muito atenciosa e tudo o

que tem me dito tem dado certo.

A médica sorriu.

— Isso é ótimo, você viu a questão da especialista em sono?

— Liguei e agendei uma consulta para a próxima semana. Ao que parece o tempo dela é muito apertado.

— Ela é uma das melhores e, acima de tudo, vai vir de Boston.

— Sim, fiquei muito surpresa quando aceitou.

— Imagino que vocês três estarão em contato frequente para tratar do caso de Tony? — perguntei.

Marrie concordou.

— É de extrema importância. Inclusive, quando estiver tudo certo e ela estiver por dentro da situação e do histórico de Tony, gostaria que nos encontrássemos para conversarmos melhor.

Minha irmã concordou, completamente atenta a tudo que sua médica e vizinha ditava.

— Com certeza. Mas fique tranquila, Ella, desde que nasceu esse garotão tem se tornado mais forte a cada dia. Só precisamos ficar de olho e não fugir do tratamento que vai continuar em perfeito estado.

Abriela sorriu, agradecida, e depois de mais alguma conversa, deixamos o consultório.

Respeitei o momento que ela sempre tinha com Tony após as consultas. Nós entrávamos no carro, e ela ficava abraçada a ele em silêncio, olhando para fora da janela. Eventualmente se recompunha e íamos almoçar juntas.

Quando Tony tinha apenas alguns meses adoeceu pela primeira vez. Nós ficamos loucos e depois de muitos

exames descobrimos que havia nascido com uma cardiopatia. Não era específica até então, apenas tínhamos ciência de que poderia se agravar ou ser controlada. Os tratamentos que precisavam ser feitos eram agressivos, e todas as vezes nos doía vê-lo passar por tudo tão novo. Não havia uma explicação concreta para a doença. Podia originar da família do pai, da mãe ou durante a gravidez.

Eu não entendia. Lucca e sua família eram completamente saudáveis e a nossa também. E a minha irmã, mesmo tendo ficado durante toda a gravidez trancada em casa, não fez uso de nada que pudesse prejudicar o bebê. Era um mistério.

Mas o que mais nos importava era que Tony reagia bem aos tratamentos, e conforme ia crescendo ficava mais fácil conseguir formas diferentes de ajudá-lo.

— Quer almoçar em casa ou em algum restaurante? — ela me perguntou, tirando-me dos meus pensamentos.

Eu hesitei por um minuto.

— Há alguém na sua casa?

— Quando saí, Lucca estava esperando Dante. Como Luigi está fora, eles precisam se encontrar com mais frequência.

Eu virei o rosto para que não visse a minha cara de desgosto. Tudo o que queria era evitar aquele homem. Antes do fatídico acontecimento podia contar nos dedos quantas vezes tínhamos conversado. Mas, depois de tudo, quanto menos o visse, melhor seria.

— Lessa?

— Vamos comer fora hoje.

Ela assentiu.

— Juliano, leve-nos até o centro, por favor.

— Sim, senhora.

Passei a mão pelo rosto, evitando borrar a maquiagem e suspirei. Já tinha, por um momento, esquecido aquela manhã, mas era só o nome de Dante surgir, ou qualquer referência a ele que eu sentia como se estivesse vivendo tudo outra vez.

O que me incomodava mais do que a forma como ele me chutou de lá era não me lembrar de nada. Na verdade, incomodar era um eufemismo, porque me corroía não saber o que fiz. Eu me controlava para nunca beber demais, para não sair do meu juízo. Mas apenas uma provocação da minha gêmea e deixei que tudo fosse pelos ares. Geralmente, Anita não tinha aquele poder de manipulação sobre mim. Sobre os outros, com certeza, mas sobre mim... nunca.

Mas justo naquela noite, na presença daquele homem...

Depois de tudo o que já tinha passado. Depois da última vez que... arg! Queria voltar no tempo e fazer tudo diferente; recusar o convite dos meus amigos seria o primeiro passo. E se houvesse uma lâmpada com um gênio mágico a quem eu pudesse pedir para ser uma mosquinha naquele quarto...

Tudo era uma lamentação sem fim e, acima de tudo, eu estava irada comigo mesma. Além da irresponsabilidade, me descuidei de tamanha forma. Sentia uma dor de cabeça chegando.

Juliano estacionou o carro na entrada do restaurante e desceu para abrir nossas portas.

Ella me passou Tony, pegou a bolsa dele e entramos, logo sendo guiadas até uma mesa nos fundos, que Juliano escolheu. Os soldados sempre entravam antes e escolhiam o melhor lugar para nos observar sem que tivessem que ficar grudados.

— Obrigada — agradei ao garçom e acomodei Tony na cadeirinha que outro funcionário nos disponibilizou.

Ella nem sequer olhou o cardápio, só pediu o de sempre — uma lasanha acompanhada de parmegiana, e eu optei por uma salada e filé ao molho branco light.

— Você emagreceu — comentou, oferecendo a Tony uma das bisnaguinhas que ficavam na cesta da mesa.

— Era a intenção.

Ela me deu um olhar reprovador.

— O que quero dizer, mais uma vez, é que cada vez que te vejo parece que perdeu mais peso.

— Estou saudável, não é isso o que importa?

— Alessa, sério? Tenho certeza de que esse almoço é a única refeição que vai fazer hoje. Já te disse que essas dietas malucas não te beneficiam em nada.

— Você viu o novo catálogo de perfumes da Dolce e Gabbana? — mudei de assunto. Falar sobre o meu peso e os motivos que ela pensava que me levavam a dietas não me agradava em nada.

Ella revirou os olhos.

— Recebi um e-mail, porém não o abri. Tecnologia e eu não somos melhores amigas, você sabe.

No mesmo momento o garçom chegou com nossos pratos.

— Está olhando para o rosto que vai estampar a coleção das fragrâncias dessa nova estação nos outdoors.

Ella parou de cortar a lasanha e me encarou, estática.

— Mentira?

Eu sorri, dando uma garfada na salada.

— Qual dos lados você acha que eu deveria usar?

Ela abriu a boca, em seguida pulou do seu lugar e me abraçou forte.

— *Ah. Dios. Mio!*

Abracei-a de volta, rindo e observando as pessoas ao redor nos encararem.

— Acho que ficou feliz.

— Lessa, isso é... uau!

— Eu sei.

— Não é novidade para você, mas... um outdoor?

— Vários. Não tenho altura para desfilar, mas eles gostam do meu rosto. Fazer o quê...?

Ela estreitou os olhos, segurando um sorriso e comeu mais um pedaço.

— Cínica. Agora entendo a dieta maluca.

Desviei o olhar e continuei comendo.

— Sua compreensão era muito necessária — respondi, irônica.

Ela riu.

— Mas ainda não acho saudável e continuarei pegando no seu pé.

Eu sorri, dando um pedaço do meu frango a Tony, pois sua sopa de legumes não parecia agradá-lo, e mudei de assunto mais uma vez. Preferia que Ella continuasse

pensando que eu era obcecada por dietas malucas como ela mesma dizia e ignorar o assunto do que ter que explicar.

Na verdade, aquela era uma coisa da qual ela nunca ouviria explicações.



CAPÍTULO 07



*“Eu sou um fogo perigoso
Um veneno acinzentado
Eu passei muito tempo mentindo
E agora estou tentando te machucar
Mas você me viu despida
Talvez eu não esteja com medo
Do que você está pensando agora”*
Bare – Wildes

ALESSA BONUCCI

Graças a um interrogatório de papai eu cheguei dez minutos atrasada para a reunião com Lucca. Ele odiava atrasos e mesmo que fosse sua “protegida”, como dizia, aquilo se aplicava a mim também.

Já estava resumidamente ciente dos assuntos, pois havia me ligado dois dias antes e me adiantou o assunto.

Quando entrei na sala, imediatamente fiquei tensa. Desejei que sua presença não fosse necessária, que Lucca pudesse conversar comigo sem que Dante precisasse

estar ali. Desejei que já estivesse de saída, mas ele era o subchefe da *famiglia*. Sua presença sempre era vital.

Meus saltos fizeram barulho, ganhando a atenção tanto de Lucca quanto do seu irmão, que fechou cara mais ainda ao me ver, se é que era possível, vendo que seu mau humor estava estampado em todo o seu rosto.

— Bom dia — desejei e me sentei de frente à mesa de Lucca.

O mesmo bufou, enchendo seu copo de uísque. Minhas expectativas de que Dante iria embora se frustraram assim que se sentou na poltrona encostada na parede, que ficava do outro lado da sala, porém atrás de mim. Ou seja, enquanto estivesse ali, eu estava ciente de que estaria sendo observada.

— Como você está?

Lucca se encostou na cadeira e coçou a testa.

— Como você acha? Abriela e Antony me acordaram iluminados de felicidade e se despediram de mim me desejando um bom dia, pedindo que eu voltasse logo para casa. E eu não pude sequer dizer a ela que talvez, sim, eu voltaria para casa ou a policia entraria aqui e me levaria preso.

Eu fiquei quieta diante de seu desabafo. Todos ficamos. Lucca não era de falar muito e principalmente sobre seus sentimentos, mas vez ou outra conversava comigo.

Esperei que começasse a tratar dos negócios, porque ele não esperava consolo e menos ainda palavras de conforto. Foi só um momento de explosão; precisava pôr para fora, e depois de tê-lo feito, precisava de um momento para voltar ao seu eixo.

O que não demorou muito, pois minutos depois ele me estendeu uma pasta preta.

— Todas as informações sobre Santino.

Eu abri sem demoras e passei os olhos nos papéis.

— Eu o conheço.

— Como?

— Minha última visita a Miami. Essa foto está desatualizada, não? Ele é mais velho.

— Sim, é antiga.

— Oitenta e seis anos? Ele é dos antigos, aqueles que dizem nunca trair a família.

— Nem todo homem tem palavra.

Verdade. O problema era que, diante da deslealdade de um dos capos de Miami, Lucca e quem quer que ele tivesse delatado estavam na mira da polícia. Há anos o detetive Zaza Pellet o prendera, fecharam o acordo logo que Anita foi sequestrada, porém, só começaram a agir semanas atrás.

Por causa da denúncia de um homem e se os federais tivessem investigado direito, a *famiglia* corria sérios riscos de ser quebrada. Mas o principal naquilo tudo era Lucca, ele era o “pai” da *famiglia*. Nosso capo, nosso padrinho, nosso chefe.

Ele era quem dava as ordens, nada era aprovado ou negado sem o seu sim ou seu não.

— Lucca, ele está velho, por que entregaria a *famiglia* e quebraria seu compromisso ao invés de passar os últimos anos preso?

— É uma boa pergunta, para a qual não temos a resposta.

Fiquei em silêncio lendo as informações sobre ele. Cada relatório dizia que havia sido fiel à *famiglia*, não havia nada feito por fora citado ali.

— E se ele estiver sendo pressionado, é possível, não é?

Lucca suspirou, tomando seu drinque.

— É possível, mas, novamente, não tenho como saber.

— Algo está estranho.

— Por que? O que você acha?

Balancei a cabeça, pensativa.

— Quero tentar falar com ele.

— Não — negou de imediato.

— Lucca, sou sua advogada. Da *famiglia*, terei que ir em uma delegacia. Várias e várias vezes.

— Não é o ambiente para você.

Retirei os olhos e deixei a pasta de lado.

— Qual o juramento de vocês?

Um minuto de silêncio.

Eu o encarei, e ele tinha a testa franzida. Levantei uma sobrancelha em questionamento.

— Por quê?

— Me diga.

Ele continuou quieto, então a voz de quem eu já tinha até esquecido estar ali veio do fundo.

— Se eu trair os segredos da máfia, que a minha alma queime no inferno assim como este santo.

Lucca olhou para seu irmão, e continuou, então os dois falaram juntos:

— Se for trair a família, que antes de falar eu tire a minha própria vida. Prometo pela *famiglia* e a honra.

Senti um arrepio correr minha pele de tão fortes e poderosas que soavam as vozes dos dois dizendo aquelas palavras.

— “Que antes de trair a família eu tire a minha própria vida”. Ele não sairá da cadeia, só precisa que alguém vá até ele e o lembre daquilo que jurou um dia, décadas atrás.

Os olhos de Lucca piscaram com entendimento.

— Eu vou forçá-lo a seguir a promessa.

— Está sugerindo que o forcemos a se matar? — perguntei. Não foi isso o que eu quis dizer quando pensei no juramento.

— Estou sugerindo que o lembremos de com quem está sua palavra.

— Lucca, mesmo se funcionasse, ele provavelmente já disse tudo o que sabia.

— Justamente. Um morto não pode confirmar o que disse em vida. Precisarão de provas ou uma confissão.

— E ninguém vai dar a eles — completei.

— Touché — Dante falou.

Fechei os olhos brevemente, ignorando a cutucada que ele me lançou e voltei a pensar. Lucca tinha os braços apoiados mesa e a os olhos fixos em sua estante, pensando, focado, permitindo por um momento que sua preocupação transparecesse. Ele jamais demonstraria tantas expressões e sentimentos se tivesse alguém na sala além de Dante e eu. Pessoas em quem confiava.

— Deveríamos mandar alguém para fechar a boca dele lá dentro. De uma vez por todas — Dante falou.

Cada vez que ele dizia algo, eu sentia minhas veias gelarem. De desprezo, de remorso, de desgosto.

De profunda vergonha.

— Não há como entrar — Lucca argumentou.

— Bobagem, dá para entrar mas não há como sair.

— E voltamos à estaca zero.

— Talvez não.

— Dante, não vou mandar um soldado em uma missão suicida. Ele teria que matar Santino e se matar logo depois.

— Podemos mandar alguém que mereça isso.

— Não consigo pensar em ning... — as palavras dele ficaram no ar. — Dante...

— É a solução perfeita.

Continuei sentada, encarando meu cunhado e não dando nem mesmo um olhar na direção do outro até que ele disse:

— Mandamos Bernardo e eliminamos dois problemas de uma vez só.

Eu esperei alguns momentos para virar e olhá-lo. Parecia que ele já esperava por isso, pois seu foco estava totalmente em mim.

— Você ficou louco? — perguntei em um fio de voz.

— Qual o problema? Seu irmão pede para morrer todos os dias, faremos um favor a ele.

Eu fiquei de pé e encarei Lucca.

— Você disse que ele estava bem!

Ele fuzilou Dante antes de se levantar e se aproximar de mim.

— Diante das circunstâncias, está. Ele come, dorme e está vivo.

— Pedir para morrer todos os dias não é estar bem, Lucca!

— O que esperava? — Dante perguntou. — Que lhe déssemos sua aposentadoria num hotel de luxo?

— Você pode, por favor, não falar comigo?

Lucca olhou entre nós dois e, então, parou em mim.

— Não há nada que eu possa fazer por ele e, sinceramente, nem quero. Ele traiu a família, traiu o juramento e, mais do que isso, traiu vocês.

— Não te vi reclamando do destino de Lorenzo quando lhe sentenciamos.

Ignorei Dante mais uma vez e continuei olhando para Lucca. Respondi, como se ele quem tivesse dito aquilo, pois sabia que pensava o mesmo:

— Você sabe que Lorenzo merecia o que teve, mas Bernardo...

Tentei achar qualquer argumento, qualquer palavra, pelo menos uma justificativa, mas era impossível defendê-lo diante de sua situação.

Lucca me olhou com os mesmos olhos de quando queria me consolar, duros como nunca deixariam de ser, mas com uma ponta de humanidade.

Mas como haveria consolo para aquilo? Regras eram regras, e a *famiglia* viria sempre em primeiro lugar. Não para mim, mas para eles, sim, e quem dava as ordens eram aqueles três.

Sabia que ele só continuava vivo, diante de humilhações, por um pedido meu e de minhas irmãs, mas

melhorar sua situação era impossível.

Respirei fundo, colocando-me no jogo novamente, vestindo minha capa protetora mais uma vez e assenti.

— Podemos continuar essa conversa em outro momento?

Lucca concordou.

— É claro. Os papéis vão chegar até você, e creio que, eventualmente, serei intimado.

— Estarei lá.

— Será um longo processo, Alessa.

— Eu estarei lá — confirmei mais uma vez.

Peguei minha bolsa e saí, diante dos olhares dos dois. Coloquei meu sobretudo antes de enfrentar o dia frio que fazia lá fora e assim que atravessei o portão, senti uma mão segurando meu pulso.

Travei instantaneamente.

— Tenho que falar com você.

Soltei o ar que estava segurando e puxei meu braço, desvencilhando-me do aperto dele.

Virei-me, dando alguns passos para nos distanciar, e o encarei.

— Sobre o quê?

— O que aconteceu naquele dia...

Levantei uma sobrancelha, tentando parecer o mais indiferente possível.

— O quê?

— Nós... — Passou a mão na cabeça, enroscando os dedos pelo cabelo. — Aquilo é algo que nunca, nunca...

— Nunca devia ter acontecido? Para mim nunca aconteceu. Superei, colega, por que você não faz o mesmo?

Ele me olhou, surpreso.

— Eu não quero que você pense que fujo das minhas obrigações. As regras da *famiglia* são claras; eu me deitei com você e há consequências.

Coloquei uma mão na cintura, apoiando o peso do corpo em um pé, e estreitei os olhos para ele.

— Acha que quero me casar com você?

— Não, estou dizendo que é o que deveria ser feito.

— A consequência que você diz não chegará até nós, porque ninguém sabe, e se depender de mim continuará assim.

Ele continuou me olhando com aqueles olhos frios, o rosto não expressando nada diante de minhas palavras. Virei-lhe as costas, mas não fui muito longe.

— Alessa.

Parei no lugar e falei, sem olhar para ele outra vez.

— Não se preocupe, não será condenado ao matrimônio comigo. Todo mundo tem um passado obscuro, você é apenas outro pedaço do meu.

Continuei andando, e, daquela vez, ele não me impediu.

Entrei no carro onde Cosmo, um dos soldados de papai já me esperava, e pedi que fôssemos ao salão. Eu tinha um horário marcado para limpeza de pele, unhas e cabelo.

Fazer aquele tipo de coisa servia para me distrair e, além disso, confirmava mais ainda meu status: um troféu perfeito.

Faro, o cabelereiro, lavou meus cabelos com todo o cuidado enquanto suas funcionárias trabalhavam em minhas mãos e pés.

— Por que não cortamos?

— Não.

Ele suspirou.

— Tudo bem, minha rainha, mas acho que deveríamos dar uma renovada no visual.

— Faça algumas mechas nas pontas.

— Fizemos isso da última vez, acho que se me deixar cortar...

Abri meus olhos e o encarei através do espelho.

— Faro, não chegue perto do meu cabelo com uma tesoura, entendeu?

Levantou as mãos ao ar e continuou aplicando os produtos.

Eu permaneci de olhos fechados, atenta e alerta ao meu redor.

Não era uma novidade para Faro. Perdi a conta de quantas vezes ele insistiu em cortar meus longos, pesados e insuportáveis fios, mas a resposta sempre foi a mesma: não.

Quando nos conhecemos, quatro anos atrás, ele havia ficado chocado e muito intimidado comigo. Com minha postura e meu comportamento. Mas conforme o tempo passou, se acostumou e aprendeu a respeitar meus limites.

Tais como: eu não gostava de conversar como as outras mulheres que frequentavam seu salão e tampouco ia para cuidar da vida alheia. Ele era um dos melhores na região e eu me tornei cliente por isso. Ir a Milão para me cuidar no

salão de Belize Maldoni, que era o outro mais perto de mim, seria cansativo demais.

Saí do estabelecimento horas depois, pedindo a Cosmo para me levar à casa dos Gianni. Belinda havia me ligado dias atrás, pedindo que fosse visitá-la. Como estávamos na maioria das vezes juntas, tanto pelos almoços e chás que eu comparecia, quanto pelos eventos da *famiglia* pelos quais eu ficava responsável, estava curiosa para saber o motivo da necessidade em falar comigo.

Cosmo abriu a porta do carro na frente do jardim da grande casa e ficou a alguns passos de mim, me seguindo até a porta. Toquei a campainha enquanto ele acenava para dois homens na frente da residência e minutos depois Belinda surgiu. Seu rosto que antes parecia neutro, tomou a forma de um grande sorriso – a expressão de felicidade que nós devíamos sempre vestir quando estávamos com visita.

— Alessa, como vai? — Nós nos cumprimentamos com dois beijos, e ela me deu espaço para entrar.

Cosmo acenou uma vez e foi até os dois homens.

Assim que fechou a porta, me guiou até a sala que eu já havia visitado tantas vezes, tocou o sino que ficava em cima da lareira e sorriu, se sentando a minha frente. A empregada surgiu segundos depois.

— Boa tarde, senhorita Bonucci. Senhora Gianni, chamou?

Acenei levemente para a mulher e me sentei, esperando não pacientemente que Belinda fizesse o mesmo e me dissesse por que me chamara. Odiava tratar os empregados como se fossem nada, mas dentro daquelas

casas era exatamente aquilo que representavam para seus patrões: nada.

Tão horrível como podia ser, era daquele jeito. Na minha casa, os empregados nunca eram tratados daquela forma. Fazia questão que se sentissem bem da forma mais educada possível, mas não podia aplicar minhas regras a outros lugares.

— Nos traga chá e bolo.

Minha língua coçou para dizer que só o chá estava bom, mas recusar algo também fugia da disciplina.

Belinda finalmente me encarou e sorriu, tão forçado que seu coque perfeitamente preso repuxou a pele de sua testa e têmporas.

— É muito bom vê-la, Alessa! Pensei que só a veria daqui a dias, liguei tão em cima da hora.

— Você disse que seria só alguns minutos, eu tenho alguns livre e resolvi passar.

— Sim, sim, mas da mesma forma peço desculpas. Sei como é a sua agenda. — Ela riu.

Eu sorri de boca fechada alguns segundos depois. Passou um momento de silêncio até que Lucia voltou com uma bandeja, nos oferecendo uma xícara.

Parecendo confiante por ter com o que se distrair, Belinda esperou que a mulher saísse e começou a falar.

— Como está, Alessa?

Eu entrei lá querendo nem ter ido, mas depois daquilo comecei a querer sair desesperadamente. Conhecia aquele tipo de conversa que começava com gentilezas demais.

— Tudo bem. E você, Ciro e Isabella?

— Eu e Ciro estamos bem, mas... lhe chamei aqui para falar exatamente sobre Isabella.

Peguei a pequena colher, mexendo o líquido quente.

— Mesmo? O que houve com ela?

Tinha uma pequena suspeita de aonde aquilo nos levaria.

— Bem, vou direto ao ponto.

Coloquei minha xícara sem pressa em cima da mesa de centro e cruzei as pernas. Lentamente levantei meus olhos para ela e juntei os dedos em meu colo.

— Eu espero que sim, como disse, tenho apenas alguns minutos.

Ela engoliu com dificuldade sua bebida e imitou meus movimentos, a diferença era que sua mão tremia e seus olhos não encaravam os meus.

— Como sabe, os últimos anos foram difíceis.

— Não sei.

Ela abriu e fechou a boca, então abriu novamente.

— Nós pensamos que tudo estava encaminhado, que logo Isabella se casaria, teria seus próprios filhos e seria feliz, mas então veio a bomba.

Controlei-me para não me levantar nem deixar transparecer a minha sincera opinião sobre aquele assunto. Como já desconfiava, o assunto era minha Anita e seu marido.

Principalmente seu marido.

— Isabella é jovem e bonita, não vejo por que não poderia realizar suas expectativas, Belinda.

— Eu pensava da mesma forma, porém, um dia desses, em um surto de sua depressão, Isa confidenciou a mim a monstruosidade que Luigi fez a ela. Aquele... aquele... aquele pervertido, homem sem coração.

Eu fiquei tensa. Belinda podia ser tudo, mas eu a conhecia o suficiente para saber que não fingia aquelas palavras. Porém eu tampouco acreditava nelas. Ela provavelmente ouvira de sua filha, e eu não estava nada ansiosa para saber o restante.

— O que foi que Isabella lhe disse?

Belinda suspirou e esticou os braços, pegando uma caixa de lenços.

— Olhe, sei que não deveria te envolver nisso, mas estava sem saída. Você é a mais correta entre suas irmãs, obviamente não poderia levar isso a Abriela e Anita... — Balançou a cabeça. — Anita é Anita e não teria nenhuma condição falar com ela, já que o assunto é sobre seu marido.

— Belinda, estou me esforçando para entender o seu lado, porém você disse que seria direta e até agora não chegamos ao ponto central da história.

Do nada ela se recostou no sofá, abandonando a postura, e começou a chorar. Em nada me comoveu.

— Oh, Alessa, ele a estuprou, tirou a virgindade da minha menina enquanto sua irmã estava viajando o mundo. Quando ela retornou, ele simplesmente voltou com ela como se nada tivesse acontecido. Diga-me como minha Isabella terá um futuro depois disso?

Sem deixar que percebesse minha reação, meu absoluto choque, chamei Lucia e pedi que trouxesse um

copo de água para Belinda, enquanto ela bebia e me contava os relatos de sua filha sendo violentamente abusada pelo meu cunhado. Eu me sentei e ouvi.

Vi-me, então, profundamente indecisa entre subir ao quarto de Isabella e ameaçá-la até me dizer onde queria chegar com aquela história ou ligar para Luigi e mandar que mantivesse minha irmã fora enquanto eu não resolvesse aquela situação.

— Agora me diga como minha Isabella irá se casar se aquele monstro tirou dela seu único valor? Sua coisa mais preciosa! — dito isso, caiu no choro mais uma vez.

Eu decidi que, naquele momento, enquanto seu emocional estava tão descontrolado, seria impossível ter uma conversa.

— Belinda, você está fragilizada, eu vejo...

Ela balançou a cabeça, assoando o nariz.

— Demais! Que bom que me compreende, Alessa, assim pode nos ajudar diante da única solução cabível.

Inclinei a cabeça.

— E qual seria?

— Ora, é óbvio. — Passou a mão pelo cabelo, sentando-se ereta e deixando os lenços de lado mais uma vez. Encarou-me, colocando mais uma vez o sorriso ensaiado no rosto, e deu de ombros, fazendo meu interior gritar de agonia.

— Luigi acabou com qualquer chance de um futuro da minha filha, precisa devolver a ela.

Encarei-a com atenção, esperando que ela não dissesse o que eu desconfiava, e perguntei:

— Como ele poderia fazer isso?

— Quando voltar de viagem, vou apresentar com minha filha e meu marido uma denúncia a Lucca diante dos atos do *consigliere*. Quero que Luigi se divorcie de Anita e case-se com Isabella, assim como deveria ter sido anos atrás.



CAPÍTULO 08



*“E como tudo ficou tão escuro, está além de mim
Se alguém puder me ouvir, acenda as luzes, oh
E a felicidade está bem ali, onde você a perdeu
Quando você fez a aposta
Contando todas as perdas que você não pode recolher
Tenho tudo e nada na minha vida”*

Troye Sivan – Take yourself home

ALESSA BONUCCI – 22 ANOS

04 MESES ANTES

Conseguir ter uma conversa decente com Belinda foi impossível. Durante sua cena, para piorar, Ciro chegou. E minha indignação só piorou assim que vi Isabella com ele, parecendo até feliz demais, ao contrário do que sua mãe havia me dito minutos antes.

Belinda rapidamente inventou uma história explicando minha presença e seu choro, e Ciro acreditou. O que me fez ter certeza de que seu marido não estava nada ciente

de seus planos. Se estivesse, se sentaria com ela e falaria comigo também, certo?

Se eu falasse a ela o que pensava daquela pouca vergonha, meu nome estaria nas rodas de fofoca horas depois, e sendo meu status a única coisa relativamente boa que ainda me restava, não queria perdê-lo. Mas se aquelas duas estavam pensando que iam acabar com a felicidade da minha irmã, estavam mais do que enganadas. Havia perdido as contas de quantas pessoas tentaram se meter com Anita e tiveram que passar por mim primeiro. Nada tocava minhas irmãs; enquanto eu estivesse viva garantiria aquilo. E aquela história sem cabimento de Isabella Gianni era apenas mais um degrau que eu teria de subir. Claramente pisaria com meu *Louboutin* em cima dela.

Saí da casa Gianni pronta para me encontrar com Lucca e contar tudo, afinal, quando mais rápido resolvesse, melhor, mas meu telefone continha tantas ligações perdidas que até me assustei.

O fotógrafo perguntando sobre a próxima sessão de fotos.

Uma mensagem de Faro, me passando o nome do xampu novo que eu deveria usar.

Giorgia me perguntando quando poderíamos tomar um café juntas.

Até Aida Tomaro tinha me ligado!

O mundo estava de cabeça para baixo e parecia que não voltaria ao lugar nem tão cedo.



Falhas foram minhas tentativas de falar com Lucca; ele viajou nas semanas seguintes deixando Dante em seu lugar. Obviamente, eu não levaria nenhum assunto até o subchefe da família.

O homem com quem eu dormi.

Mais um.

E, mais uma vez, não fazia ideia do que tinha acontecido.

As semanas seguintes se passaram num piscar de olhos. As coisas na associação continuavam as mesmas, cada vez mais eu me via presa a Milena. Queria descobrir sua história, seu segredo, queria salvá-la do que quer que a machucava. Mas toda vez que pensava ter feito progresso, no dia seguinte era pior. Ela estava sempre pior.

Acompanhei Ella na visita de Tony à médica no mês seguinte, como havia feito no anterior e tivemos a boa notícia de que nada havia alterado. Trabalhando em conjunto com a nova nutricionista, a especialista do sono e a dedicação de minha irmã, Tony só melhorava.

Periodicamente eu recebia mensagens de Anita falando sobre a viagem, dizendo que estava bem e contando algo interessante que havia acontecido. Em cada foto que me mandava, o sorriso estampado em seu rosto me fazia sorrir de volta. Minha aflição foi tanta diante de uma ligação de Belinda, perguntando se eu tinha falado com Luigi, que fui obrigada a ligar para o mesmo e contar toda a situação. Falar com Lucca estava impossível, e eu temia, pela felicidade da minha irmã, que Belinda e a louca da sua filha fizessem algo.

— Eu a estuprei?! Violentei brutalmente? Ela tem assistido filmes demais, não é possível! — ele gritava do outro lado da linha.

— Me diz que Anita está longe de você.

— Ela está dormindo, tem dormido muito ultimamente, acho que a ilha lhe trouxe a paz de que ela precisava.

— Luigi, a situação é complicada, para dizer o mínimo. Estou tentando fazer Belinda não começar boatos, mas...

— Alessa, pelo amor de Deus! Eu estava bêbado, se alguém foi abusado esse alguém fui eu! Eu não estava consciente enquanto ela usava esse corpinho aqui!

— Não é hora para brincadeiras, Luigi, foco.

— Eu sei é só que... eu não vou poder ser feliz com a dona encrenca nunca?

— Dona quem? — Sorri com aquilo.

— Encrenca. Ela é louca, você sabe.

— Mas você a ama.

— Mais do que a mim mesmo.

Suspirei, encarando o teto do meu quarto e cocei a cabeça.

— Se você estava inconsciente e muito bêbado como diz, como tem tanta certeza de que algo aconteceu?

Ele ficou quieto por alguns minutos antes de confessar.

— Sangue nos lençóis, e ela estava... bem, você sabe... com a boceta exatamente como fica depois de ter tido... sexo.

Pela primeira vez eu o ouvia falar com constrangimento sobre sexo. Com medo de que eu o julgasse ou acreditasse em Belinda.

— Droga. — Suspirei.

— Eu não sei o que essa vagabunda quer. Infernizar a minha vida, só pode!

— Seja respeitoso, Luigi, por Deus...

— Como? Já não basta tudo pelo que eu e Anita passamos? Tudo o que ela passou por culpa de um dos meus casos?

— Eu te entendo, mas ficar furioso e agir descontroladamente não vai adiantar de nada.

— Vai adiantar, sim. Ela deve estar se esquecendo de quem eu sou. Mas assim que voltar vou até a casa dos Gianni e fazer com que se lembre.

— Não cancele o restante da viagem por causa disso!

Ele deu uma risada.

— É claro que não! Acha mesmo que vou deixar de curtir mais dois merecidos meses com o amor da minha vida por culpa dessa garota? Jamais!

— Está bem, olha só... vou manter a situação em controle por aqui, mas não há nada além disso que eu possa fazer.

— Não se preocupe, Lessa, porra... eu poderia te dar um beijo quando chegar!

— Hum, não mesmo.

Ele riu, e eu quase sorri junto. Estava feliz que os dois finalmente se encontravam de bem, nos braços um do outro. Minha irmã merecia.

— Terminaremos a viagem e quando chegarmos, vou pôr um ponto final nessa história absurda de Isabella.

— Luigi, conte à minha irmã.

— Sobre Isabella ela sabe.

— *Grazzie a dio*. Um problema a menos.

— Mas vou contar o que provavelmente iremos enfrentar ao chegarmos. Obrigada, Alessa, mais uma vez.

— Certo, até mais. — Desliguei assim que ouvi o seu “Até logo” e joguei o telefone de lado.

Seria muito pedir um mês de férias para mim? Bandeira da desistência, eu já não aguentava mais.



No dia seguinte, quando descii para o almoço, papai estava lá, sentado à cabeceira da mesa, olhando pela janela ao lado.

— Bom dia, papai. — Aproximei, dei um beijo em sua bochecha e me sentei.

Ele desviou os olhos da janela, tratou de esconder aquela tristeza do rosto e assumiu sua postura de homem da casa. O que, para mim, era inútil. Ele não me assustava a muito tempo.

— Soube que foi até a casa dos Gianni.

— Fui, Belinda queria conversar.

— Gosto da menina Gianni. É uma boa companhia para você.

— Sabe que não costumo ficar com as meninas da minha idade.

— E por que isso?

— Divergência de interesses. Elas planejam seus casamentos enquanto eu planejo... coisas para a *famiglia*.

— O que me deixa extremamente orgulhoso, porém meu orgulho aumentaria mais ainda ao vê-la planejando seu casamento.

Tomei um gole da água e evitei olhá-lo. Aquela conversa mais uma vez...

— Tudo ao seu tempo — respondi levianamente.

— Sim, mas você já tem 22 anos, estou começando a pensar que esse tempo já passou.

— E então?

— Logo já não será mais tão atraente, Alessa, tampouco chamativa a dar frutos.

Quase cuspi a comida ao ouvi-lo se referir a ter um filho como “dar frutos”.

— Tudo tem sua hora, papai, se não me casei até agora é porque não é o momento.

Ele bateu o garfo ruidosamente no prato e senti seus olhos sobre mim.

— Se eu disser que o momento é agora, é porque é agora. Se eu quiser que seja amanhã ou próximo mês, assim será.

Com toda a calma, terminei de mastigar e o encarei, falando com minha voz firme e convencida:

— Talvez devêssemos ver com Lucca o que ele pensa disso.

Meu pai estreitou os olhos e tomou um gole de seu vinho.

— Mais pra frente, ainda não planejei nada para você.

E assim eu havia vencido o assunto mais uma vez. Papai nunca entendeu minha ligação com Lucca, tampouco

sabia muito sobre ela. Mas algumas coisas como: começar a me envolver nos negócios da família, fazer faculdade, trabalhar e ser o mínimo independente precisavam da ciência do meu pai. E quando ele batera o pé dizendo não, Lucca estava lá e disse sim. Todas as vezes. Eventualmente papai aprendeu que discutir comigo era uma causa perdida, já que se fosse um assunto sério como me casar e eu não quisesse, Lucca ficaria do meu lado e não permitiria.

Assim como já tinha feito inúmeras vezes.

Meu “pedigree” era de alta classe. Muito educada, fluente em alguns idiomas, bonita, fina, elevada. Coisas que aprendi a ser e aprendi que me levariam à posição que eu queria estar: no topo.

Se você está no topo, só te derruba quem chega até você, e eu não deixaria que ninguém me derrubasse outra vez.

Muitas foram as vezes que Lucca me chamou, relatando quem era o homem da vez interessado em mim. A resposta sempre foi não, e ele sempre acatou. Casar-me na máfia era o mesmo que entregar o controle da minha vida a um homem. E aquilo eu não estava disposta a fazer, nunca.

Ninguém jamais me controlaria de novo.

A conversa encerrou quando os empregados começaram a colocar a comida em cima da mesa. Depois de abaixar a cabeça e agradecer brevemente pelo alimento e minha casa, costume que mamãe havia nos ensinado, e eu nunca perdi, comecei a comer.

A refeição foi feita em completo silêncio. Fez com que me lembrasse de anos atrás, quando, ao invés de dois,

éramos 6. Mesmo nunca tendo sido uma família feliz depois de mamãe falecer, nunca houvera silêncio. Uma piada, uma provocação, até mesmo uma conversa sempre acontecia.

Olhei ao redor da mesa, fitando as cadeiras vazias, depois encarei meu pai, que segurava o garfo parado com a mão apoiada na mesa, e os olhos novamente encarando a janela. Pensei em Anita, Ella e Bernardo, e ao invés de sentir saudade de me sentar com eles para dividir a refeição, peguei-me aliviada. Agradei porque estavam livres daquilo.

Voltei a comer, em silêncio, como se estivesse sozinha e engoli mecanicamente. Estava conformada, era o meu lugar. O que eu merecia e onde eu deveria estar.



CAPÍTULO 09



*“Não posso respirar, mas lutarei enquanto puder lutar
e enquanto o errado parecer certo
Eu ofereço um amor bêbado do meu ódio
É como se eu estivesse fumando tinta
Quanto mais eu sofro, mais eu amo
Eu me sufoco”*

Eminem & Rihanna – Love the way you lie

ALESSA – 22 ANOS

04 MESES ANTES

A verdade sobre eu não querer os remédios é que eu era completamente dependente deles. Minha ansiedade me consumia, então eu precisava de algo que me colocasse nos trilhos novamente. Pior do que os remédios eram seus efeitos colaterais – eu estava acostumada a lidar com as náuseas, as dores de cabeça e a tontura. A pior parte era a visão turva e as peças que meu subconsciente pregava em mim.

Mas eu precisava deles como do ar para respirar. Era a única forma de dormir. De dormir em paz, sem pesadelos, sem gritos, sem sustos, sem surtos.

Eu o via nos meus sonhos e quando estava dopada. Então quando estava sóbria e sã, eu tomava algo para dormir. Ele estava lá, sempre, por bem ou por mal.

Mas segurando a caixa de remédios em minha mão, me perguntei que diabos eu faria agora?

Em uma mão, um calmante que me faria dormir por horas e, na outra, um teste de gravidez positivo. Minha aventura imprudente, momentânea, e errônea falta de juízo que deixou uma consequência para o resto da vida.

Eu odiava falar palavrões, mas não havia outra palavra que descrevesse a situação melhor do que “fodida”. Eu estava seriamente muito, muito fodida.

Fodida.

Grávida.

Com um bebê.

O bebê de um homem que aparentemente vivia com outra mulher em segredo, que mal falava, que me chutou para fora de sua casa com um belo “não vamos repetir isso e manteremos entre nós” e que mal conhecia.

Eu estava oficialmente ficando louca.

A primeira alternativa foi ligar para Anita e pedir que ela voltasse imediatamente, mas como podia fazer aquilo com ela? Tirá-la de sua felicidade para dizer que eu tinha o que ela perdeu? Não podia. Então a próxima coisa que pensei foi correr até Lucca. Mas o que diria a ele? Ouviria primeiro de tudo um belo “Falei para você parar com isso, eu te

avisei.” E depois ele teria que aplicar a mim as regras da *famiglia*.

Eu teria meu filho, ele seria dado a algum empregado para cuidar, e eu seria mandada para uma casa de prostituição. Quando meu bebê crescesse, se fosse menino, seria um soldado. Bastardo e filho de uma prostituta; se fosse menina, seria jogada a outra casa da vida, assim como sua mãe.

O destino não estava ao meu favor.

A última coisa que pensei, e por mais que quisesse deixar aquilo de lado e pensar na próxima opção, foi procurar o segundo culpado daquilo. Ele era o pai, precisava me ajudar, tinha que ficar do meu lado pelo menos para me dizer o que fazer. Eu não iria com falso moralismo dizer que criaria meu bebê sozinha e enfrentar a família. Impossível. Crianças fora do casamento eram condenadas antes mesmo de nascer. Comigo não seria diferente.

Então eu precisava dele. Naquele momento, eu me esqueceria de tudo sobre depender de alguém. Mas eu precisava que ele estivesse do meu lado, que me desse alguma solução.

Então lá estava eu, mais tarde naquele dia, parada em frente ao prédio dele. Conseguir o endereço não foi difícil, bastou dizer a Cosmo que devido à ausência de Lucca, eu precisava que nosso subchefe assinasse algumas coisas e lá estávamos.

Tremendo, eu subi e parei em frente à sua porta.

Por um momento, perguntei-me se aquela mulher estaria lá mais uma vez. Se estivesse, esperava com toda

fé que ele não viesse com aquele discurso de “Você pode falar na frente dela, não temos segredos entre nós”. Era o que um homem apaixonado faria, certo?

Respirei fundo e toquei a campainha. Nada me preparou para a visão dele em uma calça jeans cintura muito baixa, poucos pelos loiros aparecendo e um corpo de matar. Eu nunca reparava em homens. Eles não eram atraentes para mim. Ou me causavam nojo, ou serviam para... para coisas das quais eu tentava me livrar. Mas vê-lo daquele jeito, com os cabelos despenteados, os braços absurdamente fortes e aquela barriga que... Jesus. O que estava acontecendo?

— Alessa? — sua voz me tirou do transe e movi meus olhos de suas calças para seus olhos.

Um contraste terrível. Onde os olhos azuis de Lucca me confortavam, os de Dante me mandavam para longe. Me mandavam fugir para o mais longe possível.

— Eu preciso... falar com você.

Ele olhou para trás, dentro do apartamento e depois de volta para mim. Sem dizer nada, abriu mais a porta e me deu espaço para entrar.

Tomando coragem, me virei para ele. Sentia-me desproporcionalmente pequena, em minhas botas de pelo rasteiras, calças jeans e camisa de alcinha. Arrependi-me imediatamente de não ter me vestido com roupas sociais e prendido o cabelo em um coque. Pelo menos me daria um ar mais sério.

Eu estava magra. Muito magra, e a única coisa que poderia chamar atenção em mim eram meus seios. Sempre foram grandes em mim e em minhas irmãs. A

genética física não nos diferenciou nem nisso. Meus braços estavam muito finos, minhas pernas mais ainda e meu rosto parecia sugado. A maquiagem era um milagre naquelas horas.

— Você está aqui há alguns minutos e ainda não falou nada.

Quase pulei ao ouvir o som de sua voz, tão distraída que estava. Não sei se dei muito na cara, mas ele caminhou até o sofá e pegou uma blusa, colocou-a e cruzou os braços à minha frente.

— Estou esperando, Alessa.

— Estou grávida. — Assim que as palavras saíram, eu quis pegá-las de volta. Arregalei meus olhos e estanquei no lugar.

Se fosse possível, ele havia ficado mais tenso ainda. Não mexia nem um músculo. Mal piscou. A única indicação de que era uma pessoa que se movia e falava era seu peito – seu grande peito – subindo e descendo sob o tecido apertado.

Pareciam ter se passado horas.

— Oh meu Deus, falar torna mais real. Não parecia tão real horas atrás. Quer dizer... era real, mas...

— Ouça... você parece em choque, eu entendo. Mas não faz nenhum sentido o que está dizendo.

— Meses atrás nós transamos, não? Eu sinceramente tinha minhas dúvidas, não conseguia me lembrar de nada e ficava pensando: será que ele disse para tentar me enganar? Mas agora esse teste deu positivo, e eu só consigo pensar que sim, você estava falando muito sério!

— Impossível — sua voz era firme, impassível.

— Nós dormimos juntos, sem qualquer cuidado... e isso me lembra: você não podia, pelo menos, ter colocado um preservativo?

— Você fez um teste?

— Sim.

— E deu... positivo?

— Sim — respondi segurando a ponta do nariz, tentando me controlar. Buscar alguma paciência, mas ele dificultava tanto.

— Eu não... Deus! — Passou a mão pelos cabelos e me deu as costas.

Dante foi até a cômoda atrás de si e bebeu até a metade a dose que serviu.

— Eu já estou surtando o suficiente por nós dois, por favor... fique calmo e me diga algo que me ajude a ficar também.

Ele se virou para mim e me encarou, continuou me encarando. Sua cara não era nada boa. Não que eu esperasse abraços e uma declaração, mas pelo menos um olhar compreensivo. Sim, eu tinha esperanças de um olhar compreensivo.

Engoli em seco e dei dois passos à frente.

— Olha... eu sei que você tem a sua vida e eu realmente, realmente, não planejei isso. Na verdade... nunca foi algo que almejei. Por Deus, em que mundo eu conseguiria criar um bebê? Pelas contas, ele tem ou vai fazer quatro meses e eu estava pensando que... Eu não sei, nós devemos pensar em uma solução e...

— Nós?

Eu levantei as mãos, fazendo um gesto óbvio.

— Sim! Nós, pais e...

— Como vou saber que é meu?

Sua voz cortou minhas palavras, e eu o encarei.

— O quê?

Ele deu dois passos à frente, ficando apenas a uma pequena distância de mim.

— Você ouviu. Quer que eu planeje algo com você sem nem saber se... se realmente é meu?

— Dante, sei que está chocada, eu também fiquei, mas nunca viria até você jogar essa responsabilidade se houvesse alguma chance de não ser seu.

Ele me encarou com olhos frios, enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu mais um passo a frente.

— Eu não acredito. Porque não para e pensa um pouco? Tente se lembrar se não houve mais alguém, afinal, se eu não tivesse dito, você não se lembraria do que aconteceu entre nós.

Engoli em seco diante de suas palavras, e dei um passo atrás, recebendo mais um seu à frente.

— Eu tenho certeza.

— Mesmo? — Inclinou a cabeça para o lado, me estudando. — Não teria tanta certeza assim se fosse você.

— Não houve mais ninguém. — Porque minha voz soava tão fraca?

— Parece rotineiro da sua parte fazer algo e não se lembrar. Eu insisto que pense melhor antes de chegar ao próximo “pai” do seu filho.

Ofeguei diante de suas palavras.

— Dante...

Ele tirou as mãos dos bolsos e se aproximou completamente, deixando apenas um fio de distância entre nossos corpos. Encarou-me com toda a fúria que era possível e rosnou no meu rosto.

— Você sequer era virgem, como tem coragem de vir até aqui querendo me fazer de tolo?

Eu abaixei minha cabeça, querendo mais do que nunca cavar um buraco e me enfiar.

— Tem tanta certeza assim de que é meu?

Lutando contra o meu próprio orgulho, ainda de cabeça baixa, eu assenti.

— Ótimo, eu não quero um filho então resolveremos essa... situação sem maiores problemas.

Levantei minha cabeça em um rompante. Ele disse que...? Não, eu ouvi errado. Não era possível.

Mais uma vez se afastou de mim e foi até a sua cômoda.

— Vá para sua casa, pense se é realmente meu e se for... — seu tom era zombeteiro —, nós cuidaremos disso.

Eu abri a boca para dizer que não precisava se preocupar, que não faria nada para “resolver” o meu filho, até porque já tinha visto aonde ele queria chegar, mas a mesma mulher daquele dia apareceu no corredor. Ela vinha saltitante em shorts e sutiã. O cabelo um pouco maior do que eu me lembrava.

— Dante, amor, porque você... — suas palavras pararam ao me ver.

Nós nos encaramos pelo o que pareceram horas.

Ela, com olhos lacrimejados por me ver novamente na casa de seu amado, depois de ter me visto passar a noite

lá, e eu, com os olhos molhados por ter sido idiota o bastante para ir atrás de um monstro.

“Você sequer era virgem...”

Fechei os olhos com aquelas palavras e, quando abri, Dante me encarava.

Eu olhei para ela, então para ele uma última vez e sai. Daquela vez, não tive sequer forças para sair de cabeça erguida como da última vez.

“...resolveremos essa... situação sem maiores problemas.”

Cosmo já me esperava lá fora, e, por um milagre, consegui segurar as lágrimas. Segurei e me mantive firme até chegarmos em casa, mas quando virei a chave na porta do meu quarto. Escorreguei até o chão e deixei que elas caíssem livremente.

— Mamãe... Porque você não olha por mim? — minha voz saiu esganiçada, cheia de soluços e mergulhada em dor.

A indiferença refletida nos olhos dele era nítida se eu fechasse meus olhos.

“Parece rotineiro da sua parte fazer algo e não se lembrar, eu insisto que pense melhor antes de chegar ao próximo “pai” do seu filho.”

Coloquei a mão sobre a minha barriga e mesmo não tendo certeza, prometi ao bebê que cuidaria dele, que tudo ficaria bem. Ele não era uma situação para ser resolvida e não seria mais uma criança que sofreria no mundo. Não importava o que eu teria que passar. Eu era forte, sempre fui e continuaria sendo. Meu filho ficaria bem, custasse o que custasse.

— Somos eu e você contra o mundo — sussurrei.

E ele... nós... nunca, jamais precisaríamos de Dante DeRossi.



CAPÍTULO 10



*“Acho que já vi esse filme antes
E não gostei do final
Você não é mais a minha terra natal
Então, o que estou defendendo agora?
Você era minha cidade,
agora estou em exílio, te vendo partir”*
Taylor Swift – Exile

ALESSA BONUCCI – 22 ANOS

05 MESES ANTES

Despistar os soldados foi uma tarefa horrível. Eles estavam por todos os cantos, será que sentiam que algo iria acontecer?

Aquela não foi a decisão mais difícil da minha vida, talvez tivesse sido até a mais fácil. Entre ficar e perder o meu filho ou ir embora e salvá-lo, a escolha era simples, meu filho valia mais.

Depois de ter falado com aquele homem, ter sido humilhada e chorar a noite toda, acordei no dia seguinte concentrada em montar um plano perfeito para sair de lá. Passei o próximo mês todo fingindo que nada acontecera – ia para o trabalho, fui às reuniões com Lucca, cuidei da associação e passei todo o tempo possível com Abriela e Tony.

Anita e Luigi chegariam naquela noite. Luigi havia me ligado um dia antes, disse que ficariam um mês na casa nova para se adaptarem e, passado esse mês, iriam voltar. Era o tempo que eu tinha para organizar tudo.

E o plano precisava ser posto em ação naquela manhã.

Saí de perto da janela para que ninguém me visse e peguei a pequena bolsa pela alça. Coloquei a bota rasteira – pois caso tivesse que correr estaria preparada –, uma blusa de moletom preta e calça de elástico. Li mais uma vez o bilhete que repousava em cima da minha cama e fechei os olhos.

Já podia sentir a dor que causaria em minhas irmãs. Inevitavelmente me veio à cabeça a expressão de Lucca ao constatar minha traição. Logo eu, que sempre prometi ser fiel a ele, nunca abandoná-lo e ser a irmã que ele dizia que eu era. Mas eles tinham que entender, precisavam entender que se tratava de um bem maior. Os riscos que meu filho corria eram grandes. A ameaça de Dante de um lado e as regras da *famiglia* do outro. Não sabia qual era pior.

Eu já tinha visto a história da menina que engravidava e achava que se livraria das regras porque era filha de um capo. Iludiu-se pensando que ficaria com seu filho e quando ele nasceu, foram separados, e cada um teve o

destino que a máfia previa: prostituição e a deserdação da criança.

Eu não queria aquela vida. Nem para mim, nem para o meu pequeno guerreiro.

Foi o nome que dei a ele, porque realmente era um. Desde o início, desde que se prendeu a mim e ficou. Pretendia visitar um médico assim que chegasse ao meu destino, queria entender como foi possível ficar grávida quando todas as chances eram baixas, quase nulas.

Olhei pela última vez para o meu quarto. Meu closet, minhas roupas, os contratos das empresas que pagaram pelo meu rosto, os lindos sapatos, todo o luxo. E então olhei para minha barriga, ainda reta, plana e respirei fundo.

Durante a vida toda tinha feito escolhas. Escolhi diversas vezes colocar outras pessoas acima de mim, não importando as consequências que teria. Nunca me arrependia e não começaria.

Era o primeiro sacrifício que faria pelo meu filho. Sem um pinga de dúvidas dos meus atos futuros.

Saí calmamente de casa, e Cosmo veio em minha direção.

— Bom dia, senhorita Bonucci. Para onde vamos?

— Preciso passar naquela farmácia no centro. Fiquei de pegar um remédio lá e me ligaram avisando que já chegou.

Ele assentiu e abriu a porta do carro.

— Ah, vamos passar no banco antes, tenho uma reunião com o gerente.

— Sim, senhorita.

Respirei fundo e soltei o ar devagar. Não podia deixar que nada desse errado. Até o momento estava tranquila. O

bom de nunca ter feito nada para gerar desconfiança, de ter sempre andado na linha, é que não encontravam motivos para desconfiar de mim.

Tanto que Cosmo me viu sair do carro em direção ao banco com duas malas, uma com poucas mudas de roupas e a outra cheia com livros, apenas para fazer volume, e sequer desconfiou. Quando pedi que esperasse do lado de fora, ele concordou, aceitando a desculpa de que poderiam ter policiais lá dentro, e ficou avisado de que poderia levar horas, já que eu revisaria contratos, veria relatórios e balanços das contas da *famiglia*.

Falei com meu gerente e dado a minha independência, minha conta estava cheia com o dinheiro dos trabalhos com publicidade e um a mais, que Lucca insistia em me pagar por tudo o que desenvolvia no nosso ciclo familiar. Lucca sempre deixou claro naquela agência que minha palavra valia sem precisar de sua confirmação, por isso, quando eu disse que queria passar todo o valor para uma conta no exterior, foi aceito de bom grado.

A primeira coisa que faria ao chegar em meu destino seria sacar e guardar o dinheiro em notas comigo.

O homem me estendeu a mão e sorriu.

— Como sempre, é um prazer fazer negócios com sua família, senhorita Bonucci, mande lembranças ao senhor DeRossi.

— Obrigada, meu amigo. — Ele sorriu mais forte ainda. — Diga-me, há alguma saída pelos fundos? A polícia está do lado de fora, e bem... você sabe como são as coisas por aqui.

Ele assentiu prontamente, olhando ao redor antes de me guiar até um corredor vazio e abrir uma porta logo depois. Dei de cara com uma avenida movimentada.

— Obrigada mais uma vez, meu amigo. — Reforcei a forma como a *famiglia* chamava seus associados. — Caso perguntem sobre mim, poderia informar que fui para casa?

— Claro que sim, senhorita. Até breve.

— Até — afirmei, mesmo sabendo que de breve não teria nada. Pretendia não voltar nunca mais. Peguei do bolso meus óculos escuros e os coloquei. Ao virar a esquina amarrei meu cabelo em um coque, continuei andando e minutos depois coloquei uma boina, como se estivesse apenas me arrumando enquanto passeava.

Acenei para um taxi ao atravessar a rua e entrei.

— Aeroporto.

O homem assentiu e seguiu o caminho.

Eu teria algumas horas até Cosmo entrar lá e dar por minha falta. Era o tempo para pegar o primeiro voo que estivesse saindo.

Quando passamos por uma loja de acessórios, pedi ao taxista que parasse e me esperasse. Entrei, procurei ao redor qualquer coisa que pudesse usar e achei uma peruca de cabelos loiros cacheados, peguei aquela mesma e dei um incentivo a mais para que a vendedora colocasse em mim. Minutos depois, eu saía diferente. Abri a porta, mas quando levantei a cabeça, vi uma ótica do outro lado da rua.

— Espere mais um momento — avisei ao motorista e atravessei novamente.

Peguei uma lente de cor castanha escura. Coloquei lá dentro mesmo e voltei ao táxi.

— Podemos ir.

O homem olhou pelo retrovisor e balançou a cabeça.

— Já tenho cliente, senhora, terá que pegar outro.

Eu o encarei e sorri, tendo o primeiro sinal de que estava adequadamente disfarçada. Peguei a bolsa, abri a carteira e tirei algumas notas de lá. — Tenho certeza de que sua passageira não pagaria isso. Estou com muita pressa. Aeroporto.

Ele pegou o dinheiro e deu de ombros, fazendo-me vacilar para trás.

O caminho não demorou, dei a ele mais uma nota e caminhei normalmente, como se fosse apenas mais uma pessoa indo viajar.

Peguei o primeiro voo para Milão, que, por sorte, sairia em alguns minutos e, novamente desembolsando um valor significativo, consegui embarcar.

Dei meus documentos certos e segui viagem. Horas depois desembarquei naquele lugar que tanto amava, mas então lembrei que não tinha ido a passeio.

Peguei um táxi e pedi que me levasse a algum hotel. Mais uma vez entreguei meus documentos e pedi um quarto no segundo andar.

Era cartão magnético, então fui até lá, abri e fechei, apenas para que ficasse registrada a minha entrada. Enfiei o cartão por debaixo da porta e tirei a peruca. Saí sem ser reconhecida.

Peguei outro táxi, fui até a rodoviária, subi em um ônibus até a cidade mais próxima, o que foi cansativo, porém

impossível sequer cochilar. Enfie a peruca de volta e entrei em outro táxi. Parti para uma pensão e, daquela vez, apenas entrei, me informei e me sentei na recepção, fingindo estar passando mal. No tempo em que o rapaz foi buscar uma água, deixei o celular dentro do vaso de flores artificial e corri de lá antes que voltasse. A primeira coisa que fariam seria rastrear meu telefone e enquanto corriam atrás de onde havia registros dos meus documentos e o endereço onde meu celular estava, eu ganharia mais tempo.

Andei por quase meia hora, peguei um táxi até o aeroporto, o que levou 40 minutos. Ao chegar, fui até o banheiro, rasguei e joguei meus documentos fora, olhei no espelho para conferir a peruca e as lentes e troquei de roupa.

Daquela vez, na fila, entreguei documentos falsos. Documentos que tinha feito mais de dois anos atrás, quando estava certa de que se minha irmã quisesse ir embora, ela iria e teria uma vida nova.

A atendente fez todo o procedimento, me entregou a passagem e informou que embarcaríamos dentro de 40 a 50 minutos. Fui até uma lanchonete, tomei um café e observei o movimento. Cogitei ficar dentro do banheiro escondida, mas era melhor ficar onde poderia ter uma vista de tudo.

Continuava pensando e pensando, encarando aquelas pessoas e o relógio, até que meu coração gelou. Na mesa ao meu lado, estavam Phil e Gardênia, muito concentrados em sua própria conversa, mas se olhassem para o lado, iriam me ver.

Fiz um movimento para me levantar, mas assim que fiquei de pé, Phil olhou para o lado, e minha cabeça foi com força para o outro. Fiquei parada alguns segundos, esperando, rezando que não me reconhecesse e nada aconteceu. Olhei para a mesa, e eles estavam novamente conversando e rindo.

Soltei o ar que segurava pesadamente e caminhei para o portão de embarque na primeira chamada do voo.

Toquei meu ventre e esperei, esperei, esperei. E esperei. O segurança conferiu minha passagem, olhou para a mão na minha barriga e sorriu, piscando para mim. Devolveu-me o bilhete e passei por ele, mal acreditando que tinha conseguido.

Procurei pelo meu assento e, quando o encontrei, peguei uma echarpe dentro da bolsa e coloquei no rosto, deixando apenas meus olhos amostra.

O frio era uma boa desculpa.

Minutos depois, os avisos foram dados, cintos apertados e o avião começou a correr pela pista.

Olhei pela janela, percebendo que, naquele momento, Cosmo já estaria cercado o banco e talvez já tivesse entrado.

É por você, bebê.

Pensei em minhas irmãs, Tony, Lucca, Milena e nas crianças da associação. Inevitavelmente uma lágrima caiu.

Valerá a pena por você.

Eu precisava fazer aquilo. Ir para onde ninguém me encontraria.

Onde nunca imaginariam que eu estava.

Onde ninguém machucaria o meu bebê.

E a *famiglia* não podia entrar.



SICÍLIA – ITÁLIA

Cosmo entrou na casa angustiado, pela primeira vez sentia medo. Passou por torturas, levou muitos tiros e foi ameaçado diversas vezes. Mas seu descuido daquela vez, se estivesse certo, poderia ser fatal.

Subiu as escadas vendo seu capo, Leon Bonucci, levantar do sofá ao vê-lo, ouviu-o gritar seu nome, mas não parou. Precisava chegar ao segundo andar, tinha que confirmar suas suspeitas e tentar dar um jeito naquela situação o mais rápido possível.

Tinham saído de casa por volta das cedo onde estava com a cabeça de esperar tanto tempo para entrar no banco? Horas e horas numa reunião. Bufou, incrédulo de que tinha sido estúpido a tal ponto.

Bateu na porta do quarto de Alessa Bonucci, não tendo nenhuma resposta.

Bateu mais uma vez.

— Que diabos está querendo no quarto de minha filha? Isso são modos de entrar aqui?! — Leon esbravejou.

— Senhor, tenho fortes motivos para crer que Alessa não está aí.

O homem estreitou os olhos.

— Que brincadeira é essa?

— Falo muito sério e podemos estar perdendo tempo com essa conversa.

Leon deve ter visto o pavor nos olhos de seu soldado, pois começou a esmurrar a porta. Não tendo retorno, tentou empurrá-la algumas vezes. Sem sucesso, sacou sua arma e deu um tiro na maçaneta.

Ao entrar, os dois se chocaram com uma cama feita e um bilhete em cima dela.

Impossível não ver. Os lençóis eram brancos, e a folha, azul. Leon correu, quase tropeçando em seus pés, e pegou a folha.

Minutos depois amassou o papel e o jogou contra a parede. Pegou seu celular e após uma rápida discagem o colocou no ouvido.

***Sinto muito decepcioná-los,
mas não posso mais ficar aqui.***

Ao pegar o bilhete e lê-lo, Cosmo, assim como Leon, não teve dúvidas de que era de Alessa. Tanto pela letra feminina quanto pelo jeito frio, impessoal e distante como escreveu.

Deixou o papel em cima da cama novamente e aguardou seu chefe.

— DeRossi, sim, é Leon. Ouça, temos um problema.



CAPÍTULO 11



*“Eu não acredito em nenhum demônio porque eu criei esse
inferno*

Eu não vou tremer e não irei me abalar

Eu sou feito de pedra

Eu não irei quebrar”

Zayde Wolf – Born ready

DANTE DEROSI

05 MESES DEPOIS

Abri meus olhos instantaneamente, sentindo um gemido escapar da minha boca. Era inevitável. Mais de dois anos acordando sempre daquela forma, e eu me acostumei.

— Inspirada? — perguntei, e ela sorriu, segurou meu pau com mais força e o bateu em seu rosto.

— Como não? Acordar do seu lado e não te tocar é impossível.

Encostei a cabeça no travesseiro de novo e continuei deitado enquanto ela passava as unhas pelo meu peito, barriga, minhas coxas e dedicava uma atenção especial a me levar profundamente em sua garganta.

De repente, sua boca se afastou e senti um movimento na cama. Antes que ela fizesse o que estava pensando, eu abri os olhos.

— Não.

Não perdi o olhar de decepção que me deu, mas saí da cama e fui até o guarda roupa. Pegou o pequeno cofre que eu deixava guardado lá e o levou até mim. Digitei a combinação de números, peguei duas camisinhas de dentro, tranquei-o e deixei de lado logo depois.

Eu mesmo coloquei e a encarei, deixando claro que ela podia terminar o que começou.

Amira olhou para o lado e suspirou.

— Não sei porque isso.

— Isso o quê?

— Pra que deixar os preservativos em um cofre, trancados e, e... pra que usar isso? Sabe que estou só com você.

Eu lhe dei o olhar de sempre quando ela fazia aquela mesma pergunta.

— Você quer foder ou já posso me levantar?

Ela olhou para baixo diante das minhas palavras e sentou em cima de mim, uma perna de cada lado do meu quadril, segurou meu rosto e me beijou. Levei minha mão até sua nuca e puxei os fios curtos dali. Separei nossas bocas após alguns minutos.

— Senta.

Ela gemeu, atacando a minha boca novamente. Enfiou a língua e levou a outra mão entre nós. Mordi seu lábio quando pouco a pouco foi descendo sobre mim. Dobrei minhas pernas, afastei seu rosto e peguei impulso, começando a meter nela rápido, duro e sem qualquer delicadeza. Ela enfiou o rosto no travesseiro ao meu lado gritando e deixou que eu usasse seu corpo mais uma vez.

— Oh meu.... Dante...

Com a outra mão, segurei sua cabeça no lugar, impedindo que continuasse falando.

Eventualmente, empurrei-a para o lado e a deitei de costas para mim; ela sabia que eu estava evitando seu beijo, seus olhos e as palavras que insistia em me dizer, mas ainda assim, a cada impulso, insistia em falar.

Amira virou a cabeça para trás e segurou meu pescoço.

— Eu amo tanto você — sussurrou.

E eu ignorei, como sempre fiz.

Travei a mandíbula, gozando logo depois dela e impedindo que qualquer som saísse da minha boca. Soltei-a, afastando-nos, e deitei de costas. Levantei-me apenas minutos depois. Fui até o banheiro, retirei a camisinha, olhando antes para ver se não tinha vazado nada. Virei o conteúdo na privada e abri a torneira da pia, enchendo-a de água. Esvaziei e amarrei para finalmente jogar fora.

Quando virei para sair, Amira estava me olhando.

— Acha que eu pegaria seu esperma e faria o quê? Enfiaria em mim mesma?

Passei por ela, indo direto para o armário. Peguei a pequena caixa que ficava na parte de cima e me sentei na poltrona de canto, no escuro.

Ela ficou nua, parada à minha frente. Eu sabia que aquele discurso todo de menina magoada iria longe.

— Mais de dois anos e você não confia em mim.

Tirei de dentro da caixa o pino novo, usei um cartão de crédito para separar o pó depois de abrir e formei duas linhas.

— Não confio nem em mim, Amira.

Ela se ajoelhou do meu lado.

— Mas você não acha que é absurdo o que faz? Guarda os preservativos em um cofre com medo de que eu vá furar. É claro que eu queria um filho seu, é o amor da minha vida, mas... não assim.

Não lhe dei um segundo olhar quando peguei uma nota e comecei a enrolar. Preparando-me para aquilo, para o que tanto precisava no momento.

— Dante por favor... Está se destruindo.

Deixei a nota de lado e a encarei. Segurei seu queixo e me aproximei, dando a ela um beijo de tirar seu fôlego e quando nos separamos, olhou-me como se eu fosse um anel de brilhantes à sua frente.

— Saia daqui.

Depois de me encarar cheia de lágrimas nos olhos, ela ficou de pé e saiu do quarto, batendo a porta com força.

Voltei minha atenção para as duas linhas daquela maldita cura e segurei a nota entre meus dedos, não pensando duas vezes quando aproximei meu rosto e cheirei. Uma após a outra. Deixei de lado e me levantei, caminhei até a cama e cai de costas, esperando que fizesse seu efeito.

Minutos depois comecei a sentir.

A sensação era fulminante. O estado onírico no qual entrei me fazia, por alguns momentos, esquecer a realidade. Poderia fugir dos meus medos, do passado, de tudo o que me aguardava lá fora quando eu colocasse meu terno e saísse para brincar de Deus do mundo.

Minha cabeça ficou leve, as formas do quarto foram se desfazendo e conforme meu coração ia batendo mais rápido, os assuntos em minha mente foram dispersando, confundindo-me, me fazendo focar em nada e em tudo ao mesmo tempo.

Pouco depois Amira entrou no quarto e se sentou onde eu estava minutos antes, usufruiu daquilo que destruía não só a mim, mas a ela também, e logo depois subiu em cima de mim. Não demorou para que a euforia me deixasse excitado de novo. E com ela de quatro na minha frente, começamos tudo outra vez.



— Você vai almoçar em casa hoje?

Deixei a xícara de café em cima da pia e peguei o paletó no braço do sofá.

— Não.

Amira correu até onde eu estava, antes que eu abrisse a porta e começou a mexer na gravata. Ela sorriu, seus olhos ainda sob o efeito.

— Você nunca arruma direito, o que faria sem mim para deixá-lo bonito como um príncipe? — Terminou de dar o laço e levantou a mão, mostrando-me meu celular.

Peguei de sua mão e estreitei os olhos.

— O que está fazendo com meu telefone?

— Estava tocando sem parar, mas como você estava descansando, tomei a liberdade de desligar e...

— Você o quê?

Ela deu um passo para trás.

— Eu achei que...

— Você achou? Primeiro tomou a liberdade e depois achou? Vou te dizer uma coisa, não é porque frequenta a minha cama que tem alguma liberdade ou direito de achar, entendeu?

— É só uma ligação, Dante, talvez nem seja algo importante.

— Não me ligariam se não fosse. E não se esqueça, Amira, a hora que eu quiser te jogo de volta onde meu irmão te tirou. — Abri a porta e saí, sem nem me importar com o olhar magoado que jogou em mim.

Três soldados me esperavam quando saí do prédio, Juliano incluso.

— Senhor.

Quase rosnei quando liguei o celular e vi a quantidade de ligações perdidas.

— Está melhor para irmos até Lucca? — ele perguntou, me fazendo encará-lo de testa franzida.

— Melhor? Melhor de que?

— Nós subimos, e a senhorita Cardinale informou que o senhor não passava bem. Tivemos que recorrer a Lucca.

Fiz o possível para controlar meu temperamento na frente deles e também para não voltar ao apartamento e matar Amira.

— Porque não entraram?

— Ela não autorizou, senhor.

Dei um passo à frente, encarando Juliano, deixando-o ver todo meu descontentamento.

— É muito bom saber que uma mulher consegue te enrolar e impedi-lo de resolver os assuntos da *famiglia*. Uma merda terem feito meu irmão voltar só por isso.

— Não foi só por isso, senhor.

Caminhei em direção ao carro, com os três me seguindo, e entrei em um deles. Juliano entrou atrás do volante e logo estávamos em movimento.

— Então? — perguntei, lembrando-me de que na pressa de sair, não peguei nada do pó para levar comigo.

— Parece que a senhorita Bonucci... fugiu.

Eu fiquei estático no mesmo momento.

— O que disse?

Ele suspirou.

— Eu sei que é difícil acreditar, ainda não tenho os detalhes. Lucca está esperando com todos os capos e soldados para uma reunião, mas, ao que parece, ela deixou um bilhete em cima da cama essa manhã e conseguiu passar a perna em Cosmo.

Coloquei a mão no rosto, apoiando o cotovelo na porta do carro e puxei o ar lentamente.

— Por Bonucci, você diz Alessa? — era uma pergunta estúpida, mas eu precisava ter certeza.

— Sim, senhor. Ninguém acredita até agora. Ela sempre parecia tão contente fazendo as coisas da família, estava nos negócios, conhece praticamente todos os segredos. Até iniciada ela foi.

Ele não precisava dizer nada daquilo. Eu sabia muito bem que ela era a menina de ouro da *famiglia*. Não tão merecida de tanta honra e idolatria como todos pensavam, adorando o chão que a santa Alessa Bonucci pisava. E eu estava lá quando ela foi “iniciada”. Dezoito anos, decidida a querer estar na máfia por completo, segurou o santo na mão e aguentou as chamas enquanto ele queimava, depois repetiu as palavras sagradas de nossa promessa com a máfia.

Quem diria que sua protegida esperaria apenas ganhar confiança e iria partir.

Meu irmão provavelmente estava se sentindo com uma faca cravada em suas costas.



Horas depois ainda estávamos dentro de uma sala cheia de homens, tentando entender o que se passava. Meu irmão tentava ao máximo aparentar um controle que não tinha, e eu não estava com paciência para aquilo. As cinco famílias da Sicília reunidas para o mais novo problema que surgiu. Como se todos os outros já não bastassem.

— Essa mulher, senhores, não sairia sem um motivo. O bilhete é dela, o celular escondido, o registro no hotel e na pensão e o voo foram, sim, pistas falsas que ela deixou, mas sem um motivo? Não — Lucca afirmou.

— A questão é... as buscas por Alessa Bonucci iniciam hoje e não pararão até que ela volte.

— Também não acho que ela teria fugido apenas para trair a família — Graziano falou.

— E porque seria, então? — questionou Pablo.

— É bem óbvio para mim; conquistou a nossa confiança e quando teve a oportunidade, correu — Simone, venenoso como era, fez questão de dizer.

Leon o fuminou com o olhar.

— Minha filha não faria tal absurdo.

Simone, daquela vez, ficou de pé.

— Meu amigo, se me permite dizer... Com todo o respeito a você, Leon, sabemos que suas filhas... — Olhou para Lucca, dando-se conta do que disse e voltou atrás. — Sua filha, Anita, pode ter sido uma má influência para Alessa.

— Concordo — Ciro falou. — Nunca fui a favor dessa coisa de viajar e deixar o marido aqui, voltar anos depois como se nada tivesse acontecido.

— É um abuso — Éder concordou.

Simone novamente se pronunciou.

— Mesmo tendo motivos, o que eu firmemente acho que não... ela traiu a *famiglia*. E quando voltar, terá consequências.

“Estou grávida”.

Fechei os olhos quando sua voz veio alta, do nada, em minha cabeça.

Um motivo.

Os homens ainda falavam ao redor, mas de repente eu só conseguia pensar em nossa conversa de semanas atrás.

Um motivo.

Qual motivo?

Porque ela iria embora?

“Meses atrás nós transamos, não? Eu sinceramente tinha minhas dúvidas, não conseguia me lembrar de nada e ficava pensando: será que ele disse para tentar me enganar? Mas agora esse teste deu positivo, e eu só consigo pensar que sim, você estava falando muito sério!”

Pelo efeito da droga ou não, meu coração começou a bater mais rápido, mais forte.

“Olha... eu sei que você tem a sua vida, e eu realmente, realmente, não planejei isso, na verdade... nunca foi algo que almejei, por Deus, em que mundo eu conseguiria criar um bebê? Pelas contas, ele tem ou vai fazer quatro meses e eu estava pensando que... eu não sei, nós devemos pensar em uma solução e...”

Um motivo.

O ar parecia cada vez mais pesado dentro da sala apertada. Meu irmão cada vez mais impaciente, esbravejando ordens, homens tentando entender e adivinhar onde estaria a dedicada filha da *famiglia*. E enquanto eles gritavam, ela gritava na minha cabeça.

“Não houve mais ninguém.”

Eu fiquei de pé, incapaz de permanecer sentado. A compreensão do que tinha, de fato, acontecido bateu em meu rosto de maneira tão crua que quase cai para trás.

Alessa fugiu e, diferente do que os homens ao redor pensavam, não fora para trair a *famiglia*, fora para proteger o filho que carregava.

O filho que dizia ser meu.



— Preciso que você venha comigo e Luigi, temos que falar com aqueles amigos dela da associação. Preciso ir a alguns lugares que frequentava, mas nesses eu vou sozinho... — Suspirou, passando a mão pelos cabelos.

— Lucca, acalme-se.

— Me acalmar? Como quer que eu faça isso? Você não tem noção, Dante, não sabe tudo o que Alessa já passou. Ela é forte, sim, e muito cabeça firme, mas saber que está lá fora sem a nossa proteção...

Coloquei a mão em seu ombro, me sentindo o pior crápula que podia existir.

— Nós vamos encontrá-la, sempre resolvemos as coisas, não será diferente dessa vez.

Ele me encarou, assentindo, vendo que havia perdido o controle e tentava se firmar novamente.

De repente uma confusão de vozes começou mais à frente, e ele não demorou a ir até lá. Eu o segui.

Anita e Luigi haviam acabado de chegar. Mais cedo do que o planejado, já que iriam aparecer só de noite para um jantar, mas estavam lá e encaravam a todos sem entenderem nada.

Lucca se serviu de uma bebida e olhou para Abriela, que desmoronava de chorar, antes de encarar Anita.

— Sua irmã deixou uma carta dizendo que não podia mais ficar aqui. Então se vocês sabem de alguma coisa, digam agora.

— O que está dizendo?

Luigi se aproximou dela, segurando-a pelos ombros.

— Alessa foi embora — Lucca respondeu. — Eu vou caçá-la até o inferno e descobrir o que aconteceu, e Deus

tenha misericórdia de quem a fez fugir, porque eu não terei.
Jesus.

Estava sendo ameaçado pelo meu irmão e, em se tratando da atual situação, sabia que ele cumpriria sua promessa. Tudo dentro de mim gritava para dizer a verdade, o que realmente tinha acontecido que a fez partir. Mas não pude. Quebrei uma regra da *famiglia* seguida de outra quando a levei ao meu apartamento. Quando me deitei com ela e a engravidei, fui ainda mais além. As memórias daquela noite eram apenas flashes em minha cabeça, mas, ainda assim, eu estava ciente do que aconteceu. Só me forçava ao máximo para não pensar naquilo.

Abriela e minha mãe voltaram a soluçar, e eu não aguentei, no mesmo momento, desencostei da parede e comecei a caminhar em direção a porta.

— Tenho que ir.

Passei ao lado de Anita e a encarei uma última vez antes de sair. Por um segundo quase parei, o olhar derrotado, destruído quase me fez ficar e dizer a verdade, mas desviei antes que fizesse aquilo, fingi que não vi e saí batendo a porta.

Lá fora os soldados conversavam, planejavam e esperavam as próximas ordens. Observei tudo aquilo, um vento frio bateu no meu rosto e comecei a andar. Sem rumo, sem ter para onde ir.

Eu fodi tudo, profundamente e sem ter como voltar atrás.

PARTE 2



DIAS ATUAIS

“Eu nunca me preocupei com o conceito de inferno, mas se existe, eu estou nele”

Joker



CAPÍTULO 12



*“Romeu e Julieta
Estão juntos na eternidade
Venha querida, pegue a minha mão
Seremos capazes de voar”*

Denmark & Winter – Don’t fear the reaper

ALESSA BONUCCI

Instalar-me na nova cidade não foi fácil. Na verdade, no novo país.

Saí da Itália sabendo qual seria o meu destino se ficasse, e, diante disso, precisava ir para o pior lugar possível. Claramente cogitei países onde nossos inimigos estavam, afinal, eu entraria sozinha e sem chamar atenção, mas a *famiglia* não teria como passar com a mesma descrição.

De todos os lugares pelos quais pensei, o mais certo de que as chances para me encontrarem seriam praticamente nulas foi a Rússia. Então não perdi tempo em ir para lá.

A viagem durou horas e a cada minuto presa dentro daquele avião, eu temia que alguém estivesse me esperando quando desembarcasse. O que, felizmente, não aconteceu. Segui meu plano estrategicamente, tirei a peruca e a lente, descartando-as logo depois e me livrei dos documentos com os quais embarquei também. Dentro da bolsa havia mais uma identidade, outro passaporte e outra carteira de motorista, que seria o que eu usaria dali para frente.

Aluguei um carro, fui ao primeiro banco que encontrei e retirei meu dinheiro assim como havia planejado. Após isso, segui viagem. Minhas pesquisas me levaram até uma pequena cidade chamada Verkhoiansk, no sudoeste da região, e só de saber que ficava perto do círculo polar ártico imaginei que fosse frio, mas, ao chegar lá, era congelante. Decepcionei-me, pois a população era por volta de 1.400 habitantes, quase uma cidade fantasma, perfeito para me esconder. Eu mal conseguia respirar, estava tão acostumada com o clima na Itália que por um momento me desesperei.

Mas então respirei fundo, sabendo que precisava me concentrar e achar um lugar para dormir, pois mesmo diante da preocupação, eu tinha que dormir. Viajei por mais algumas horas, parando apenas quando encontrei uma outra pequena cidade. A placa dizendo: “Bem-vindo a Bronnitsy, 21.000 habitantes”, me chamou atenção.

Não era uma cidade abandonada, mas minha única opção naquele momento.

Instalei-me em um quarto de hotel naquela noite e no dia seguinte levantei cedo, em busca de descobrir onde ficaria. Rodar por vários lugares não era o meu plano. Eu queria

me estabelecer. De preferência em um lugar calmo, esperar meu filho nascer e descobrir dia após dia qual passo dar.

A primeira semana naquele lugar foi uma experiência. Descobri que mesmo que o número na placa fosse consideravelmente alto para quem queria tranquilidade, a cidade era muito familiar. Do tipo onde todos se conheciam; as amizades que você fazia na única escola local seriam as que você conheceria a vida toda se permanecesse.

Conseguir alugar uma casa não foi difícil. Um quarto simples, pois seríamos apenas eu e meu filho, que dormiria comigo quando nascesse, um banheiro confortável, uma sala junto à cozinha e uma varanda pequena virada para a rua estreita à frente. Próximo da casa havia um mercado pequeno, loja de ferramentas bem perto e um hospital no “centro” da cidade. Centro esse que, andando, seria uma caminhada de apenas vinte minutos.

Era mais do que o suficiente para mim.

Nunca tinha vivido de forma tão simples, mas aos poucos me acostumei.

O médico da cidade, que, no início fora uma das minhas preocupações, pois eu não sabia se encontraria um obstetra, era um morador antigo e praticamente todos o conheciam. Meu bebê e eu começamos o acompanhamento duas semanas após eu me instalar e, até então, ele estava bem.

Ele.

Quando estávamos quase indo para o sétimo mês, seu berço azul com lençóis de pinguim já o esperava ao lado da minha cama.

O meu pequeno grande Axel. O nome era perfeito para ele. Líder guerreiro, arma de guerra, heroico. Era exatamente o que ele representava para mim, meu milagre. Depois de tudo o que me foi feito ainda na infância durante 5 anos, ter conseguido engravidar e ainda “de primeira” foi como o médico disse, uma onda de sorte dentro de um oceano de azar.

Depois dos cinco meses, comecei a sentir todos os sintomas que deveria ter sentido no início. O doutor também alegou ser normal, nada para me preocupar, receitou vitaminas e me orientou em tudo. Eu seguia cada detalhe.

Meu filho me trazia paz. A única parte ruim além da constante paranoia de que seria encontrada, era a ausência dos remédios. Dormir era terrível, conversei com o médico mais uma vez, expliquei a ele que tinha problemas para dormir, mas não queria tomar nenhum remédio, mesmo que ele insistisse que não afetaria Axel. Não colocaria meu filho em risco apesar da palavra dele.

Então minha única escolha era ficar acordada até a exaustão me pegar; acabava dormindo vencida pelo cansaço e nem sonhava. Raras vezes acontecia, mas nada comparado a antes.

As pessoas na cidade aos poucos iam me conhecendo. Nos primeiros dias fiquei em casa, com medo demais de sair, mas como em toda cidade pequena, os vizinhos começaram a aparecer.

Convite para festinhas de criança, para almoçar, para uma caminhada. Eu entendia que eles queriam me incluir em suas festividades e, além de tudo, ter uma estranha na cidade não era confortável para ninguém, então eu

aceitava os convites. Mantive-me longe o suficiente para não criar laços com ninguém, mas era simpática.

Assim nasceu Vanessa Anderson. Uma cidadã americana, nascida na Filadélfia, de 26 anos, viúva e esperando o primeiro filho. A história da viuvez era simples. Perdi meu marido em um acidente no trabalho dele e não tinha família desde muito nova. Aquela farsa não seria estranha para ninguém. Explicaria eu ter me mudado repentinamente para tão longe, para um lugar tão pequeno e ser tão “na minha”.

A cada dia, conforme o tempo passava, eu sentia falta de minhas irmãs. O que me consolava era que, graças a Deus, elas teriam uma a outra para se apoiarem.

Cada noite eu rezava para que eles não me encontrassem, estava certa de que não deixei nenhum rastro, mas conhecia os esquemas da *famiglia* e sabia que não desistiriam enquanto não me encontrassem. Pedi a Deus que o processo de Lucca não tivesse sido concretizado e que ficasse bem.

Naquela tranquilidade, Axel crescia mais e mais. Aos oito meses era o motivo de toda a minha felicidade.

Enquanto isso, os dias iam passando.

As semanas ficavam para trás.

E os meses avançavam.

Aos poucos fui ficando mais tranquila e eventualmente comecei a viver. Sempre olhando para trás, mas já respirava.



ANITA DEROSI

SICÍLIA – ITÁLIA

08 MESES APÓS A FUGA

Passei a mão pela cabeça de Rafaela e observei Elena deitada do lado de sua irmã. Luigi, na beirada da cama, tinha o dedo na mãozinha dela, que dormia tranquilamente ao lado do pai.

Descobrir as gêmeas não foi fácil, eu chorei descontroladamente e tudo o que precisava era que o meu marido me abraçasse e dissesse que tudo ficaria bem. Mas como se ao olhar para o lado, só tive tempo de vê-lo caindo. Sim, o coração quase não aguentou ao saber que, além do número dois, seriam meninas e desmaiou.

Ele ficou durante semanas em um drama eterno, pedindo perdão por todas as virgindades que tinha tirado, todos os corações que quebrou e todas as vezes que transou fora do casamento. Era hilário, e sua resposta para mim era sempre a mesma.

— Talvez se eu pedir perdão o suficiente, Deus faça com que elas não sejam tão bonitas como você, e eu não precise matar um garoto a cada esquina.

No início, pensei que ele não gostaria pelo fato de não ter sido um menino, ou dois meninos, mas era impossível não ver o amor em seus olhos quando segurou nossas meninas pela primeira vez. Ele chorou, eu chorei, Ella chorou e até mesmo Lucca ficou balançado.

Após o nascimento, Giorgia ficou em casa nas primeiras semanas, mas com o tempo nós dois pegamos o jeito. É claro que foi impossível manter minha sogra longe das

duas princesinhas. Thom foi outro problema, sempre dizendo que estava contente por ter netos, mas que preferia que fossem meninos, ou pelo menos um menino. Foi um dos motivos pelo qual eu o expulsei em uma noite em que estava estressada demais.

Joguei uma xícara de café em sua direção e proibi sua entrada em nossa casa.

Meu pai gostava de ir vê-las. Não nos falávamos, ele ia apenas para ver as netas e saía minutos depois. Não que eu fizesse questão de sua presença.

A única coisa que doía ao olhar para as minhas filhas era saber que no lugar das duas um dia fomos eu e minha Alessa.

Mesmo após meses, ainda tinha a egoísta esperança de que ela voltaria para casa. Chorava sem parar sempre que via uma foto nossa ou pensava nela, e quando Ella me visitava, era impossível não cairmos nas lágrimas juntas.

Eu nem tive a chance de lhe dizer que estava grávida. Ela teria ficado tão feliz. Da primeira vez me repreendeu pela forma como recebi o bebê, mas não deixou de estar ao meu lado; eu sabia que se tivesse ficado, estaria lá naquele momento também.

Com apenas alguns meses as duas eram a luz da casa.

Elena era um bebê muito calmo. Tudo bem que às vezes eu sentia que me odiava e amava apenas Luigi, pois era só o pai pegá-la no colo que qualquer choro acalmava e seu rosto se enchia de sorrisos. Ao contrário de Rafaela, que fazia de tudo para ficar no meu colo e era um bebê extremamente birrento e barulhento.

Luigi abriu os olhos, e sua atenção foi direto para mim. Ele sorriu e passou a mão livre pelo meu rosto, bem acima da cicatriz há muito tempo esquecida.

— Quer que eu as leve para o quarto? — sussurrou.

Apenas balancei a cabeça e dei um beijo em sua mão, que ainda repousava em minha pele.

Ele fechou os olhos novamente e suspirou.

— Eu te amo, amor.

Respirei profundamente, aproveitando o único pedaço de felicidade que ainda tinha em minha vida e fechei os olhos também.

— Eu te amo mais.



ABRIELA DeROSSI

Sicília – Itália

NAQUELA MESMA NOITE

Entrei no escritório de Lucca, vendo Tony brincando no tapete em frente à sua mesa e meu marido concentrado em alguns papéis. Aproximei-me, passei os braços por seus ombros atrás dele e beijei sua bochecha.

— Muito ocupado?

Ele suspirou.

— Pensando.

— Em quê?

— Em tudo e em nada. Estou preocupado.

No meio dos papéis que ele revisava havia uma foto antiga, onde estávamos eu e minhas irmãs. Alessa no meio, com os olhos fechados, enquanto eu e Anita lhe dávamos um beijo de cada lado. Meu coração se apertou ao ver.

— Nada ainda?

— Ainda vasculhando os aeroportos.

Assenti em silêncio.

— Você acha que ainda... que ainda há alguma chance?

Ele deixou os papéis de lado e virou-se para mim, dando-me toda a sinceridade daqueles olhos que eu amava tanto.

— Eu vou encontrá-la, vai demorar, mas vou.

Sorri forçado e selei nossos lábios.

— Confio em você.

De alguma forma Alessa conseguira documentos falsos, mas cada pessoa que a *famiglia* conhecia que fazia aquele tipo de serviço negou ter realizado o trabalho, deixando como nossa única opção os aeroportos da Itália.

Era uma missão quase impossível, mas eles estavam vendo e revendo câmeras de segurança, documentação de pessoas que saíram do país mais ou menos no horário em que ela fugiu e buscando informações de todos os lados. Mas parecia que nada era suficiente, Alessa teve a vantagem de conhecer a forma como a *famiglia* trabalhava, e ela não seria ingênua de entrar em contato conosco, que era a única forma de encontrá-la.

Ou seja, estávamos no escuro. Eu relutava comigo mesma entre perder as esperanças ou mantê-las vivas. Por vezes senti raiva, quis odiá-la, mas como poderia? Ela era

a minha Alessa. A melhor pessoa, com o melhor coração e a alma mais bonita. Como poderia julgá-la sem saber seus motivos, suas razões?

— Papa? — meu bebê perguntou em meio a um bocejo.

— Oi, meu filho.

Tony levantou-se do chão, deixou os brinquedos de lado e coçou os olhos, estendendo os braços para Lucca.

Meu marido o pegou e assim que pousou no colo do pai, Antony fechou os olhos e deixou sua cabeça descansar no ombro dele.

Lucca segurou a minha outra mão e deu um beijo na mesma.

— Eu te amo, *bella*.

Assenti, segurando a foto de nós três juntas mais forte e encostei em seu peito, sentindo seus braços me apertarem.

— Eu amo você — sussurrei de volta.



CAPÍTULO 13



*“Eu costumava ver beleza nas pessoas
Mas agora eu só vejo músculos e ossos
Você sabe que eu nunca quis te machucar
Mas me desculpe, este é o fim
É um mundo cruel”*

Phantogram – Cruel world

LUCCA DEROSI

01 ANO APÓS A FUGA

— Qual a razão de tal urgência? — Luigi perguntou assim que ele e Dante entraram em meu escritório naquela manhã.

Havia acordado com uma notícia que ao mesmo tempo que me deixou feliz, colocou-me numa encruzilhada. Não sabia se me sentia aliviado ou mais preocupado do que já estava.

— Não me diga que estava com saudades? — fez graça, sorriu e sentou-se na cadeira em frente à minha

mesa.

Dante se sentou na outra, esperando que eu começasse a falar.

Dei a meu irmão mais novo um olhar impaciente e joguei na ponta da mesa o relatório que havia recebido. Ele sorriu e piscou para mim antes de pegar.

Eu suspirei. Maldita hora que fui ouvir a louca da esposa dele. Havia chamado-o para jantar dias depois que voltaram de viagem. Não foi preciso dizer nada, e ele entendeu que meu período de irritação havia passado.

— Não acredito — comentou, e Dante, já sem paciência, tomou de sua mão.

Esperei que os dois dessem uma olhada e me dissessem alguma coisa.

— Vanessa Anderson? Sério? E ela não podia ter ido para, sei lá... Índia, Londres ou...

— Pare de palhaçada — repreendi.

Luigi deu de ombros.

— Falo sério! Meu ego está profundamente ferido, fomos trocados pelos russos.

Resolvi ignorá-lo e fitei Dante. Ele ainda lia as informações e parecia não terminar nunca.

— Como conseguiu?

— Parece que a curiosidade finalmente a venceu, e ela foi até uma lanhouse na cidade vizinha pesquisar por nós na internet.

Luigi riu e estalou os dedos da mão, seguido do pescoço, então ficou de pé.

— Bem... eu vou para a minha casa, me despedir devidamente das minhas meninas, e aguardo as coordenadas de quando vamos viajar.

— Luigi, não diga nada a Anita.

Ele piscou e saiu assobiando.

— Você vai continuar olhando essas folhas ou o quê?

Dante jogou o envelope na minha mesa e recostou-se na cadeira.

— Você vai buscá-la?

Levantei uma sobancelha.

— Nós vamos buscá-la.

— Entrar no interior da Rússia... pois bem.

— Com medo de não voltar, irmãozinho?

Ele deu de ombros.

— Não tenho nada a perder.

Eu fiquei de pé e caminhei até a estante, servindo a nós dois uma dose.

— Mal acredito que depois de um ano vou poder vê-la de frente e perguntar porque fez isso.

Ele aceitou o copo e girou o líquido dentro, ficando de pé também.

— Ouça, Lucca... há algo... importante que você deve saber antes de ir.

— Antes de irmos — corriji.

Ele deixou o copo na mesa sem beber e coçou a testa.

— Depois do que vou dizer, você provavelmente não vai querer que eu vá junto.

Franzi a testa e o encarei.

— Diga-me, e eu decido se quero ou não.

Ele olhou para baixo e balançou a cabeça, fitando-me momentos depois, sem qualquer expressão no rosto.

— Alessa fugiu por minha causa.

Inclinei a cabeça para o lado, descartando o copo vazio.

— O que disse?

Ele respirou fundo.

— O que você ouviu, fugiu porque estava grávida.

— E como é que você sabe disso e eu não?

— Ela me contou semanas antes de ir.

— Porque não me falou nada?

Ele se calou por um momento antes de falar.

— Ela disse que a criança era minha, e eu rejeitei.

— Alguma chance de ser? — perguntei. Não por achar que Alessa mentiria, mas me agarrando à esperança de que meu irmão não faria aquilo. Não com ela.

— Dado o fato de termos feito sexo e ambos estarem bêbados o suficiente para não pensar em proteção, sim.

— E você rejeitou — afirmei.

— Sim.

— Porquê?

— Não acreditei quando me disse.

Eu sorri sombriamente.

— Está me dizendo que eu passei todo esse tempo procurando o culpado, o motivo e até mesmo achando que tinha feito algo, quando ela foi embora porque você quebrou uma regra?

— É isso — respondeu momentos depois.

— Porque não acreditou nela?

Ele testava a minha paciência com aquele rosto cínico, a voz controlada e a fala firme. Eu estava quase tendo um colapso, me segurando por um fio, e era tudo o que tinha para me dizer?

— Eu estava duvidoso! Como ia saber que era realmente meu?

O fio rompeu, e perdi a cabeça.

— ELA JAMAIS MENTIRIA SOBRE ISSO! — gritei.

Ele bufou.

— Sua amizade, seu caso ou seja lá o que você tem com ela, atrapalha o seu juízo. Ela não é tão santa como você pensa.

Eu me transformei em gelo. Meu corpo ficou tenso. Senti uma fome assassina e deixei de ver meu irmão para enxergar um traidor. Usei toda a minha força para me controlar.

— Não fale coisas das quais não sabe nada.

— Não sei? Eu me deitei com ela, irmão, e ela não era nem virgem — falou, fazendo pouco caso e foi o fim para mim.

Avancei sobre ele, batendo meu punho do lado direito e o esquerdo logo em seguida, deixando-o vacilante para trás. Recuei dois passos e tirei o paletó, arregacei as mangas da camisa e o segurei pelo colarinho.

— Sua punição é aguentar a dor que vou causar a você.

— Lucca? — Seu rosto estava cheio de confusão.

Subi minhas mãos por seu pescoço e apertei. Meu polegar pressionando diretamente a veia. Ele segurou em meus braços.

— O que está... fazendo? — perguntou na voz fraca.

— Tire as mãos de mim. Eu sou seu capo, não me questione.

A contragosto e tentando respirar contra o meu aperto, ele abaixou as mãos e me encarou. Os seus olhos direto nos meus. Ele não entendia o que havia feito, não tinha a menor noção do quanto se arrependeria daquelas palavras se soubesse o real motivo de ela não ser virgem.

Fechei os olhos antes de abri-los minutos depois e com toda a raiva contida durante um ano, aguardando ansiosamente poder derramar o sangue de quem a havia levado para longe de casa, desferi em meu próprio irmão, meu companheiro de vida, socos violentos, sentindo sua pele rasgar sob meus dedos, minhas unhas sujas com seu sangue e os olhos dele quase fecharem em exaustão, com dor.

Soltei-o e observei quando, sem nenhuma força para ficar de pé, caiu no chão.

Peguei uma das facas que ficavam penduradas na parede, abaixei ao seu lado, segurei sua cabeça, e olhei em seus olhos.

— Em cima do seu coração. Onde deveria estar sua honra e a lembrança constante da nossa promessa. E, acima de tudo, lembrar que ela é uma irmã para mim. Não deveria tê-la tocado, Dante, jamais.

Puxei a camisa, rasgando-a e expondo-o. Ele engasgou quando forcei a lâmina em sua pele, começando a esculpir um “T” de traidor. Ele cerrou os dentes e agarrou meu braço, aceitando a condenação que eu lhe dava. Aceitando a marca que eu tatuava a sangue e ódio para sempre.

Quando terminei, joguei a faca de lado e fiquei de pé, olhando-o de cima, lembrando-o quem era seu superior. A quem ele deveria obedecer. Mostrava a meu próprio irmão que mesmo tendo um cargo ao meu lado, ainda estava abaixo de mim. As regras eram da *famiglia*, mas ele quebrou uma que eu não tinha certeza se poderia perdoar.

Dei-lhe as costas e passei as mãos pelo cabelo. Meu próprio sangue falhou com ela. Eu prometi que a protegeria enquanto vivesse e falhei bem debaixo do meu nariz.

Imediatamente me veio à cabeça lembranças de uma noite obscura, anos atrás. Uma noite que, por mais que quisesse, jamais iria esquecer.



LUCCA DEROSI

MILÃO – ITÁLIA

ANOS ATRÁS

Adentrei o salão luxuoso escuro, com Juliano às minhas costas e nós dois com um único foco: Encontrá-la e tira-la de lá. Caminhei calmamente pelo lugar, passos controlados para que não se assustasse quando me visse.

Sua escapada irresponsável da Sicília para outra cidade teria castigo. Eu estava ficando mole demais. Era o quê agora? Uma babá?

Continuei buscando, meus olhos numa única missão. E quando finalmente a encontrei, minha boca quase foi ao chão. Ela estava pendurada de cabeça para baixo, suas mãos apoiadas no chão, os cabelos caindo para baixo roçando os dedos. Lágrimas escorrendo e molhando sua

testa. Foi preciso que Juliano me chamasse para eu despertar do choque, mas parei novamente quando ela gritou. Então eu vi um homem atrás dela lhe batendo com uma espécie de chicote e, logo depois, virou uma vela, deixando que a cera pingasse em sua intimidade.

— Senhor? — meu soldado chamou novamente, e eu avancei.

Empurrei o responsável por aquela bizarrice e me perguntei onde diabos ela tinha tirado a ideia de querer se aventurar em submissão. Era uma criança, o que sabia sobre aquilo?

Mas assim que peguei suas mãos e apoiei meu braço em suas costas para segura-la, ela gritou.

— Merda, Lucca! — Juliano resmungou antes de cortar a corda que segurava o pé dela. Desci suas pernas para o chão e a inspecionei. Meu soldado me entregou a toalha de uma das mesas, pequena, mas o suficiente para cobri-la de olhares. De mais olhares.

Quando levantei o braço para pegá-la de forma mais jeitosa, parei ao olhar a manga do terno cinza. Tinha sangue.

Respirando fundo e me preparando para o que poderia ver, encarei suas costas. O homem fizera um estrago. Ela tinha cortes nas costas, braços e barriga. Até suas pernas tinham alguns vergões, alguns com pingos de sangue e só consegui ver claramente quando chegamos ao quarto mais próximo.

Coloquei-a na cama e tirei o cabelo de seu rosto.

— Menina tola, porque fez isso?

Ela empurrou meu braço, resmungando de dor, e se afastou de mim.

— Já tenho 17 anos! Posso fazer o que quiser!

— Não enquanto eu estiver vivo. — Busquei pelo lugar alguma roupa para cobri-la, mas não encontrei, tirei meu terno e deixei que colocasse.

Dezessete anos. Jovem. Muito jovem para estar naquele lugar e muito nova para passar por tudo o que passou.

Conforme as lágrimas iam escapando de seus olhos, o borrado da maquiagem preta escorria junto. Ela soltou um soluço.

— Eu estou tão arrependida, Lucca, por favor me desculpe... Não sei o que está acontecendo comigo...

Sentei-me ao seu lado e puxei sua cabeça para o meu ombro. Seus dedos se agarraram à minha camisa enquanto ela chorava mais e mais forte. Eu entendia. Ela estava buscando algum modo de lidar com o que passou agora que estava acabado.

Juliano apareceu na porta, esperando novas ordens, e baixou a cabeça, evitando olhá-la, exposta como estava.

— Nós sairemos em um minuto — avisei e ele se retirou, fechando a porta.

Deixei que ela desabasse por mais uns minutos e me afastei.

— Vou cuidar dos responsáveis por terem te machucado, não se preocupe.

Seus olhos arregalaram.

— O quê? Não! Eu pedi que fizessem isso, eu...

— Pedi que te pendurassem e machucassem você?

Ela abaixou a cabeça, envergonhada.

— Eu preciso disso... Não há outra forma, eu tentei, juro que tentei... mas estou amaldiçoada!

— Não há maldição alguma, pare de dizer essas coisas — ordenei.

Eu não precisava colocar mais culpa em seus ombros, mas garantiria que todos os envolvidos por seus ferimentos daquela noite sofressem e implorassem para que eu acabasse com suas vidas.

— Eles fizeram muitas coisas comigo, vários deles, mas nada que eu não tenha pedido. — E assim novamente os soluços começaram. — Eu sou exatamente o que ele dizia, mesmo morto ele está aqui... mesmo enterrado eu ainda sinto como se precisasse da dor... eu quero... oh meu Deus...

Eu a segurei novamente, deixando que ela fosse cuidada pela primeira vez em sua vida. Só não imaginei a ligação que nasceria de tudo aquilo.

Eu mataria por ela.

Se pelo menos aquela tivesse sido a única vez em que ela encontrou refúgio daquele jeito...



CAPÍTULO 14



*“Certamente que a bondade e a misericórdia
irão me acompanhar todos os dias da minha vida
Eu caminho longe das águas tranquilas
e elas restauram a minha alma
Eu não posso andar no caminho dos certos
pois eu estou errado”*

Shawn James – Through the valley

ALESSA BONUCCI

01 ANO E 03 MESES APÓS A FUGA

O dia amanheceu ensolarado, perfeito para sair e dar um passeio como nós gostávamos de fazer. Eu tomei um rápido banho, ciente que Ax acordaria a qualquer momento, e quando fui até seu berço, lá estava ele. Brincava com sua chupeta, os olhos intensamente azuis arregalados e assim que me viu, um sorriso com apenas quatro dentinhos surgiu em seu rosto.

Eu não resisti e o peguei. Na verdade, nunca resistia a ele. Passei a mão por seus cabelos loiros e o levei até o banheiro, enquanto ele me enchia de baba em sua tentativa de dar beijos.

Axel me arrancava os maiores sorrisos, as mais gostosas gargalhadas e me tirava do eixo à base de suspiros.

Ele não tinha nada de mim em sua aparência e não era uma opinião só minha. Todos os nossos conhecidos, por pensarem que eu tivera um casamento feliz e um suposto marido, diziam que o bebê deveria parecer o pai, pois não tinha nem mesmo uma pinta minha. Por mais que eu quisesse, não podia negar que era verdade. Os olhos iguais e o cabelo idêntico eram apenas o começo das semelhanças. E enquanto aquela pequena criança me trazia tanta felicidade, o homem que apenas por sangue estava ligado a ele quase me destruiu.

Depois de dar banho nele, vesti-o com um macacão verde água, mas mudei para um azul, pois queria que combinasse com aqueles olhinhos tão lindos. Axel era um bebê extremamente calmo e risonho. Só perdia a paciência mesmo quando estava com fome, o que foi uma coisa que acabei descobrindo ser uma das melhores na maternidade.

Eu realmente me sentia ligada a ele cada vez que o amamentava, com sua mãozinha gorda segurando meu dedo. Era uma verdadeira dádiva.

Peguei a bolsa dele e enfiei algumas notas no bolso do meu vestido, assim rumamos ao nosso passeio do dia.

Conforme íamos passando pelos lugares, as pessoas nos davam bom dia e paravam para conversar. Meu filho

era a sensação do bairro, brincando e sorrindo para quem quer que fosse.

Ele olhava tudo cheio de curiosidade, balançando seus pés e me olhando cada vez que eu dizia algo. Era a nossa própria conversa particular.

— Ei, Vanessa! Não me ouviu chamar? — Denis, um rapaz da cidade, me parou após eu atravessar a avenida.

— Não, desculpe, estava distraída. Oi.

— Você olhou para mim — comentou rindo.

— Oh, desculpe mesmo, Ax tinha toda a minha atenção.
— Escapei como sempre. Mesmo com o tempo era difícil me acostumar a ser chamada por outro nome quando passei a vida toda sendo chamada de um só. Era comum que acontecesse; na maioria das vezes eu acabava deixando as pessoas falando sozinhas.

Denis sorriu para Axel.

— Eu entendo. — Passou a mão pela cabeça do bebê, fazendo meu filho dar risada. — Se esse garotão fosse meu, eu também estaria monopolizado.

Sorri forçado e fiz menção de voltar a andar.

— Bem, então até mais, Denis.

Dei dois passos antes que ele começasse a caminhar lado a lado comigo.

— Eu estava pensando...

Segurei-me para não revirar os olhos e sair correndo. Conheci Denis com 3 meses de estadia na cidade, ele era o dono da loja de ferramentas. Certo dia, precisei comprar algumas fechaduras extras para a porta e acabei conhecendo-o.

Pensei que fosse outro morador qualquer da cidade descobri por parte de algumas vizinhas que insistiam em bater papo quase o dia todo, que aquela era apenas uma das lojas. Ele não morava na cidade, ia pra lá de vez em quando, para ver como andavam os negócios e visitar a tia. Menino estudado, solteiro, jovem, bem-sucedido e aquele clichê todo. Não demorou até ele aparecer na porta da minha casa com um buque de flores me convidando para jantar.

Eu usava um vestido colado no dia e fiz questão de ao dizer não colocar a mão sobre o bebê, deixando bem claro que não tinha qualquer intenção de sair com ele ou outro cara.

Mas ao ver meu gesto ele sorriu, esperou que eu segurasse as flores e se despediu com um “Volto amanhã para tentar de novo”. A primeira coisa que fiz ao fechar a porta foi jogar o buque fora e me tranquilizei, sabendo que não voltaria. Estava enganada, ele voltou e só parou quando eu disse “Sim”. Nós jantamos em um dos dois únicos restaurantes da cidade, ele falou a noite toda e eu fiz pequenos comentários quando necessário.

Sabia que em algum lugar da minha mente estava tentando usar um para esquecer o outro.

Sim. Porque o “pai” do meu filho se tornou uma sombra constante. Em meus pesadelos, pensamentos e cada vez que estava distraída, pegava-me pensando nele.

Sabia que se não estivesse grávida teria ido pra cama com Denis naquela noite mesmo. Mas não fui, voltei para casa sozinha e, ao entrar, pensava nele de novo.

Ter feito sexo com Dante não foi um choque para mim. Até meus 15 anos tive apenas um homem, mas quando me

vi livre dele, dos 16 aos 20, tive tantos que impressionaria até mesmo algumas prostitutas da família.

Cada um lidava com traumas e lembranças do seu jeito, o meu foi deixar que quem me quisesse me tivesse e, se não me queriam, eu fazia com que mudassem de ideia. Às vezes bêbada, as vezes sã, as vezes irritada, outras me sentia até alegre demais. Mas, no fim, eu terminava sempre do mesmo jeito: com alguém dentro de mim, me lembrando o quão suja eu era.

Denis tentou puxar assunto enquanto andávamos pelas ruas, mas eu dizia o mínimo, como sempre.

Eu o encarei quando ficamos em silêncio tempo demais. Ele passou a língua pelos lábios, não tentando chamar a minha atenção, mas de nervoso. Já o havia rejeitado tantas vezes que estava até com medo de me chamar para sair.

— Porque não vai até a minha casa esta noite? — perguntei, pegando-o completamente de surpresa.

Ele abriu a boca e fechou, então abriu de novo.

— Claro! É... umas oito?

— Que tal depois da uma? Axel já vai estar dormindo.

Ele arregalou os olhos, entendendo o que eu queria dizer, e assentiu.

— Certo, hum... levo algo para comermos?

— Leve apenas você. Até mais tarde, Denis.

Voltei a andar, dei um beijo na cabeça de Ax e segui para o parque. Estava bem ciente dos olhos de Denis sobre mim enquanto eu ainda estava à vista.

— Que tal ir ver as crianças brincarem, meu amor?



Horas depois, levantei-me da grama do parque. Meu filho coçava os olhos com o cansaço das brincadeiras, e eu segurei suas mãozinhas, deixando que ele fosse caminhando em pequenos passos até uma curta distância, depois o peguei no colo.

O caminho para casa foi rápido, passei no mercado para pegar mais chá, o que eu tinha descoberto ser ótimo para me ajudar a dormir, e seguimos.

Na hora do almoço, dei a ele purê de batata e legumes, que graças a Deus ele adorava, e passamos a tarde brincando. Ora ele queria pular, ora engatinhava pela casa toda, e eu tentava limpar tudo e manter um olho nele ao mesmo tempo. Eventualmente consegui deixá-lo entretido com um desenho que passava na televisão. Ele estava sentado no tapete, com seus brinquedos ao redor, e batia um martelinho de plástico no chão, o rosto franzido em concentração e a cabeça inclinada para o lado, vendo os animais dançarem na tela.

Eu não aguentei, deixei a vassoura de lado e o peguei, deitando-o no sofá e o enchendo de beijos. Sua risada gostosa preencheu o ar. Ele sentou-se na minha barriga e colocou as duas mãozinhas no meu rosto, pulando em cima de mim.

— Ai, bebê! — resmunguei, rindo.

Ele riu mais ainda e se jogou em um abraço em cima de mim, resmungando enquanto buscava meu peito. E nós ficamos lá, deitados. Eu passava a mão em suas costas e em seu cabelo, e ele se alimentava.

Envolvi meus braços em torno dele e respirei fundo, sentindo seu cheiro e agradecendo mais uma vez a Deus

por tudo ter dado certo. Eu tinha meu mundo todo nas mãos.



— Agora você fica aqui que a mamãe vai tomar banho, está bem?

Axel riu para mim, sem entender nada do que eu dizia, e concentrou sua atenção no pianinho de brinquedo colorido.

Dei uma última olhada nele e corri para o chuveiro. O barulho do brinquedo o manteria ocupado por um tempo, mas logo perderia o interesse e eu teria que estar lá fora. A porta aberta denunciava as musiquinhas de cada tecla apertada e enquanto isso eu lavei o cabelo, aproveitando para relaxar.

Por um momento pensei se tinha feito certo em chamar Denis para ir me visitar. Não queria ser aquelas mães que deixavam o filho de lado para cair nos braços de qualquer homem, mas eu já estava ficando louca e precisava me distrair. E, acima disso, eu era mãe, mas continuava sendo mulher, minhas necessidades, mesmo apesar de tudo, ainda eram as mesmas e estavam muito vivas.

Eu queria sentir um pouco.

De repente reparei que Axel já não brincava mais e enxaguei o cabelo, precisava voltar, dar comida a ele e colocá-lo para dormir. No dia seguinte teríamos a festa de uma garotinha para ir, a mãe era uma colega minha e nos convidou. Ax adorava festas, e eu queria que ele estivesse com bastante energia para brincar e interagir com outras crianças.

Desliguei o chuveiro e sai do box, vesti o roupão e o amarrei. Peguei uma outra toalha e passei pelo meu cabelo enquanto saía.

— Você foi rápido dessa vez, meu amor, mamãe mal terminou de lavar o cabelo — comentei de cabeça baixa, enrolando a toalha nos fios e quando levantei o mundo parou.

Se fosse apenas a visão de Lucca, Simone, Luigi e mais dois soldados, eu teria desmaiado. Mas Luigi segurava Ax, que parecia totalmente alheio ao redor, encarando o tio.

O olhar de Lucca em minha direção era congelante. Se fossem armas, eu seria um alvo, uma vítima fatal. A consciência do que ele poderia estar pensando de mim me atingiu em cheio. Simone me encarava com superioridade, como sempre estreitando seu olhar venenoso sobre mim. E Luigi tinha um sorriso irônico, ameaçador, enquanto me observava.

Passando por cima do medo avassalador do que aconteceria, dei um passo à frente. Só queria ter meu filho nos braços e faria qualquer coisa que mandassem. Mas, assim como eu, os soldados avançaram também, e eu parei no lugar. Eles fizeram o mesmo.

— A brincadeira acabou — Simone foi o primeiro a falar. Eu tinha me esquecido de como era insuportável estar no mesmo cômodo que ele.

Perguntei-me porque o terceiro irmão não tinha ido junto. Talvez estivesse nos esperando para dar meu castigo, para me humilhar mais uma vez.

— Me dê o meu filho.

Simone bufou.

— Acho que você não entendeu, garota, a época em que você ditava algo acabou, se algum dia pegar o bastardo mais uma vez será porque nós queremos e não porque você quer.

Fiquei furiosa.

— Ele tem um nome, não o chame de bastardo.

Ele deu um passo à frente.

— Não me desrespeite ou eu...

— Simone — Lucca se manifestou pela primeira vez, os olhos ainda fixos em mim.

— Não vou permitir que ela nos falte mais ainda com respeito, Lucca, pode deixar que cuide disso.

Lucca desviou de mim para ele.

— Deixe-me lembrá-lo de que veio unicamente porque o subchefe está impossibilitado.

— É isso aí, garotão, não queira cantar onde não há palco para você — Luigi comentou, e eu fechei os olhos ao ouvir a risada de Ax soar.

Ele não entendia nada do que estava acontecendo, mas o simples fato de alguém diferente o pegar já o animava.

Olhei para o meu bebê mais uma vez, lamentando que seu período de tranquilidade e paz houvesse acabado. Que ele nem se lembraria de como era ser uma criança normal.

— Estamos com pressa, Alessa, você sai sozinha ou arrastaremos você? — Lucca perguntou. Não foi uma surpresa o tratamento que estava me dando. Eu não esperava nada diferente diante de aparentemente ter virado as costas para ele.

— Não saio enquanto vocês não me entregarem meu filho.

Luigi deu risada.

— Olha só, cunhadinha, cada minuto dentro desse país nos coloca em risco. Então você vem conosco ou não? — Olhou para Axel e levantou a arma, colocando-a em sua cabeça. Meu coração parou. Luigi sorriu. — Se é que tem outra opção.

Eles me encontraram e havia acabado, pelo olhar no rosto de Lucca, eu já sabia que estava no inferno novamente.



CAPÍTULO 15



*“Eu conto uma parte do meu plano para um,
parte para outro e tudo para ninguém
A melhor defesa contra os traidores é a traição
Eu saio vivo ou morro tentando.
Me torno criminoso não quando entro no jogo,
mas quando jogo baixo.”*

Tony Soprano

ALESSA BONUCCI

Aproveitei o momento de distração de Lucca e puxei a arma que deixou em cima da mesa. Em um piscar de olhos eu estava na frente de Luigi com uma arma encostada em sua testa.

— Qual é a sensação? Hein? Diga-me qual a sensação de ter uma arma apontada para a sua cabeça?! — eu gritava, sentindo-me cheia de ódio.

De repente fui puxada para trás e, com rapidez, a arma foi tirada da minha mão. Eu deveria saber que Lucca não

seria descuidado. Luigi me deu um sorriso irônico e abaixou a dele.

— Não aponte se você não vai atirar, bonitinha.

— Então se você quer intimidar uma mulher, não use o filho dela, idiota! — esbravejei.

Ainda não podia acreditar que ele tinha feito tal coisa com o meu filho. Estava louca de raiva. Em um minuto, tinha meu Axel em meus braços e, no próximo, estava vivendo o inferno que mais temi. Com o jato particular da família, nós voltamos para a Itália. Com a rapidez com que estávamos indo, não me admirou termos chegado em tão pouco tempo.

Durante todo o percurso, eu fiquei junto com eles, e meu filho numa outra cabine, com uma mulher que eu não fazia ideia de quem era. A intenção deles era me assustar, me mostrar como seria a vida dali para frente, mas se pensavam que eu ficaria sem Ax estavam redondamente enganados.

Já na Sicília, fui jogada em uma sala de um dos galpões que pouco depois começou a encher. O lugar estava lotado de homens, os principais soldados, e dois dos principais chefes da organização tinham sua total atenção em mim. Eu nem quis pensar onde o terceiro estava.

Eu empurrei o braço do soldado que me segurava e estapeei seu rosto.

— Não me toque!

Luigi tomou a frente, ainda com aquele sorriso debochado que eu daria tudo para tirar de seu rosto.

— Espere aí, mamãe urso... se controle. A situação já é ruim o suficiente para você.

— Acha que eu me importo? Tenha certeza, Luigi, minha única preocupação é o meu filho, meu respeito por você acabou no momento em que ameaçou a vida dele.

— Você vai ficar aqui quietinha, enquanto nós vamos decidir o que fazer com você e quando...

Suas palavras foram interrompidas quando alguém desceu as escadas batendo palma lentamente, chamando a atenção de todos. Meu pai estava ali com Bernardo atrás dele. Meu irmão não me olhou nos olhos e fiquei absurdamente chocada ao ver sua atual aparência.

Os cabelos loiros já não eram mais vistos. Estava careca, magro, e sua expressão estava abatida.

Papai parou na minha frente e me mediu dos pés à cabeça.

— Olha quem voltou para casa. Demorou, mas te encontramos. O que pensou que aconteceria? Que ficaria vivendo no seu mundo de fantasia perfeito? Esqueceu as obrigações com sua família?

— Eu tinha coisas mais importantes para me preocupar do que organizar um baile.

Ele levantou a mão e brevemente sua feição se transformou naquela em que eu via muito quando Anita fazia algo errado. Meu pai segurou meu rosto, prendendo-me pela bochecha e apertou forte.

— Eu olho pra essa sua cara e vejo sua irmã. — Aproximou-se, evitando que Luigi ouvisse, e sussurrou: — Aquela vagabunda.

Ele me soltou com brutalidade, fazendo-me tropeçar para trás.

— Porque fez isso? DIGA-ME! — gritou.

Levantei meu queixo e permaneci em silêncio.

Ele ficou mais irritado ainda.

— Você era o meu único orgulho, a única coisa que me sobrou. Como acha que fiquei quando descobri sua traição? E agora você volta com uma criança nos braços? Um bastardo!

— Não fale dele! — rosnei, aproximando-me dele.

Não consegui chegar muito perto, sendo impedida pelo soldado.

— Quem é o pai?

— Ele não tem pai.

— O quê?!

— O que você ouviu.

Meu pai apontou para mim em completo desprezo.

— Vê? É isso o que estou dizendo, ela não sabe nem quem é o pai infeliz dessa criança!

— Axel é meu filho, ele não tem pai. O castigo deve ser dado a mim, só a mim, deixe o meu filho em paz! — O desespero começava a crescer a cada minuto.

Lucca me encarava sem dizer uma palavra e, para piorar, eu não conseguia decifrar sua expressão.

— Axel? — papai gritou. — Que tipo de nome é esse?!

— É o nome dele, eu escolhi. Ele é meu.

— Não é um nome italiano. Por Deus... o sangue de sua mãe só podia estar corrompido, não é possível! A única que salvou foi Abriela!

— Eu disse para não falar de...

— Ou o quê? Você, como qualquer outra prostituta, abriu as pernas, fez um filho e quer ter direitos de debater

comigo?

— Se eu sou tão prostituta assim, papai, me castigue, aplique as regras a mim, porque fui eu quem as quebrou. Mas não abra sua boca imunda para falar do meu filho!

Pela primeira vez na vida, toda a raiva que assisti durante anos foi concentrada a mim. E a força com que seu punho atingiu meu rosto me fez pensar que eu desmaiaria e acordaria num futuro muito distante.

Com o canto do olho vi Lucca dar um passo à frente, mas parou por ali e não fez mais nenhum movimento.

A dor que eu sentia no rosto era terrível. Havia esquecido como era sentir a força bruta de um homem. Caí no chão com um baque, o choque enviou fagulhas de dor por todo o meu corpo. Uns fios de cabelo estavam presos em meu rosto pelo suor, e o roupão subiu, afrouxando o laço, expondo toda a minha coxa, por pouco, evitando mostrar minha intimidade.

Ouvi a respiração do meu pai sair pesada e o observei dar uns passos para trás.

— Eu autorizo a punição à minha filha Alessa Bonucci. Entendo e honro minha palavra e aceito que ela seja deserdada de minha família, que Alessa a partir de hoje e a criança fique sob a guarda de nossos empregados. Ela desonrou nosso nome e não é mais minha filha.

Cada palavra era como se eu estivesse dentro de uma cova e ele estivesse jogando a terra por cima de mim, a cada palavra me sufocava mais.

— Sou testemunha da traição — Cosmo se pronunciou. Luigi soltou uma risada e encarou os homens ao redor.

— Meus amigos, já disse e vou repetir, vamos nos acalmar. Já passamos por isso antes e sabem que adoro dar condenações, mas analisemos o caso...

— Eu autorizo o castigo!

— Leon, você não autoriza porra nenhuma, meu amigo

— Luigi rebateu.

— É o meu direito! Lucca, ela me envergonhou! Quero que pague por seus atos e...

Luigi bufou dramaticamente.

— Você é muito drástico, acho que está sob muito estresse, Leon. Porque não vai dar uma relaxada?

Meu pai arregalou os olhos, aproximando-se de Lucca.

Eu sentia minha cabeça girar.

— Lucca! Ela teve uma criança bastarda e não sabemos quem é o pai! Como o *consigliere* cogita discutir isso? — meu pai gritava, exaltando-se e recebendo um olhar além de reprovador de Lucca.

— Levante sua voz para mim novamente e o único castigado será você — rosnou.

Ele me fitou como se já tivesse tomado sua decisão e estivesse prestes a me condenar. Meu *amigo* abriu a boca, mas antes que falasse, ouvimos passos na escada mais uma vez. Abaixei minha cabeça, já me preparando para o próximo que chegaria me apontando o dedo, mas de repente uma sombra se formou em cima de mim.

— Eu sou o pai da criança, se você tocar nele ou nela, vou te matar.

Levantei minha cabeça em choque. Ao olhar para cima, me deparei com Dante.

A sala permaneceu em silêncio. Nem um suspiro poderia ser ouvido. E como se apenas aquilo já não bastasse para que eu estivesse desacreditando de tudo o que aconteceu, Dante abaixou-se na minha frente, passou um braço pelas minhas costas e o outro pelas pernas e me levantou. Ele não olhou em meus olhos nem uma vez. Olhei para o meu pai, fazendo questão que visse meu rosto machucado uma última vez, porque mesmo que o castigo não fosse dado a mim, eu já não era mais sua filha.

Não por uma exigência dele, mas porque eu não queria ser.

Dante nos virou de frente para todos na sala e começou a caminhar para fora.

Quando saíamos, o burburinho começou. Podia ouvir a voz de Leon gritando pedindo por justiça e deixando clara a sua indignação.

Eu tinha certeza que Lucca não deixaria suas afrontas por isso mesmo. Ninguém desafiava o capo e passava batido.

Ele nos levou até um carro do lado de fora, onde Juliano esperava com a porta aberta, me colocou sentada e entrou logo depois de mim.

Olhei para a casa, vendo que aos poucos os soldados iam saindo.

— Para a casa de Lucca.

Juliano assentiu e começou a dirigir para longe. Durante todo o caminho eu mantive meus olhos longe dele, totalmente focada nas ruas. Cada minuto era um martírio. Pensar no rostinho do meu pequeno Axel, em como ele

estaria, com quem... Sentia como se estivesse levando um soco atrás do outro, a dor chegava a ser física.

Assim que o carro parou no jardim da grande casa, um soldado do lado de fora abriu a porta para mim e Dante segurou meu braço, guiando-me para dentro.



Ele guiou-me para o escritório de Lucca e saiu sem dizer uma palavra.

Sentei-me e esperei, e depois do que pareceram horas, Lucca finalmente entrou. Ele se sentou na poltrona à minha frente e ficou me encarando.

Revirei os olhos.

— Não me olhe assim.

— Assim como?

— Como se eu fosse um traidor prestes a ser torturado.

— Talvez seja.

— Sei que não vai me machucar, Lucca.

— Eu poderia. Um pouco de dor a lembraria do significado da palavra família.

Por um momento me senti culpada de ter traído sua confiança, mas então lembrei porque fugi e o arrependimento foi embora sem demora.

— Um pouco de dor? Porque só um pouco? Seja extremo, colega, você sabe que eu gosto disso.

Ele fechou os olhos, deixando-me ver como lhe irritava ouvir aquilo.

— Pelo amor de Deus, Alessa! Porque...

— Quero ver o meu filho — eu o interrompi.

— Primeiro você vai me contar sobre seu caso com meu irmão e depois, dependendo do rumo da conversa, eu deixarei.

— Não há nenhum caso, aconteceu exatamente o que seu capo disse. Eu sou uma vagabunda, abri minhas pernas e tive um filho. Fim da história.

— Você não é disso, Alessa.

Soltei uma risada sem humor.

— Ah não? Não seria a primeira vez, a diferença é que nessa eu engravidei.

Ele deu um soco na mesa à nossa frente.

— Pare com isso! Pare de atacar a si mesma!

Inclinei-me e disse entre dentes cerrados.

— Eu quero ver o meu filho!

Lucca abaixou a cabeça, fechando os olhos por um momento.

— Não faça isso, não me afaste.

— Você foi o meu único amigo, mas não é meu pai, Lucca. Não se sinta na obrigação de cuidar de mim.

Ele levantou a cabeça, seus olhos intensos sobre mim.

— Acha que tudo o que fiz por você foi obrigação? — Balançou a cabeça. — Você conhece um lado meu que, se duvidar, nem a minha esposa conhece! Sabe como me senti ao ver que preferiu fugir do que confiar em mim e me dizer o que estava acontecendo?

— Eu não queria colocá-lo na posição de precisar escolher entre seu dever e nossa amizade. E, de qualquer forma, era um problema meu para resolver.

— É minha irmã, Alessa, sabe que eu faria tudo para protegê-la, porque diabos não veio até mim?

— Você teria tirado meu filho de mim ou, por Deus, me casado com seu irmão!

— É claro! — respondeu como se fosse óbvio.

— Pois então! Conhecendo toda a minha vida, realmente acha que daria certo me casar com alguém?

— Se dará certo ou não, eu não sei. Mas é a única solução.

Fiquei quieta por alguns segundos.

— Solução para quê?

Ele suspirou, ficando de pé.

— Ou eu cumpro com as regras e aplico sua punição ou você se casa com ele.

— Não — respondi sem hesitar.

— Alessa, não há terceira opção. Você se casa com meu irmão e fica com seu filho ou será jogada em uma das casas e seu menino vai para algum lugar qualquer. Você sabe como funciona.

Eu o encarei por alguns minutos, como se estivesse pensando, então lentamente me levantei e ergui meu queixo, fitando-o de igual para igual, mesmo que ainda fosse bem menor que ele.

— Há uma terceira opção, Lucca. Sempre há.

— Nada que esteja ao meu alcance.

Assenti lentamente.

— Então ou eu me caso, ou perco meu filho?

— Sabe que é tudo que nunca quis para você, nunca nos imaginei nessa posição. Eu não vou me permitir

parecer fraco para protegê-la de uma besteira que vocês dois deveriam ter vindo a mim para resolver imediatamente.

— Tudo bem.

Ele estreitou os olhos.

— Tudo bem para qual dos dois exatamente?

— Tudo bem para você se sentar e ouvir atentamente o que vou lhe dizer e prestar muita atenção, pois não vou repetir.

Ele franziu as sobrancelhas me encarando.

— Aqui está o que vai acontecer... você me colocará em uma casa segura, me dará a proteção da *famiglia* e vai me devolver o meu filho. Sem punições, sem castigos, e me deixará viver em paz. Só eu e meu menino. Sei que estarei fora do círculo, perdi o controle da associação e não terei de volta; sei que estou sem um sobrenome. Mas não me importo. Ou você pode acatar a pressão dos capos e me pune, mas tudo o que eu tenho reunido contra a família estará com a polícia no dia seguinte.

Ele me olhou sombriamente.

— Não seria capaz.

Sorri, deixando claro que faria, sim.

— Tudo o que me importa na vida tem 10 meses, depende de mim e por ele sou capaz de tudo. Fui iniciada, Lucca, não sofri torturas e nem fiquei presa por dias, mas conheço todos os segredos da *famiglia*. Acha, sinceramente, que quando fugi não pensei no que faria se me encontrassem? Tenho provas suficientes para colocar muitos de vocês na cadeia, inclusive você e seus irmãos.

Por um momento eu vi na minha frente Lucca DeRossi e não Lucca, meu amigo e protetor. Mas foi de relance, e ele logo voltou a me encarar como se não acreditasse no que saía de minha boca.

— Eu confiei em você.

— E eu serei eternamente grata por tudo o que fez a mim. Vou te amar e te respeitar até meu último dia de vida, mas sacrifícios precisam ser feitos, e como já disse, farei tudo por Axel. Até mesmo trair você. — Suspirei. Era doloroso dizer aquilo a ele, mas era a única opção. — Então, o que vai ser?



CAPÍTULO 16



*“Há alguns dias eu sento e me pergunto
o que acontece do lado de fora da minha porta
Há alguns dias nesse mundo louco,
do qual eu não quero mais fazer parte
Bem distante, todos estão com alguma urgência
Mas por trás da minha janela tudo parece perfeito para mim
Então por que o resto do mundo não pode ser
mais parecido com a esquina da minha rua?”*

Alain Clark – Corner of my street

ALESSA BONUCCI

Fui levada no mesmo dia, horas depois, a um apartamento. Juliano apenas me deixou lá e saiu, trancando a porta.

Lucca não me falou o que faria comigo e mesmo que partisse o meu coração ter que ameaçá-lo daquela forma, era a minha única saída. Jamais me casaria com seu irmão e também não ficaria sem Ax. Então ele teria que fazer uma escolha, assim como eu fiz.

Sentei-me no sofá, vendo que já escurecia lá fora e apoiei a cabeça nas mãos. Não fazia ideia de onde estava. Claramente na Sicília, mas todo o caminho fora feito com meus olhos vendados, sinal de que eles estavam se protegendo. Se eu não sabia onde estava, não poderia fugir, conseqüentemente, não iria à polícia. Ou seja, minha ameaça surtira efeito.

Àquela altura, todo o círculo da Itália e talvez até as famílias de fora, já estivessem falando sobre como Alessa Bonucci traiu a família da forma mais suja. Surpreendidos negativamente, porque, afinal, eu era um exemplo na nossa sociedade. Os pais queriam filhos casados com mulheres iguais a mim, e mães queriam que suas filhas passassem tempo comigo para aprenderem como se portar. Adolescentes que queriam e gostavam de ser parte da máfia corriam atrás de mim, querendo imitar o meu cabelo, meus vestidos, a forma como segurava uma taça no meio da festa, como sorria e que tipo de coisa eu falava. Claro que não era a única garota exemplar da organização, mas era a única envolvida com trabalhos fora, como as campanhas publicitárias e os trabalhos com fotos para marcas grandes, e, além disso, fui iniciada. Todos sabiam que após a morte de Alessio, na qual houve uma luta enorme com o pai dele, eu fiquei em seu lugar. No começo foi motivo de protestos e muitas dores de cabeça para Lucca, mas ele insistia que confiava em mim e mais ninguém para fazer o serviço. Bela atitude eu tomei com seu voto de confiança.

Mas aquilo acabou; para eles eu era um rato agora. Bem, que fosse, contanto que meu filho estivesse seguro em meus braços o mais rápido possível.

As horas passaram e comecei a me desesperar. Algo dentro de mim dizia para esperar, para me manter calma, pois Lucca nunca me machucaria. Mas o lado que conhecia a frieza com que ele podia agir gritava para eu dar um jeito de sair de lá, afinal, quão difícil seria para alguém entrar naquele lugar e acabar comigo? Simples assim, o problema estaria resolvido.

Mas eu confiava, tinha que me manter firme na esperança de que mesmo pensando que o traía da pior forma, meu amigo ficaria do meu lado. Ele nunca foi de atacar alguém pelas costas, e eu esperava sinceramente que não fosse a primeira vez.

Em algum momento eu cochilei, acordando de madrugada apenas para beber água e ir ao banheiro, e voltei à posição de antes. Olhos naquela porta, esperando que a qualquer momento alguém fosse entrar.

Eu estava ficando louca com o silêncio e meus pensamentos gritando misturados, era uma bagunça. Eu já não tinha mais paciência, muito menos forças para me manter acordada. Dormi novamente e acordei no dia seguinte. Sozinha, em silêncio. Alimentando-me de água e amendoins. Única coisa que tinha naquele lugar.

Quando o quarto dia chegou e ninguém sequer apareceu, comecei a duvidar que Lucca tinha aceitado minha chantagem. E meu filho? Onde estaria? Com quem?

Assim, uma semana se passou e quando o barulho da chave na maçaneta soou, eu me levantei num pulo, ansiosa para saber se era real ou se meu subconsciente estava começando a pregar peças.

Quando minhas irmãs apareceram diante de meus olhos, meus joelhos fraquejaram.

De fome? De emoção? De alívio? Culpa? Não sabia, mas quando as duas envolveram-me num abraço apertado não pude me impedir de cair num choro desesperado junto a elas. Não tinha certeza de quem acariciava minhas costas e quem alisava meus cabelos. Caí no sono mais uma vez, chorando.

A próxima vez em que abri os olhos estava deitada na cama e coberta, um cheiro de comida invadiu meus sentidos e eu me sentei. A visão que me cumprimentou fez lágrimas virem aos olhos novamente, mas as segurei. Estava uma sentada em cada lado da cama, me olhando com um misto de incerteza, saudade, revolta e... amor. Saber que mesmo com o tempo e depois de ter ido embora sem sequer dizer adeus, sem nem ter me comunicado para dizer se estava viva, ainda assim elas não tinham deixado de me amar foi o que me segurou firme.

Anita continuava do mesmo jeito, os cabelos enormes, porém dourados nas pontas e algumas mechas rosa misturadas. Sua cicatriz de anos atrás ainda estava lá, ela não tinha intenção de apagá-la com cirurgias, devido ao risco, e havia parado de se incomodar com aquele detalhe há muito tempo.

Anita foi a primeira a falar.

— Você tem umas coisas para explicar, irmã.

— Mas não tem que ter pressa, não se sinta pressionada — Abriela falou.

Anita bufou.

— Ora, cale a boca. Ela tem um ano de atraso para resumir em minutos e se no fim eu estiver um pouquinho

menos revoltada, deixarei de dar o tapa nesse seu rostinho de princesa como planejei dar nos últimos 15 meses.

— Anita, por Deus, seja razoável, nós não temos nem ideia do que ela passou!

— Você não tem ideia, porque eu sei muito bem. É pra isso que serve ser casada com um dos chefes.

Ella abriu a boca, surpresa.

— Luigi te contou alguma coisa?

— É claro que sim, meu bem, ele sabe que se não contar o que eu quero saber não vai ter esse corpinho aqui.

Elas começaram a falar, esquecendo-se completamente de que eu estava lá, e, por um momento, fiquei observando, percebendo que a falta que eu pensei ter sentido não era nem metade da verdadeira saudade no meu coração.

— Lucca não me disse nada.

— Pois é e falando nisso, você precisa parar com essa greve e voltar para sua casa, tem que acalmar o seu homem. Ele foi lá em casa essa semana louco da vida e ficou gritando, quebrou até um jogo de taças chiquérrimo que ganhamos de Giorgia.

Minha outra irmã a fitou com interesse.

— Ele foi? Eu não o ouvi.

— É claro, você estava com Giorgia. — De repente, Anita me olhou e apertou os lábios em uma cara de desgosto. — O negocio é que nossa irmãzinha aqui revolveu brincar com o senhor picolé, engravidou, como já sabemos, e fugiu, agora me diga, porque fugiu?

Eu engoli em seco, sabendo que não adiantaria esconder nada delas.

— Como sabe que engravidei?

Os olhos dela amoleceram.

— Conhecemos Axel. — Sorriu. — E devo dizer que adorei que não tenha dado a ele um nome italiano.

— Não foi intencional — sussurrei, endireitando-me na cama. — Então vocês o viram? Ele... ele está bem?

Ella se aproximou, segurando a minha mão.

— É um bebê adorável, Alessa. Ele estava conosco, na casa de Anita, mas Giorgia foi visitar e quando o viu nós nem precisamos dizer nada, ela soube que era de Dante na mesma hora.

— Então... — Funguei. — Ele está com ela?

— Sim, seguro, feliz e esperando voltar para os seus braços.

— *Grazzie a dio...* eu pensei que Lucca tivesse dado ele a algum empregado, pensei que... que... eu juro que achei que nunca mais veria meu filho.

Os olhos de Abriela lacrimejaram.

— Lucca nunca teria feito isso, e eu cuidei para que o resto do seu plano desse certo.

— Como assim?

— Quando Lucca deixou Axel em casa e falou que te manteria trancada sozinha por um mês, nós piramos. Abriela saiu de casa, foi com uma mala e Antony para a minha.

Eu estava de boca aberta.

— Está brincando?

— Não achei certo. Ontem ele me procurou e disse que estava tudo resolvido. Que houve uma reunião entre os

capos e eles três e que poderíamos ver você.

— Quem diria que algum dia seríamos nós cuidando de você e não o contrário, hein? — Anita brincou.

— Lucca virou um louco quando você sumiu. Na verdade, todos nós, mas Lucca... ele estava chateado, Lessa. Algumas vezes senti ciúme, raiva de você. Foi embora e ainda fez com que meu marido pirasse.

Dei um aperto em sua mão.

— Nunca foi minha intenção.

— Nós sabemos, ninguém tem culpa de o cara ser um lunático.

— Anita — repreendi, e ela riu.

Ela suspirou.

— Mas a ligação de vocês... é algo que nós duas não temos e não compartilho com ele também. Lucca te adora e te respeita, eu não sei porque e não vou te perguntar. Só quero que saiba que se algum dia precisar falar sobre isso, eu estarei aqui.

— Eu também — Anita reforçou.

— Não estou preparada para falar sobre tudo. Sobre nada do que aconteceu, e sobre Lucca também não. Por mais absurdo que pareça, ainda quero proteger vocês como se tivessem cinco e sete anos.

— Mas você sempre nos ajudou, queremos poder te dar apoio também, ser alguém em quem você confia ao invés de ir embora — Anita justificou.

Ela assentiu.

— É verdade. Não tiro suas razões pela fuga, porque entendo. E todo o resto, nunca vou ficar contra você. Mas, por favor, tente confiar em nós duas.

Eu sorri.

— *Va bene.*

Eu confiava nelas e as amava mais do que a mim, mas dividir coisas do meu passado... não estava pronta para aquilo e nem sabia se estaria algum dia.

— Pelo menos vai nos dizer se Dante é gelo como parece ou fica quente na cama?

Abriela lhe empurrou, rindo logo depois.

— Ignore-a, Lessa.

Eu dei risada, então estávamos rindo de tudo e nada. Só sentimos uma falta enorme de ficar juntas. Elas continuaram brincando entre si e conversando, e eu ficava quieta, matando a saudade. De repente Ella olhou no relógio e lamentou.

— Eu preciso ir, vou me encontrar com Marrie e Sol, a nutricionista.

— Tudo bem, muito obrigada por ter vindo, Ella, e por me entender.

Ela sorriu.

— Sempre. Vá me deixando a par das coisas. Eu venho te ver, ok?

— Está bem, tente trazer Tony.

— Eu vou. — Nós nos abraçamos, e ela saiu, já chamando Juliano com seu celular.

Depois que Ella saiu, minha barriga começou a protestar de fome, então Anita e eu almoçamos, enquanto ela me contava tudo sobre o tempo que perdi. As gêmeas, o casamento, como foram as coisas na família e como as festas tinham perdido o brilho e a criatividade. As marcas que ligaram querendo saber se eu ainda faria os trabalhos.

Atualizou-me de tudo em apenas algumas horas, mas parecia que tínhamos assunto para o resto da vida.

Nem reparamos quando escureceu lá fora; só demos conta do tempo quando a campainha tocou e nós nos levantamos para ver quem era. Quando Anita abriu a porta, toda a minha raiva voltou.

— O que está fazendo aqui? — rosnei.

Luigi sorriu.

— Olá, cunhadinha, vim buscar o meu amor.

— Deveria ter ligado para ela descer, eu não te quero aqui!

Luigi riu, e Anita me encarou confusa.

— O que foi?

— Seu marido perdeu a moral comigo quando apontou uma arma para a cabeça de Axel.

Anita lhe deu um tapa no braço, olhos arregalados.

— Fez isso, Luigi?

— Ai, mulher! Simone estava lá, precisávamos agir conforme a situação mandava. Onde é que vocês duas vivem, hein? Fantástico mundo de OZ?

— Está me dizendo que foi tudo cena? — perguntei, duvidosa.

— Se tivéssemos sido educados e cumprimentássemos você com abraços, Simone seria um inferno em nossos pés. Com toda essa confusão que você armou, ameaçando a família e tudo o mais, independente do que ficar resolvido, ele não terá como dizer que te demos moleza, porque, na frente dele, tratamos você mal e sem levar em conta laços de amizade e essa baboseira toda. Não seja

absurda, Alessa, eu nunca ameaçaria meu próprio sobrinho.

— Então já sabia que ele era seu sobrinho quando esteve lá? Porque não me disse? — Anita perguntou.

— É claro, e se não soubesse teria sacado na hora, são iguais. E eu não podia, bebê, era segredo de vida.

— Ah, meu Luluzinho... você é tão fofo — Anita declarou, abraçando-o, e ele sorriu para mim, piscando.

— Viu como sempre tiram conclusões precipitadas de mim, amor? Eu sou só um homem carente que precisa de atenção.

Minha irmã riu, passando a mão em seu rosto, deixando um pequeno tapa ali.

— Você é um safado, mas nós vamos resolver isso em casa mais tarde.

Simples assim, eu fui esquecida novamente.

Luigi a abraçou pela cintura, total atenção nela.

— Ah, é? Quando as meninas dormirem?

— Sim, eu vou cuidar da sua carência.

Revirei os olhos.

— Ah, não, eu não estou preparada para vocês começarem a me fazer de vela novamente.

Os dois deram risada e nos despedimos minutos depois. Estava um pouco mais aliviada. Não queria ter que passar o resto da vida odiando Luigi por uma atitude como aquela, e saber que foi só para defender a nós todos me fez respirar um pouco melhor.

Gostava dele, por mais idiota que fosse.



No outro dia, eu andava de um lado para o outro, impaciente, tentando adivinhar quanto tempo mais levaria até que outras pessoas aparecessem; quando finalmente alguém levaria meu Ax até mim.

Foi só quatro horas depois que ouvi a chave na porta novamente. Eu estava na cozinha e saí correndo, quase derrubando o copo de vidro no processo. Quando a porta abriu, revelando Lucca e meu filho, eu pensei que fosse desmaiar.

Axel estava seguro nos braços do tio, dormia com a cabeça no ombro dele. Andei direto para ele, sem pensar em Lucca, sem me preocupar que se era ele quem estava ali, provavelmente foi para falar comigo. Mas assim que estendi os braços, Lucca deu um passo atrás.

Eu estranhei, estreitando os olhos. Ele me encarou secamente.

— Vou colocá-lo no quarto e nós vamos conversar.

— Mas eu...

— Já chega — declarou, e, pelo olhar em seu rosto, soube que não era o momento de debater.

Assenti enquanto Lucca se afastava, mesmo que minha vontade fosse agarrar meu filho e me trancar em algum lugar com ele para sempre. Não via a hora de pegá-lo. Depois de mais de uma semana, tempo tortuoso e escuro, que fiquei sem ele, finalmente o teria de volta.

Lucca voltou e se sentou no sofá, apoiando o tornozelo no joelho, e jogou um braço no encosto.

— Sente-se, Alessa, temos muito o que falar.

Relutante, fiz o que mandou.

— Vejo que pensou no que eu te disse — afirmei.

— Pare de bancar a mafiosa comigo, sabe que essa postura nunca me amedrontou e se eu tivesse medo da polícia nem sairia de casa. Não pense que seu filho está aqui pelas coisas que me disse.

— Então o que é?

— Axel ficará com você e está livre do casamento.

— O que a *famiglia* pensa disso? — perguntei, estranhando a facilidade.

— Vai Deus saber o que cada um pensa. Posso te devolver a criança, mas não tenho como apagar a imagem que ficou. Aos olhos de todos, você estava prestes a trair a família.

— Espere... tudo parece simples demais. Como é que você conseguiu me livrar das duas coisas?

Ele suspirou, passando a mão pelo cabelo.

— Dante abriu mão do casamento e também não parece ter interesse em ser uma parte da vida do seu filho.

— E...?

— Ele assumiu sua proteção.

Eu o encarei chocada.

— Lucca... isso...

— Tentei fazê-lo voltar atrás, mas de nada adiantou, ele vai levar toda a culpa e parece estar bem com isso.

Eu respirei fundo. Ao mesmo tempo em que meu orgulho queria gritar com ele, minha cabeça me fazia sentir culpada.

— Qual a história que ele contou?

Lucca balançou a cabeça, relutante, mas falou.

— Disse que se aproveitou de você em uma noite, Leon lhe deu um soco e agora todos pensam que ele te estuprou. Seu filho é considerado um presente, e o mundo voltou a girar como antes. Você é a estrela novamente.

Eu bufei.

— Pelo amor de Deus, eu não quero ser estrela nenhuma, só quero paz e o meu filho comigo. Porque é que eles têm que rotular tudo?

— Alessa, você não tem ideia do que estavam falando sobre você. O prédio aí em baixo estava pichado com ofensas das mais abusivas.

— Mas agora... agora todo mundo vai dizer que ele...

— Ele não se importa. De qualquer forma, você sabe como nosso mundo é do avesso, alguns até lhe deram tapinhas nas costas por ele ter tomado sua suposta honra, te engravidado e no fim ainda te proteger.

— Então eu sou a vítima, e ele, o herói?

— Para a maioria, sim.

— E para outros?

— Você o seduziu para ter um filho e casar, pois é a mais velha e continua solteira.

Dei uma risada amarga, não acreditando no que ouvia.

— Você pode acreditar nessas pessoas?

Ele levantou as duas mãos.

— Tenho escolha?

Eu suspirei.

— O que acontece agora?

— O que quer dizer?

— Todos vão ver que você cedeu à minha chantagem, que fez o que eu queria. Isso te enfraquece.

— Não, Alessa, isso faz com que pensem que eu sou fraco. O máximo que vão fazer é se revoltarem e beberem juntos para falar mal de mim.

Deixei escapar um pequeno sorriso.

— Podem tentar te tirar da cadeira também.

— Podem tentar. Mas quem entraria no lugar? Dante ou Luigi. Ninguém se atreveria. Eu vou matar qualquer um que se levantar contra mim.

Assenti, falando depois de alguns minutos.

— Lucca, eu tenho que dizer uma coisa.

— Estou ouvindo.

— Está tudo certo, não é? — Olhei em direção ao quarto, onde meu bebê dormia, e para ele novamente. — Ele não será tirado de mim?

— Não, ninguém vai tirá-lo de você.

— Certo. — Suspirei. — O que eu falei de entregar você, seus irmãos e a família à polícia foi...

Ele me interrompeu.

— Alessa, eu sei.

Balancei a cabeça.

— Eu estava blefando, poderia, sim, conseguir provas, mas... não tenho nada reunido. Acho que não teria coragem de fazer isso com você.

— Alessa, todos fazemos coisas para um bem maior. Eu mato, roubo, minto e torturo por dinheiro, poder e uma promessa que fiz décadas atrás. Quem vai tirar seu direito

de fazer qualquer coisa pelo seu filho? Te conhecendo, estranharia se você não tivesse me ameaçado.

Suspirei aliviada de poder falar abertamente com ele.

— Ainda amigos? — perguntei, mexendo em meus dedos.

— Nunca deixamos de ser.

Levantei-me de onde estava e sentei-me do seu lado, apoiando a cabeça em seu ombro. Segundos depois ele colocou o braço em volta de mim.

— Me pergunto se depois de tanta maldade que eu e meus irmãos fizemos, Deus mandou vocês como forma de castigo.

Franzi a testa.

— Porquê?

— Enquanto vocês têm a disposição de 20 anos para causar problemas, nós já passamos dos 30. Estamos velhos demais.

Eu dei risada, e ele também. Fechei os olhos, sabendo que, por ora, estava tudo bem. Nenhuma onda viria para sacudir minha baixa maré.

Mas então pensei em Dante, e não conseguia entender porque fez aquilo se um ano atrás não se importou nem um pouco.



CAPÍTULO 17



*“Garotas más não são boa
e as garotas boas não são divertidas
É ruim que eu nunca tenha feito amor
Mas tenho certeza que sei como foder
Eu vou ser sua garota má
vou provar isso para você*
Rihanna & Wale – Bad

ALESSA BONUCCI

Tinha acabado de colocar Ax no berço em um sono profundo quando a campainha tocou. Eu olhei para mim mesma, sabendo o estado em que estava e fui em direção à porta.

Fazer o quê...? Eu era mãe, aquele apartamento era maior do que eu precisava que fosse e não tinha empregada nem cozinheira, se não quisesse viver na zona, precisava fazer eu mesma.

E aquele foi um desses dias; Axel queria brincar o tempo todo e não me deu sequer um cochilo. Eu estava exausta.

Abri a porta esperando ver uma de minhas irmãs ou Giorgia, que sempre passava para ver Ax, mas me surpreendi e não de uma forma boa. O homem que eu não tinha visto desde que voltei estava à minha frente. Exatamente como eu me lembrava e me causando o mesmo sentimento da última vez: raiva.

Uma raiva que chegava a doer.

— O que você quer? — fui direta.

Ele olhou para dentro.

— Não vai me convidar para entrar?

— Não tenho motivos para isso.

— Tem, Alessa, tem e sabe disso.

Eu suspirei.

— Olha só, foi um dia cheio, e tudo o que eu quero é tomar um banho e dormir, então, por favor, não me faça ser mal-educada. Apenas vá embora.

Ele me encarou sem piscar.

— Me escute por cinco minutos e vou deixá-la em paz.

Eu pensei por um momento. Axel estava dormindo, e ele não seria idiota de fazer alguma coisa contra meu filho. Sabia que sua relação com Lucca estava abalada e mesmo que eu detestasse me envolver nos problemas alheios, usaria isso ao meu favor e chamaria seu irmão.

Dei espaço para ele passar e fechei a porta quando entrou.

— Cinco minutos.

— Soube que ia nos entregar a polícia — comentou.

— Se fosse necessário.

Ele assentiu olhando ao redor.

— Casar comigo teria sido tão ruim assim, a ponto de preferir ser chamada de traidora?

Não mencionei o fato de ele ter me protegido levando a culpa por tudo. Não pediria desculpas e muito menos diria obrigada. Se ele não tivesse me dito tal absurdo como matar meu filho, nada daquilo teria acontecido.

— Casar com qualquer um seria ruim, com você especialmente. E não importa o que eu fizesse, continuariam me chamando do que quisessem do mesmo jeito.

— Ainda assim, você perdeu tudo o que tinha.

Cruzei os braços.

— Perdi algo que não fez qualquer diferença comparado ao que tenho agora.

Ele me analisou e virou as costas, andando pela sala. Eu não gostei. Não estava nada confortável com ele caminhando em minha casa como se fosse sua, como se tivesse direito de estar ali.

— Olha só, dado a tudo que eu passei por sua causa, estou sendo boa até demais te deixando entrar, mas vá direto ao ponto para que possa sair de uma vez e eu não ter que olhar pra sua cara o quanto puder evitar?

Ele não respondeu. Esperei, imaginando se estava pensando no que diria, mas então eu vi. Seus olhos estavam diretamente focados em uma foto de Axel. Eu quis correr até lá e escondê-la, tudo para manter meu bebê longe dele.

— Não devia ter vindo, foi um erro.

Franzi a testa.

— O que você queria dizer?

— Não era nada, esqueça que eu vim. Desculpe-me, Alessa.

Ele estava se desculpando? Exatamente pelo quê? Por ter aparecido? Por ter sido um covarde? Por não ter capacidade de amar o próprio filho?

— Você ainda é o mesmo covarde de um ano atrás — afirmei. Minha voz cheia de acusação.

Ele me deu um olhar seco.

— Eu prefiro não dizer o que você era um ano atrás.

— Oh... sim, mais ofensas. Do que você vai me chamar agora? Qual a ofensa da vez?

— Não vim aqui para ofendê-la, vim... nem sei mais porque, não deveria ter vindo.

Ele caminhou em direção à porta, mas eu o parei com minhas palavras. Nem mesmo pensei antes de falar, só saíram.

— Você se lembra de algo daquela noite?

Ele parou, perguntando minutos depois.

— O que está fazendo, Alessa?

De repente sua voz soou rouca. E em algum lugar da minha mente, eu tomei uma decisão. Queria fazê-lo engolir tudo o que falou de mim. Não importava que tivesse uma namorada, esposa ou sei lá quem aquela loira era. Nada mais passou pela minha cabeça. Se aquela era a minha única forma de me vingar pela humilhação que me fez depois de ter me usado, nada mais justo do que devolver o favor.

— Eu não me lembro de nada daquela noite e você?

Ele me encarou novamente, impiedoso.

— Algumas coisas.

Eu me aproximei lentamente e segurei sua gravata, olhando-o de baixo e mordendo os lábios.

— Quero me lembrar de como é fazer sexo com você.

Ele recuou um passo. Os olhos azuis gélidos fixos em meu rosto.

— Não vou te tocar.

Eu quase sorri diante daquele simples gesto. Ele estaria afetado? Odiava falar daquele jeito, naquele tom de voz, usar aquele tipo de palavras... odiava aquela minha versão. Mas se quisesse fazê-lo descer do pedestal onde pensava estar, teria que me rebaixar e descer junto. Então ficaria de pé na frente dele, mostrando que não importava o que eu fizesse, ele não era melhor do que eu.

— Porque não?

— A última vez causou problemas suficientes.

Inclinei a cabeça para o lado.

— Está com medo do seu irmão?

— Claro que não.

— Então o que é? Eu não sou mais tão atraente? — perguntei, levando minha mão até o ombro e descendo uma alça do vestido.

Ele acompanhou meu movimento e cerrou a mandíbula.

— Tenha respeito pelo menino dormindo no quarto ao lado. Aquele show de mãe do ano foi apenas uma cena?

Ignorei a forma como falou do próprio filho e fiz o mesmo com a outra alça.

— Qual o problema Dante? Não estou bêbada o suficiente? Estou sóbria, mas oferecida o bastante.

— Eu não me aproveitei de você — rosnou.

— Não é isso o que anda dizendo. Mas não importa, não é? Porque não me deu um banho gelado e não me colocou para dormir também, muito pelo contrário. — Agarrei sua gravata novamente e o puxei. Quando estava de costas para o sofá, empurrei-o para trás. Ele não esperava e caiu sentado. Sem demoras fui para cima dele.

— Não é justo que só você se lembre, não acha?

Ele segurou meus braços, pronto para me colocar de lado e se levantar, mas me forcei em seu colo, pressionando nossas intimidades juntas. Ele colocou a mão na minha cintura para me empurrar, e aproveitei, sem que ele esperasse enfiei a mão dentro da calça, encontrando seu pau enrijecendo.

Sorri irônica.

— Olha só... não é tão inabalável quanto parece.

— E você é tão descarada quanto eu pouco me lembrava — cuspiu.

Por um momento eu repensei meus atos, mas já era tarde. Meus dedos já o masturbavam e com meus movimentos o tecido do vestido desceu, expondo meus seios.

Equilibrei-me em uma perna de cada vez e puxei seu membro completamente para fora. Olhando em seus olhos, comecei a me esfregar em cima dele.

Dante me fitava com olhos duros. Se seu pau não estivesse latejando contra o meu clitóris, eu diria que ele não estava nem um pouco afetado por mim.

Proibi-me de sentir vergonha e parar ali. Ele havia me humilhado e agora queria aparecer como se todos os

direitos estivessem ao seu favor?

Ele não sabia quem eu era.

Conhecia a Alessa que todos viam andando em saltos e vestidos caros. Conhecia a inteligente, organizadora de eventos da *famiglia* e a advogada de confiança. Mas a verdadeira Alessa? Ele não conhecia.

Lucca fora o único que tivera um vislumbre do meu verdadeiro eu. Sem máscaras, sem fingir, sem ensaios e não me julgou, não me humilhou e nunca jogou minhas ações como acusação.

Quem aquele homem pensava que era para fazer isso, então?

Bem, é como diz o ditado: “Diga o que quiser de mim, não posso mudar seu pensamento então o que você quiser eu sou.”

Se ele achava que eu era uma qualquer que bebia, abria as pernas e sequer se lembrava no dia seguinte, como foi com ele, ok. Eu faria exatamente o que ele esperava. Se Dante achava que eu era isso, que pensasse, eu tinha um lado vagabunda e era esse mesmo que apresentaria a ele.

— Me avise quando for gozar, não quero outro filho seu.
— Sem mais, segurei seu membro em minha entrada e afundei.

Deveria me preparar antes. Ele era grosso, longo e fazia algum tempo desde que estive com alguém. Com ele, meu último. Meu corpo lutou contra a invasão, e ele estreitou os olhos para mim.

Mas eu gostava da dor. Gostava até demais.

Segurei seus ombros e me abaixei com tudo, soltando um grito logo depois. Dante soltou uma lufada de ar, mas

não disse nada, sequer se moveu.

Ele queria guerra? Daria uma a ele. Eu não estava transando sozinha, e ele ia reagir, por bem ou por mal.

Ainda segurando seus ombros, os apertei com força, começando a pular em cima dele. Abri a boca em um frenesi de prazer quando senti meu interior esquentar com tudo e escorrer de excitação; eu mesma ditava a velocidade e força das estocadas, e elas eram brutas.

Ele desviou os olhos dos meus quando meu seio bateu em seu queixo e fitou minha boca aberta. Eu sorri sabendo que por mais que não quisesse, uma hora ou outra ele reagiria.

— Você é realmente um morto-vivo, não é?

Seus olhos faiscaram, ele rosnou e agarrou minha nuca, levando sua boca à minha de forma violenta.

Enquanto eu batia meus quadris para cima e para baixo, com ele se revirando dentro de mim, nossas bocas se devoravam. Peguei sua outra mão e levei ao meu seio, apertando forte para causar dor. Não o bastante, mas o suficiente para o momento. Passei minhas unhas pelo rosto dele, arranhando, e me abaixei com mais força. Ele gemeu, soltando meu pescoço e meu peito, e segurou minha bunda, tentando controlar meus movimentos.

Puxei seu rosto em direção ao meu seio e olhei em seus olhos.

— Me morda.

Ele franziu a sobrancelha, uma gota de suor escorrendo da testa.

— Me morda!

Ele fechou os lábios no mamilo duro primeiro e chupou com força, mas não era o bastante.

Nunca era.

— Mais forte! — pedi, e ele fez; raspou os dentes com força e os cravou sobre a pele sensível.

Levei minha mão até o outro e afundei minhas unhas, arranhando. De relance vi os vergões se formando na pele branca. Era tudo o que eu queria.

Com os dentes dele quase rasgando a pele, acelerei mais ainda, tornando meus movimentos assustadoramente rápidos. Podia sentir o membro dele batendo profundamente, machucando, fazendo lágrimas escorrerem do canto dos meus olhos. E quando puxou meu cabelo com força, encontrando o impulso do meu quadril com o seu, eu convulsionei em cima dele.

Sabia que demoraria até que a dor passasse e teria cólicas infernais, mas, no momento, valeu a pena.

— Eu vou gozar — falou entre dentes, e eu me levantei, sentando-me em suas coxas, observando enquanto ele jorrava seu líquido no próprio estômago desenhado.

Observei por alguns minutos o resultado da minha provocação ao seu corpo, antes de encará-lo. Seus olhos estavam nos meus, ele respirava bufando, como se não estivesse acreditando no que tinha feito. Suas mãos fechadas em punho e as veias saltando.

Nossas respirações ainda não tinham normalizado quando aproximei minha boca do seu ouvido e sussurrei.

— Saia da minha casa.

Levantei-me do colo dele, sentindo uma ardência entre as pernas, e arrumei meu vestido no lugar. Caminhei até a

porta e a abri, encarando-o diretamente nos olhos, assim como fez comigo tanto tempo atrás.

— Não tive tempo de chamar um táxi, mas tenho certeza de que você pode fazer isso sozinho.

Ele se levantou segundos depois, passou a mão pelos cabelos e arrumou-se dentro da calça novamente. Em um segundo estava como havia chegado, distante e impenetrável. Nada denunciava como tínhamos acabado de nos devorar como dois animais. Como eu quase o devorei na tentativa de provar um ponto.

Cada passo seu em direção à porta tornava mais intenso seu olhar para mim. Eu não o conhecia e não conseguia imaginar o que poderia estar pensando.

Ao chegar na minha frente, ele me olhou de cima abaixo, parando apenas para me jogar um olhar de puro desprezo e logo depois saiu. Eu bati a porta fechada e tranquei. Encostei-me na mesma e fechei meus olhos, meu corpo estava dolorido e com a neblina de sexo e perversão dissipando. Meu pensamento foi direto para Axel, e uma profunda vergonha me bateu.

Abri os olhos, dando de cara com meu reflexo na janela do outro lado da sala. Suspirei, balançando a cabeça comigo mesma.

— Parabéns, Alessa. Parabéns.



DANTE DEROSI

Eu ainda podia sentir o cheiro dela em mim quando cheguei em casa.

Estava transtornado. Como se já não bastasse quebrar a regra uma vez, fui lá e fiz de novo. Mas como poderia dizer não? Nunca me senti tão seduzido, tão... enfeitiçado por uma mulher como por ela.

Fechei os olhos. A lembrança dos lábios grossos e os seios pesados vieram à minha mente nitidamente, meu pau já dava sinais de vida mais uma vez. Quando abri, Amira me encarava de cenho franzido.

— Você está bem?

Passei por ela indo direto para o meu escritório e me tranquei lá. Sentei-me na cadeira, apoiando minha cabeça nas mãos. Precisava esquecer. Precisava tirá-la da porra da mente ou ia voltar lá e fazer um estrago maior do que havia feito.

Quem ela pensava que era?

E depois ainda queria se sentir no direito de se vitimizar? O que fizemos e cada palavra sua só me provou o quão certo eu estava sobre ela.

“Quero me lembrar de como é fazer sexo com você.”

Merda. Se tocasse meu pau, poderia fingir que era o corpo dela, sua intimidade encharcada me apertando. Por mais absurdo que fosse, cada palavra atrevida que saía de sua boca me excitava mais. Era sexo cru, e ela parecia ter sido feita exatamente para isso.

“Não é justo que só você se lembre...”

E eu me lembrava. Por mais que tentasse esquecer a tentação, ela era uma lembrança viva e constante da qual eu não conseguia me livrar nem em sonhos.



UM ANO E ALGUNS MESES ANTES

Ela fechou a porta com um baque, rindo, e tapou a boca logo depois, me encarando com os olhos arregalados.

— Shi, não vamos fazer barulho — sussurrou e caminhou pela sala, olhando ao redor. — Sua casa é muito bonita.

Eu assenti e não consegui evitar que meus olhos caíssem para seu decote quando ela colocou a mão na cintura olhando ao redor. Desviei minha atenção rapidamente e respirei fundo. Perguntei-me onde estava com a cabeça quando fiz o que ela pediu e a levei até a minha casa.

Em minha defesa, duvidava que qualquer homem dissesse não a ela.

Era difícil não reparar em Alessa Bonucci, principalmente quando ela desfilava por aí em seus saltos esbanjando classe e poder. A aparência divinamente bela era um bônus. Jovem... Jovem demais para eu sequer olhar. 14 anos a menos que eu. Jovem demais para estar na minha sala, bêbada numa madrugada depois de ter me beijado e se esfregado em mim em um bar imundo. Os cabelos enormes, hora lisos, hora com ondas elaboradas, os lábios grossos feitos para atiçar qualquer imaginação e aqueles olhos. Ela era linda. Linda demais. E aquilo só intensificou anos atrás quando bateu a porta na minha cara e gritou comigo dentro do hospital onde sua irmã ficou internada.

Ao mesmo tempo em que eu queria derrubar a porta e gritar com ela de volta, queria também arrastá-la até o

quarto mais próximo, levantar sua saia e lhe dar outro motivo para gritar.

Balancei minha cabeça, focando na mulher à minha frente.

Ela torceu o nariz e me encarou com olhos confusos, voltando sua atenção ao aparador de bebidas logo depois e pegou uma garrafa de lá.

— Eu não gosto de beber, mas já que comecei, porque não terminar?

Não tinha certeza se estava falando comigo, então não respondi. Aproveitei que estava distraída, divagando sozinha, e fui até meu quarto pegar um remédio definitivo para aquela confusão em meus pensamentos. Amira estava deitada na cama atravessada, nua e num sono profundo. Eu cheirei uma linha de cocaína sem me importar se a acordaria ou não e sai fechando a porta. Assim que voltei para a sala ouvi o som do rádio ligado.

Como se não fosse tortura o suficiente tê-la ali, ela estava balançando de um lado para o outro. Quando me viu, abriu um sorriso e tomou mais um gole direto da garrafa.

— Tem um quarto de hóspedes aqui, é melhor você ir se deitar — falei, calmo.

Ela fez um bico. A porra de um bico.

— Você vai comigo? — Fiquei paralisado, e ela riu. — Qual é? Você não se diverte nunca?

— Já me diverti o bastante — falei, sentando-me no sofá. Sentia-me zozzo. A droga já fazia efeito e, por Deus, se ela não fosse logo se deitar e dormir me livrando da

tentação que era estar perto dela, enquanto pensava em fazer mil coisas, eu não responderia por mim mesmo.

Observei quando balançou um pé de cada vez, tirando os sapatos e mexeu os dedos, para piorar, me encarou, o sorriso desaparecido do rosto e, no lugar, sua boca entreaberta e os olhos intensamente verdes. Aproximou-se ficando a poucos passos e quando a música chegou em uma parte mais lenta, uma batida extremamente sensual, ela mordeu o lábio e segurou a bainha da saia. Uma risada escapou de sua boca quando abriu lentamente botão por botão da camisa social. Porra, ela parecia uma secretária daqueles filmes pornô e estava quase impossível impedir minha cabeça de fantasiar.

Apoiei a cabeça nas mãos, recusando-me a olhar. Meu coração batia fortemente. De onde eu tiraria força para impedi-la de continuar com aquilo quando minha vontade era apenas acelerar suas ações?

Como se ela se desse conta dos meus pensamentos, aproximou-se e segurou minha gravata, puxando-a até eu ficar em pé. Meus olhos devem ter dito algo a ela, pois se aproximou mais ainda, a camisa aberta, a saia jogada no chão, o sutiã vermelho rendado mal contendo os montes cheios, e sua língua saiu para fora, lambendo meu pescoço.

Era um sonho erótico do caralho e toda a relutância foi para o inferno.

Segurei suas duas pernas, envolvendo-as em minha cintura, e ela riu, atacando meus lábios em mais um daqueles beijos que tivemos ainda no bar. Sua língua buscava cada canto da minha boca e a minha não foi

diferente, cada pedaço de sua pele estava quente e eu a cada minuto perdia a razão.

A razão, não, porque ela foi perdida há muito tempo, mas a vontade de fazer o certo.

Entrei no quarto de hóspedes e me aproximei da cama, soltando-a em cima do colchão. Ela me encarou ofegante, a boca ainda mais inchada do beijo e abriu as pernas, levando sua mão lentamente até lá.

Eu não podia acreditar no que estava vendo. Onde estava a mulher que eu tinha visto durante tantos anos desfilar e se portar com tanta seriedade? À minha frente estava alguém especialista em sedução e eu caí. Ela era fatal.

Tirei o restante das minhas roupas, observando como ela abria a boca, dando prazer a si mesma. Cheguei perto, perto demais para o bem dela e para a minha sanidade.

O verde de seus olhos brilhava. Da bebida? De tesão? Da adrenalina? Eu não sabia, mas quando ela gemeu e enfiou o dedo em si mesma, eu não me contive, abaixei-me e aproximei meu rosto de onde sua mão estava. A unha dela era cumprida, muito cumprida, e ela investia em si mesma com força. Percebendo isso eu retirei sua mão e substitui pela minha, passando meus dedos lentamente, sentindo o quão molhada estava.

Enfiei um único dedo e lhe dei um beijo lá; ela jogou a cabeça para trás e gemeu.

— Eu vou queimar no inferno — sussurrei.

Sem demoras, beijei-lhe entre as pernas como se estivesse beijando sua boca. Um, dois, três dedos. E a cada minuto ela parecia mais desesperada, entregue, nada

contida. Raspei os dentes sentindo seu interior apertar meus dedos, e ela se inclinou, o cabelo emaranhado, completamente nua, e me puxou pelo colarinho, fazendo-me cair em cima dela.

— Chega... por favor, me fode... agora! — Eu estava tão perturbado com seu pedido que ela mesma segurou meu membro, dando um aperto que me fez gemer alto e arrastou meu membro de cima para baixo em sua entrada molhada.

Alessa fechou os olhos, usando meu pau como estimulante por vários minutos. Eu era homem o suficiente para confessar que podia ter gozado só com aquela visão. De repente seus olhos se abriram e ela me encarou cheia de malícia no olhar. Pegou minha mão e colocou em seu pescoço.

— Aperte o suficiente para tirar o meu ar. — Com isso, ela posicionou-me em sua abertura e usando as duas pernas em volta de mim, me puxou para frente.

Eu revirei os olhos com a sensação. Quanto tempo fazia desde que senti uma mulher por completo? Podia sentir o quão quente estava, cada parede sua me apertando e conforme ela pulsava, me dava mais prazer. Seu rosto se encheu de agonia e eu caí para frente, segurando-a na cama e fazendo o que pediu. Meu primeiro impulso a fez engasgar. Ela queria força, eu queria alívio. Agora que estava dentro de seu corpo não tinha como parar, eu não queria voltar atrás.

Ataquei sua boca no mesmo momento, enquanto pressionava sua garganta. Ela segurou minhas mãos e as apertou, dando um tom de vermelho em sua pele, seus olhos arregalando.

Eu estoquei com força uma vez mais, fazendo-a sentir toda a raiva que eu estava por seu jogo de sedução. Raiva dela e de mim mesmo por não ser forte o suficiente e resistir.

Ela era proibida e ali estava eu, quebrando a regra.

Ela respirou com dificuldade, e eu investi duro, rápido, sentindo tudo cada vez mais intenso.

— Mais forte... mais... mais rápido... — sussurrou entre uma e outra respiração.

Eu a beijei novamente, simplesmente porque permanecer longe era impossível. O beijo foi desesperado, nós nos machucávamos com dentes e uma brutalidade que não deveria existir naquele ato tão íntimo. Enquanto eu metia sem parar dentro dela, Alessa abriu os olhos e segurou meus braços com força, quase sem conseguir respirar pelo meu aperto, então lágrimas começaram a cair de seus olhos, e ela gritou, tremendo e convulsionando em baixo de mim.

Aquilo continuou por toda a noite. Eu não me mantive longe, e ela... parecia cada vez mais desesperada para sentir tudo outra vez.



CAPÍTULO 18



*“Pegue suas armas, as batalhas começaram
Você é um santo ou um pecador?
Se o amor é uma briga, então eu vou morrer
com meu coração em um gatilho
Eles dizem que antes de começar uma guerra
é melhor você saber pelo que você está lutando
Bem, baby, você é tudo que eu adoro
Se o amor é o que você precisa, serei um soldado”*
The Cab – Angel with a shotgun

DANTE DEROSI

— A última vez que cruzamos o México foi um ano atrás e não houve qualquer problema, porque teria agora? —
Ciro questionou.

Pablo apontou para algum lugar no mapa.

— Antes havíamos passado pela fronteira com a autorização do comando de lá, mas as coisas mudaram e nunca sequer conversamos com quem está a frente agora.

Ciro assentiu.

— Não seria o caso de irmos até lá?

— É uma ideia, mas até arrumarmos tudo já teria dado o prazo que pediram, isso terá que esperar, porque...

De repente um celular começou a tocar e Simone bufou, desligando assim que viu a tela.

— Porra de mulher — resmungou.

— Aida anda fora de controle, meu amigo? — Graziano zombou.

— Está apenas precisando se lembrar quem é o senhor da casa, nada que um bom corretivo não resolva.

— Lado bom de não ser casado — Leon murmurou.

Simone sorriu e inclinou-se para frente.

— Pois é, Leon. Mas sabe que se nosso subchefe conseguiu depravar sua menina de ouro, talvez consiga colocar minha mulher em seu lugar novamente. O que acha, Dante, ela só precisa dizer não e você ataca? — Terminou com uma risada e deu dois tapas no ombro de Leon, que me encarou com ódio.

Eu ignorei, nem um pouco afetado com o senso de humor, como sempre indesejado, de Simone Tomaro.

Luigi deu um tapa na mesa, seguido de uma risada escandalosa e parou subitamente, encarando Simone com uma expressão séria.

— Se as coisas que você diz não têm surtido efeito, por que não corta sua língua?

— Ei, estou apenas ressaltando aqui. Admiro a postura de Dante, digo isso a ele e repito. Uma mulher tem que saber que ela não dita nada, quem manda somos nós.

— Basta — declarei, calmo. — Continue, Pablo.

Depois disso a reunião seguiu sem mais nenhum comentário que fugisse do foco principal: os negócios das famílias.

Precisávamos passar uma carga para uma pequena cidade do México, explorando um novo terreno, tentando entrar no território para, em breve, nos aliarmos, já que tomar conta era impossível. Eu sinceramente não conseguia focar em nada e após Simone ter dito aquilo piorou tudo.

Dois dias atrás eu havia saído do apartamento de Alessa e subi dois andares, indo para o meu. Ótima ideia do meu irmão tê-la colocado para morar pouco abaixo de mim.

Mas as memórias do que fizemos eram vivas na minha mente. Por mais que eu quisesse esquecer, por mais que tivesse me afundado na droga e em Amira incontáveis vezes nesses dois dias, era impossível. Ela estava impregnada em mim.

A frieza com que falava, a indiferença e o descaso como tratou toda a situação, não me descia. Além disso, eu não conseguia entrar no elevador sem querer apertar o botão do andar dela. Era pecado desejar entrar naquela casa e fazer tudo de novo? Suspirei cansado, vendo que os homens já saíam da sala e eu sequer vi qual foi a conclusão da reunião.

Apenas meu irmão ficou.

— Como vai, papai do ano?

Estava demorando. Eu me perguntava quando ele começaria com as piadas e as insinuações.

— Luigi, pare.

Ele ignorou.

— Soube que eles se mudaram para o seu prédio. Como vai ser? Guarda compartilhada? Finais de semana com você? Um dia sim e dia...

Dei um soco na mesa, calando suas palavras.

— Eu. Mande. Parar — rosnei.

Ele abriu um sorriso maior ainda.

— Achei um tanto quanto estúpido da sua parte ter dito que a estuprou, quando sabemos que não fez isso.

— Você não sabe.

Recusei-me a pensar naquilo. Se a ideia de se casar comigo era tão abominável a ela, pois bem, diferente dela, eu não me importava com o que pensavam de mim. Resolvi a situação, não precisava fingir nada para ninguém. Um mês e aquela história seria um passado distante. Completamente esquecido.

— Ah, eu te conheço, meu irmão. Te conhecia 10 anos atrás. Cabelinho penteado para o lado, nariz limpo dessa porra, sorriso contido, mas, ainda assim, sorria...

— Pare.

— Enfrente, porra! — rosnou, continuando a trazer à tona tudo aquilo. — Vinte e sete anos de idade, vivia no mundinho dos sonhos, prestes a...

Levantei-me com tudo, derrubando a cadeira no chão.

— Tudo bem, tudo bem... — disse, rindo logo em seguida. — Mas me conte, está vivendo o sonho de todo solteiro, hein? — Inclinou-se para frente e perguntou cheio de cinismo. — Como você faz? Desce e come uma, enjoou sobe e come a outra? Rodízio?

— Eu não sabia que Lucca a colocaria lá.

— Mas não está reclamando. — Sorriu.

— Qual seu ponto?

Ele ficou de pé e me encarou.

— Quando eu quis Anita e ela me odiava, fui atrás e a forcei a ficar comigo. Ela me abandonou, voltou e eu a forcei comigo de volta. Tenho duas filhas e não me arrependo de nada do que fiz para estar com elas. Alessa fugiu uma vez, vacilou e nós a encontramos, mas agora ela sabe onde não deve errar, irmão. Se ela fugir de novo, não vamos encontrá-la nunca mais.

— Não me importo com ela.

— Tudo bem, foda-se ela. Mas você já perdeu 10 meses com seu filho, terá sorte se acordar a tempo de não perder a vida toda.

Meu filho.

Aquilo me acertou como um soco.

— Aliás, bom trabalho. O garoto é a sua cara.

Papai do ano.

Que piada.



Estava prestes a entrar no carro quando ouvi alguém me chamando. Olhei para o lado e vi Michela e Isabella Gianni. Michela sorria e acenava para mim, olhou para sua prima e falou algo antes de começar a caminhar em minha direção. Os cabelos pretos que antes eram compridos, agora estavam curtos. Ela era filha de um soldado, prima da filha de um capo, era aí que terminava o que eu sabia dela, então sua empolgação ao me ver me causou estranheza.

— Dante, olá!

— Boa tarde, senhorita Gianni — fui formal.

Ela sorriu e olhou em volta, apoiando as costas no carro e estufou o peito. Eu desci meus olhos para o decote que ela fazia questão de mostrar e fitei seu rosto novamente.

— Achei que já tínhamos passado dessa base.

Levantei uma sobrancelha, e ela riu.

— Na festa de Evangeline nós passamos quase dez minutos juntos, conversando e tudo o mais.

Ela falou sobre a amiga morta sem nenhum pinga de tristeza na voz.

— Então, precisa de algo?

Ela fez um bico e involuntariamente aquela noite me veio à memória. Mas ao contrário de Alessa, que parecia sexy pra caralho fazendo bico, Michela só demonstrava estar forçando uma sensualidade que não existia.

— Só queria dizer que... aquela noite que tivemos juntos foi muito especial e sei que você deve estar fragilizado com tudo o que vem acontecendo, então...

— Não houve noite nenhuma entre nós, pare de dizer isso, ou quer que pensem algo de você?

Ela sorriu e se aproximou, colocando a palma da mão no meu peito, piscando os olhos para mim.

— Se precisar de um consolo, ou até mesmo alguém para te fazer esquecer tudo por um tempo, estou disponível.

Eu a encarei sem demonstrar nada. Sua oferta era clara e, como sempre, eu iria recusar. Segurei seu pulso e o afastei.

— Não me toque sem minha permissão. Obrigado pela oferta, mas não me interessa.

Abri a porta do carro novamente, mas ela se apressou em disfarçar o choque e o medo.

— Senhor... quero dizer que, talvez você não tivesse a intenção de forçá-la, só goste de algo mais... carnal. E eu entendo essa necessidade, mas algumas mulheres preferem as coisas leves. De qualquer forma, vindo de você eu aceitaria até se fosse forçado, se é disso que você gosta. Lembre-se.

Eu entrei no carro e dirigi com rapidez. Era absurdo. Eu não podia acreditar em tudo que aquela menina tinha dito.

Suspirei no caminho de casa, torcendo para que não a encontrasse.



— O que é, Dante? Vai começar a receber ligações em casa agora?! — Amira gritou assim que passei pela porta. Eu respirei fundo, minha cabeça pulsava de dor.

— O telefone está aí para isso.

Joguei as chaves na mesa e fui tomar uma água. Mal tinha entrado, e ela já ia começar. Era a porra do inferno ministrado na terra.

— Não foi uma ligação qualquer. Era uma mulher, e ela começou a falar sobre pedir para anotar o número dela e passar para você, disse que... — fungou, soltando uma corrente de lágrimas. — Que depois de saber da criança você devia estar se sentindo mal.

Eu dei as costas a ela, indo recorrer à única coisa que me tornaria surdo para suas palavras por algum curto tempo. Fui para o quarto, com ela atrás de mim. Seus soluços cada vez mais altos, o choro desesperado. Eu me

perguntei porque diabos tinha deixado que ela passasse quatro anos morando comigo sem qualquer perspectiva de vida.

Eu nunca teria um relacionamento com ela, nunca a assumiria. Podia contar nos dedos quem sabia que morávamos juntos e, além disso... não sentia nada por ela. Enquanto preparava o pó, sentia seu olhar sobre mim. Ela se sentou à minha frente e deitou a cabeça na mesa, ainda chorando.

Tirei a camisa, já suando e enrolei uma nota, preparei as linhas e lhe dei um último olhar antes de cheirar a primeira. Ela passou as costas das mãos no rosto, tentando limpá-lo, o que só fez com que seus olhos se manchassem com maquiagem. Em suas mãos e joelhos ela se arrastou até ficar posicionada entre as minhas pernas.

Empurrei a mão que pousou na minha e me inclinei, cheirando a segunda.

Amira colocou a mão no meu peito e começou a espalhar beijos, subindo até chegar na minha boca. O gosto do sal de suas lágrimas nos meus lábios foi a primeira coisa que senti, virei o rosto, não querendo aquele contato, e ela soluçou, apoiando a testa no meu peito.

— Você a engravidou — sussurrou entre soluços.

Eu suspirei, ela ia saber de qualquer jeito. Não que fizesse qualquer diferença, era só mais um motivo para brigas.

— Alessa Bonucci... — falou, e eu me encolhi. Parecia tão errado ter Amira mencionando o nome dela...Eu não queria misturar uma com a outra.

Suas mãos foram para as minhas calças, e ela acariciou meu rosto antes de se inclinar, abocanhando meu pau. Um arrepio percorreu minha pele e não pude evitar ficar duro. Ela parecia saber o momento perfeito de se aproximar para sexo. É claro que eu nunca havia recusado, mesmo quando não estava drogado, afinal, ela era uma mulher linda. Mas a convivência me mostrou que minha atração por ela acabava ali, e, no fim, eu só a queria para foder.

Ela me engoliu fundo até a garganta e apertou minhas bolas, tirou a boca e gemeu. Eu sentia suas lágrimas pingando na minha perna.

— Eu a conheci. Ainda morava em Miami, estava com duas amigas quando ela apareceu. Todo mundo parou para ir puxar o saco da estrela. — Ela lambeu de cima abaixo, e eu segurei seu cabelo. — Você sabe que antes de vir para cá, eu era uma Alessa lá?

— Pare de falar. — Empurrei sua cabeça, e ela me engoliu por completo, como uma profissional. E, de fato, era.

Quando soltou, sua saliva escorria pelo queixo, e ela voltou a me lambe calmamente.

— Ela era toda educada, sorridente e ninguém esperava nada de ruim vindo dela. A santa Alessa Bonucci. Mas eu a vi fodendo no jardim, o cara a enforcava a ponto de ela revirar os olhos e metia nela por trás. — Ela cuspiu no meu pau e voltou a engolir.

Suas palavras me despertaram de uma forma que nem eu entendi.

— Eu mandei parar de falar, caralho — rosnei.

— Porque? Você não quer saber como a mãe do seu filho é tão vagabunda quanto eu?

Afastei sua cabeça e segurei suas duas mãos, ela me fitou cheia de raiva.

— Eu devo ser um imã para vocês então, não é? Ela pode ser a pior de todas, mas existe uma grande diferença: o meu filho é dela e não seu.

Eu não sabia de onde surgiu aquela necessidade de proteger Alessa, mas estava tão cansado de toda aquela história. Tão irritado por Amira dizer aquilo, transtornado por querer ir até o apartamento lá em baixo e perguntar se era verdade, se ela tinha feito aquilo; estava farto de Amira pensar que tinha um direito sobre mim que jamais iria ter.

Ela abriu a boca, chocada com o que eu disse, tentando se livrar do meu aperto.

— Você nunca vai encontrar alguém que te ame como eu — sussurrou, e gritou logo depois: — Nunca! Ouviu? Nunca!

— Cale a boca.

— Eu sou a mulher da sua vida!

— Cale a boca, Amira, pelo amor de Deus...

Ela se soltou do meu aperto e segurou meu membro novamente.

— Acha que sua princesa perfeita vai chupar você assim, Dante? Hein? Acha que ela vai cheirar com você e deixar você meter na bunda dela igual eu deixo? — Solto uma risada amarga, me segurando com força. — Ela vai sentir nojo quando souber, quando você quiser foder com ela como fode comigo. Como se eu fosse um depósito de porra!

Peguei sua mão, sentindo quando a unha arranhou minha pele, e grunhi. Fiquei de pé, levei-a até a cama e a chacoalhei.

— Cale aboca! Eu mandei você ficar quieta, porra! — Joguei-a no colchão com violência, e ela me encarou, descabelada e com o rosto tremendo. Era insuportável ver aquelas lágrimas escorrendo sem parar.

Sem motivos.

Apontei para ela.

— Eu nunca prometi nada a você. Não te pedi em casamento, não disse que te daria filhos e nunca falei que te amava. Porque eu não amo. Você ficou aqui porque precisava de um lugar seguro, o perigo já passou e você continua aqui. Você está sem controle, Amira, impedindo os soldados de entrarem, se metendo nos meus negócios da família, fazendo esse tipo de show...

Ela se ajoelhou na cama me puxando pelos ombros.

— Eu faço tudo isso porque te amo, não consegue ver? Dante, eu não vivo sem você...

— Viveu por vinte e quatro anos, pode continuar muito bem.

— Então é isso? Tudo bem, eu vou embora. — Saiu da cama e foi até o closet, começou a pegar as poucas roupas que tinha lá e jogou no chão.

Eu suspirei e voltei até onde mais duas linhas de pó me aguardavam.

— Vou pedir a algum dos soldados para te buscar e chamar Lucca, para ver onde você pode ficar por enquanto.

Cheirei, terminando com as duas e passei o dedo pela minha gengiva.

— Você está brincando, certo?

Eu a encarei, sentindo finalmente fazer efeito.

— Porquê?

— Eu digo que vou embora e você se oferece para pedir a carona?

Levantei-me, já sem paciência para toda a merda que ela ia começar e fui saindo do quarto, mas antes que chegasse a porta ela correu na minha frente.

— O que você quer, porra? Que eu implore para que fique? Pelo amor de Deus, Amira... só porque eu como você não significa que não posso comer outras. Você sai e eu coloco outra no lugar, é simples.

— Você é mesmo um monstro, não é?! — gritou, me empurrando.

“Você é realmente um morto-vivo, não é?”

Fechei meus olhos dando um passo para trás. A voz dela veio com todo o peso e carregada de sensualidade como naquele dia. Quando abri os olhos não era mais Amira à minha frente.

Os cabelos longos de Alessa estavam soltos, e ela me olhava cheia de malícia. Meu coração batia tão forte como nunca, senti uma gota de suor descer pela minha têmpora, a visão de seus seios cheios me deixando duro na hora. Ela deu um passo para trás, e eu, um para frente. Não podia deixá-la escapar, não queria que tudo acabasse como da última vez, quando ela me usou e me mandou ir embora, e, como um cachorrinho, eu fui.

Fechando toda distância entre nós, segurei sua nuca puxando-a em direção à minha boca e a encostei na porta. Ela gemeu, envolveu seus braços ao redor do meu

pescoço, nós nos beijamos com violência, mordi o lábio dela com força e ela devolveu, parando só quando o rachou, chupou e me agarrou mais forte. Eu abaixei minhas calças, levando a cueca junto e comecei a me esfregar nela. Estava tão quente e molhada, pronta para mim, pronta para o sexo que só nós sabíamos fazer.

Alessa começou a me empurrar em direção à cama. E quando chegamos, deitei-a de costas e fiquei por cima dela, no meio de suas pernas.

— Eu não quero preliminares, por favor, faça amor comigo...

“Chega... por favor, me fode... agora!”

Posicionei-me na abertura dela e observei com prazer sua boca se abrir num grito silencioso quando empurrei para dentro em uma investida só. Eu subi minhas mãos, passando por seus seios e ela gemeu, cada vez mais alto, mais descontrolada conforme eu estocava dentro dela. Alessa estremeceu quando dediquei beijos em seus seios, chupando e lambendo e logo subi para sua boca, devorando os lábios que pareciam doces.

Meus músculos começaram a se contrair conforme ela gemia mais e mais rápido, mais forte... estava gozando e eu gozaria junto. Já podia sentir o calor correndo pelas minhas veias, quase explodindo, quase...

— Eu te amo tanto... — Parei os movimentos na hora, abri os olhos levando apenas um segundo para perceber que os cabelos aos quais meu rosto estava grudado não eram castanhos, eram loiros e curtos.

E Alessa nunca diria que me amava.

Afastei-me, saindo dela, meu pau ainda pulsando e assim que estava fora, gozei em toda sua barriga. Eu saí da cama, deixando Amira sem entender nada, ofegante e com uma pergunta no olhar.

Abri a porta do quarto e fui direto para o meu escritório.

Sentindo-me seguro atrás daquelas portas, apoiei a cabeça nas mãos e tentei driblar a adrenalina e luxúria que rodeavam meu cérebro.

Eu quase gozei dentro de Amira. Quase dei a ela poder e controle sobre mim.

E o maior problema nem era esse, mas, sim, que pensei que fosse Alessa. Fantasiei estarmos transando.

Ou seja, o poder e o controle que eram só meus já estavam com ela. Aquela mulher sequer sabia disso, e o que eu podia fazer? Até aquele momento, nem eu sabia.



CAPÍTULO 19



*“Não sou o único viajante
Que não pagou sua dívida
Estive buscando um caminho para seguir novamente
Assombrado pelo seu fantasma
Quando a noite estava cheia de terrores
E seus olhos cheios de lágrimas
Quando você ainda não tinha me tocado
Me leve de volta para a noite em que nos conhecemos”*
Lord Huron – The night we met

ALESSA BONUCCI

ANIVERSÁRIO DE 13 ANOS

A porta do meu quarto se abriu durante a madrugada mais uma vez. Os passos dele eram lentos; caminhava devagar para não acordar meus irmãos. Era mais um daqueles dias em que papai foi viajar a negócios de nossa família e confiou que ele cuidaria de nós. E como não

confiar? Afinal, ele era taxado como um homem honrado, um homem de berço. Digno de confiança.

Quando aquilo acontecia, eu queria apenas voltar no tempo e pedir àquela garotinha de 11 anos que não tivesse entrado naquela sala.

As memórias ainda eram vivas em minha mente.

Ele não foi longe. Naquele dia ele apenas me mostrou seu corpo e mandou que eu o tocassem.

Eu precisei sozinha entender, depois da quarta vez em que ele visitou meu quarto, que aquilo era errado. Invadi o escritório de papai e pela primeira vez na vida usei um computador. Não foi bonito quando o confrontei com o que tinha descoberto.

Porque ele me tocou e me mandou tocá-lo? Eu era uma criança. Ainda era, mesmo naquele momento, enquanto ele tirava seu cinto e pensava que eu estava dormindo.

Minha virgindade foi embora e agora parecia um sonho distante que eu fui pura algum dia. Após a primeira vez ter feito um estrago no meu corpo e me deixar sangrando sem controle em uma maca de uma clínica clandestina distante da Sicília, nós voltamos para casa com um falso exame de que eu estava com alguma enfermidade passageira. Papai, é claro, acreditou.

Ele se deitou do meu lado e levantou a coberta, como fazia todas as vezes. Assim que sua mão encostou na minha cintura eu me levantei correndo e tentei chegar até a porta, mas ele estava preparado, afinal, quantas vezes tentei fazer aquilo?

— Não me toque, seu imundo!

Ele segurou meus dois braços com força.

— Oh, hoje você está difícil? Talvez eu deva ir atrás de Abriela? Tão bobinha, tenho certeza de que ela não daria nem um pio. — Riu, debochado.

— Não ouse encostar na minha irmãzinha! — rosnei, a raiva e o ódio fervendo dentro de mim.

Ele riu e colocou a mão no queixo como se estivesse pensando.

— Anita, então? Ela seria selvagem, relutando e pedindo para eu parar...

— Não! Deixe minhas irmãs em paz. — Eu segurava as lágrimas de raiva com tudo o que eu tinha.

— Hum, você tem algo a oferecer em troca, então? — Sorriu, chegando perto de mim e balançou a arma na minha frente.

Eu fechei os olhos e tentei fazer com que minha mente me levasse para longe dali. Os últimos anos haviam me ensinado a entrar em um mundo só meu, um universo paralelo onde ele não podia entrar. Mantive os olhos fechados e tentei me transportar para lá. Quando senti o toque de suas ásperas mãos eu quis vomitar. Puro instinto me fez dar um passo para trás, fazendo com que ele agarrasse minha nuca e, contra o meu rosto, sussurrou ameaçadoramente: — Silêncio cadela, você sabe como eu gosto disso.

O cheiro de uísque e cachimbo chegaram ao meu nariz, logo eu estava ajoelhada no chão à sua frente, com a arma apontada para a minha cabeça enquanto ele desfazia o cinto de sua calça.

Ele riu e segurou minha garganta, apertando, e só soltou quando viu que eu estava prestes a desmaiar.

— Feliz aniversário, Alessa. Minha gatinha faz 13 anos, espero que goste do seu presente.

— Porque... — Tossi, segurando o meu pescoço. — Porque me sufocou?

— Minha gatinha linda... a partir de hoje você vai aprender algumas coisas novas e confie em mim, vai levá-las consigo para toda a vida.

Sim, eu sabia como ele gostava daquilo, e durante anos aprendia, cada vez mais, o quanto ele gostava.



DIAS ATUAIS

Faziam horas desde que havia acordado. A primeira coisa que fiz foi pegar Ax e levá-lo de volta para a cama comigo.

Era aquele dia do ano em que eu não queria ver ninguém, falar com ninguém e muito menos comemorar. O que havia para comemorar? Fazia 23 anos e a única coisa que poderia me dar um pouco de paz dormia ao meu lado.

Lucca sempre tentava fazer algo, porque sabia que eram sempre os piores, mas não havia nada que pudesse ser feito. Eu só queria esperar dar meia noite e estaria acabado.

Enquanto Anita gostava de fazer festas e comemorar aquela data, eu queria só esquecer.

Antigamente, ainda na adolescência e depois que tudo acabou, eu passava os aniversários com Bernardo. Ele entendia que eu queria ficar sozinha, em silêncio, por mais que não soubesse o motivo, mas sempre se sentava ao

meu lado e ficava lá. Fosse assistindo filmes, fosse dormindo. E além daquele dia em especial ser ruim, piorava por saber que minha companhia não estaria lá como sempre.

Eu me levantei para dar banho em Ax, quando este acordou, e para alimentá-lo, e deitei no sofá, observando-o brincar por horas. Até que ele engatinhou e se segurou de pé no sofá, inclinou a cabeça e ficou me olhando.

Eu toquei em seu nariz.

— O que foi, bebê?

Ele começou a resmungar alguma coisa sem parar, fazendo barulhos e dançando. Eu não aguentei de tanto rir, e ele ria junto. Será que conseguia sentir o quão mal eu estava? Parecia que Axel estava ligado a mim de uma forma que não dava pra entender. Sempre que eu estava triste, cabisbaixa, preocupada, ele se aproximava e fazia gracinhas, me animando, sorrindo do meu sorriso que era todo dele.

Nós ainda nos divertíamos sozinhos quando o telefone começou a tocar.

Eu me levantei, segurando suas duas mãos e caminhando devagar com ele até o outro lado da sala.

— Alô?

— Olá! — Anita gritou. Eu afastei o telefone e puxei o aparelho para baixo, sentando-me no chão. Axel imitou minha posição, observando-me enquanto eu falava.

— Pare de gritar pelo amor de Deus.

— Eu estou ligando para tentar te convencer a vir aqui para casa, o pessoal está comigo, só falta você e Ax.

— Obrigada, irmã, mas como todos os anos...

Ela soltou um gemido frustrado.

— Você quer ficar sozinha e lamentar porque pensa que está ficando velha e logo, logo as rugas vão aparecer. E todo mundo pensava que eu era a maníaca por aparência.

Fiquei em silêncio, deixando que ela pensasse que era aquilo.

— Parabéns, irmãzinha. A única felicidade de hoje é que você veio ao mundo junto comigo.

Ela suspirou.

— Eu amo você, desculpe minha explosão. São 10 anos tentando comemorar um aniversário com você, nunca consegui, mas ano que vem tento de novo.

Eu dei risada.

— Ok.

— Te amo muito, o pessoal está me esperando para cortar o bolo. Tem certeza de que está bem?

Eu olhei para Ax, que tentava enfiar o punho todo na boca e assenti. Não poderia estar melhor.

— Me desculpe ser uma gêmea terrível, mas, sim, estou bem.

— Ok. Vou indo então.

No mesmo momento a campainha tocou.

— Olha, tem alguém na porta, eu vou desligar. Podemos nos falar amanhã?

Axel começou a engatinhar em direção à sala e me apressei mais ainda.

— Está bem, nós nos falamos depois. Amo você.

— Eu também, irmã, aproveite o seu dia. — Desliguei e coloquei o telefone no lugar, correndo para alcançar meu

gordinho.

— Menininho impaciente — chamei, e ele olhou para trás, deu risada e continuou seu caminho. Eu o peguei, dando beijos em todo o seu rosto e olhei pelo olho mágico.

Minha risada morreu na mesma hora. Abri a porta sem hesitar, encarando meu irmão como se fosse uma miragem. Ele olhou para mim, depois para Axel e seus olhos se encheram de lágrimas. Com meu filho nos braços, passei o outro pela cintura dele e o abracei. Levou apenas um segundo para ele retribuir.

Havia saudade, tristeza e muitos assuntos inacabados.

Depois de um momento ele entrou. Olhou em volta e focou sua atenção no meu filho.

— Caramba.

Peguei a mão de Axel e balancei.

— Oi, titio, meu nome é Axel.

Bernardo riu e segurou a mão dele, fazendo-o rir de volta.

— Você é o carinha mais lindo que eu já vi.

Eu sorri, não conseguindo impedir que as lágrimas viessem. Tinha pensado nele logo pela manhã e agora aparecia ali como se tivesse me ouvido.

— Obrigada por vir.

— Eu nunca deixaria você sozinha, não hoje. Sei como fica. Vejo que já está em ótima companhia, mas se não for demais, posso ficar alguns minutos?

Eu dei risada.

— Nada me deixaria mais feliz.



Servi-lhe um prato de comida, insistindo que estava mais magro do que de costume, e ele aceitou, devorando em questão de minutos, como se não visse comida decente há anos.

— É como um tipo de hotel para homens? — perguntei, me referindo ao lugar onde soube que ele estava vivendo.

Ele bufou.

— Não é nada parecido com um hotel.

— E como é?

— Gosto de fingir que estou em uma fraternidade. Fiz alguns bons amigos lá dentro, estamos todos no mesmo barco, então... as ideias batem.

Eu o observei com atenção.

— Porque cortou o cabelo?

Ele se levantou, colocando o prato na pia e se sentou novamente, apontando para Ax.

— Posso pegá-lo?

— É claro. — Sorri e, sem nenhum esforço, Axel se agarrou ao tio, como fazia com todos.

Bernardo sorriu, sincero.

— Uau. Ele é incrível. Às vezes quero matar o DeRossi por ter te engravidado, mas vendo esse garoto... foi a coisa mais linda que você já fez.

— Eu concordo plenamente.

— Mas enfim, o cabelo... — continuou, mexendo no cabelo de Ax. — Prefiro assim, tira um pouco da imagem de futuro capo que eu tinha antes, gosto mais desse jeito.

— Ber... queria tanto te ver feliz de novo.

Ele me encarou, sério.

— Eu estou... feliz. Sejam os sinceros, Alessa, nunca houve felicidade para mim dentro da máfia, principalmente com nosso pai e Lorenzo. As únicas coisas boas que eu tenho... tinha, eram vocês três.

— Tem. Você ainda nos tem.

— São tão boas que Anita me perdoou. Acredita nisso? Alguns meses atrás ela foi lá me procurar e me abraçou, pediu para eu me livrar da culpa. Ela nunca parou de falar comigo, e agora conseguindo ver você e Axel, sabendo que ainda tenho um espaço no seu coração, parece que tudo volta ao lugar novamente.

— Você jura que está bem?

Ele assentiu.

— Imagine que eu estou o melhor do que poderia. Pelo menos estou livre de ser capo, moro com uns caras que se tornaram meus irmãos, não estou sempre em perigo, pois não sou o foco de nada.

Franzi os lábios, odiando que ele tivesse que viver em um lugar daqueles.

— Estou imaginando e não gosto nem um pouco.

— Não é tão ruim.

— Vendo como você está não parece.

Ele riu contido, triste.

— Os caras não são tão ruins assim.

Axel segurou o rosto dele e beliscou, tentando chamar sua atenção.

— Bah-bah- Guh!

Meu irmão deu risada, deixando um beijo em sua cabecinha.

— Obrigada pela comida e por me receber, Lessa, mas não posso ficar muito tempo. Vim só me despedir.

— Despedir? Do que está falando?

— Dante me ofereceu uma oportunidade.

Eu estreitei os olhos.

— Não aceite.

Ele sorriu.

— Lessa... escute primeiro. Sei que você deve ter seus... problemas com ele, mas gosto do cara, realmente gosto.

— Você nem o conhece.

— Conheço o suficiente. Ele passa muito tempo com os soldados lá no albergue, às vezes até dorme lá.

Levantei uma sobrancelha.

— Está brincando?

— Sério. Ele quase não fala, mas fica, joga baralho, compra comida com a gente e ajuda a pagar. Às vezes é como se fosse um de nós.

— Realmente não consigo vê-lo fazendo isso.

Bernardo deu de ombros.

— Vai saber o que passa na cabeça dele.

Suspirei.

— E que proposta foi essa?

— Ele me ofereceu um cargo em Miami, Iago Joseni assumiu a cadeira de Alberto Cardinalee precisa de soldados. Dante propôs a mim e mais três.

— Bernardo, pelo amor de Deus, porque é que ele quer te mandar para longe?

— Porque um tempo atrás eu pedi isso. Não aguentava mais, Lessa. Não aguento mais as pessoas daqui me apontando, falando que eu traí, além da família, você e as nossas irmãs.

Eu me levantei.

— Esse homem é um duas caras, isso sim! Você não sabe o que ele disse de você antes de eu ir embora, se você soubesse...

— Sobre eu ir na cadeia ver Santino? — perguntou, rindo.

Eu o olhei surpresa.

— Como sabe?

— Alessa, Dante não é duas caras. Pode ter certeza de que o que ele fala de alguém ele falará também para a própria pessoa. Ele me propôs isso também.

Engoli em seco.

— E você não acha absurdo?

Ele levantou, me entregou Ax e deu-me um beijo na testa.

— Pare de colocar a si mesma contra ele, irmãzinha. Dê a oportunidade de conhecê-lo, está bem? Eu acho que ele iria surpreendê-la. Agora realmente tenho que ir.

Eu o acompanhei até a porta e nos abraçamos uma última vez.

— Você vai entrar em contato?

Ele assentiu.

— Claro, pegue meu celular com Anita e me mande fotos desse meninão, está bem?

Eu sorri.

— *Va bene*. Por favor se cuide.

Ele sorriu de volta.

— Você também. — Beijou Ax e segurou sua mãozinha.

— Tchau, garoto.

Axel sorriu, e eu observei meu irmão entrar no elevador e ir embora.

Entrei, vendo que eram mais de oito da noite e suspirei. Estava quase acabando.

E ao contrário de pensar nas lembranças que meu fatídico aniversário trazia, estava novamente pensando em Dante. Abracei Ax. Estava a cada dia descobrindo algo sobre aquele homem, e assim como Bernardo disse, cada uma me surpreendia mais que a outra.



CAPÍTULO 20



*“Nunca coloque meu coração junto novamente
nestes rios de lágrimas
Eu estou me afogando
No penhor da minha mão
Agora estou quebrado e sangrando
Um estranho nesta terra
Perdi tudo”*

Jill Andrews – Lost it all

ALESSA BONUCCI

Depois de um mês em casa tentando adaptar Ax ao novo horário, me acostumar com tarefas domésticas do dia a dia e decidir o que faria dali para frente, finalmente havíamos chegado em uma ordem das coisas. Axel já dormia melhor, e eu reorganizei seus horários.

Resolvi pagar alguém para cuidar da casa com meu próprio dinheiro. Admitia que não dava conta de limpar, passar, cozinhar e ainda cuidar de um bebê. Chegava o

final do dia eu estava morta e quando meu filho queria atenção, eu não conseguia dar.

Perguntei-me como é que as mulheres davam conta de tudo isso e, às vezes, ainda tinham um trabalho e mais filhos que eu. Até mesmo maridos. Eu não duraria um ano.

Depois de ter aquilo em mente, fui para o próximo passo: precisava dar uma satisfação as empresas que haviam me contratado.

Coloquei um vestido e saltos, arrumando meu cabelo cuidadosamente e me maquiei. Então foi a vez de Ax, quando saímos para a rua ele estava super animado. A quantidade de pessoas era maior, as ruas eram diferentes, e ele parecia perceber tudo isso.

Chamei um táxi e, quando estava prestes a entrar, a porta foi fechada.

— Senhorita Bonucci, vou pedir que venha comigo.

Olhei para trás, vendo Boni, um dos soldados, dispensar o taxista e mal acreditei naquilo.

— Eu tenho coisas a fazer, Boni, não vou ficar trancada naquele apartamento.

— Sim, senhorita, vou levá-la onde precisa ir.

— Não tem que fazer isso, não é sua obrigação.

Ele assentiu, apontando para o carro.

— Estou sob ordens do senhor DeRossi.

Revirando os olhos, eu o segui para o carro e me acomodei, coloquei minha bolsa e a de Ax no carro, vendo uma cadeira para bebês ali. Ajeitei meu filho e observei o soldado dar partida.

— Boni.

— Senhorita?

— Porque Juliano não veio? — perguntei, sabendo que geralmente era ele quem fazia aquele tipo de serviço para Lucca.

Boni me olhou pelo retrovisor.

— Juliano está com o chefe, senhorita. Precisa falar com ele?

Eu abaixei a cabeça, finalmente entendendo.

— Não. Está tudo bem.

Ele assentiu.

— Para onde vamos?

— Assessoria da D&G, Via Giuseppe Broggi, número 23.

Ele mudou a rota em silêncio.

Passados alguns minutos, Axel começou a murmurar.

— Boni?

— Senhorita?

— De qual senhor DeRossi você está seguindo ordens?

Ele levou uns minutos para responder.

— O subchefe, senhorita.

Olhei para Axel, devolvendo sua chupeta que havia caído e suspirei. Era só o que me faltava.



Mais de três horas depois e muita conversa, concordei em, ao invés de pagar a multa de abandono de contrato, fazer um novo. Assim que viram Axel, os agentes quiseram realizar um ensaio com nós dois. Eu recusei, jamais poderia envolver meu filho naquilo. Para mim tudo bem, devido ao meu status na família, era até proveitoso para

eles que eu estendesse laços e ligações, mesmo que a família não tivesse nenhum com o mundo da moda, mas colocar um bebê, um filho da máfia, para o mundo ver, não era nada bom.

Ficou acordado que eu continuaria fotografando peças exclusivas e seria o rosto sob o qual pendurariam joias.

Axel dormiu o tempo todo, e quando estávamos no caminho de volta para casa, recebi uma ligação de Anita me chamando para almoçar. As meninas iriam passar o dia com Giorgia, e ela queria aproveitar para me atualizar das coisas.

Boni me levou até o restaurante e ficou ao lado de Nino na entrada. Levei meu filho bem atento para dentro e encontrei minha irmã com Marco, em uma mesa distante. Mal cheguei e ela já foi tirando-o de meus braços.

— Oh, meu Deus... como é que vou sobreviver a você, hein?

— Olá para você também, irmã. — Dei um beijo em Marco, sendo totalmente ignorada por Anita, e ele puxou uma cadeira para mim. — Olá, querido.

— Como vai, linda?

— Muito bem, obrigada. E você?

— Fabuloso como sempre.

Nós rimos, e o garçom se aproximou, pegando meu pedido.

— Estou curiosa sobre sua ligação, Anita.

Ela beijou Ax mais uma vez e me encarou.

— Não posso sentir falta da minha irmã?

— Deve, só estranhei ter sido em cima da hora.

— Na verdade... — Marco intrometeu-se. — Eu também queria te ver. Tenho novidades.

— Ah, é? — perguntei, curiosa.

— Sim, muitas.

— Ora, então vamos lá. Não me faça esperar.

— Antes... quero saber de você. Recebi tantos telefonemas sobre o pessoal da moda querendo seu contato no tempo em que estive fora.

Suspirei.

— Pois é, acabei de voltar de uma reunião com alguns representantes da D&G. Renovamos o contrato, mas senti que um pouco da confiança foi perdida.

— Mas agora que voltou pretende continuar com as fotos? Sei que, mesmo com Axel, terá tempo.

— Sim, tempo de sobra quando me acostumar com a nova vida.

Anita bufou, fazendo Axel dançar em seu colo.

— Estúpidos, todos eles são uns estúpidos. Eu não dou nem três meses para estarem aos seus pés pedindo que volte a organizar os eventos da *famiglia*.

— Realmente, você fazia tudo majestosamente.

Eu balancei a cabeça.

— Mesmo que quisessem, as coisas não são tão simples. Eu teria que passar por cinco esposas e a aprovação de Lucca para poder voltar e não acredito que Aida, Belinda, Gema e Leona vão me aceitar de boa vontade.

— Pelo menos a aprovação de Giorgia você tem, e de Ella também, que é a mais importante.

— Mesmo assim. Quero dar toda a minha atenção a Axel por enquanto.

— Aida, Gema e Leona, mesmo que terríveis, sabem que você é muito boa no que faz, não creio que seriam tão radicais. Já Belinda...

— O que tem Belinda? Ela sempre foi a mais submissa às vontades de todas.

Anita cuspiu uma risada, e Marco a acompanhou.

Minha irmã suspirou divertida.

— Não tive tempo de te contar. Belinda está mordida com você porque não estava aqui para me... controlar quando Luigi e eu voltamos de Ibiza aquela época.

Eu arregalei os olhos, lembrando-me da situação em que Belinda estava me colocando.

— Meu Deus, Anita... eu esqueci completamente! Estava tão focada em levar Ax embora que nem me passou pela cabeça.

Ela deu risada.

— Foi bom você não estar. Nada me impediu de quebrar a cara daquela vaca. Luigi deitou-se, sim, com ela e tirou a virgindade daquele encosto, e, acredite em mim, ele teve um castigo muito bem dado quando voltamos, mas ela teve o dela por querer começar uma história que não era verdade.

Eu suspirei.

— E qual foi o resultado?

— Ela levou uma bela surra para aprender a não mexer com o meu homem. Luigi ficou sem gozar por duas semanas, mas só porque, sinceramente, eu não aguentava

mais não me aproveitar daquele corpo, e Isabella não voltou a nos incomodar.

— Não na sua frente — Marco concluiu.

— Sim, é claro que falar pelas minhas costas elas sempre vão. — Revirou os olhos e sorriu para mim. — E vão falar de você agora também! Olha só para nós duas, as gêmeas perversas!

— *Santo Dio...* — gemi, desgostosa da situação, e ela riu, sendo acompanhada por Axel. — Mas me fale de você agora, Marco, qual a grande novidade?

— Certo. — Suspirou. — É segredo tipo master, de vida, do tipo que você não pode nunca, jamais, em hipótese...

— Ele está com um soldado da *família* — Anita interrompeu.

— Anita! — repreendeu, e ela riu.

Eu o encarei, chocada.

— É sério?

Ele hesitou.

— Sim... é sério, Lessa, pelo amor de Deus...

— Não seja bobo, eu nunca diria.

— Você está olhando estranha.

— Estou surpresa. Como isso aconteceu? — perguntei, ainda tentando processar a informação.

— Não tem como explicar, só... aconteceu.

— E eles estão apaixonados — Anita continuou.

— Muito — ele concluiu.

— Estou chocada, feliz e... preocupada — declarei.

Na verdade estava muito preocupada. A quantidade de problemas que aquilo poderia acarretar para ele eram

incontáveis. Inclusive ameaças à sua própria vida se alguém descobrisse.

— Pode imaginar? Um soldado da *família* sendo gay?
Assenti.

— Se bem que Marco é um futuro capo e ninguém nem desconfia.

Ele suspirou.

— Foi uma surpresa ele ser gay, realmente.

— Eu nem sei quem é e estou pirando aqui — respondi.
Anita riu.

— Bem-vinda ao clube, ele não quer falar o nome do abençoado de jeito nenhum.

— Meninas, tentem entender... ele é discreto, discreto demais! Essa relação... tudo... tem acontecido da forma mais secreta possível. Nós mal nos falamos por telefone para vocês terem uma ideia.

— Eu só não entendo como tanto você quanto ele, sendo tão discretos, descobriram suas preferências? — perguntei curiosa. Porque nós sabíamos da opção sexual dele, mas era segredo de vida, ninguém mais sabia.

— Ele chegou para mim um dia e disse que precisa falar comigo, me encontrar em um lugar distante e sozinho. Eu nem desconfiei, pensei que pudesse ser relacionado à *família*. Quando cheguei lá, ele simplesmente desabou de falar. Eu nunca, jamais, imaginaria que aquele homem pudesse não gostar de mulheres.

Anita suspirou.

— E a cada minuto fico mais curiosa.

—Somos duas, irmã, eu não me aguento de curiosidade.

— Ele sempre teve uma postura de macho alfa, sabe? Controlado, sério, mandão... e aí descubro que toda aquela pose vira carinho quando estamos juntos.

Eu sorri, amando ver toda a felicidade estampada no rosto dele. Anita parecia feliz da mesma forma, até mais do que eu pela ligação que tinham. Eu só não podia deixar de me preocupar com ele. Se tinha uma coisa que a Cosa Nostra não mudava, em anos de tradição, eram os preconceitos arcaicos formados pelos nossos antepassados. Homossexuais não eram apenas mortos, mas humilhados e torturados como criminosos antes da morte. Era brutal e desumano. Não importava quantas vezes eu tentasse abordar o assunto com Lucca ou Anitta com Luigi, não havia nada que nós pudéssemos fazer. E quanto aos dois, decisões como aquela envolviam todas as unidades da *Famiglia* ao redor do mundo.

Nenhum deles se deslocaria para ir até a Itália votar sobre um assunto que consideravam imutável. Mas nós sorrimos para Marco e o deixamos sonhar enquanto estávamos no nosso mundinho naquela mesa do restaurante. Ali, ele podia ser livre. Apenas ali e na privacidade com seu amante.

Ele precisaria se casar, ele deveria ter filhos e seu coração sofreria uma vida inteira de regras. Punido pela eternidade. Condenado.

Axel resmungou. Eu o peguei e deitei-o no colo antes de abaixar minha blusa sem alças de um lado e ele rapidamente abocanhar meu seio.

Quando olhei para cima ambos olhavam para nós, sorrindo.

Marco pegou minha mão e deu um beijo.

— Você é fantástica, Alessa.

Franzi a testa.

— O que foi que eu fiz?

— Está passando por cima de todas as regras por esse homenzinho.

Eu retribui o sorriso e acariciei o rostinho de Ax. Ele me encarava com os brilhantes olhos azuis bem atentos.

— Você faria diferente?

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu não faria.

— Foi o que pensei. Mas não mude de assunto, fale mais sobre o senhor mandão.

Nós rimos e passamos mais um tempo conversando. Até mesmo esqueci a pilha de problemas que existiam à minha frente.



Quando cheguei em casa horas depois, dei um banho em Axel e o preparei para dormir. Fazia muito tempo que ele não tinha dias movimentados como aquele. Conhecer pessoas, andar de carro, ficar fora de casa. Foi tudo uma novidade. Não demorou para que dormisse após tomar seu leite.

Tomei um banho calmo e não foi uma novidade que não estivesse com um pinga de sono. Ainda não estava tomando os remédios, pois amamentava Ax. Então ao invés de ficar olhando para o nada até cansar, resolvi seguir o conselho de Anita e peguei o telefone, digitando o número para o qual há muito tempo não ligava.

Estava morrendo de medo da reação dela. Éramos colegas de trabalho, mas amigas também, e eu a deixei sem qualquer explicação para cuidar da associação e das crianças. Anita fora um anjo.

Tocou algumas vezes e foi para a caixa de mensagem. Eu quase desisti, mas sabia que adiar só pioraria. Tentei de novo e, daquela vez, ela atendeu no terceiro toque.

— Alô?

— Gardenia?

— Sim, quem é?

— Alessa.

Passou um momento, depois um grito me fez afastar o celular.

— Não acredito! É realmente, realmente você?

— Sim, sou eu.

— Oh, Lessa... não sabe como estávamos preocupados!

— Eu estava buscando coragem para ligar. De um a infinito, quão zangados vocês estão?

Ela riu.

— Alessa, pare de bobagem! Sua irmã veio no dia seguinte, inclusive pensamos que fosse você.

— Ela me disse.

— O negócio é que ela explicou que você ficaria fora por um tempo e não podia dizer porquê.

— Realmente não podia — lamentei.

— Eu entendo, mas ela veio e com toda a garra foi assumindo aos poucos o seu lugar aqui. Quer dizer, se voluntariou e fez um trabalho tão incrível, Lessa.

— Ela é incrível mesmo, fico feliz que se conheceram, mesmo que em tal circunstância.

— Depois de uns três meses ela nos contou resumidamente sua história. Foi aí que lhe deixamos começar a assistir a reunião. Depois disso ela fez da associação um trabalho, e ficava cada dia mais presente.

— Ouça, Gar... eu não posso voltar agora. Está tudo uma bagunça e você não sabe, mas eu tenho... assuntos que não posso deixar agora.

— Ei, não se preocupe. Isso aqui era a sua vida, nós sabemos que você não largaria se não tivesse motivos sérios.

— Eu não larguei.

Ela riu.

— Eu sei, foi modo de dizer.

Suspirei.

— Está bem... mas me diga, como está tudo aí? Você, Phil, Laura, as crianças?

— Tudo na mesma. Recebemos mais algumas crianças, ainda trabalhando. Phil e eu estamos ótimos e Laura vai se casar, acredita?

— Oh. — Eu sorri. — O médico finalmente pediu?

Ela deu risada.

— Sim, e Lala já está planejando, mesmo que tenha marcado para o final do ano que vem.

— *Santo Dio* — sussurrei

— Pois é!

— Me conte como foi o pedido.

Nós continuamos conversando por mais um longo tempo. Ela me contou sobre o pedido de casamento que o namorado de Laura fez, sobre a empolgação de todos pelo Natal do ano anterior e das crianças ao receberem os presentes. Contava com tantos detalhes que quase consegui ver as cenas.

Morria de saudade, e quando pensava naquelas pequenas coisas, ficava feliz por estar de volta.



CAPÍTULO 21



*“Eu converso com estrelas cadentes
Mas elas sempre entendem errado
Eu me sinto idiota quando rezo
Então, pra quê eu estou rezando, no fim das contas?
Se ninguém está ouvindo
Alguém, por favor
Senhor, tem alguém?”*
Demi Lovato – Anyone

ALESSA BONUCCI

— De novo, Axel? – Eu não sabia mais o que fazer.

Durante toda a madrugada ele ficou inquieto, pensei que fosse cólica ou o dente, mas conforme o choro ia piorando e o sono passou, fiquei mais preocupada. Amanheceu o dia e ele havia acordado de um cochilo, já ficando com o rostinho vermelho de chorar.

O meu estava igual. Peguei meu telefone, sem saber para quem mais recorrer.

— Residência dos DeRossi.

— Bom dia, é Alessa Bonucci. Preciso falar com Giorgia, pode dizer que é sobre seu neto, por favor?

— É claro. — Goretti pareceu surpresa. — Um momento, senhorita.

Alguns instantes depois a voz familiar me acalmou do outro lado. Ela saberia o que fazer.

— Lessa? O que houve?

—Giorgia — chamei, tentando soar calma. Não queria assustá-la com a minha voz. — Preciso de ajuda.

— Querida, o que foi? É algo com Axel?

— Ele chorou a madrugada toda, já havia acontecido e o médico disse que eram cólicas normais, mas dessa vez não passou, ele acordou pior e...

— Ah, querida, vou até aí agora mesmo.

— Não! Eu quero levá-lo ao hospital, só...

— Acalme-se, vá bene?

—Giorgia, sou uma péssima mãe! Fiquei tão acostumada com o consultório do lado de casa e ao voltar minha cabeça estava tão cheia, agora nem sei onde levá-lo! Marrie não me atende também.

— Querida, há um médico a dez minutos de carro da minha casa. Vamos fazer assim, você se ajeita e vem para cá, enquanto isso eu ligo para ele. Está bem?

— Sim. — Suspirei aliviada.

— Espero vocês, cuide do nosso menino.

— Eu vou — sussurrei, desligando.

Vesti-me e arrumei Axel rapidamente, pegando o essencial para mim e sua bolsa, então saí de casa.

O elevador começou a subir antes que eu apertasse o térreo. Bati os pés, impaciente. Toquei a testa de Ax para verificar a temperatura, estava normal.

Estava tão, tão preocupada. Vê-lo chorar era terrível, tão agonizante!

A porta abriu e a última pessoa que eu esperava colocou um pé dentro, mas olhou para cima e seus olhos fixaram nos meus.

Ele parou.

Eu parei.

O mundo parou.

Meu coração começou a bater descompassado. Minhas mãos quase suaram mais do que já estavam e vergonhosamente tomei conta de que, nem de longe, eu parecia a mulher de um ano e alguns meses atrás. Meu cabelo estava preso, fios soltos para todos os lados, a calça de elástico com uma bata branca e a bota rasteira não me deixavam nada sexy também. Ao contrário dele. Completamente no controle. O terno impecável preto, cabelo penteado e o mesmo olhar de antes: vazio.

Ele continuou ali, parado, me olhando. Será que esperava que eu fosse atacá-lo? Eu queria. Jesus. Pulsava com a vontade de senti-lo outra vez. Meus seios ainda doíam da brutalidade com a qual foram tratados e senti o incômodo nos dias que seguiram, minha intimidade doía. E eu ansiei por mais. E passou a doer mais ainda com ele me olhando daquele jeito. A firmeza no olhar, vestido em seu terno de negócios, com sua beleza impecável, a boca que eu queria infelizmente beijar, o corpo que eu queria me segurando de novo. Machucando-me, maltratando-me. Só

de lembrar a força com a qual aqueles braços poderiam me segurar, eu arfei. Constrangedoramente admiti, fiquei excitada. Minha calcinha provava isso e se ele me perguntasse, eu diria.

No mesmo momento, Axel soltou um resmungo e choramingou baixinho. Eu arregalei os olhos e fitei meu filho. Acordando do sonho, voltando ao mundo real. Fechei os olhos me condenando, o que estava pensando? Meu filho doente e eu sonhando indecências com seu pai ao invés de ir levá-lo logo ao médico.

Abri-os novamente, só para dirigir toda a raiva a ele.

— Você vai entrar e deixar o elevador descer ou o quê?
— esbravejei.

Ele levantou uma sobrancelha, claramente não entendendo meu surto, e entrou.

Cheguei mais para o canto na parede de metal, então eu vi o exato momento em que ele, finalmente, também acordando do nosso devaneio juntos, se deu conta de que não estávamos sozinhos ali.

Ótimos pais.

Apertei Ax nos meus braços, quando seu chorinho ficou mais alto. Eu me alardeei, odiava quando ele chorava. Entrei em um mundo só nosso e sequer pensava mais em Dante ali.

—Shi... bebê, não chore. — Beijeí seu cabelo. — Mamma está aqui, vai ficar tudo bem, meu amor.

O elevador parou, a porta abriu novamente. Axel se agitava, não querendo mais ficar parado. Eu bati os pés inquieta.

— Droga! — murmurei para mim mesma.

Péssimo dia.

Uma mulher alta, morena, com roupas extremamente elegantes entrou e acenou para mim, virando-se para Dante logo depois.

— Senhor DeRossi.

— Bom dia — respondeu rouco. A voz dele sempre teve naquele tom? Baixo, grave? Sensual? Não, claro que não. Estava claramente respondendo à investida da mulher.

Vizinhos. Adultos. Ele... inegavelmente bonito. Ela... linda. Eu parei com meus pensamentos, nunca fui de ficar cismando com outras mulheres, nunca sequer fiz comparações daquele tipo. E lá estava, fazendo tudo isso.

Axel fez um barulho sofrido, claramente com dor, cortando meu coração. Meus olhos se encheram de lágrimas.

—Alessa, está tudo bem?

— Parece estar? — cortei seca, nem olhando para ele.

O elevador finalmente chegou, e eu saí, passando na frente dos dois. Daria espaço para conversarem já que o único empecilho ali éramos eu e Ax.

Consegui sair do prédio e fui para a calçada, tentar a sorte de achar um táxi, mas uma mão pousou levemente pelo meu cotovelo.

— Vai levá-lo a um hospital?

Eu o encarei diante da calma e a incerteza em sua voz. Ele desceu rapidamente o olhar para a cabeça de Ax, mas não demorou, me fitou novamente. Eu o segurava de barriga contra a minha. Seu rostinho de lado no meio dos meus seios, impossibilitando que o visse.

— Não posso. Vou levá-lo até a casa de sua mãe, ela disse que o médico mora perto.

— Levo você até lá.

— Não precisa — neguei prontamente.

Ele se aproximou, perigosamente perto. Olhos duros em mim.

— Deixe de ser teimosa, porra. Já fez seu show lá dentro. O garoto está chorando, e eu disse que vou levá-los.

— Não precisa se desviar do seu caminho.

Ele cerrou a mandíbula, o braço que apenas tocava meu braço, segurou forte.

— Eu estava indo para lá e mesmo se não estivesse, mudaria meus planos. É meu... — Parou subitamente, respirou fundo e começou a me puxar onde Boni esperava com a porta já aberta. — É minha obrigação.

Por um momento pensei que fosse dizer “É meu filho”, mas é claro que não. Obrigação foi o que saiu de sua boca, porque era o que nós éramos para ele. Acomodei-me no carro, nervosa por não ter uma cadeirinha, então segurei Ax com um braço e, com o outro, segurei o encosto do banco da frente.

— Nós demoraremos a chegar?

— Não, é perto — respondeu.

Eu fiquei em silêncio, minha bochecha apoiada na cabecinha de Ax, rosto virado para a janela, evitando-o. Então minha cabeça estalou. Como é que ele estava no meu prédio? Queria evitá-lo, não puxar assunto, chegar até Giorgia e simplesmente fingir que Dante nem existiu naquela manhã, mas a curiosidade venceu.

— Por que estava onde eu moro?

Será que havia nos procurado? Eu me sentiria culpada se o tinha tratado tão mal e foi lá nos procurar. Um fio de esperança renasceu – e se quisesse conhecer Ax?

Ele demorou um pouco, mas respondeu, e não era o que eu esperava.

— Moro naquele prédio.

Eu me virei no banco, encarando-o completamente.

— O quê? Não! Eu moro lá!

Seus olhos treinados do lado de fora, boca mal se movendo quando falou:

— Resolva-se com Lucca.

— O que Lucca tem a ver com isso?

Então lentamente ele me olhou, olhos azuis, tão intensos quanto eu me lembrava.

— Foi ele quem lhe colocou para morar dois andares abaixo do meu apartamento. Vai dizer que não reconheceu o prédio?

— Claro, porque as duas únicas vezes em que estive lá antes, perdi tempo reparando na fachada do lugar.

Ele permaneceu me encarando, sem vacilar nem um segundo. Eu perdi, virei o rosto observando as ruas do lado de fora.

Dividi-me entre a vontade de abrir sua porta, empurrá-lo para fora e ficar longe o mais rápido possível e a ânsia de segurar seu pescoço, puxá-lo, beijando-o até que a fome e o desejo latente passassem. E a certeza absoluta de que eu mataria Lucca.

No que é que estava pensando?



DANTE DEROSI

Usando a chave que ainda tinha da minha casa de infância, coloquei na maçaneta e abri espaço para Alessa entrar, fazendo o mesmo depois. Era impossível ficar perto dela, tão perto, e não olhá-la, não tocá-la, não desejá-la.

Quem acreditaria que duas sessões de sexo me deixariam enfeitiçado daquele jeito? Ela foi de longe o melhor sexo da minha vida, mesmo não tendo tanto nos últimos anos, mas o que eu sentia passava disso. Sabia que era raiva e indignação por deixar que uma mulher como ela tivesse tal efeito sobre mim.

E, para piorar, havia o garoto em seu colo. Eu não conseguia ver nada, com o cobertor o cobrindo completamente, apenas os fios loiros à vista. Iguais aos meus. Desviei a atenção da criança e a guiei para a sala. A cena que me cumprimentou foi decadente, um flashback do passado, de quando aquilo era constante.

Minha mãe sentada no sofá, cabeça erguida enquanto Thomas segurava seu queixo, de forma nada delicada pelo o que eu via e apontava o dedo no rosto dela.

Assim que nos percebeu, ele recuou um passo e ela ficou de pé. Todo o pavor de segundos antes transformando-se em preocupação quando olhou para Alessa. Foi direto pegando o embrulho azul, ainda de costas, ainda me impedindo de vê-lo completamente. Nem que fosse algo além do cabelo.

— Oh, bebê... vovó está aqui agora. Shi... o que é que você tem, meu coração?

Rapidamente virou a cabeça, me olhando.

— Oi, meu querido.

Eu me aproximei e beijei sua cabeça, mesmo que seus olhos estivessem de novo nele.

— Olá, mamma.

— Venha, filho, venha tomar um drink com seu velho.

Eu enrijei, por uns minutos esquecendo-me de sua presença.

Olhei para Alessa, vendo que nos fitou de canto dos olhos, rapidamente desviando e se voltando para a minha mãe.

Passei por Thom, indo para seu escritório.

— Não me chame de filho.

Ouvi sua risada baixa e ignorei. Odiava estar perto dele, odiava seu rosto, seus olhos, suas mãos, seus gestos, sua voz; saber que ele respirava me enchia de ódio. Tudo o que queria era sair dali, mas queria manter Alessa e o menino longe dele. Thomas DeRossi era o homem mais degradante que poderia existir, pior do que Leon Bonucci e mais venenoso que Simone Tomaro.

Odiava saber que eu era feito dele. Que meus olhos eram azuis iguais aos seus, que meus cabelos eram loiros como os dele já foram um dia, antes de esbranquiçarem; odiava nossos traços tão parecidos. Chegava a me odiar, por não ter o poder de matá-lo. De acabar com tudo aquilo.

Com ele, com a culpa, com as lembranças, com os pesadelos, com a desgraça que minha vida havia se tornado. Por sua causa. Por quem ele era.

Entramos no escritório e ele fechou a porta, sentando-se atrás de sua mesa.

— Então, é você quem vai para o México?

Odiei Lucca por um momento também, por me fazer visitar aquela casa e ser obrigado a ter aquela conversa com ele. Mas a raiva abrandou quando repensei. Meu irmão nunca faria de propósito. Se me ligou apressado, pedindo que fosse com urgência, foi porque não tinha outra escolha. Provavelmente ficou preso em outro assunto.

— Sim.

Ele se levantou e se serviu de uma dose, me oferecendo outra. Eu encarei o copo e respondi seco.

— Beba sozinho.

Ele riu, deu de ombros e virou os dois.

— Pare de ser tão sentimental, filho. Sente-se, tome uma bebida com seu pai.

Tinha vinte e sete anos a última vez que bebi com ele, quando ainda era meu pai. Ou eu pensava que fosse. Dez anos atrás, e agora tudo o que eu conseguia pensar era que aquilo jamais se repetiria. Ficaria o mais atento possível perto dele. Nunca bebia e nunca me drogava em sua presença. Estando sempre lúcido, são, sóbrio. Ele sorriu, como se lesse cada pensamento meu. Adorava fazer aquilo. Testar meus limites, me provocar, sabia que eu não poderia fazer nada diante de seu deboche e seu senso de humor mórbido.

Chamava-me de filho apenas para me tirar o juízo. Não chamava Lucca, nem Luigi. Apenas a mim. Aquele que o desafiou, que quebrou a principal regra, que sonhou e que se permitiu ter um coração antes que viesse e arrancasse tudo. Sem avisos, sem preliminares. Chegou como uma

tempestade em dias de verão. Sem indícios de que viria. Inesperado.

Eu nunca poderia ter previsto.

E agora se deliciava fazendo da minha vida um inferno quando inevitavelmente nos encontrávamos. Queria me ver cair.

“Quero que seja um homem!”

— Você vai primeiro a Guadalajara, falará com Fernando Lopes, O Conga, como é conhecido — bufou, deixando claro seu desprezo.

— Cassino?

— Um bordel que chamam de luxo. O importante é que ele marcou uma reunião, aceitou que um de nós vá, mas sem segurança.

— E ele protegido — afirmei.

— Claramente.

Eu pensei por um momento. Entrar no México, onde as disputas sobre território, poder, máfia, cartel, clubes e gangues eram piores do que na Itália. Eu seria obrigado a me colocar no meio sem proteção, era uma possível viagem sem volta. Mas o que eu tinha a perder? Só daria aos meus irmãos o trabalho de procurar meu corpo e pegá-lo de volta para enterrar em nosso solo.

Antes de concordar, meus pensamentos se voltaram para a mulher na sala ao lado. Não podia negar que sua proximidade, a forma como simplesmente falava e só de olhá-la eu já quase ficava insano, descontrolado. Então tinha o menino. Eu expulsei os pensamentos dos dois, sabendo que não valia começar a imaginar demais.

— Vou entrar. Passe os detalhes para Boni.

Virei-me e girei a maçaneta quando sua voz me parou, como eu sabia que faria. Quase podia sentir.

— Ela é absolutamente linda.

Meus ombros tensionaram na hora, pronto para dar alguns passos atrás, agarrar a faca presa em meu coldre e fatiar sua garganta. Mas respirei fundo e me controlei. Estava quase lá, quase tudo pronto.

Eu só precisava esperar mais um pouco.

— Uma esposa perfeita para homens como nós. E o menino... não acreditei até colocar os olhos nele. Parece comigo, idêntico a você quando naquela idade. Igual a nós dois... filho.

Foi meu limite. Voltei, não controlando minha raiva, e bati as duas mãos sobre sua mesa.

— Não ouse se comparar a uma criança inocente.

— E compararei a quem? Você? — respondeu sem se afetar, um sorriso brincando nos lábios.

— Nenhum de nós, não faça comparações.

— Você sempre foi inteligente Dante, é claro que fraquejou, todo homem cai. Veja eu... fraquejei, e meu capo é um bastardo.

— Não coloque meu irmão na sua sujeira; ele não tem culpa se você é um filho da puta.

— Sempre teve bom gosto. Aquela menina na sala prova isso. Jovem demais, bonita demais, capaz de seduzir qualquer homem, e a prova está à minha frente.

— Você é imundo.

— Você é igual a mim, filho. Acha que não mereço nada do que tenho? Que não mereço estar vivo?

— Ainda pergunta? Por mim estaria a sete palmos do chão.

Ele sorriu, encostou a cabeça na cadeira e fechou os olhos. Calmo, controlado, sabia que nada lhe aconteceria.

— Quando precisar de alguém em quem colocar a culpa, lembre-se apenas de que agi de acordo com as suas escolhas. Eu sempre lhe disse que toda ação gera uma consequência. Você agiu, e eu a sentenciei. Cuidado com as próximas escolhas que vai fazer. — Abriu um olho e piscou. — Eu ainda estou aqui, sempre de olho em vocês.

Sem aguentar ficar um segundo a mais perto dele, saí do escritório como sempre ficava após um encontro nosso.

Transtornado, com raiva, fodido de culpa e remorso.

Adentrei a sala com mil ideias em minha cabeça, mil coisas me arrasando, agonizando, devastando, assolando a mente. Meus olhos foram direto para ela. Assim que me viu, já ia desviar o olhar, mas franziu levemente a testa e me fitou sem parar.

Seus lábios se entreabriram, respirando, nunca desviando de mim. Seu peito subia e descia rapidamente, chamando a atenção para os seios num decote aberto. Não podia ficar ali, perto dela com todas as lembranças e cada palavra de Thomas perturbando meu juízo falho. Deixei-a com minha mãe e subi as escadas. Acalmar-me-ia e quando estivesse no controle, desceria, a levaria embora e tudo voltaria ao normal.

Abri a segunda porta do corredor, a do meu antigo quarto, observando o único pôster na parede, de uma mulher nua, o único que Thom deixou que ficasse lá.

Permiti-me pensar no menino alegre que fui. Gostava de sorrir, de brincar, defendia meus irmãos com unhas e dentes, e mesmo que nem tamanho tivesse, queria ser um homem grande, forte, capaz de cuidar de alguém.

Observava minha mãe e sabia que me casaria um dia. Casar-me-ia com alguém como ela. De sorriso aberto, coração puro, alma simples e olhar verdadeiro. Queria filhos, queria amar, queria ser amado, queria paz, conforto e a liberdade de ser o rapaz que já era naquela idade.

Movi meus olhos, observando uma foto minha de quando tinha 17 anos. Sorria. Há quanto tempo não sorria daquele jeito? Sonhos de um menino de 17 anos, que nem a tortura de ser iniciado e nem a maldade que o corrompeu levou.

Educado. Um gentleman, as mulheres diziam. Queriam meu sorriso, minhas boas maneiras como companhia em um jantar, minha cama e meu sobrenome. Nem sempre nessa ordem.

Fechei e abri os olhos, organizando os pensamentos, controlando o turbilhão, colocando Thomas e um Dante DeRossi de 10 anos atrás onde eles deveriam ficar. No passado. Enterrados como tudo que um dia foi bom.

Desencostei da parede, pronto para sair dali, e quando olhei para a porta, como se eu precisasse de mais uma coisa para me assombrar, ela estava lá.

Tão linda quanto poderia ser. Tentadora na medida que nenhum homem poderia resistir. E tão impossível, como sempre foi.



ALGUNS ANOS ANTES

A delegacia de Palermo estava geralmente lotada, mas, naquele dia em especial, havia uma agitação a mais. Não por ser véspera de feriado e todos estavam se preparando para ir embora, mas porque meu irmão foi preso e nós fomos atrás dele.

Quando, depois de algum tempo, Lucca finalmente surgiu no corredor, eu não me surpreendi, só fiquei ainda mais sedento para acabar com Zaza por nos fazer perder tempo. O sorriso de Luigi, tenso, mas aliviado, mostrava que sentia o mesmo.

Lucca se aproximou, agradecendo a Alessa Bonucci por ter ido cuidar de Anthony mesmo com o chamado apressado.

— O que disse às suas irmãs?

— Abriela estava dormindo, e eu disse a Anita que precisava resolver algo sobre um evento da Famiglia.

— Obrigado, Alessa.

— Eu amo meu sobrinho, e, além disso, devo minha vida a você, sempre estarei perto quando precisar, Lucca. Mas... você vai dizer à minha irmã que esteve aqui.

Ele concordou e falou conosco.

— Vamos falar sobre isso amanhã.

— Bem, irmão... você atrapalhou uma foda a três maravilhosa. Somos gratos – disse Luigi ironicamente.

Alessa torceu o nariz para ele.

— Eu e Tony não precisamos ouvir sobre suas perversões. Poupe-nos. Agora, por favor, vamos embora. Quero tirar Antony deste lugar.

Luigi riu e caminhamos lentamente em direção à saída, parte de nós querendo provocar cada policial no local. Nossa mensagem era clara: não mexam com a matilha se não têm casa em alto mar.

Colocando um braço nos ombros dela, Luigi continuou:

— Você é mais que bem-vinda em nossas perversões. Quanto mais, melhor... certo, irmão? — perguntou para mim.

Eu o ignorei, não sem antes notar o breve olhar que ela me deu. Nada intenso, nada promissor. Só olhou. Eu era só um dos três e ela era A, não uma das.

Por um momento, quis me justificar a ela, dizer que Luigi estava brincando, que não era o suposto jogo sexual, mas tão rápido quanto o assunto veio, se foi. E ela permaneceu com sua pose de sempre, como se nem o chão fosse digno de estar tendo a honra de ser pisado por ela.

A soberba além do limite para uma única pessoa, nariz empinado, se achava melhor do que qualquer outra. Vi o quanto era fútil, saltos enormes, roupas de marca, diamantes pendurados no pescoço, nas orelhas, nos dedos e nos pulsos. Sem falar nas capas de revista que estampavam recepções da Itália.

Balancei a cabeça, movendo meu olhar para longe dela quando entrou no carro, sem nem cumprimentar o soldado que abriu a porta, e eu caminhei em direção ao meu.

Já tinha olhado Alessa Bonucci muitas vezes antes disso, desde que ela completou maioridade e foi autorizada nos bailes oficiais da Famiglia. Linda. Linda demais para ser verdade.

Perfeita, como todos diziam.

Parei no caminho para o meu carro uma última vez, olhei para trás, o dela já fora de vista, e suspirei. Queria vê-la outra vez.

Por vezes quis vê-la outra vez.

Cada vez que vi, quando acabava, queria de novo.

E quando não via... desejava qualquer vislumbre.



ALESSA BONUCCI

AGORA

Ele me olhou pelo que pareceram horas. As mãos em punhos do lado do corpo, o maxilar cerrado, respiração pesada, quase bufando. Enorme. Uma onda de emoção me tomou tamanha a intensidade que nos envolvia ali. Desde o elevador. Desde que voltei. Desde aquela noite no bar e a madrugada da qual eu não lembrava nada.

Não aguentava mais. Além da minha mente pensando em uma única coisa: sexo. E meu corpo querendo desesperadamente senti-lo, meu coração nunca bateu tão rápido. Não havia correntes elétricas, nem ondas do destino. Só um tsunami de tesão. Puro e avassalador.

Eu entrei e lentamente empurrei a porta fechada. Ele balançou a cabeça.

— Não.

Tirei a bota, desci minha calça e puxei a bata sobre a cabeça. Dei um passo à frente, e ele cerrou ainda mais a mandíbula. Eu podia ver o volume em suas calças e tinha

certeza de que se tocasse qualquer parte sua, estaria tenso. Ele queria tanto quanto eu.

—Alessa — avisou quando dei mais um passo, aproximando-me.

— Eu quero.

— Você quer agora e quando acabar?

Eu pensei sobre aquilo.

— Cada um segue seu caminho.

— Simples assim? — Ele avançou daquela vez.

No meio daquela discussão e de todo o calor, o próximo que avançasse decidiria. Fazer ou não fazer? Na minha cabeça existia só uma resposta: sim.

Eu queria sentir sua carne dura me preenchendo, me mostrando que sim, eu ainda podia sentir. Que havia algo no meio de tudo que me tornei que fazia com que as sensações voltassem; havia algo livre no ato do sexo e eu queria aquilo. Queria dar a ele minhas lágrimas de desespero e receber de volta a sua raiva. Queria ser punida com seu ódio, com toda a força que pudesse usar em mim.

— Simples assim — respondi.

Ele levou suas próprias mãos até o cinto, abrindo-o, perdendo para si mesmo.

A clareza do que ele podia fazer com aquele cinto, ao mesmo tempo em que me desesperou, enviou uma onda de excitação que me inundou. Senti uma linha fina escorrer pelo alto da minha coxa e antes que descesse muito, eu me inclinei, vendo-o puxar seu pênis para fora sem mover um pedaço de sua roupa, passei o indicador pelo líquido

que saiu de dentro de mim e com toda sua atenção, levei aos lábios, saboreando o que a perversão poderia causar.

“Gatinha imunda!”

Eu era.

Ele se acariciou, dando-me a visão de seu membro duro, enorme, cheio de veias pulsantes, a cabeça irritada e vermelha. Deus... eu o queria tanto. E o passo final foi dele, quando sua língua acariciou meus lábios. O meu gosto perdido entre nós, ele se soltou, enfiando os dedos em meus cabelos e inclinou minha cabeça, aprofundando o beijo.

Colou seu corpo no meu, aquela parte sua tocando a minha, fazendo uma leve pressão que só me fazia querer mais. Eu estava encharcada.

— O que você faz comigo... — Dante grunhiu e lamentou. Os dedos mais firmes, apertando os fios, puxando.

“Você me provoca ao ponto de eu precisar fazer isso, gatinha, não consegue ver? É culpa sua!”

— Você é tão linda...

“Se não tivesse esse corpo e esse rosto angelical, se mostrasse sua verdadeira face de diaba, eu não teria que machucá-la, gatinha. Por que é tão bonita?”

Eu gemi, querendo desesperadamente que ele puxasse mais o meu cabelo, para que a única coisa na qual eu pudesse me concentrar fossem os nossos corpos e a dor. Ela me libertava.

— Eu não resisto, Alessa, não posso...

“Você me tenta, não consigo ficar longe gatinha!”

Eu abri os olhos, vendo os seus, azuis profundos, numa luta com ele mesmo, quase como a minha. Ele abriu a boca, os olhos cheios de emoção, e, de alguma forma, eu sabia que o que quer que fosse dizer me faria perder a cabeça. Então eu levei a mão até ele e apertei, mordi seu lábio, puxando-o.

— Eu não quero que resista. Não tem que ser delicado comigo, Dante. Quero que enfie esse pau em mim, em qualquer lugar que quiser, está com raiva? Desconte em mim. Me odeia? Puna o meu corpo. Mas, por favor, me preencha, me coma tão forte como nunca fez com ninguém.

— Não vou te machucar.

Eu me inundei de raiva. Ele era tão perturbado quanto eu, tão cheio de problemas e queria bancar o santo? O certo? Hipócrita.

— Se não fizer isso, eu peço a outro, acredite, não é dificuldade alguma sair daqui e encontrar alguém para me foder. Talvez seja até melhor que você.

Seus olhos escureceram, os dedos soltando meu cabelo, e por um momento pensei que fosse se afastar e eu desabaria ali mesmo, mas ele me segurou pelos braços e empurrou-me na parede, tão forte que minha cabeça bateu. Eu abri a boca num grito silencioso, e ele aproveitou, enfiando a língua lá dentro. Arfei.

Segurei seus ombros, e ele levantou uma perna, deixando-me aberta e exposta, pronta para recebê-lo, mas seus dedos vieram no lugar. Ele enfiou dois de uma vez, metendo dentro de mim num vai e vem tão forte que meus olhos lacrimejaram, o polegar movendo em cima do meu clitóris. Inseriu mais um, e antes que eu pudesse sequer

raciocinar, a cabeça do membro, grossa e molhada, estava lá também. Eu hesitei, insegura, por um momento com medo realmente.

Ele não se abalou.

— Não quer ser fodida de verdade?

— Mas eu...

— Quer dor, Alessa?

Eu não sabia o que dizer, por isso me calei enquanto ele mordia o meu pescoço, apertava meu seio esmagando e torturando o mamilo duro e enfiava todo o seu membro em mim.

Ardia. Eu sentia como se tivesse sido esticada ao máximo. Então sem qualquer delicadeza, ele tirou os dedos e meteu até o fundo. Sua mão foi à minha boca antes de o grito escapar.

Ele passou os dedos pelos meus olhos, limpando as lágrimas e fitou-me intensamente. Tanto sentimento ali que me pegou desprevenida, o azul antes escurecido pela raiva das minhas palavras, transmitiam calma. Ele estava seguro de si.

Levantou minha outra perna, ainda dentro, ainda olhando e me deitou de costas na cama. Desabou em cima de mim, completamente vestido de roupas, mas os olhos despidos de máscaras.

Sua mão foi até a minha bochecha e continuou lá, me olhando como se s cada arremetida, agora lentas e delicadas, conseguisse ver um pouco mais.

E se realmente pudesse?

Eu fechei os olhos, virei o rosto e pedi.

— Mais forte...

Ele não respondeu, continuou num ritmo lento, beijou meu pescoço, minha bochecha e quando o olhei novamente, estava lá. Toda a transparência que eu não queria ver. Que não queria que visse em mim. Sentia meu coração acelerar, não de tesão, não de agonia, não de dor, mas de desespero. Desespero cortante na possibilidade de deixá-lo ver além de mim. O que pensaria? Alessa Bonucci, a menina perfeita, o troféu, quebrada e dilacerada, escondendo a vagabunda que é atrás de sexo e mais sexo com homens sem rostos, sorrisos falsos e uma vida miserável.

Coloquei a mão em seu peito, empurrando-o.

— Dante, não... sai de cima.

Ele segurou minha mão e beijou.

Foi o fim para mim. Nunca, em toda a minha vida, um homem demonstrou qualquer coisa do tipo. Eles me usavam para meter e encher minha boca, mas era isso. Nunca fui adorada, nunca fui beijada com paixão. Gozava, sim, muito. Porque quando meu corpo se acostumou com a dor de todos os tipos foi condicionado a ter prazer naquilo. Se eu enfiasse os dedos em mim mesma e me cortasse tirando sangue, ainda assim iria gozar. Era isso o que ele queria ver nas profundezas dos meus olhos? Nunca houve carícias e carinho. Se eu não estivesse lubrificada não importaria, eu só ansiava pela dor cegante que a penetração iria me causar, deixando-me esquecer por um momento coisas que queria, mas com as quais não podia sonhar.

— Saia! — pedi mais uma vez, e ele segurou meu rosto, inclinando a cabeça e olhando profundamente meus olhos.

Não sei o que ele viu, mas franziu a testa e continuou, mais lento, mais torturante. Era deliciosamente gostoso para o meu corpo, mas minha mente não podia lidar.

— Você não ouviu? SAIA!

—Alessa... — Franziu a testa.

— O sexo é a dois, se eu disse não e você continua, é estupro! Vai se aproveitar de mim mais uma vez? — perguntei num tom frio. Tão gelada como tinha aprendido a ser.

Ele saiu de mim como se eu tivesse uma doença contagiosa.

— Eu nunca... — começou, mas o interrompi ao me levantar da cama, tentando com tudo de mim me manter firme.

— Isso é o que você diz, mas eu não me lembro.

Como mágica ele se fechou. Sabia que não tinha feito nada contra a minha vontade. Nas duas vezes em que transamos, eu praticamente o forcei, mas precisava afastá-lo, fazer com que visse que não importava quais eram seus demônios, para eletinha volta, agora para mim...

Conhecia-me bem o suficiente para saber que a bebida só colocava para fora o que eu escondia. A verdadeira Alessa. A Alessa que deveria viver nos bordéis da Famiglia, não em um apartamento de luxo com um bebê adorável. Portanto, naquela noite, eu fui provavelmente a “gatinha”.

Peguei minhas roupas jogadas e entrei no banheiro. Só na segurança da porta fechada, eu caí no chão, não aguentando meu próprio peso. O mundo em minhas costas. Lento e delicado nunca iria funcionar.

A voz dele me assombrava e a lembrança constante de que nada nunca seria normal para mim.

“Gatinha, você, com esse rosto de anjo, lábios de fada, corpo irresistível e os olhos que têm o poder de corromper, faz qualquer homem delirar. Agora tem 14, imagina mais pra frente? É culpa sua que vão te olhar, querer te tocar...”

Apoiei a cabeça nos joelhos, lamentando ser assim. Eu os seduzia, todos eles, sempre. Como poderiam resistir? Era culpa minha.

Nem o homem no quarto ao lado, que eu seduzi, manipulei e usei meu corpo para me dar satisfação perversa. Pobre Dante. Nunca foi culpa dele.

De nenhum deles.

Sempre foi minha.

Era tudo culpa minha.



CAPÍTULO 22



*“Abra seus olhos e será mais fácil lutar pelos tempos obscuros
Segure a luz e vai facilitar a brilhar nos tempos obscuros”*

Our Last Night – Broken lives

ALESSA BONUCCI

— O que queria que eu fizesse?

— Qualquer coisa, menos nos colocar no mesmo prédio!
O que estava pensando, Lucca?

Eu geralmente não levantava a voz para o meu capo, mas sua estupidez não podia passar batido. Me acomodar no mesmo prédio em que Dante vivia com sua mulher, namorada ou noiva... era demais.

— Não houve muito tempo para pensar, Alessa, ele tomou sua proteção para si, e a melhor forma de garantir isso era estar perto.

— Não vai dar certo, Lucca, ele está perto demais de mim, do meu filho. — Os acontecimentos da última vez em

que nos vimos ainda eram muito frescos em minha memória.

— Filho de ambos, e essa é a intenção. Estar perto, a postos, se algo acontecer, se vocês precisarem. Proteção — corrigiu.

— Ele não parece nada empolgado de estar com o filho — resmunguei.

— Tenha paciência. Eu levei mais de 3 meses para aceitar o que sentia por Anthony.

— Ele já levou 10, quase 11 — rosnei.

Estava tão irritada.

— Eu não vou discutir com você.

— Eu sempre venço.

— Espero que sim — murmurou.

— Lucca, estou te pedindo, por favor!

— Não, Alessa. Dê tempo a ele e verá que vai se aproximar quando estiver preparado.

Depois do que eu fiz? Duvidava muito.

Aquele dia ele nos levou de volta até a porta do apartamento. Não falou comigo, não me olhou e sequer parecia incomodado de me ignorar. Estava... indiferente. Eu odiei.

Axel tinha uma dor de dente e uma leve gripe, mas ainda assim eu estava bem alerta com ele. Mais do que o normal.

— Como é que sabe disso? Só porque com você foi assim não quer dizer que com ele será também.

— Ele é meu irmão, eu o conheço o suficiente para saber.

— Intuição masculina, claro — bufei.

— Não, é que nós simplesmente não resistimos a uma Bonucci.

Quase amoleci, diante de seu amor pela minha irmã, e a referência de que Luigi era irrevogavelmente louco por Anita. Mas aquilo nunca se encaixaria comigo e Dante. Jamais.

Eu não era como minhas irmãs, e ele viu isso. Não havia qualquer chance para nós.

Para mim.

— Olha, vou desligar. Sua irmã está... — ele começou, mas ouvi a voz de Ella lhe repreendendo com um grito e soltando uma risada baixa, rouca, rara de se ouvir.

— Certo, já entendi. Mande um beijo para ela — falei, sorrindo.

— Até mais, Alessa.

Desliguei, encostando a cabeça no travesseiro, me perguntando... se até na casa dos pais deles nós perdíamos o controle daquele jeito, imagine com apenas dois andares de distância?

Eu considerei que levando em conta nosso último encontro, não achava que ele iria me procurar. Mas aquela não era a minha preocupação, nem de longe.

Perguntava-me quanto tempo demoraria até que eu fosse bater na porta dele.



DANTE DEROSI

Quem eu menos esperava estava sentada no sofá assim que abri a porta.

Minha mãe.

No sofá à frente, Amira. Porra. Minha mãe não sabia que ela vivia comigo ou do meu envolvimento com qualquer mulher ao longo dos últimos anos. Da última vez que soube, eu havia escolhido me manter longe delas, longe de me envolver. Amira fora a primeira em seis anos.

Suas pernas cruzadas, postura ereta e o olhar sério, me mostravam o quão decepcionada, confusa e irritada estava por descobrir. Amira ficou de pé assim que me viu, se aproximou e me beijou na bochecha. Sentindo-se esperta, tentando bancar a inocente. Mal sabia que minha mãe conseguia ver além das pessoas.

— *Mamma*. — Beije-i-a no rosto, recebendo um abraço breve.

— Dante. Podemos falar?

— Claro. Amira.

Ela sorriu.

— Sim, querido?

A expressão da mãe fechou ainda mais.

— Saia.

Ela vacilou, mas assentiu, nos dando um sorriso que não teve recíproca, e foi em direção ao quarto.

Minha mãe a seguiu com os olhos, sentando-se e me encarou.

— Agora entendo por que não posso mais vir aqui.

— Não tem nada a ver com ela. Eu gosto de estar sozinho.

— Não é o que parece. Amira Cardinale, Dante? Mesmo?

— Longa história.

— Está morando com uma mulher que foi expulsa, rechaçada e deserdada de sua família.

— Ela serve a propósitos.

Era o máximo que eu diria. Minha mãe não tinha nada a ver com minha vida sexual. Sua curiosidade na verdade, me incomodava.

— Eu não sou estúpida, Dante. Seus irmãos sabem? Porque é que eu não fazia ideia de que a encontraria aqui? Se ela não fosse um segredo, já a teria levado em casa.

Eu a fitei, pensando em como poderia colocá-la para fora sem causar um escândalo.

— A senhora veio falar sobre o quê?

Ela bufou, incrédula.

— Quero saber porque meu filho está vivendo com uma prostituta!

— Veio falar disso?

— Não, Dante DeRossi, vim falar sobre um almoço no domingo, onde seus irmãos e esposas estarão. Espero que apareça.

Eu assenti. Seria uma boa oportunidade para tratar de negócios com Lucca.

— Claro, *mamma*.

Balançou a cabeça, ficando de pé. Ela levantou a mão, acariciando meu rosto.

— Meu menino. Bonito e bom demais para ela.

— Pensei que não julgasse as pessoas.

— Olhos de mãe vêem mais do que seus olhos cegos pela luxúria. Não é boa para você, mas é adulto, não posso me intrometer nisso.

— Já fez — respondi e ela me deu um leve tapa no peito.

— Amo você, meu filho. E saber dessa novidade acabou com meu dia, com a semana toda!

Esprei em silêncio que terminasse.

Ela, por fim, suspirou.

— Chame sua... amiga para que eu me despeça.

— Não é necessário, *mamma*.

Ela estreitou os olhos.

— Se fosse por mim, não faria questão. Mas minha educação e meu lugar nessa *famiglia* me obrigam a fazê-lo.

Sem contrariá-la, fui até o quarto buscar Amira e voltamos. Ela abriu um sorriso enorme, se aproximando e deu-lhe um abraço.

— Foi um prazer conhecê-la, Giorgia.

— É senhora DeRossi. Vamos manter as formalidades.

Eu não sabia o que fazer para deixá-la branda. O que é que deu naquela mulher? Parecia que estava falando com Aida Tomaro, e, ainda assim, era mais amigável com Aida do que estava sendo com Amira.

Quando Amira se afastou, ficando atrás de mim, eu abracei minha mãe.

— Até mais, querido. E não se esqueça do almoço de domingo. — Minha mãe olhou para trás uma última vez, dando a Amira um olhar atravessado. — Vá sozinho.

Quando fechei a porta, fiquei por alguns minutos ali parado, me perguntando se eu tinha feito algo tão cruel para estar recebendo paulada atrás de paulada.

— Acho que ela não gostou de mim — Amira murmurou.

— Você vai sobreviver.

Eu passei por ela, pretendendo voltar ao escritório e me enfiar no trabalho novamente, mas segurou minha mão.

— Dante... — sussurrou. — Sinto sua falta.

Fechei os olhos e não adiantou nada, a imagem de Alessa olhando diretamente para mim e lutando contra si mesma, meu pau enterrado dentro dela, me travou por completo.

Soltei sua mão e voltei a andar.

— Tenho coisas para fazer, Amira.

— Mas eu posso te fazer companhia enquanto trabalha.

— Sorriu, seus olhos claros brilhando. — Como antigamente.

Eu sabia o que ela queria dizer. Alternar entre fazer sexo e me deixar cuidar das obrigações com a *famiglia*. Era o que fazíamos antigamente, o que fazíamos sempre. Nunca foi nada além disso.

Há 10 anos minha vida mudou drasticamente. Aderi ao celibato, nada de sexo, nada de mulheres, nada de amor. Amira chegou seis anos depois disso. Forçada a se prostituir em um bordel da *Famiglia*, usada por seu pai por anos. Meus dois irmãos eram casados, e ela precisava de extrema proteção até cuidarmos de Alberto Cardinale, seu pai. Foi obrigada a viver comigo, embora nunca tenha relutado com isso. Nosso contato era básico. Bom dia, boa tarde, boa noite. Ela parecia um animal assustado perto de

mim, nada submissa, mas sempre em alerta, com medo de que eu fosse atacá-la, de que fosse violento de alguma forma. Meses se passaram, e ela viu que meu interesse nela era único: sua proteção.

Então foi quando começou. Chegava em casa e havia comida, a casa limpa, minhas roupas com um cheiro diferente e dobradas de forma diferente de antes. Notei que não via mais a empregada, que também cozinhava e, em uma noite, perguntei a Amira se ela continuava indo.

Ela me confessou que dispensou a mulher, pediu perdão e disse que queria me recompensar por estar sendo tão bom.

Foi em uma dessas de arrumar meu quarto que encontrou a cocaína. Abraçou-me subitamente, falando que me entendia, que faria tudo melhor. Usou pela primeira vez enquanto eu dormia e acordei com o pau na boca dela.

Afastei-a, e minha atitude pareceu lhe dar ânimo para me conquistar. Tentou por meses e conseguiu quando a história com Anita desencadeou, quando Luigi estava abalado e testando a paciência de todos nós. Eu cheguei em casa depois das três da manhã. Bravo, irritado, sem saber o que fazer e preocupado com o meu irmão. Tenso por seu sofrimento. Amira viu como eu estava... precisando de um alívio, de distração e agiu.

Uma massagem, um beijo, tirou a roupa e sem que eu percebesse, me afundava em uma mulher pela primeira vez em 6 anos. Não paramos mais. Ela me contou sua história, mesmo que eu não tivesse perguntado, sorriu, e me serviu da forma que achou que precisava fazer. Eu não precisava daquilo. Seu corpo era inegavelmente um instrumento de prazer sem medidas, seu rosto tão bonito e

os cabelos pareciam fios de ouro. Mas do que adiantava todo aquele prazer vazio, se não sentia nada por ela?

Em algum momento entre sua gratidão e a minha solidão, permiti que chegasse a tal ponto.

Vivendo num ciclo vicioso onde ela me dava seu corpo de todas as formas que eu pedisse, e eu continuava alimentando seu vício. Nosso vício. E a felicidade? A tão sonhada felicidade? Senti um pouco dela em 10 anos, mas não foi com a mulher à minha frente.

Percebi que tinha que acabar com aquilo. Não por mim, não por Amira. Para que ela pudesse tentar viver e eu conseguisse ficar em paz com a culpa de arrastá-la comigo ao buraco. Mas não era o fim para ela, como para mim.

— Amira — chamei, afastando suas mãos do meu braço. — Precisamos conversar.

Ela sorriu.

— Eu sabia que esse dia iria chegar, o dia em que você finalmente perceberia que sou eu! — Abraçou-me apertado. — Dante... te amo tanto, tanto!

Afastei-a novamente, encarando seus olhos.

— Não, não é isso. Pelo contrário.

Ela ficou tensa.

— Então, o que é?

— Vou pedir a Lucca que encontre outro lugar para você morar. Pode ficar aqui por enquanto, no meu quarto, vou para o de hóspedes.

Eu não a queria onde estive com Alessa. Parecia sujo, como se eu estivesse colocando uma no espaço da outra, e, além disso, manchando memórias da qual eu infelizmente não queria me livrar.

Seu rosto empalideceu, parecendo sair de sua fantasia e se dando conta do que eu dizia.

— Dante... — sussurrou, os olhos já em lágrimas. — Espere, vamos conversar. Por favor, eu... o que quer que eu tenha feito...

— Pare. Não fez nada, só não quero que continue se iludindo.

— Eu não estou!

— Está. Acha que porque conheceu minha mãe vou assumir você e colocarei um anel em seu dedo, mas está errada.

Abaixou a cabeça.

— Não posso ficar sem você...

— Pode e vai.

Ela me fitou, o rosto banhado em lágrimas, olhos furiosos.

— Não vou aceitar isso! Você é meu! Esteve na minha cama ontem, vai estar hoje, amanhã e para sempre!

Eu me aproximei. Minha voz calma, controlada, porém grave, para que ela entendesse de uma vez o que eu dizia.

— Quem esteve na minha cama foi você, nunca fui seu e não há nada para aceitar. Você se deitou com o Subchefe, Amira. Sou o segundo no comando disso tudo. Antes de me desafiar, lembre-se de quem eu sou. Até o final desse mês, não estará mais aqui.

Dei as costas, entrando no escritório e, quando bati a porta, ouvi seu grito, durou por um tempo até que se afastou. Eu sabia o que ela ia fazer e, abrindo a primeira gaveta da minha mesa, fiz o mesmo.

Deixei que o efeito nublassem minha mente, pelo menos por um momento.

*“Eu olho para meu reflexo no espelho
Por que estou fazendo isso comigo mesma?
Perdendo minha cabeça por um pequeno erro
Eu quase deixei meu verdadeiro eu na prateleira
Não, não, não, não...”*

Jessie J – Who you are

ALESSA BONUCCI

Estávamos todos sentados no jardim da casa dos DeRossi. Giorgia tinha um sorriso enorme no rosto, observando seus netos, noras e filhos. Como Thomas, que era o principal caso de mal-estar não estava, nós ficamos em um clima leve e alegre para um domingo ensolarado. Até mesmo Lucca parecia relaxado.

Giorgia na cabeceira, Lucca ao seu lado e Ella à esquerda dele, Luigi do outro lado de sua mãe e Anita na cadeira do lado. As gêmeas estavam num lençol na grama, se distraindo com penduricalhos, Tony se divertia brincando com elas, fazendo caretas e arrancando sorrisos das duas. E eu, ao lado de Anita, segurava Axel, sereno em um momento, me deixando comer, e, no próximo, começava a se remexer.

Eu me levantei, deixando o prato de lado e pedi licença.

— Aonde vai, querida? — Giorgia perguntou.

— Acho que Ax está com fome também.

— Ora, mas não deixe que sua refeição esfrie, fique à vontade!

Eu hesitei.

— Aqui?

Não via nenhum problema em amamentá-lo em público, mas com todas as rígidas regras e convenções da *famiglia*, nunca tinha feito entre eles.

— Claro! Se não se importar, é natural. Eu amamentei os meninos em público sem qualquer problema.

Luigi fez uma cara fingida de desapontamento.

— *Mamma*, como pode me expor dessa forma? — Ela riu, acompanhada por minhas irmãs.

— Vocês não se importam? — Ax resmungou, virando o rosto e puxando o topo do meu vestido.

— Olha só, o sem-vergonha já sabe o caminho da perdição. — Luigi riu. Anita lhe deu um tapa, mas riu também.

— Não seja idiota!

Ele deu de ombros.

— Não nos importamos, dê-nos um show, cunhadinha!

— Um show, Luigi? — Minha irmã o beliscou.

— Ai ai! Estou brincando, amor, você sabe que o único show é quando você coloca esses dois...

— Luigi, basta — Lucca resmungou.

Ella sorriu.

— Vá em frente, Lessa. Estamos em família.

A comida estava maravilhosa, e minha boca salivava para continuar degustando. Sentei-me, ajeitei Ax no colo e coloquei a fralda em metade do seu rosto, tampando meu seio também, guiei até sua boca e, sem demoras, ele agarrou o bico, começando a sugar. Eu sorri observando

seus olhos azuis fitarem o céu e os pés dançando no ar. Distraído e matando sua fome.

Voltei a comer com uma mão, pegando meu ravióli sem dificuldades no garfo, e quase gemi, era maravilhoso. A conversa leve em torno da mesa continuou na refeição.

— Vocês vão para o aniversário de Michella? — Abriela perguntou a Anita e Luigi, já que Michella era prima de Isabella.

— Eu não perderia por nada. — Anita riu.

— Você quer arrumar confusão, esposa.

— Luluzinho, o que é que posso fazer, hein? Esfregar você na cara de quem perdeu é meu passatempo preferido!

Ele fez um bico.

— Você só quer me usar.

Ela se virou para Giorgia.

— Como é que aguentou todos esses anos antes de eu chegar?

— Ele é convencido, mas um bebezão, como poderia não aguentar? Amo meus filhos tanto...

Ella sorriu, inclinando-se.

— Qual dos três era o mais bagunceiro?

Os olhos dela brilharam em recordações.

— Preciso responder? Luigi tinha 5 anos quando uma das empregadas chegou para mim e disse que ele ia até a cozinha, apenas para ficar apertando os traseiros das meninas de lá.

Anita abriu a boca em choque, e nós explodimos em gargalhadas.

— Oh meu Deus... você é um pervertido desde sempre!

— *Mamma*, você quer dar a ela mais razões para reclamar de mim? Porque não diz a Ella daquela vez que Lucca se enfiou debaixo da coberta de uma hóspede que veio de Miami?

Lucca, que tomava seu vinho, engasgou.

— Como é que se lembra disso?

— Impossível não lembrar, você roubou minha ideia — rebateu sorrindo, irônico.

Giorgia fitou Lucca.

— Você não ficava muito atrás de seu irmão, era terrível também.

Eu sorri e me preparei para tirar Ax, mas ele resmungou, sinal de que queria mais. Deixei-o e voltei a comer.

Luigi se empolgou.

— Lembra de quando Dante entrou no quarto daquela nossa babá e fingiu que estava dormindo só para vê-la se trocar?

Eu abaixei a cabeça, querendo sorrir.

Não tive como não olhar para Ax e imaginar como estaria daqui poucos anos. Seria comportado como eu ou terrível como seu pai havia sido?

— *Mamma* não sabia dessa, Luigi.

Ele parou de sorrir.

— *Mamma*...

Ela suspirou e, por fim, riu.

— Vocês nunca deixam de me surpreender. Como eu disse, um pior que o outro.

No mesmo momento a porta se abriu, e a empregada se aproximou, colocando mais um prato na mesa.

— Senhor Dante chegou, senhora.

— Obrigada.

A mulher assentiu.

— Com licença.

Eu fiquei tensa. O prato foi posto bem no lugar à minha frente, ao lado de Ella.

— Finalmente! — Luigi exclamou, vendo o irmão entrar.

Olhei para cima, encontrando imediatamente os olhos de Lucca em mim, e ele franziu a testa, dando um leve assentimento com a cabeça. Eu sorri forçado, decidida em prestar atenção em Axel e esperar que o almoço terminasse logo.

Meu coração ridículo, novamente, começou a bater mais rápido. Minha cabeça me dizia para relaxar, que eu estava no controle de minhas emoções, mas depois daquele dia, do medo de ele ter visto algo em mim, sentia um pânico crescente. E se Dante resolvesse fazer algo? E se fosse atrás de saber algo? Se decidisse que não era boa para cuidar de Ax e resolvesse tirá-lo de mim? Eu estremeci com o pensamento, Axel começou a fazer barulhos mais altos, resmungos que sempre comuns enquanto mamava, e balançou os bracinhos, agarrando meu cabelo.

Eu dei graças a Deus. Enquanto meu filho chamasse a minha atenção, eu me absteria de olhar para ele.

— Boa tarde. — Eu fechei os olhos, sabendo que toda a luta foi ao ralo, e levantei meus olhos. Agora sentado, completamente sério. A voz que me enviou arrepios da cabeça aos pés. Dante esperou que a empregada servisse

sua comida e, quando ela saiu, pegou o garfo e parou, ainda com a cabeça baixa. Seus olhos moveram para mim.

Levantou uma sobrancelha após alguns segundos e eu engoli em seco, desviando o olhar.

— Lessa, ele faz exatamente como Dante quando bebê! Fiquei imóvel.

— O que ele faz? — Ella perguntou.

Giorgia riu, os olhos apaixonados para Axel.

— Ele balança as perninhas, segura seu cabelo e faz esses barulhos. Dante não ficava em paz se não agarrasse uma mecha do meu cabelo.

— Pendurado em um peito e puxando o cabelo desde cedo. — Luigi olhou para Anita. — E depois você diz que eu fui o perverso desde pequeno.

Eles riram, e eu respirei fundo. Não tinha coragem de rir, não via graça e não estava confortável. Não comentei nada sobre o assunto e me recusei a olhá-lo. Afastei Axel, que coçou os olhos e sorriu para mim, e retribui seu sorriso, beijando a testinha macia. Arrumei meu vestido antes de tirar a fralda, e apoiei os pés dele em minha perna.

Suas mãos vieram ao meu rosto e começou a resmungar novamente. Apoiei-o nos ombros, batendo levemente em suas costas. As empregadas retiraram os pratos e serviram as sobremesas. Todos conversavam assuntos paralelos, apenas eu e Dante em silêncio. Quando Ax terminou, sentei-o com as costas para mim e comecei a comer minha torta de limão.

Olhei minhas irmãs, falei com Giorgia, respondi aos meus cunhados, todo o tempo querendo olhá-lo, querendo falar com ele, xingá-lo. Deus... beijá-lo.

Mas não fiz nada disso. Agi como se sequer estivesse lá.

Estava uma tarde agradável, tirando minha tensão e a pressa de ir embora. Já tínhamos comido e bebido, a mesa foi desfeita e tomávamos um café, falando de nada importante, só passando um tempo juntos. Giorgia raramente conseguia fazer com que seus três filhos parassem por um momento, e eu via alegria em seu rosto.

— Papai? — Antony chamou Lucca.

— Oi, meu filho.

O menininho olhou para Luigi e voltou a encarar seu pai, os olhos azuis brilhantes e cabelos idênticos aos de Lucca ainda me impressionavam.

— Eu posso... pegar no *taseiro* das meninas como o tio Luigi?

Nós demos risada, e Tony nos fitou confuso. Então balançou a cabeça e voltou a brincar com as gêmeas.

Ella apontou o garfo ao cunhado.

— Não sei onde estava com as ideias quando convidei para batizá-lo.

Luigi passou a mão pelos ombros de Anita.

— Essa é a nossa missão, cunhadinha, fazer com que aquele garoto dê muito trabalho!

A conversa seguiu por toda a tarde e cada vez que relutei em olhar Dante, senti que me observava. Foi em algum momento que todos davam risada, que Axel bateu as mãos na mesa, tentando ir para frente, eu entendi o que queria e, sem conseguir evitar, olhei para Dante. E como já esperava, ele olhava para mim.



DANTE DEROSI

Meu telefone tocou e usei a distração como desculpa para me levantar da mesa. Precisava pensar. Pensar longe dos imensos olhos azuis do garoto que me encaravam sem piscar, longe dos sorrisos que ele me dava sem que eu fizesse nada, longe da vontade absurda de segurá-lo e longe dela. De sua mãe.

Porra. Ela parecia cada dia mais linda. Olhou-me como se eu fosse nada e sem um pinga de arrependimento no olhar. A forma como me ignorou por completo, e não de provocação, mas agindo normal, como se para ela realmente não fizesse diferença eu estar ali ou não, me provou o que eu já sabia. Ela era, realmente, uma rainha de gelo.

Eu nunca persegui uma mulher, nunca precisei, então porque começaria agora? Estava me livrando de uma, sem nenhum plano de grudar em outra. Se ela achava que era boa demais para mim, que pensasse. Eu daria um jeito de tirar as lembranças insuportáveis dela de minha mente.

Assim que cheguei à sala, peguei o celular e atendi. Iago Joseni me falou atentamente tudo sobre o que tinha descoberto e encheu-me de esperanças.

— Então, está tudo certo? — perguntei.

— Quase, meu amigo. Conseguir as informações por aqui não foi nada fácil.

— Eu sei, foram anos.

Ele suspirou.

— Mas, essa é uma espera que vai valer a pena, aguento mais um pouco.

— Sim, está bem. Mantenha-me informado.

— Eu vou. Até mais, meu amigo. — Desligamos, e eu me aproximei da janela. Conseguia ter uma vista das crianças, dos meus irmãos com suas esposas e dela.

Alessa e meu filho.

Fechei os olhos, sentindo aquela dor comum esfaquear meu coração com as lembranças. Mas respirei fundo, obrigando-me a estar preparado, focado, porque era quase a hora. Finalmente ele cairia, e assim como me atacou anos atrás, seria inesperado.

Quando estivesse no chão, não saberia o que o atingiu.



CAPÍTULO 24



*“Veja as folhas, como elas caem lentamente
cobrindo o gramado verde e amarelo
Como prova do que foi e do que virá,
apreciando as vagas luzes da madrugada
Não é bom o bastante tentar e não conseguir
A raiva nunca morre e faz parte do viver, é parte de você
O fim cessará o fogo e nos fará aceitar
Que nós tendemos a perder”*

Hooverphonic – Anger never dies

DANTE DEROSI

Eu estava impaciente.

A reunião com os capos, que deveria durar uma hora, se arrastou para duas. Precisávamos falar sobre a viagem ao México, que ficou marcada para dali a algumas semanas e ao invés de tratar dos negócios primeiro, estavam todos bebendo. Por isso, foi pior do que eu imaginava, já que a festa deles havia começado mais cedo e estavam alegres até demais.

Simone bateu o copo na mesa, respingando o conteúdo, e riu.

— Não fique tão zangado, Ciro, Luigi preferiu a menina Bonucci, mas ainda restam outros. Vejam só... Marco Berlot é solteiro. Futuro capo, educado e tem muitos contatos para a Família.

Ciro torceu o nariz.

— Estou pensando em Iago Joseni.

— É uma boa opção — Graziano disse.

— Porque descartou o meu filho? — Éder perguntou.

Ciro riu.

— Meu amigo, Marco ainda não é capo. Minha Isabella já não é mais tão nova, não pode ficar esperando.

Pablo concordou.

— Isso é verdade. *Grazzie a dio* não tive meninas para me preocupar com isso. São poucos no poder para muitas candidatas.

— É por isso que apenas aquelas que foram bem criadas se dão bem — comentou Éder.

Ciro concordou.

— Este é o grande segredo de se dar bem. Mesmo que Isabella seja honrada, já teve jantares inocentes com Luigi. Estive sempre presente e coloco minha honra em jogo para afirmar que minha filha tem valor, mas nem todos pensam assim!

Graziano assentiu.

— Sim. O problema foi que ela foi vista com ele por muito tempo, então as más línguas falam, mas sabemos que sua menina é uma boa moça, Ciro.

Simone bufou.

— Por isso agradeço todos os dias por ter apenas um filho homem! Meninas só servem para unir laços e quando perdem sua honra, perdem tudo.

Ciro riu, e eles bateram seus copos.

— Já que veio uma mulher, venda-a, mas venda-a por um bom preço, *mio amico*!

De repente, as portas abriram, e um barulho de vozes e saltos surgiu do corredor. Nós nos levantamos em alerta e foi quando Aida apareceu com outras quatro esposas e congelou ao nos ver.

— Querido?

Simone parecia furioso.

— Como é que você me aparece aqui no meio de uma reunião, mulher? Perdeu o juízo?

Ela arregalou os olhos.

— Eu não sabia que estariam aqui, querido, desculpe. A casa de Gema está em reforma e precisamos de conforto para o chá da tarde, não esperava visitas.

Elas nos cumprimentaram com acenos temerosos. Eu me levantei.

— Senhores, senhoras, nós já terminamos, preciso estar em outro lugar.

Aida hesitou, então olhou para as outras antes de me fitar novamente.

— Senhor DeRossi, já que estão todos aqui, se não for incômodo, gostaríamos de trazer rapidamente uma situação.

— Oras, mulher! Você vai incomodá-lo logo agora? Não vê que temos o que fazer? — Simone esbravejou.

Eu o ignorei.

— Seja rápida — respondi educado.

Ela sorriu aliviada.

— Bem... o que acontece é que... sabe que nossos bailes, as festas, eram os mais aclamados e esperados, a decoração cada vez mais inovadora e sempre trazia boas energias e frutos.

— Belinda, pelo amor de Deus! — Ciro resmungou.

Graziano balançou a cabeça para Leana, sua esposa.

— Vocês estão realmente nos fazendo perder tempo querendo falar sobre festas?

— Deixem-nas — ordenei.

Gema suspirou, tomando a frente.

— A verdade é que... há mais de um ano as festas têm sido diferentes, nada extraordinário como antes e, por muitas vezes, mal organizado.

— Contratem novos empregados. — Dei de ombros.

— O problema é que os funcionários são os mesmos.

— Então...?

Belinda foi quem falou.

— Alessa Bonucci organizava tudo. Nós ficávamos com algumas tarefas também, mas ela pensava e fazia acontecer. Agora está de volta e está afastada, e não temos autorização para pedir ajuda a ela.

— E querem isso? — Leon se posicionou. — É um absurdo! Ela quebrou as regras, está recebendo seu castigo!

— Sim, nós sabemos! Mas até mesmo os lucros dos leilões abaixaram! Os políticos deixaram de vir e...

Graziano estreitou os olhos.

— Se os políticos não vêm nas festas e não desfrutam de nossos luxos, é capaz de perdermos as ligações da *famiglia*.

Belinda assentiu.

— Foi o que pensamos também, por isso é que queríamos Alessa de volta no controle de nossos eventos sociais.

— Estamos desesperadas, senhor DeRossi — finalizou Aida.

Eu pensei por um momento. Não sabia nada sobre Alessa além de sexo incrível, principalmente sobre o que pensava de estar no ciclo e comandar nossos eventos. Mas não tinha nada contra sua posição ali também.

Voltei-me para os capos e fitei Graziano.

— O que diz?

Precisávamos resolver tudo em conjunto, e, na ausência de Lucca, eu dava as ordens.

Ele deu de ombros.

— Se estamos perdendo ligações por conta disso, sou neutro, que ela volte.

Éder deu de ombros.

— Precisa ser reconhecido que a menina fazia um bom trabalho. Digo sim.

Foi a vez de Ciro.

— Bem... a garota te seduziu e fugiu, merece um castigo. Mas perder os políticos e os associados por não

estarem apreciando as festas é complicado. Aceito que volte, mas sem que cresça achando que pode demais.

Leon bufou.

— Para mim é não. Por mim, ela estaria servindo aos soldados em algum prostíbulo.

Ouvi-lo dizer tais palavras sobre a própria filha não me surpreendeu. Fitei-o por alguns minutos, e ele devolveu o olhar. Ainda não tinha superado o que eu disse sobre me aproveitar dela. Mas se achava que era minha culpa, porque desconfiar na filha? Que se irritasse comigo.

— Sua resposta, Leon? — pressionei.

— É não! Não a quero em nada que manche o nome da minha família.

Simone riu.

— Bem... Concordo com tudo o que Ciro disse, é mais importante termos nossos aliados poderosos. Por mim, tudo bem, mas que se mantenha em seu lugar.

Pablo, como sempre o mais tranquilo, assentiu.

— Sem problemas para mim.

Eu assenti também.

— Leon, você foi o único a discordar, e como o segundo no comando, autorizo a volta dela. Mas que fique claro que tudo deve passar por nós antes.

Aida assentiu sorrindo, enquanto as outras batiam palmas, felizes. Eu jamais conseguiria entender tamanha felicidade com algo tão supérfluo.

— Muito obrigada! As coisas precisam voltar ao normal aqui. Aquela menina é muito criativa e organizada!

— Isso é tudo?

— Sim, senhor!

Assenti e me direcionei a saída, mas de repente parei. Uma ideia me vinha à mente. Encarei a principal daquilo tudo.

— Aida, deixe claro que tudo o que precisar resolver, ela deverá falar comigo.

A mulher assentiu e eu sai.

Boni havia ficado para guardar a casa de Alessa e sua nova posição como babá não o agradou. Entrei no carro e dei partida. Odiava reuniões com os capos e odiava mais ainda quando meus irmãos não estavam e eu precisava falar constantemente.

Tirei meu celular do bolso e ativei o som novamente, vendo que havia uma mensagem de Luigi. Estranhei, pois ele não perdia a oportunidade de ligar. Quando carregou um vídeo eu me preparei para o que viria, mas não esperava o que vi. Nele, Helena sorria e dizia uma palavra repetidamente, uma que fazia com que meu irmão desse gargalhadas de fundo.

Ela dizia algo que eu percebi ser tudo o que eu queria ouvir.



ALESSA BONUCCI

Eu estava sentada na beirada da minha cama, assistindo Ax dormir quando a campainha tocou. Olhei no relógio, vendo que já passavam das sete da noite e estranhei. Não tinha recebido nenhuma ligação, e Boni também não avisou nada. Revirei os olhos com o pensamento. O soldado havia se tornado minha sombra.

Quando via Juliano fazendo aquilo com Abriela e, logo depois, Nino com Anita, achava o cúmulo, mas, estando na situação, aprendi que era a mesma coisa que nada dizer não.

Fui até a porta e abri. Esperava ver qualquer pessoa, menos ele. Dante estava com a cabeça baixa, as mãos nos bolsos da calça e enquanto eu usava de todo meu autocontrole para não puxá-lo pela gravata e repetir o que fiz dias atrás naquele sofá. Ele me fitou com seus intensos olhos azuis. Seu rosto não demonstrava nada, como sempre. Portanto, não tinha nenhuma suspeita de porque estaria ali.

— Posso entrar?

Eu engoli em seco.

— Acho melhor não.

— Não vou fazer nada, Alessa, só quero falar com você por alguns minutos.

Ele parecia certo de si mesmo, mas quem garantiria que *eu* não tentaria fazer?

Olhei-o incerta, e ele percebeu.

— É um assunto sério, não tem nada a ver com nós dois ou o que fizemos.

Escondi a pontada de decepção e hesitei.

— Eu vou entrar — ele não esperou uma resposta. Avançou, fazendo-me recuar e fechou a porta, rapidamente se acomodando no sofá. Eu o segui em passos lentos, repetindo para mim mesma:

“Não o ataque.”

“Não pule no colo dele.”

“Não seja louca! Não seja desesperada!”

“Controle-se!”

Sentei-me à sua frente, e Dante se inclinou, apoiou o cotovelo nos joelhos, fitando-me com seriedade. Eu me sentia ansiosa diante do olhar sério dele. Não estava para brincadeiras, e eu pude ver isso desde que abri a porta. De repente, comecei a me preocupar.

— Em que posso ajudar? — perguntei, educada.

Surpreendentemente minha voz estava muito firme, aparentemente calma.

— Eu pensei muito sobre algo e quero... — Ele fez uma pausa, como se procurasse as palavras certas. — Quero conhecer Axel.

Precisei de alguns minutos para tentar absorver o significado do que disse e quando compreendi, exigi ter certeza do que ouvi.

— Como é?

— Sei que as coisas foram difíceis no começo e talvez seja tarde demais, mas... queria ter essa oportunidade.

— Difícil é um eufemismo perto de como as coisas foram.

— Eu sei, Alessa, e estou admitindo.

— E agora você decidiu fazer papel de pai?

Repentinamente me senti irritada. Muito irritada. Sua presença ali me desconcertava além da razão, me tirava o foco e me deixava confusa. Mas suas palavras me acordaram de todo o sonho de tesão muito rápido! Tudo estava tão claro que eu só queria bater na cara dele.

— Não decidi fazer um papel, sou o pai dele e estou no meu direito.

Eu dei risada. Uma risada sem nenhum humor.

— Você está brincando comigo? Porque se for, já pode parar.

— Eu não devia exigir nada.

— Não devia mesmo — interrompi com grosseria.

Ele me fitou novamente, lambeu os lábios e se sentou mais para frente.

— Eu torturo, assassino e roubo como profissão. Eu sigo um código que não se aplica a regras e morais do mundo comum. Acredite quando eu digo que abordar a tutela do meu... filho é uma das coisas mais difíceis que já fiz — ele expirou. — Só sei te dizer que quero fazer parte.

Eu me senti, infelizmente, amolecendo. Ele parecia tão sincero, tão... perdido.

— Dante...

— Me deixe saber sobre ele.

— Como assim saber? Quer um relatório? Um telefonema? Uma mensagem falando o que ele comeu, do que brincou?

— Pelo amor de Deus, Alessa! Você dificulta tudo!

— Você não quis saber dele. Nada. Nunca. Se fosse por você, ele estaria morto. Agora aparece aqui do nada e acha que vou simplesmente entregar meu filho pra você, porque até uns dias atrás você nem...

— Luigi me mostrou um vídeo das gêmeas. Helena disse “papai” pela primeira vez.

— Oh... — Peguei-me sorrindo, sabendo o quanto minha irmã deveria estar descontrolada. — Isso é incrível.

— Sim. E eu me dei conta de que quero isso. Quero vê-lo, acompanhar o crescimento dele, a vida dele. Sei que fui

um desgraçado quando te disse aquilo, mas, acredite em mim, eu faria tudo de outro jeito se pudesse.

Eu olhei para baixo, mexendo nos dedos. Sabia o quão difícil deveria ser pedir desculpas e praticamente implorar que o deixasse ver o filho. Não anulava como começamos, mas me fez ver que ainda com seus problemas – fossem quais fossem – ele estava disposto a se abrir. Pelo menos para Axel.

— Não se pode mudar o passado.

— Não, não se pode. Mas posso fazer diferente daqui para frente.

Levantei a cabeça, fitando seus olhos azuis.

— Pode mesmo?

— Me deixe tentar. Sei o quanto é boa com ele só pelas poucas vezes que presenciei, nunca vou levar tanto jeito e ser... tão natural. Mas me deixe fazer isso, Alessa. Estou deixando meu orgulho de lado porque quero conhecer meu filho. Quero que um dia eu esteja no trabalho e você me mande um vídeo dele dizendo isso.

Precisei me segurar para não cair em lágrimas ali mesmo. Um, porque ele não fazia ideia de como foi desesperador pegar o jeito antes que eu entendesse Axel e me tornasse uma boa mãe. Os primeiros meses, sozinha, desamparada e atormentada de medo, foram cruéis. Axel não dormia, meus seios doíam demais, tive crises horríveis de dor de cabeça, cansaço extremo. Perguntei-me até se meu filho não gostava de mim, porque independente do que eu fizesse, chorava e chorava e chorava.

Aprendi na marra, consertando os erros.

E agora precisava deixar que ele aprendesse à força, com seus próprios erros. Minha cabeça egoísta queria dizer “não” e colocá-lo para fora, mas meu coração me impedia de forma violenta. Queria gritar por ter me feito ir embora, mesmo que indiretamente, por me confundir, por fazer com que o desejasse além da razão, por não entender o que sentia por ele. Mas também queria que meu filho tivesse um pai, conhecesse os dois lados. Axel era a maior benção que qualquer pessoa poderia receber.

Como eu poderia privar seu próprio pai daquilo?

Entre incertezas, meu medo, insegurança e desconfiança, eu decidi que deveria dar a Dante uma chance. Mesmo que fosse torturante tê-lo ali, que ele começasse a frequentar minha casa, que fôssemos realmente associados a pais da mesma criança, que a tentação estivesse fincada em mim diariamente. Eu passaria por tudo e respeitaria que ele queria o filho, não a mim.

E isso implicava não atacá-lo, não seduzi-lo e não me insinuar, fazendo com que acabássemos suados e gozando.

Eu fitei seus olhos, sérios, rosto livre de qualquer expressão e assenti.

— Tudo bem.

Ele piscou.

— Tudo bem?

— Sim. Você é pai dele, não posso privá-los disso. E tenho que reconhecer que você foi bom tendo falado comigo, me pedindo e não simplesmente exigindo, envolvendo a *famiglia*.

— Eu não teria feito isso.

— Mas poderia. Você pode tirá-lo de mim sem mover um músculo, sem esforços.

— Nunca faria isso. Nunca farei.

— Muito bem. Mas... há condições.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Que condições?

— Axel é a coisa mais importante da minha vida, você pode até pensar que ele não entende, por ser muito novo, mas uma vez que entrar na vida dele e fizer com que se apegue a você, se você sair... ele sofrerá. E se ele sofrer, eu me envolvo. Não haverá segundas chances e nem arrependimentos seus que me façam mudar de ideia.

— Quero isso. Não teria vindo se fosse algo passageiro. Eu não hesito, Alessa. — Seus olhos me queimaram — Quando faço algo, faço com certeza.

— Tudo bem. — Suspirei, tentando pensar com clareza. — Eu ainda o amamento, mesmo que ele coma outras coisas, então se você quiser ficar um tempo com ele...

Dante levantou uma mão.

— Espere. Não vá longe demais.

Eu engoli em seco. Estava impondo condições e falando firme, mas se ele quisesse, poderia simplesmente entrar no quarto, levar Axel e eu nunca mais o veria. A *máfia* o apoiaria, e eu perderia meu filho.

Inclinei-me, ficando na ponta do sofá.

— Olha, sei que parece extremo, mas... ele não está acostumado a ficar longe, essa coisa de ficar dias, dormir fora, eu me preocupo, porque...

— Alessa — cortou-me. — Ele mora aqui, dorme aqui e permanece aqui. Nada muda.

Fitei-o confusa.

— Então...

— Então, eu só quero vir depois do trabalho, ou durante o dia. Te ligo antes. Só quero vê-lo, segurá-lo, ficar perto.

Eu assenti, seria impossível de esconder as lágrimas brilhando em meus olhos.

— Obrigada, Dante.

Ele assentiu, olhos compreensivos.

— Vai me deixar fazer parte?

Eu parei por um momento, interpretando aquela frase de forma completamente errada. Coração estúpido! Eu não estava inclusa naquilo. Ele não estava dizendo “Vai me deixar fazer parte da vida de vocês?”. Estava falando sobre Axel, seu filho.

— Sim, você é bem-vindo para conhecê-lo.

Ele abaixou a cabeça por um instante, depois levantou-a.

— Obrigado, Alessa.

Eu assenti, levantando-me.

— De nada. Quando quiser vê-lo, é só me avisar.

Ele olhou em direção ao quarto e, pela primeira vez, vi um traço de emoção em seu rosto.

— Ele está... está dormindo?

— Sim, Ella trouxe Tony, e ele brincou o dia todo.

Ele assentiu.

— Eu não poderia apenas vê-lo? Só por uns minutos?

Eu quis sorrir, mas me controlei.

— É claro. Vamos.

Não esperei sua resposta e segui para o quarto, mas ele veio atrás de mim. Fiquei ao lado da porta e apontei para a cama, onde ele dormia. Dante ficou a dois passos do colchão e parou como uma estátua. Esperei que fosse me fazer perguntas ou dizer alguma coisa, mas ele só ficou ali por uns longos minutos.

Não sabia como me sentir enquanto ele permanecia sem se mover, encarando nosso filho. Meus olhos arderam, mas me segurei. Precisava continuar firme.

Ax se moveu na cama, e Dante deu um passo atrás. Virou-se para mim e apontou para fora.

— Está tarde, então já vou indo.

Eu assenti, sentida demais para ter o que dizer. Segui-o até a sala e paramos na porta. Ele me fitou diretamente nos olhos.

— Obrigado, Alessa.

Nossos olhos diziam mil coisas, mas nossas bocas não fizeram qualquer outro som. Ele deu um passo à frente, e eu arregalei os olhos. Então Dante balançou a cabeça, abriu a porta ele mesmo e saiu, sem sequer olhar para trás. Apertou o botão do elevador e, ainda assim, não virou-se. Entendendo que aquilo se trataria apenas de Ax, eu fechei a porta, encostei-me nela, fechei os olhos e respirei fundo.

Resmunguei comigo mesma.

— Pelo santo... como é que vou aguentar ao mesmo tempo ter esse homem e não ter?



CAPÍTULO 25



*“O destino me distancia e a correnteza me traz de volta
E quando percebo, vejo que foi tudo um plano seu
Você quer e não quer e não disfarça
No fundo, acho que existe algo, entre eu e você”*

Nana Simons

ALESSA BONUCCI – 15 ANOS DE IDADE

Estava deitada em minha cama, relembrando os acontecimentos do evento da noite passada. Temia que ele fosse entrar a qualquer momento e começar tudo de novo.

Estava perdida em pensamentos quando a porta abriu, e eu arfei de alívio ao ver meu pai. Ele entrou e fechou a porta, sentando-se na minha cama.

— Filha... tem algo que precisa dizer ao papai?

Estranhei seu tom e me sentei, puxando os joelhos para o peito.

— O quê?

— Você fez alguma coisa, aconteceu algo?

Meu coração começou a bater acelerado. Não sabia o que fazer, o que falar. E se tivesse descoberto tudo? Era o momento que me deserdaria e me jogaria aos bordéis, como e/e disse que aconteceria?

Eu não era mais virgem e o seduzi, provocando-o a fazer aquilo, então meu castigo seria terrível. Ter muito mais homens como ele fazendo a mesma coisa e até pior comigo todos os dias.

Balancei a cabeça.

— Porque a pergunta, papai?

Ele apertou os lábios.

— Alessa, não minta para mim. Eu ia vir e conversar delicadamente, mas você está tremendo e vejo em seus olhos que mente! Juro por Deus que se fez algo errado, vai se ver comigo!

Arregalei meus olhos.

— Eu não entendo — sussurrei.

Ele pegou meu braço, puxando-me para fora da cama, e se inclinou, rosnando em meu rosto.

— Lucca DeRossi está em meu escritório querendo falar com você, a sós!

— O senhor DeRossi?

— Sim! — esbravejou. — Sabe quem é ele?

Assenti. Eu sabia que ele era o chefe de toda a *famiglia*. Meu medo cresceu e tive absoluta certeza de que morreria. As histórias que contavam sobre ele eram terríveis. Ele matava com prazer, torturava por tédio e roubava sem qualquer remorso; eu duvidava que tivesse alma.

— Papai... não me deixe sozinha com ele, por favor...

— Está louca, menina? Alessa, o que foi que fez? Diga-me de uma vez!

— Eu... eu não tive culpa, eu...

— Não teve culpa de quê? Pelo amor de Deus! Só por dizer isso já sei que fez algo, sim!

— Eu juro, papai...

— Quieta! — falou sem qualquer paciência. — Vou levá-la até e não me importo com o que aconteça, tivesse pensado melhor antes de fazer algo errado por aí! Se me envergonhou, menina... torça para que não!

Sem me dar a chance de falar nada, ele me arrastou para fora e escada abaixo, só me soltando quando chegamos na porta do escritório.

— Entre — rosnou.

Eu o encarei com lágrimas nos olhos.

— Papai...

Sua mão veio em meu cabelo.

— Entre!

Meu pai me empurrou, me fazendo tropeçar e quase cair. E quando entrei, dei de cara com ele. O diabo.

Já o tinha visto pessoalmente, mas era muito mais assustador de perto. Muito alto, a roupa completamente preta, os cabelos escuros penteados e olhos azuis que deveriam ser igualados ao céu, mas a frieza que existia ali me fazia desistir daquela comparação.

— Feche a porta.

Eu tremi. A voz era grave, rouca e me dava calafrios.

Será que havia descoberto o que eu fazia com os homens e começaria a me tocar também? Deus... eu pedia

que não. Implorei silenciosamente que *e/e* não chegasse ali naquele momento, pois era muito ciumento, odiava me ver perto de outros homens e descontava toda a sua raiva em mim.

Lucca se sentou em uma cadeira e apontou a outra para mim.

— Sente-se.

Sem hesitar, eu obedeci. Evitei encarar seus olhos, olhando para baixo a todo o momento, mas sabia que estava me observando.

— Olhe para mim.

Eu fechei os olhos e respirei bem fundo antes de obedecer. Então, sem que pudesse segurar, lágrimas correram livres pelo meu rosto e sussurrei.

— Por favor, não me machuque.

Ele cerrou a mandíbula. Esperei, forçando-me a continuar olhando para ele.

— Porque está dizendo isso?

Eu não podia responder. Não queria aquele castigo, aquela punição. Precisava guardar o segredo.

— Por nada, desculpe.

Ele se aproximou, e eu me encolhi quando se abaixou na minha frente. Perto demais e sem me tocar.

— Você já ouviu falar de mim, Alessa?

— Já.

Ele assentiu.

— Sabe que já matei muitas pessoas, não sabe?

Eu concordei, e ele continuou.

— Eu torturo muitas pessoas também. E gosto disso.

Eu assenti, soluçando.

— Ouvi dizer.

— Então sabe como posso ser maldoso quando quero, não sabe?

— Eu sei.

— Então saiba que eu fui muito, muito maldoso e, no fim de tudo, eu o matei, Alessa. Você pode tentar dormir essa noite, porque ele nunca mais entrará no seu quarto.

Subitamente o encarei. Com minha respiração irregular, quase não o enxergava direito de tantas lágrimas.

— O que... o que disse?

— O homem que fez mal a você está morto. Não fará nunca mais. Nem ele e nem ninguém, eu te prometo.

Sem que ele esperasse, eu me joguei para frente, sem poder impedir o impulso que me fez abraçá-lo. Ele não devolveu o abraço, e agradei por isso. Não sabia como me sentiria ao ter as mãos de um homem sobre mim novamente.

Quando me afastei, o rosto dele demonstrava tudo o que sentia. Raiva, nojo e indignação. Ele me deixou ter um vislumbre de suas emoções antes de escondê-las novamente.

Eu decidi ali, naquele momento – não importava o que já tinha ouvido sobre ele, e tudo o que ainda ouviria. Lucca DeRossi sempre seria o meu anjo protetor, o homem que me livrou do meu cárcere e me deu a chance de viver.

— Está sobre minha proteção, Alessa, viva em paz. Eu vou olhar por você sempre.

Foi só o começo de um grande laço que se formou, sem que nenhum de nós esperasse.



DIAS ATUAIS

No dia seguinte, acordei com um humor maravilhoso. Ansiosa para saber como as coisas seriam a partir dali e saber se Dante gostaria mesmo de fazer parte de toda a via de Axel. Agitada e louca. Quer dizer... duvidava que fosse querer trocar fraldas, acordar de madrugada e molhar seus ternos caros dando banho.

Fiz toda a rotina de Ax, brincadeira na banheira, café da manhã e, enquanto comia, deixei-o brincando. Logo logo teria que colocar carpete na casa toda, estava nos planos. Ele já engatinhava por todos os espaços livres e não queria que machucasse os joelhos com o chão duro. Também tirei todos os objetos, colocando tudo em lugares altos. Mesmo que estivesse sempre de olho, não estava imune a me distrair e ele acabar pegando algo.

Colocava tudo na boca, queria conhecer cada centímetro à sua volta. Então em cada cômodo da casa tinha uma caixa de brinquedos. E mesmo que ele fosse muito novo, tentava ensinar a colocar tudo no lugar quando parasse a brincadeira. Até então não tinha funcionado. E enquanto eu guardava tudo na caixa da sala, ele já estava bagunçando a do quarto. Era cansativo, árduo e delicioso.

Meu filho se descobria a cada dia que crescia, e eu mal podia acreditar que dali a pouco faria 11 meses. Perguntava-me quando ele finalmente diria sua primeira palavra e qual seria.

Estava ansiosa para ensinar tudo a ele.

Quando fiquei tranquila e Ax cansou, caindo em um cochilo da tarde, coloquei-o na cama e sentei-me ao seu lado, pegando o telefone e fazendo a ligação que fazia anualmente.

Chamou duas vezes, e ele atendeu.

— Estava me perguntando a que horas você ligaria.

— Pode falar agora? — perguntei.

— Claro.

— 8 anos que nos conhecemos, irmão.

Ele riu.

— Nos conhecemos há muito tempo.

— Tudo bem, oito anos que você me salvou.

— Como é que você se lembra disso todos os anos?

— Não seja fingido, Lucca DeRossi, você se lembra também.

Houve um curto silêncio.

— Sim, eu me lembro muito bem.

— É como se fosse um segundo aniversário para mim, você sabe, não?

— Sei, Alessa. Você sempre diz.

Suspirando, eu resolvi mudar de assunto, aquilo não agradava nem a ele e nem a mim.

— Liguei, na verdade, porque queria falar sobre outro assunto também. Naquele domingo, na casa de sua mãe, conversei brevemente com Luigi e ele me contou sobre Santino.

— Sim, nós resolvemos a situação logo que você foi embora. Sem um advogado eu não teria chances.

— Eu imaginei, e como foi?

— Acredita que fizemos algo parecido com um filme? Santino era alérgico a castanhas e tinha diabetes. Juliano foi visitá-lo como quem não quer nada, lhe deu uma caixa de chocolates e foi embora.

— Eu imagino que essa caixa tinha mais castanhas do que chocolate e mais açúcar do que o necessário?

— A *famiglia* mata em silêncio. A pressão dele subiu e a alergia atacou de forma brutal, não deu tempo de salvá-lo. Zaza me fez uma visita, mas sem alguém para testemunhar contra, eles só tinham acusações sem provas. O processo foi retirado.

— Zaza provavelmente te odeia mais do que todos os criminosos procurados juntos. Se eles fossem uma única pessoa, Zaza te odiaria ainda mais.

Lucca riu sombriamente.

— Graças à nossa impiedade. Mas Santino era um bom amigo.

— Mas não foi leal.

Suspirou.

— Não, não foi e teve o castigo.

Deitei-me na cama, observando Ax.

— Você acha que um dia a máfia vai deixar de existir, e vamos parar de matar uns aos outros em nome de uma promessa cruel?

— Não — respondeu sem hesitar. — Acho, na verdade, que ficaremos piores.

Eu suspirei.

— Sim, eu também acho.

— Eu já estou condenado de qualquer maneira, então não vejo a hora.



Mais tarde ainda naquele dia, eu estava atarefada dando comida a Axel e recolhendo seus brinquedos pela casa quando a campainha tocou. Meu coração acelerou. Era Dante. Olhei para meu pequeno short largo de pijama e a camiseta regata muito reveladora e me perguntei se daria muito na cara recebê-lo daquele jeito.

Resolvi que não. Ele já tinha me visto nua e quanto menos roupas tivéssemos no caminho... melhor.

Deixei os brinquedos atrás do sofá, soltando meu cabelo que caiu em ondas no caminho e abri a porta. A decepção foi como um balde de gelo. Ao contrário do que eu queria e esperava, não era Dante. Mas, sim, Aida Tomaro.

Perguntei qual razão ela teria para estar ali e nenhuma me veio à mente. Nosso único contato era sobre os assuntos da *famiglia*, e eu já não era mais parte daquilo, fui banida. Quis fechar a porta, correr para o quarto e me encher de joias, colocar um vestido chique e um salto, e só depois voltar para recebê-la. Para sobreviver diante daquelas mulheres era necessário estar armada. E as minhas balas eram minha máscara e a postura que todos conheciam lá fora.

Dei um sorriso simpático, não deixando que percebesse meu desconforto, e gesticulei para que entrasse.

— Olá, Aida.

Ela me deu dois beijos, me medindo de cima abaixo e sorriu forçado.

— Como vai, Alessa, querida?

— Bem, e você?

— Ótima! Espero que não se importe pela visita repentina, mas preciso falar com você!

Eu assenti.

— Claro, vamos nos sentar. Só vou pegar Axel e já nos falamos.

Fui até a cozinha, peguei meu filho cheio de papinha de chocolate na boca toda e dei risada baixinho, limpando a sujeira.

— Você vai conhecer a maior megera agora, meu amor.

Ele riu como se me entendesse e voltei para lá.

Ela olhava ao redor com olhar crítico, como fazia com tudo. Acomodei-me no sofá, colocando Ax no chão, e ele foi, sem demoras, para sua caixa. Sabia que ficaria brincando quietinho por um tempo.

— Peço desculpas pelas minhas vestimentas, não estava esperando.

— Oh, imagine! Não me importo. — Mas ela se importava. Desde seu olhar até sua postura rígida mostrava que não aprovava nada o conforto e o calor da minha casa.

Não era natural que as crianças da *máfia* fossem tratadas com amor. Axel deveria passar o dia todo com um babá enquanto eu, casada e pagando de socialite, participava de chás, almoços e ia a salões e spa's. Odiei que ela estivesse vendo a minha casa. Odiei que conhecesse aquilo tudo, e pelo olhar em seu rosto, ela iria me massacrar. Então, buscando o papel que eu não

representava há mais de um ano, cruzei minhas pernas, endireitei os ombros e sorri de boca fechada.

— Marquei uma hora no salão esta tarde, mas a babá ligou dizendo que não poderia vir, acredita nisso? Agora tenho que ficar e cuidar dele. É claro que não me importo, você sabe... é meu filho, mas tenho coisas mais importantes para fazer do que ficar em casa pagando de doméstica, me entende não é, querida?

Cada palavra que saía da minha boca doía, machucava. Eu dava graças a Deus por Axel não conseguir compreender. Mas precisava fazer aquilo. No nosso ciclo, tudo o que era importante para você se tornava um alvo. Era errado que as mães amassem seus filhos, porque filhos eram apenas a continuidade das famílias e a garantia de que continuariam no poder. Filhos eram reforço de ego. E assim como eu esperava, o efeito foi instantâneo. Minhas roupas foram esquecidas, assim como o brinquedo e a mãe amorosa que demonstrei ser quando ela chegou.

Aida sorriu sincera e colocou a bolsa no sofá, torcendo o nariz.

— Te entendo completamente, se fosse eu em seu lugar, estaria enlouquecendo!

Eu suspirei, fingida.

— Só queria estar fazendo uma escova agora, mas terei de remarcar. Aceita um café?

— Ah, querida, vou recusar, acabei de vir de um chá na casa de Gema.

— À vontade. Mas me diga, o que há de tão importante?
Ela sorriu brilhantemente.

— Você não vai acreditar!

Observei enquanto ela batia palmas e fingi entusiasmo.

— Parece ser algo bom, diga-me!

Ela descruzou as pernas e se arrastou para a beirada do sofá.

— Eu consegui colocá-la de volta na linha de frente dos eventos da *famiglia*!

Deu risada e ficou de pé, abrindo os braços para um abraço. Eu coleí um sorriso no rosto e a abracei.

— Uau, Aida, isso é incrível! Mas... como fez?

— Você não sabe! Chegamos em casa acidentalmente, em um dia em que estavam todos os capos, falamos da situação, que os associados estavam deixando de ir por não apreciarem mais e eles ficaram tão preocupados quanto nós, então em uma votação ficou resolvido que era mais do que certo você voltar!

Nossos eventos eram o ponto central de ligações com o mundo exterior. A maioria das pessoas gostava de estar perto para desfrutar do luxo e também havia aqueles que gostariam de estreitar laços no país. A Cosa Nostra governava lado a lado com o governo. As ruas pertenciam à máfia, cada pedaço de terra. Personalidades influentes ou não queriam um gosto do que essa vida representava. E nós saíamos grandiosamente beneficiados de lhes oferecer tal vislumbre.

— Mas por que você e as mulheres resolveram isso do nada?

Ela lamentou.

— Oh, Alessa, Michella ficou à frente de comandar tudo, mas foram fiascos atrás de fiascos! Não podíamos mais aguentar! Belinda que me perdoe, mas a sobrinha dela é

péssima com organizações. Ela não saber a diferença entre as regras mais básicas de etiqueta me enervava.

— E Lucca autorizou?

— Ah, então... sobre isso, o senhor DeRossi não estava, então o subchefe, que era o único presente, foi quem deu a aprovação.

— Dante DeRossi?

— Sim! E ele disse que como você estava voltando, precisava comunicar tudo a ele. Eu achei que foi certa sua postura, entendo que queiram manter o controle.

— Dante disse que preciso estar em contato com ele para falar sobre os eventos?

— Sim! Constantemente, tudo o que precisar ser resolvido.

Eu reprimi um sorriso enquanto ela continuava falando sem parar. Empolgada. Então Dante queria manter contato comigo. Era realmente muito bom saber.

Continuei ouvindo as histórias, sorrindo, conversando, agindo como se nunca tivesse ido embora, como se estivesse tudo normal. Por dentro, no entanto, eu estava profundamente chateada. Parecia que quanto mais queria normalidade e quando tudo estava quase indo bem, algo chegava para desabar. O único lado bom foi descobrir que o pai do meu filho queria falar comigo. Falar mais do que Axel.

E tinha a cara de pau de dizer que só queria saber do filho.

Pilantra safado.

No fim, eu estava de volta onde fui treinada para estar.

Estava de volta ao ciclo. A estrela da *famiglia* voltaria a brilhar.



CAPÍTULO 26



*“Vamos ficar à noite toda
A última coisa que me lembro é de nossos
Belos corpos se esfregando na boate
Embriagados de amor
Bebendo champanhe sou esposa de gangster
Eu estive pensando
Por que eu não consigo te soltar, baby?
Embriagados de amor”*
Beyonce – Drunk in love

ALESSA BONUCCI

— Tem certeza de que não se importa? — eu perguntei a Giorgia na manhã do dia seguinte.

Ela sorriu ao pegar Axel.

— É claro que não! Me ofereceria para ir com você, mas Tony também vai para a minha casa, então...

— Tudo bem, muito obrigada, Giorgia. Queria levá-lo, mas tenho medo de demorar demais. Daí ele perde o

horário de comer, de tomar banho, de cochilar, fica uma bagunça.

Ela beijou a bochecha dele, que sorriu.

— Já te disse que, se fosse por mim, você se mudaria para a minha casa. Não gosto nada que fique sozinha. Mas sei que é impossível, tendo em vista com quem eu moro.

— Thomas é, sim, um problema com P maiúsculo, mas eu também gosto da minha independência. Nós criamos uma rotina, por isso não é tão cansativo.

— Eu entendo, querida. Também daria tudo para ter criado os meninos sozinha. — Suspirou.

Eu peguei a bolsa de Axel e a minha, e seguimos para fora. Boni prontamente chamou o elevador.

— Senhora DeRossi. — Acenou.

— Olá, Boni.

Nós entramos, e ele ficou no canto.

— Para onde vamos, senhorita Bonucci?

— Marquei de ir ao atelier de uma amiga. Ela é design de interiores. Fica no centro.

Ele assentiu.

O elevador desceu, e eu parei na rua, me despedindo de Giorgia e Ax.

— Na bolsa dele tem tudo o que vai precisar e caso algo aconteça, se precisar que eu volte, me ligue e estarei aqui na mesma hora.

Ela sorriu.

— Não se preocupe, eu, Tony e esse garotinho aqui vamos nos divertir muito.

— Eu sei que vão, mas você sabe que...

Ela olhou por cima do meu ombro e arregalou os olhos.

— Querida, não consigo ir com você. É melhor que Axel vá para a minha casa, comigo e Tony, para ficar brincando. Será melhor.

Eu franzi a testa.

— O quê? Eu sei, eu não disse...

— Sei que queria companhia, mas não vamos conseguir ir. Terá de ir sozinha.

— Giorgia? — Eu não estava entendendo nada.

— *Mamma?*

Então eu entendi. Virei-me lentamente e lá estava ele. A poucos passos atrás de nós. Levou a mão ao rosto, tirando os óculos, e nos fitou com todo aquele ar sério que só ele tinha. Jesus. Eu encarei seu terno preto, que parecia deixá-lo ainda mais lindo.

Giorgia foi até ele.

— Oi, meu filho! Estava aqui dizendo a Alessa que já tenho que ir.

— Eu ouvi. — Ele me olhou. — Você precisa ir a algum lugar?

— Ah, não é nada demais. Vou voltar logo...

Ela me interrompeu de novo.

— Imagine! Vá com ela, filho. Uma moça bonita desse jeito, com esses cabelos enormes e esses olhos de matar, ficar andando sozinha por aí não é nada bom. Vá com ela, Dante.

Ele apertou os lábios para ela antes de me encarar.

— Você se importa, Alessa?

Eu sentia os olhos de Giorgia sobre mim, e nós dois sabíamos o que ela estava fazendo. Sentindo-me pressionada e ansiosa, eu balancei a cabeça.

— Por mim tudo bem.

Giorgia deu um pequeno pulinho, fazendo Ax gargalhar.

— Muito bem! Então, nós estamos indo!

Ela nos deu um rápido beijo na bochecha e praticamente correu para onde um soldado lhe esperava. Não me deu a chance de dar tchau a Ax e nem a Dante de dizer oi a ele também.

Constrangida, voltei meus olhos para ele.

— Quando ela entrar no carro você pode continuar seu caminho.

— Eu não disse que ia para mandá-la embora tranquila, vou com você.

Eu arregalei os olhos, começando a ir em direção a Boni.

— Não é necessário.

Ele me seguiu, fechando a porta que eu abri do carro e segurou meu cotovelo.

— Boni, está dispensado por ora — falou com o soldado, mas encarando-me.

— Sim senhor.

— Mas ele vai...

— Eu vou te acompanhar.

Ele me guiou até seu próprio carro e abriu a porta, acomodando-se atrás do volante logo depois.

Observei seu rosto vazio enquanto se concentrava na direção.

— Aonde vamos?

— Vou escolher a decoração do quarto de Axel.

Ele assentiu.

— Qual o endereço?

— Quer que eu coloque no GPS?

Seus lábios contraíram.

— Não é necessário. Só me diga.

Claro que não era necessário. Ele devia conhecer as ruas da Sílica como cada linha das palmas de suas mãos. Eu fiz como pediu e permaneci quieta. O carro cheirava a couro e a ele. Aquele perfume leve que ele tinha, quase como se não usasse, como se fosse sua própria fragrância. Queria virar para o lado e encará-lo enquanto dirigia, comprovar se era sempre fechado e inexpressivo como eu tinha a impressão. Mas não fiz isso, me contentei em manter a cabeça reta na estrada e os olhos fitando suas mãos habilidosas no volante. Tão habilidosas...

— Minha mãe pode ser demais em algumas ocasiões — falou repentinamente.

— Não tem problema.

— Ela acha que porque temos um filho juntos, temos que... — Ele parou. — Você sabe.

— Ela vai desistir disso com o tempo.

Ele assentiu.

— Sim, vai. Quando vir que nada vai acontecer.

Meu coração doeu com aquelas palavras, mas eu não demonstrei.

— Exato. Nada mesmo.

Nós não falamos mais nada pelos próximos vinte minutos. Todo o caminho foi feito ao som de uma música lenta que tocava de fundo, que eu mal conseguia ouvir, mas era uma instrumental, triste e melancólica. Não senti o olhar dele e me controlei para não babar em cima do cara também.

Eu não o entendia. Uma hora ele parecia querer algo, na outra, não. Mandou que eu falasse sobre os eventos com ele, mas isso não era necessário, nunca foi, então porque começaria a ser? Eu não conseguia pensar em nenhuma outra razão para tal ordem, sem ser que ele queria ficar próximo de mim. Mas, pelo jeito, me enganei.

Quando chegamos ao ateliê, Suzene Pardo me aguardava sorridente e animada para começarmos. Apresentei Dante como o pai de Ax e mais nada, e passamos por volta de uma hora e meia em seu escritório. Dante ficou calado, mas ao contrário do momento no carro, eu podia sentir sua atenção em mim, e, mais do que isso, quando eu o olhava, seus olhos estavam fixos no meu rosto, ele não desviava.

Fiz de tudo para incluí-lo no assunto, pedindo sua opinião, recebendo respostas curtas, porém sinceras, e conforme eu ia me aprofundando nos diversos temas, cores, possibilidades de móveis e desenhos, esquecia o fogo reprimido que me assombrava.

Suzene era uma das melhores no ramo na Itália. Nós conversamos e rapidamente descobri que além de ótima profissional, era uma boa pessoa também.

Quando finalmente tínhamos um esboço do que eu imaginava para o quarto do bebê, me despedi dela com a

promessa de uma visita para ver o espaço no apartamento e conhecer Axel, e saímos para a rua movimentada.

— Você quer almoçar? — ele perguntou, já dentro do carro.

Eu pensei um pouco e o “não” já estava na ponta da língua, mas ele fora tão educado, tão gentil e diferente do homem que conheci no começo de tudo, me peguei querendo passar mais tempo com ele. Queria ver mais lados seus. Quando o conheci foi naquela briga de bar, depois me arrastando até outro estabelecimento e bebendo sem se importar comigo, e logo depois me expulsando de sua casa daquela forma, para terminar com o clássico de me chutar com um filho na barriga. Mas passando um tempo com ele, e principalmente estando fora do círculo, eu via porque as mulheres caíam matando em cima daquele homem.

Ele era realmente um *gentleman*.

Daqueles dos filmes antigos, que abrem a porta, puxam a cadeira, colocam a mão nas costas e tudo o mais. Ele era muito educado, gentil, cortês. Perguntei-me se minha raiva e indignação diante de tudo o que passamos foi tão grande que não o vi assim, ou se ele tinha escondido aquele lado de mim e me deixava ver apenas agora.

— Claro, vamos almoçar.

Mais uma vez seguimos em silêncio até um restaurante luxuoso no centro mesmo. Quando chegamos, abriu minha porta, oferecendo a mão como ajuda e entregou a chave ao funcionário, apoiando minhas costas.

Uma mulher muito elegante se aproximou, sorrindo para nós.

— Senhor DeRossi, boa tarde. Senhorita. É um prazer recebê-lo novamente. A mesa de sempre?

— Boa tarde, Marcella. Sim, a de sempre.

— Por aqui, por favor. — Apontou e nós a seguimos até uma mesa no meio do restaurante.

— Obrigada — agradei quando puxou a minha cadeira e se sentou à frente. — É um lugar muito bonito.

Ele concordou sem olhar ao redor.

— Sim, e a comida é muito boa.

— Vem muito aqui?

Ele me encarou, passou a ponta da língua pelo lábio inferior e assentiu.

— Bastante.

Eu esperei, pensando que continuaria, mas ficamos em silêncio fitando um ao outro até que o garçom se aproximou pegando nossos pedidos e deixando o vinho.

Ele encheu uma taça e, quando foi pegar a outra, impediu.

— Obrigada, mas não estou bebendo.

— Porquê?

— Axel ainda está mamando, e eu prefiro não fazer isso enquanto meu filho bebe meu leite.

— Pensei que era normal.

— É normal para algumas mães, mas eu sou o que se pode chamar de neurótica. Qualquer coisa que eu achar que prejudique Ax, fico longe.

Ele deixou a garrafa de lado e me encarou.

— Bom saber.

E o silêncio reinou novamente. Ele não parecia desconfortável, na verdade, estava bem calmo, diferente de mim. Minha cabeça rodava, tentando encontrar algum assunto para falar qualquer coisa. Mas nada parecia bom o suficiente.

— Vou pedir um suco de laranja — falei, e ele assentiu.

Chamou o garçom, pediu meu suco e voltamos àquilo. Eu, de repente, quis rir. A situação toda era cômica e trágica, tudo ao mesmo tempo. Nenhum de nós sabia o que dizer, era desconfortável em todos os níveis e o que podíamos fazer? Éramos dois desconhecidos!

Assim que os pratos chegaram, nós começamos a comer, e eu dei graças a Deus por, pelo menos, ter algo para nos ocupar. Passaram-se uns bons dez minutos até que ele disse:

— Eu não sou muito de falar.



DANTE DEROSI

Ela me fitou, surpresa, mas, de repente, um sorriso surgiu em seu rosto. Não foi a primeira vez que a vi sorrir, mas foi diferente das outras.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Eu estou percebendo.

— Não converso muito e sou tão interessante como companhia quanto aquela planta ali no canto.

Ela riu. Foi um som incrivelmente belo, e eu quis ouvir de novo.

— Dante DeRossi não tem uma veia social? Estou surpresa.

Achei seu comentário engraçado, mas ao invés de dizer isso a ela, dei mais uma garfada na comida. Talvez eu quisesse rir, mas acho que havia me esquecido de como se fazia aquilo.

— Eu estava brincando.

— O quê? — perguntei.

— Você ficou todo sério, foi um comentário irônico.

— Não me ofendeu.

Ela assentiu, comendo também. Eu realmente não conversava. Nem com meus irmãos, nem com Amira, com minha mãe e tampouco tinha amigos. Às vezes passava alguns dias no albergue com os soldados por conta da movimentação e de como eles interagem entre si, confortáveis uns com os outros, mas nunca me adequava lá. Eu não me sentia bem em lugar algum. Mas me peguei querendo puxar assunto com ela.

— Você vai voltar a cuidar da agenda social da *famiglia* — afirmei.

Ela estava surpresa.

— Vou. E isso foi uma pergunta?

— Não.

— Tudo bem. — Inclinou-se para frente. — E, falando nisso, porque é que mandou Aida me dizer que preciso falar com você sobre tudo antes de resolvê-las?

— Me conte sobre sua gravidez.

Ela riu. Não foi curto como da outra vez, mas uma risada alta e longa. Pegou um guardanapo e passou nos lábios fechados.

— *Va bene*, Dante, olhe só. Já que suas normas sociais estão enferrujadas vou te dar uma aula. Quando você inicia um assunto, deve permanecer nele até que seja finalizado. — Riu novamente. — E não se responde uma pergunta com outra.

Eu quis rir. Depois de muito tempo, eu quis dar risada novamente. Ela era engraçada, bonita, inteligente e rápida. Provava ser uma contradição de tudo o que pensei que fosse.

Eu desviei da pergunta, porque não queria dizer a ela que algo dentro de mim me pedia para mantê-la por perto, por isso dei as ordens a Aida, mas também queria saber da gravidez.

— Anotado. Mas vai me falar da gravidez?

Ela me encarou por um tempo, então assentiu, bebeu um gole de seu suco e eu salivei observando o movimento da garganta engolindo.

— Foi assustador no começo. Como tudo o que se desconhece. Ele foi um bebê agitado na barriga, com 5 meses já o sentia mexer, com 7 ele chutava a ponto de eu conseguir ver os movimentos. Mas quando nasceu era calmo. — Eu sorri com a lembrança. — No começo não são flores, é claro, ele chorou muito, eu tive dores horríveis ao amamentar, dores de cabeça, problema com pressão alta. Mas quando completou 4 meses as coisas entraram em ordem. Eu me acostumei a ser mãe, a dar banho, amamentar já era mais fácil, ele dormia um pouco mais. E foi aí que descobri como era incrível viver isso.

Eu nem piscava.

— Sinto muito por tê-la feito passar tudo sozinha.

Ela balançou a cabeça.

— Já passamos por isso, basta estar presente de agora em diante.

— Eu vou. Você é uma mãe incrível, Alessa.

Ela sorriu.

— Obrigada.

Assenti e chamei o garçom, pedindo a conta.

No fim, nem havia sido tão complicado como pensei que seria. Só a culpa esmagadora de saber um terço do que passou sozinha, longe e frágil como estava. Se eu tivesse feito tudo diferente, Axel teria nascido na Itália, perto das pessoas que o amavam, e ela teria tido todo o apoio, nunca ficando sozinha.

Nós seguimos em silêncio para casa. Ainda estava cedo e eu não me apressei no caminho, dirigindo com mais lentidão do que me lembrava já ter feito.

— Devemos passar para pegar Axel? — perguntei.

— Sua mãe o trará ao anoitecer.

Foi um silêncio confortável, diferente da tensão de quando saímos.

Parei o carro no estacionamento e fomos direto para o elevador. Quando as portas abriram, ela entrou e encostou no espelho. Quando olhei para seu rosto, tinha o lábio inferior preso entre os dentes e olhos estreitos.

Eu fiquei tenso. Já tinha visto aquela expressão em seu rosto e meu primeiro instinto foi minar qualquer avanço antes que fôssemos longe, porque sabia que acabaria com ela gritando em baixo de mim. Não que não quisesse, porque queria e muito. Mas não havíamos falado sobre a última vez, e envolver sexo, principalmente o nosso sexo,

no meio de toda a situação não levaria a bons lugares. Eu estava tentando ser um pai, ainda que duvidasse conseguir e não dar motivos ao meu capo para me punir além de uma tatuagem.

Indiquei o andar do apartamento dela e encostei-me nas portas. Ficamos de frente um para o outro. Ela soltou uma longa respiração e antes que eu pudesse pensar ou fazer qualquer coisa, suas mãos estavam no meu rosto e a boca na minha. Levei apenas um segundo para segurar a cintura dela, não a afastando, mas puxando-a para mais perto. Empurrei-a, pressionando suas costas no espelho e inclinei a cabeça, buscando profundamente o sabor de sua boca.

Alessa gemeu, e eu senti meu membro ficando duro, como acontecia todas as vezes. Ela nunca precisava fazer nada demais para me despertar, bastava um toque e eu estaria aceso.

Ela empurrou meu rosto e falou, olhando para a minha boca.

— Me come.

Eu nunca me acostumaria com o quanto ela era explícita, e nunca entenderia o efeito daquelas palavras sujas no meu corpo. Não deveria ser eu falando baixarias para ela?

Eu a virei, encostando seu rosto no espelho, e puxei sua calça para baixo. Antes de qualquer outro movimento, virei a chave no elevador, fazendo-o parar onde estava e me abaixei na frente de seu quadril. Separei as bochechas e, ao ver como já estava molhada, eu rosnei.

— Porra, Alessa, já está pronta.

Ela gemeu.

— Eu estive desde o momento em que vi você, agora faça algo sobre isso.

Minha língua involuntariamente a provou, sem que eu pudesse resistir. Enquanto ela rebolava no meu rosto e se desfazia ali, não pude deixar de me lembrar de como ela gostava de fazer aquilo e logo estaria me pedindo.

Então antes que começasse a lamentar, me implorando, fiquei de pé, dei um tapa com toda a força das minhas mãos em cada lado de sua bunda e abri minha calça, empurrando junto a cueca para baixo.

Coloquei as duas mãos no espelho ao lado da cabeça dela e me inclinei, sussurrando em seu ouvido.

— Abra as pernas, se empine e me coloque dentro.

— Porra — ela resmungou, fazendo exatamente o que eu disse. E quando já estava posicionado, afundei. Ela era o céu.

Parecia que era bom estar dentro dela, mas cada vez que fazia de novo, era melhor. Apertada, quente, macia e escorregadia. Perfeita. Suas mãos foram para o meu cabelo puxando, enquanto os gemidos aumentavam conforme eu estocava dentro dela.

— Dante...

— Cale a boca — mandei, descí minha mão até seu rosto, sentindo lágrimas molharem meus dedos, e apertei sua garganta. Ela soluçou, gemendo mais e mais.

Eu não tinha prazer nenhum em fazê-la sentir a agonia que queria, mas era melhor fazer do que vê-la se rebaixando e me pedindo tais absurdos. E se eu dissesse não, faria como da última vez, me mandando embora. E a consequência disso era ficar sem ela.

Durante todo o ato, enquanto meu corpo arrepiava, eu me acabava dentro dela, e era o homem mais sortudo por estar ali, queria que não acabasse. Eu não queria que ela gozasse chorando, que me afastasse, levantasse sua calça e quando o elevador parasse em seu andar, me encarasse com olhos cheios de emoção, segurasse meu rosto e me desse um beijo antes de sair.

Mas foi exatamente o que ela fez. E quando vi a porta do apartamento fechando, me senti vazio.

Eu a queria de novo. Queria mais do que podia ter.



CAPÍTULO 27



*“Você sabe o que estou pensando, vejo isso em seus olhos e
você odeia me querer
Você está com medo de ficar sozinha e eu com medo de sentir
sua falta
Acontece toda vez que tento encontrar razões para nos separar
Mas não tá funcionando porque você é perfeita
E sei que você vale a pena, então não posso ir embora
E você não vai encontrar alguém melhor, porque eu sou o
melhor para você
A distância e o tempo entre nós nunca vão me fazer mudar de
ideia
Porque, amor... eu morreria por você”*
The Weeknd – Die for you

ALESSA BONUCCI

— “Tantiauguri a te! Tantiauguri a te! Tantiauguti Luigi... tantiauguri a te!” — nós cantamos todos juntos, batendo palmas, e meu cunhado gritou, balançando Helena em um braço e Rafaela no outro.

Ambas o abraçaram pelo pescoço, que colocou a língua para fora, fingindo não conseguir respirar, e lhes deu um beijo na bochecha de cada.

— Assoprem as velas do papai, *i miei angeli!*

Elas fizeram isso com a ajuda dele e bateram palmas. Axel batia palmas, sorrindo e encantado com tudo ao redor. Era a primeira festa de aniversário à qual ia. Luigi não quis uma enorme, dizia que estava velho demais, completando 36 anos, e não tinha necessidade de grandes eventos. Mas mudou de ideia depois, concordando com algo pequeno e íntimo, apenas para seus irmãos, cunhadas, mãe, filhas e sobrinhos.

Tinha doces por todos os lados, comida que não acabava mais, refrigerante, música animada e parecia incrível como todos estavam satisfeitos por estarem juntos.

Anita estava sentada no chão, Helena rastejando em cima dela e Rafaela apoiada em Tony, que se movimentava de um lado para o outro, tentando imitar os passos de dança que minha irmã ensinava.

— Molto bene! — Ela batia palmas, rindo.

Impossível não rir com tamanha graça. Antony era extremamente cuidadoso, segurando a prima, e quando olhava ao redor vendo toda a atenção concentrada nele, suas bochechas coravam.

Giorgia bateu palmas, extasiada.

— Anita, querida, Rafaela terá a mesma paixão pela dança que você!

Luigi gemeu, recostando-se à cadeira.

— Deus me ajude.

Lucca observava tudo, se permitindo sorrir discretamente e segurar a mão de Ella. Estávamos entre nós, então não tinha qualquer perigo em demonstrar seu amor pela minha irmã.

— Não seja um reclamão, Luluzinho, tem que admitir que sou uma excelente dançarina.

Ele bufou.

— Esse é o problema.

Eu sorri ironicamente.

— O destino é traiçoeiro, hein, meu cunhado?

Ele deu risada.

— Eu sou o consigliere, minha cara cunhada, vou colocá-las em um convento. Serão freiras.

Anita gargalhou.

— Coitado. Vá sonhando, meu bem.

— Seu cargo não te dá o direito de passar por cima das regras, irmão — Lucca comentou, divertido. — Se quiser, eu mesmo arrumo marido para elas.

Luigi estreitou os olhos.

— E eu vou arrumar uma esposa para Antony.

Abriela revirou os olhos.

— De jeito nenhum, meu bebê não vai se casar.

Giorgia riu.

— Eu dizia o mesmo, querida. Vocês estão fritas quando a adolescência deles chegar.

Axel se remexeu em meus braços, e o coloquei no chão.

— Axel vai ficar solteiro por escolha. Vai descobrir que a única mulher de quem vai querer ficar perto sou eu, e

passaremos nossos dias em casa, vendo filmes e comendo.

Eles riram, e Luigi arregalou os olhos.

— É isso, cunhada! Vou dar tanta comida às meninas que ficarão em casa querendo apenas comer e comer e comer, e ficar com o papai, é claro! — Ele ficou de pé e se aproximou, me dando um beijo na bochecha. — Você é uma gênio! Dante, meu irmão, você é um idiota!

Mais uma vez, uma rodada de risos soou, mas eu não acompanhei. Era fácil por um lado esquecer que ele estava ali, já que mal se pronunciava, mas, por outro, meu corpo arrepiado sabia que em nenhum momento ele saía de perto.

As conversas continuaram, mas agora meu foco estava totalmente nele. Sentado num canto um pouco afastado, perto, mas não dentro da roda. Um copo na mão, observando tudo quieto.

Sua proximidade me afetava de tal forma que eu não entendia. É claro que ter passado os últimos dias o recebendo quase diariamente não ajudaram em nada. Ele ia até o apartamento, dava uma olhada em Ax, que sempre estava dormindo em suas visitas, e, para não cair na tentação, eu saía de perto. Tudo o que queria era ficar e arrastá-lo para a cama mais próxima, mas a última vez que havíamos feito sexo me provou o que eu já desconfiava.

Ele via através de mim.

É claro que jamais imaginava o que eu escondia atrás de tanta vulgaridade, mas só o fato de ter feito sexo da forma que eu precisava sem esperar que eu pedisse, mostrou que ele via essa necessidade. Ou seja, eu me

deixei levar por tesão e sentimentos que sequer entendia, e mostrei para ele que aquilo era apenas uma máscara. Ele sabia que existia algo além.

Mas não podia saber o que era, nunca. Portanto, mesmo que me torturasse estar perto, e muito longe, eu manteria daquele jeito. Dante mostrava para todos o seu lado sombrio, mas com o tempo que passamos juntos, pude ver que, assim como eu, usava um disfarce. Algo que escondia quem realmente era, um escudo.

Ele era um bom homem. E, ainda mais por isso, precisava ficar longe. Ele merecia alguém melhor do que eu. Que estava preenchida por dor e sujeira. Pintada de coisas ruins e depravação. Ele precisava de alguém que fosse boa. Tão boa quanto ele.

Balancei a cabeça, tentando prestar atenção nas conversas e esquecer Dante, então olhei ao redor procurando Ax. Foi quando aconteceu.

Meu coração quase parou quando olhei para o lado e vi Axel sendo levantado por ninguém menos que Dante, e quando se sentou no colo do pai, sorriu abertamente. Eu desviei a atenção, sabendo que se continuasse olhando cairia em prantos ali mesmo.

Passaram-se alguns minutos, meus olhos fixos à frente, quando senti uma mão na minha. Encarei Giorgia, e ela sorriu, cheia de lágrimas nos olhos.

— Obrigada, querida.

Eu não precisava perguntar pelo o que ela agradecia, pois a risada de Axel foi ouvida e eu fechei os olhos, dando um aperto na mão dela.

Eu não ia aguentar.



DANTE DEROSI

Era incrível estar ali fazendo algo que pensei que nunca teria a chance de fazer.

Meu filho estava completamente à vontade no meu colo, brincava, sorria, me olhava com curiosidade, arregalando seus imensos olhos azuis e sorria mais ainda. Eu parecia incrível para ele, assim como ele parecia para mim.

Há muito tempo não me sentia tão completo e feliz. Na verdade, duvidava que já tivesse realmente me sentido completo. Olhando para Axel e apoiando o pequeno corpo em meus braços, eu não conseguia sequer comparar com alguma outra época da minha vida. Ele tinha um cheiro de criança, aqueles que não vinham de perfumes ou algo superficial, mas uma essência dele, de bebê. Cada coisa nele me impressionava.

Os dedos da mão gordinha, as pernas cobertas por uma calça branca apertada, que deixava claro como ele era bem alimentado, os poucos dentes na boca que provaram ser bem fortes ao morder meu dedo e queixo, o cabelo grande, que formava uma franjinha em sua testa, cobrindo os olhos, e o brilho inocente no olhar.

Eu não conseguia acreditar que fora eu quem o fizera. Ele era a criatura mais linda que existia no mundo, e eu tive parte naquilo. Provavelmente a melhor coisa que fiz na vida. Com toda a certeza.

Coloquei um pequeno pedaço do recheio do bolo em sua boca, e ele recostou no meu peito, fazendo uma careta antes de mastigar e decidir que queria mais. No meio de

nossas atividades tão simples, mal percebi o tempo que fiquei concentrado nele. Quando olhei para cima, as quatro mulheres sentadas pouco à frente me fitavam com olhos marejados e sorrisos.

Anita tinha a cabeça inclinada e balançava, como se não acreditasse no que via. Abriela, como sempre, chorava, agarrada à minha mãe que discretamente fazia o mesmo. Senti-me, pela primeira vez em muito tempo, envergonhado. Não era dado a expor intimidades e deixar que vissem demais sobre mim, e ali estava, todo sentimental com o garoto. Mas ao olhar para Alessa, todo o meu constrangimento foi embora. Foi como mágica. Ela nos encarava sem expressar nada, eu não conseguia ler o que passava em seus olhos.

O lábio inferior sendo mastigado pelos dentes, sobrelanceira ligeiramente franzida e os olhos fixos em nós dois. De mim, para Axel e dele para mim. Senti-me orgulhoso.

Minha cabeça imediatamente fez uma imagem dela sentada ao nosso lado, com a cabeça no meu ombro. Ao invés da angústia em seus olhos, ela estaria sorrindo, e, com Axel entre nós, seríamos uma família.

A constatação daquilo me fez querer chegar perto e puxá-la para mim. Mas eu não a entendia, por isso o medo da rejeição ou de assustá-la foi muito maior. Desde a última vez em que estivemos juntos, ela não fez qualquer esforço para ficar perto de mim. Eu ia ver Axel, ainda sem coragem de pegá-lo, então aparecia apenas quando estava dormindo. Ela me deixava sozinho com ele, enquanto eu o observava e pensava. Pensava demais. E ela sempre saía de perto, nunca mais puxou assunto, nem me olhava com

desejo como fazia antes, ou se olhava, disfarçava, já que mal mantinha seus olhos em mim.

Estava me evitando descaradamente. E como eu poderia chegar e dizer que queria tentar algo? Não ia obrigá-la a se casar comigo, prezava pela independência e a vontade das pessoas de fazerem suas próprias escolhas. Mas sentado ali, enquanto ela me observava, comecei a me perguntar se fui tão cego a ponto de nunca ver que tais sentimentos existiam. Estava tão afundado em tudo que me esqueci de olhar em volta.

Ela virou o rosto de repente, voltando à sua expressão serena e calma, indiferente a nós. Aos poucos, as outras três também se recompuseram e voltaram a conversar. Mas eu não desviei. Enquanto Axel se divertia, metendo a mão no pedaço de bolo à sua frente, passando no rosto todo e no meu terno e queixo, eu a olhava. Fixamente, como um louco obsessivo que era.

Por Deus, como não olhar?

Ela era linda demais.

Virei Axel para mim, e ele passou a mão com os resquícios de bolo em meu olho. Sorte a minha fechar a tempo, tendo a sobrancelha e os cílios cobertos de doce. Ele gargalhou de sua arte, e eu sorri junto. Eu fodidamente sorri, em anos.

— Eu prometo, filho, logo não seremos só eu e você nos divertindo. — Ele resmungou encostando a testa na minha. — Sua mãe estará com a gente. Exatamente onde deveria estar.

Olhei-a novamente, me lembrando de uma das vezes em que ficou claro que sentia algo por aquela mulher.



ALGUNS ANOS ATRÁS

Um médico se aproximou de mim um pouco temeroso. Notava suas mãos tremendo e como engolia em seco. Todos no hospital estavam tensos. Eu queria ir atrás do meu irmão e consolá-lo pelo que houve com sua esposa, mas desconfiava que não existiam palavras que fossem ajudar naquele momento.

— Senhor, não quero ser indelicado, mas parece estar havendo uma discussão no quarto onde a Senhora DeRossi está. Infelizmente há outros pacientes no hospital em repouso, e a gritaria pode incomodar. Desculpe-me.

Eu assenti, entendendo seu lado.

— Vou cuidar disso.

Ele se afastou correndo, e eu caminhei calmamente em direção ao quarto. Conseguia ouvir do corredor as vozes exaltadas. As gêmeas Bonucci não estavam nem um pouco preocupadas com quem mais pudesse ouvir.

Bati na porta e esperei. Imediatamente ouvindo o grito de Alessa Bonucci.

— O que é?

Abri a porta, encarando as duas.

— Está tudo bem?

Alessa estreitou os olhos para mim.

— Porque você não vai cuidar das suas coisas?

Sequer me abalei, mas seu tom de voz me excitou e irritou na mesma medida.

— O hospital todo está ouvindo a gritaria de vocês. Se puderem ser discretas pelo menos neste ambiente, eles agradeceriam.

Ela levantou uma sobrancelha um minuto antes de caminhar até a porta e colocar a mão sobre ela.

— Foda-se! — E bateu a madeira na minha cara.

Eu fiquei paralisado, não acreditando que aquela descarada tinha cometido tal abuso. Olhei para o lado, vendo Boni de olhos arregalados, provavelmente pensando o mesmo que eu. Saí dali quase cuspidando fogo, esperando as duas saírem do quarto para levá-las embora de uma vez.

Boni me seguiu.

— Arrume alguém para levar Anita embora, vou cuidar da irmã.

Ele me encarou com incerteza.

— Tem certeza?

Eu lhe dei um olhar, e ele levantou as mãos, já saindo de perto.

— Entendi, como quiser.

Esperei que as duas aparecessem e quando finalmente surgiram, eu quase tive o ar roubado de mim. Lembrei-me imediatamente porque evitava ver Alessa Bonucci. Ela tinha um poder sobre mim, algo que me enfraquecia, me fazia sentir patético e ridículo.

Estava disposto a recebê-la com irritação e colocá-la em seu lugar. Quem pensava que era para me tratar daquela forma? Mas então ela aparecia, toda de salto, lindamente vestida, queixo erguido e naturalmente arrogante. Toda minha irritação foi para o espaço.

Assim que chegamos ao térreo, abri a porta do carro para Anita, do lado de fora do hospital e falei com ela.

— Um dos soldados vai levar sua irmã para casa e você vem comigo.

Ela assentiu e abraçou a irmã. Afastei-me para dar privacidade para conversarem. Quando Anita entrou no carro, Alessa observou por uns minutos, depois se aproximou, encarando-me com indiferença.

Era linda demais, porra. Um nocaute.

Ela suspirou.

— Desculpe a forma como gritei com você, foi desrespeitoso.

— Sim, foi. Vamos, vou deixá-la em casa.

— Vou sozinha, mas obrigada.

Eu segurei seu braço antes que se afastasse. Impossível me manter longe, louco para tocá-la e ver se a pele era tão macia quanto parecia.

— Fiquei responsável por levá-la até a sua casa.

Ela olhou para a minha mão em seu cotovelo, depois me fitou nos olhos.

— Tire suas mãos de mim. E não se preocupe, a única responsável por mim sou eu mesma.

Com isso, livrou-se do meu toque e caminhou rebolando em direção ao carro onde Cosmo, o soldado de Leon Bonucci, a aguardava. E eu me vi mais uma vez observando-a enquanto ela ia embora.

Estava pouco se fodendo para mim. Era fria e impenetrável. E lá estava eu, ansiando para saber quando nos encontraríamos de novo, mesmo que ela me chutasse outra vez.



CAPÍTULO 28



*“Você tem o corpo como do demônio e exala sexo
Posso dizer que você é encrenca, mas ainda estou obcecado
Porque você sabe que é
Quero te pegar sozinha e eu não quero ser seu amigo
Você é como o beijo da morte, como a mão da fé
Sei que você é encrenca, mas ainda quero experimentar...”*

Kid Rock – So hott

DANTE DEROSI

Eu estava inquieto. Tinha acabado finalmente de rever uns papéis do fechamento do mês dos bordéis, terminei uma ligação com Iago sobre a viagem ao México e não tinha mais nenhum trabalho para fazer de imediato. Quando ficava desocupado e entediado, sempre caía para os braços de Amira. Nós nos drogávamos juntos e o tempo passava.

Mas agora, mantendo a maior distância possível dela, preferi ficar no escritório evitando-a. Estava tudo certo para que fosse para Nova York. Lucca achou melhor não colocá-

la em Miami novamente, seu pai fora tirado da cadeira de capo, mas ainda era muito influente por lá. Não era certo chutá-la sem me preocupar com o que aconteceria depois, então ela ficou em casa até que tudo fosse resolvido. No final de semana, iria embora.

Seus choros e lamentações pela casa eram constantes. Ela se ajoelhava, implorava, se humilhava para me fazer mudar de ideia. Era uma pena que não entendesse que faria bem a ela também. Distanciar-se de mim e deixar aquela história maluca de que me amava. Com o tempo e respirando novos ares, veria que tudo o que sentia por mim era uma ilusão. Ficamos tanto tempo juntos que acabou vendo a situação toda de forma errada.

Seria bom para ela e para mim.

Abri a gaveta da mesa, tirando uma foto que minha mãe de deu no aniversário de Luigi. Era de Alessa grávida, sua barriga enorme e o sorriso maior ainda. A foto foi tirada na frente do espelho, a mão protetoramente sobre o ventre e os olhos brilhantes. Ela parecia feliz. Radiante.

Guardei a mesma de volta no lugar e peguei as chaves do carro. Tinham se passado dois dias desde o aniversário de meu irmão e havia ficado sem tempo, chegando fora do horário de Axel e preferi não incomodá-la demais. Mas agora eram apenas seis da tarde, e eu tinha certeza de que ela estava em casa, já que Boni não ligou. Peguei o embrulho azul em cima do sofá e levei comigo.

Decidido a começar a resolver a minha vida, deixei o escritório e me apressei a sair de casa. Se Amira me visse começaria com todo seu show, e eu perderia um tempo fazendo-a parar.

Entrei no elevador e desci até o andar dela. A primeira coisa que vi foi meu soldado, que ficou atento ao ouvir as portas abrindo com um apito.

— Pode ir, Boni, por hoje é só.

Ele assentiu, entrando no elevador.

— Senhor.

Esperei que fechasse e quando estava de frente para a porta, respirei profundamente. Apertei a campainha e esperei. Não sabia qual seria sua reação ao me ver ali. Alessa era sempre imprevisível.

E foi exatamente assim que ela abriu a porta, me surpreendendo.

O cabelo num rabo de cavalo alto com apenas uma mecha solta no rosto. Axel em um braço, dando risada, e ela com o maior sorriso no rosto.

— Ei! Olá, Dante.

Eu estava boquiaberto com tanta naturalidade.

— Olá.

Axel se balançou e esticou os braços, se jogando para mim. Eu a olhei, pedindo permissão. Sem responder, ela o colocou em meus braços.

— Oi, amigo.

— Entra. — Chegou para o lado, e eu entrei.

Axel já agarrava meu cabelo e tentava morder meu queixo de todas as maneiras. Sentei-me com ele no sofá, tentando desviar de suas mãos e colocá-lo sentado ao mesmo tempo.

Alessa, vendo meu desespero, aproximou-se, tirou as mãos pequenas com cuidado e colocou a caixa de

presente ao lado.

— Ele é bem fortinho para o próprio tamanho.

Ela riu.

— Sorte que seu cabelo é curto, o meu é alcançável de todas as formas.

Eu apontei para a caixa.

— Trouxe para ele.

Ela sorriu, sentando-se e abrindo.

— Olha, bebê, vamos ver o que seu pai te deu?

Axel começou a fazer bolhas com a boca, batendo as mãos nas pernas.

— Respiração cachorrinho, bebê, respiração cachorrinho! — ela cantou, fazendo-o gargalhar.

— O que é isso? — perguntei.

Ela sorriu. Parecia estar confortável fazendo aquilo, sorrindo para mim.

— Ele respira rápido fazendo esses barulhos quando fica animado, parece um filhote de cachorro quando cansa.

Eu arregalei os olhos com a comparação.

— Alessa!

Ela deu risada, tirando o brinquedo de dentro.

— Relaxa, ele adora.

Eu o observei com atenção, vendo que parecia realmente adorar. Na verdade, desconfiava que tudo o que ela fizesse ele teria gostado. Mesmo tão pequeno, o garoto olhava para a mãe com brilho nos olhos. A diferença entre eu e ele é que ele realmente babava, e eu, não. Não literalmente.

— Olha só meu amor! — Colocou no chão, mostrando para ele as peças que faziam barulho e brilhavam ao apertar. Eram animais com som.

— O auau! — ela exclamou, mostrando a ele.

Axel deu um grito, estendendo a mão, e eu, relutante, o coloquei no tapete. Suas mãos foram com curiosidade apertar cada um, animando-se com cada novo som que faziam.

Ela o observou brincando, então me fitou, sorridente.

— Obrigada, ele adorou.

— Não sabia bem o que comprar.

— Com o tempo você aprende, não tem muito segredo. Eu sou particularmente muito louca quando se trata de comprar coisas para ele, quero tudo o que vejo pela frente.

— Vou me lembrar disso.

Ela levantou uma sobrancelha.

— E o meu presente, onde está?

Eu me senti imediatamente sem graça. Como pude me esquecer de levar algo para ela?

Vendo minha expressão, ela riu.

— Eu estou brincando.

— Não, você está certa. Fui muito desatento.

— Dante, não tem problema. Sério! Não é obrigado a me dar presentes.

— Porque não me deixa compensá-la e levá-la para jantar?

— Sério?

— Claro que sim.

— Mas Axel...

— Minha mãe pode ficar com ele.

— Poderia, mas ela já está com Tony, Helena, Rafaela e Boo, para completar.

Eu fiquei surpreso.

— Sêrio?

— Sim, Luigi e Anita foram jantar com Ella e Lucca.

— Porque você não foi?

— Eles me chamaram, mas... eu não estava com disposição para ser vela. Então preferi ficar com Ax.

Eu pensei por um minuto, querendo que estivéssemos lá com meus irmãos, eu e ela.

— Então ficamos aqui com ele. Vamos pedir comida.

Ela me fitou por um tempo.

— Não sei, Dante...

— Qual o problema? É só um jantar, vocês precisam comer, e eu também... então.

— Tudo bem, mas...

— O que foi, Alessa?

Ela mordeu os lábios, me olhando, incerta.

— Não confio em nós dois perto de uma cama ou um sofá. E aqui tem ambos.

— Não sei se você esqueceu, mas nós nunca precisamos de nenhum dos dois. Se for pra acontecer, será aqui, num restaurante ou até mesmo na rua.

Ela ofegou, desviando o olhar. Eu segurei seu queixo, trazendo a atenção para mim. Seus olhos estavam escuros de desejo.

— Não estou me opondo. Não mais — finalizei.

Lentamente, um sorriso surgiu em seus lábios. Um sorriso sedutor e cheio de intenções.

— Tudo bem.

Enquanto fiquei com Axel, observando sua concentração nos brinquedos, ela foi ligar para algum restaurante. Meu filho me encantava. Ele apertava os bichinhos, observando o brilho e escutando o barulho, depois me mostrava, resmungando coisas que só ele entendia.

— Pode ser pizza? — Alessa perguntou, chamando a minha atenção.

— O que quiser.

— Hm... você pode tirar a cebola da mozzarella?... Sim. *Perfetto*.

Eu alternava meus olhares entre ela e Axel. Não conseguia decidir para quem dar maior atenção. Meu filho incrível ou a mãe dele, tão linda que me deixava duro só de olhar? E é claro que o short que ela usava e a camiseta apertada não me davam nenhuma folga.

— Pronto — ela me falou. — Logo, logo chega. Quer tomar um vinho?

— Vou ficar no suco, como você. — Era melhor não ter álcool no sangue ou eu faria besteira.

— Eu pensei em abrir uma exceção hoje.

Porra.

— Então será vinho.

Ela nos serviu uma taça e deixou a garrafa na mesa de centro. No geral, não conversamos muito. Parecia decidida em não me encarar, focando totalmente em Axel. Eu queria ter a mesma firmeza que ela.

A pizza chegou meia hora depois, rápido até demais. Alessa continuou no chão, e eu me juntei a ela, observando sua paciência, como se divertia dando pequenos pedaços a Axel. Ele fazia aquelas caretas absurdamente adoráveis. Franzindo as sobrancelhas claras e mastigando com a boca aberta.

— Ele fez o mesmo com o bolo.

— Ele faz com tudo. — Deu risada. — Quando comecei a dar comida a ele, sempre ficava incerta se gostava ou não, mas depois entendi que ele faria isso todas as vezes que sentisse um sabor novo.

— Certo.

Eu anotei aquilo mentalmente para me lembrar de que era normal. Eu queria aprender tudo sobre ele.

Com a comida nos satisfazendo, Axel voltando a brincar e o vinho começando a fazer seu efeito nela, começamos a conversar mais. Alessa sorria com olhos brilhantes, e eu começava a perceber a mudança acontecer no seu jeito. Ela já pegara a moleza da bebida e ficava mais solta, sorrindo fácil, sedutora, cada frase com uma sentença de provocação.

Não era ela. Na verdade era, mas o lado dela que eu não entendia.

— Então você não foi iniciado como Lucca? — ela perguntou no decorrer da conversa.

— Eu fui torturado por dias, assim como meus irmãos, como todos os homens são, mas acredito que a de Lucca foi muito mais pesada do que a nossa. Meu pai abusou dele psicologicamente.

— Ele era só uma criança. Vocês todos.

— Coisas ruins acontecem com crianças o tempo todo, Alessa.

— Mas isso mudou completamente Lucca, talvez ele não fosse tão duro se não tivesse sido daquela forma.

— Consequências da vida, todos têm sua marca para carregar.

Seus olhos ficaram pesados, o sorriso sedutor sumindo do rosto.

— Você tem a sua?

— Como eu disse... todos têm. Só precisamos aprender a lidar com isso.

— E como você lida?

Eu repensei antes de responder àquela pergunta. Ela ainda não sabia sobre meu vício, e eu queria ter um momento certo para contar.

Dei de ombros, vendo-a estremecer com meu ato.

— Isso é um segredo que não sei se devo compartilhar.

Ela sorriu, voltando à leveza.

— Todos temos segredos, senhor subchefe. Alguns mais profundos que outros.

— Mais dolorosos — concordei.

— Mais perversos e depravados.

— Segredos, ainda assim — falei e ela tomou um gole da bebida, antes de lambe o lábio inferior.

Eu não queria nada mais do que me aproximar e tomar sua boca em um beijo, deixar que aquilo nos levasse a ficarmos nus. Mas graças a Deus e à nossa boa convivência, Axel chamou atenção, engatinhando até o meu

colo e colocando sua cabeça em minha perna, fechando os olhos.

Ela observou a cena.

— Ele está com sono.

— Posso colocá-lo no quarto?

— Claro.

Eu o peguei. Estava acostumado a segurar crianças daquele tamanho. Helena, Rafaela e Antony foram uma boa experiência.

— Dante? — chamou quando virei as costas.

Eu a fitei.

— Estarei esperando você.

Segui para o quarto, entendendo o que ela quisera dizer e me amaldiçoando por ter bom caráter naquele momento. Não dormiria com ela, vendo como estava claramente alterada. Ela podia me xingar e ofender como quisesse, mas, daquela vez, eu faria as coisas diferente. Tudo do jeito certo.

E isso incluía não ter relações quando um de nós não estivesse completamente ciente. O único motivo para não me arrepender da nossa primeira noite, foi pelo garoto adormecido em meus braços.

Foi uma emoção diferente colocar meu filho para dormir. Eu o observei por um tempo e me inclinei, beijando sua cabeça. Porra... Estava descobrindo que adorava ser pai e, mais ainda, adorava ser pai dele.

Quando voltei do quarto, ela estava de pé, segurando a garrafa de vinho. No momento em que me aproximei, ela virou, mostrando que estava vazia.

— Acabou — reclamou com um bico.

Ela e aquele bico da perdição.

— Eu estou vendo — falei, tirando o vidro de sua mão.

— Eu me sinto tonta.

— Não é para menos.

Ela jogou os braços em volta do meu pescoço, beijando meu queixo, mandíbula, o canto da boca. O cheiro do álcool me mostrava que não deveríamos seguir com aquilo.

— Não tem problema, eu fico muito excitada quando bebo.

Fechei os olhos. Porra. Ela dificultava a resistência de um santo.

— Alessa, melhor não. Hoje, não.

— Porquê? Você não me quer?

— Mais do que você gostaria de saber. Mas não vou fazer isso de novo, amanhã você não vai se lembrar e...

Seus olhos tremeram, e ela cambaleou, tentando segurar meu membro.

— Não seja covarde, Dante DeRossi.

Eu não consegui impedir um sorriso.

— Não estou sendo, mas você sabe aonde isso nos levou na última vez em que estive bêbada na minha cama.

— O quê? Axel? — bufou. — Axel não aconteceu porque eu estava bêbada, mas porque não nos cuidamos e não sei se você esqueceu, não nos cuidamos outras vezes recentemente também.

Eu paralisei, segurando seu rosto, mas ela mal conseguia deixar os olhos abertos.

— O que... Alessa, você...?

— Você tem lindos olhos.

— Você também — sussurrei. — Mas me diga, você está... está...

Ela sorriu sedutora.

— Eu poderia estar e eu poderia não estar, quem vai saber, não é? Deus! Só Deus... Ó Deus! — exclamou e riu.

— Alessa, você não está fazendo sentido algum...

— Você vai me deixar de novo se eu estiver?

Eu a segurei mais forte, sentindo o coração bater acelerado.

— Não!

— Você vai, sim, seu pilantra safado... — sussurrou e, antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ela dormiu.

Sua cabeça derrubada em meu peito, os braços caídos e as pernas quase dobrando. Eu me sentei, segurando-a no meu colo. Apertei meus braços ao redor dela e encostei a cabeça no sofá.

Acaricieei seus cabelos e fechei os olhos. No dia seguinte, quando estivesse sóbria e bem, teríamos muito o que conversar. E aquela noite só me provou o que eu já sabia. Ela seria minha. Na verdade, já era. E agora sabendo daquela possibilidade, era mais ainda.



CAPÍTULO 29



*“Por favor não desmorone
Não posso enfrentar seu coração partido
Estou tentando ser corajosa
Pare de me pedir para ficar
Não posso te amar no escuro
Parece que estamos a oceanos de distância
Tem tanto espaço entre nós
Talvez já fomos derrotados
Ah, sim, tudo me mudou”*
Adele – Love in the dark

ALESSA BONUCCI

Despertei brilhantemente feliz. Não me sentia daquele jeito há... nunca. Ficava sempre feliz com Axel, com minhas irmãs, com a associação, mas com homens... nunca tinha acontecido. E depois de ontem eu comecei a repensar minha decisão de não deixar Dante entrar na minha vida.

Ele estava sendo incrível de tantas formas. Eu tinha acordado na cama, com uma camisola e uma dor de cabeça terrível. Na mesinha de cabeceira, um copo de água e remédio para dor de cabeça. Sorri, me lembrando. Ele não poderia ser mais clichê. Levantei-me dançante, cuidei de Ax, nos dei um banho de banheira mais do que relaxante e passamos o dia juntos. Ansiava pelo momento em que Dante apareceria. Eu lamentei não saber cozinhar. De nós três, Abriela foi a única que aprendeu e parecia ter o dom para aquilo.

E foi naquela ansiedade mortal que eu me encontrei dando pulos quando a campainha tocou. Deixei Axel brincando e fui atender. Ele estava distraído com o novo joguinho que Dante lhe dera, que virou seu preferido, e sorri ao pensar como seu pai pareceu feliz com o resultado de dar o presente a ele.

Havia um soldado no corredor cuidando da segurança, então abri a porta sem verificar no olho mágico. Grande erro meu. Esperava ver qualquer pessoa, menos a loira que morava com Dante. Será que era agora que ela me xingaria de todos os nomes e o afastaria de Ax?

De mim?

Engoli em seco e piorou mais ainda quando ela sorriu.

— Olá, Alessa — disse amigavelmente.

— Oi.

— Podemos conversar brevemente?

Engoli em seco.

— Claro, pode entrar. — Dei espaço e fechei a porta, observando como ela caminhou pela sala e se sentou no sofá, ainda com aquele sorriso.

Eu me odiei.

Qual o procedimento ao receber a mulher do seu amante em casa com seu filho no quarto ao lado? Não fazia ideia do que fazer.

Por mais absurdo que fosse, eu era a errada ali. Dormindo com seu namorado, amante, vai independente do que os dois eram. E ela me procurou para claramente acabar com aquilo.

Sentei-me no sofá à frente dela e lamentei não estar tão bem vestida. Ela usava um vestido vinho justo, reservado, cabelo solto e perfeitamente arrumado, saltos e o queixo erguido. Eu estava descalça, um vestido preto largo e rabo de cavalo mal feito. O que podia fazer? Não esperava que alguém fosse chegar tão cedo, já que Dante sempre aparecia mais tarde e a brincadeira com Ax estava tão boa que sequer me preocupei em ficar arrumada.

— Quer uma água, café?

— Não, obrigada.

— Desculpe, eu não sei seu nome — informei.

Ela estendeu a mão.

— Amira. Amira Cardinale.

Precisei me esforçar para não deixar o queixo cair. Peguei a mão dela, soltando logo depois.

— Cardinale?

Ela sorriu.

— Sim, Cardinale de Miami.

— Oh. Nós já nos conhecemos.

— Sim, uma festa alguns anos atrás.

— Não sabia que... que você tinha se mudado para cá.

— Quase ninguém sabe. Em Miami, sim, mas aqui... só algumas pessoas.

— Entendo. — Eu não entendia, na verdade.

Ela era filha de uma das cinco famílias mais poderosas de Miami. Seu status e sua boa fama por lá eram tão exaltadas quanto a minha aqui. Éramos do mesmo nível.

— Confuso, eu sei. Sou meio que um segredo.

— Posso perguntar porquê?

— Bem... foi por isso que vim te procurar, então, sim, você deve saber porquê.

— Só um minuto, eu preciso... — deixei a frase no ar e ela abaixou a cabeça.

— Eu entendo, se quiser trazê-lo para cá, não me importo.

— Sinto muito, quer voltar em outro momento? Posso pedir a alguém que fique com ele.

— Não, tudo bem. Se não tiver problema para você.

— Não, não tem. Eu já volto.

Assim que entrei no quarto peguei Ax e, naquele momento, lamentei que ele fosse tão absurdamente parecido com Dante. Peguei alguns brinquedos e voltei para a sala. Ela continuava do mesmo jeito. Sentei-me de volta no mesmo lugar e o coloquei no chão, à minha frente. Graças a Deus estava tão animado com o presente do pai que sequer ligou para ela.

Quando levantei a cabeça ela encarava Axel sem piscar. Eu limpei a garganta chamando sua atenção.

— Onde paramos?

— Ah, sim, desculpe-me. Ele é encantador.

— Obrigada.

Ela brincou com os dedos e franziu a testa, olhando para mim logo depois.

— Dante e eu nos conhecemos mais de quatro anos atrás.

A história já começou com um baque. Quatro anos? A traição estava estampada na cara dela Meu filho, a prova do que Dante e eu fizemos. Instintivamente quis levar Ax para longe.

— Sem envolver muitos detalhes, nós nos apaixonamos de primeira. Precisei me acostumar com o jeito dele de ser e a forma como era discreto. — Suspirou. — Por conta do problema dele com as drogas, meu pai não aceitou o casamento. Sempre fui a menina do papai, você sabe... — Ela levantou uma sobrancelha. — Sempre achando que meninas como eu e você éramos boas demais para homens como ele. Mas eu não me importei, estava decidida a tirá-lo do vício.

Ela deu uma pausa no discurso e abriu a bolsa pegando uma caixa de lenços.

Minha cabeça ainda girava no “problemas com drogas” e “vício”. Ele usava algo? Por Deus, como eu nunca reparei?

— Vício?

— Cocaína. Ele cheira mais do que come. Eu abomino as drogas e conviver com isso é tão difícil, sabe? Mas eu o amo tanto. — Respirou fundo e continuou. — Quando ele se sentou comigo e me contou da sua gravidez, antes de você ir embora, eu disse que ele fez besteira em não te apoiar.

— Ele te contou isso?

Ela desviou o olhar e assentiu.

— Sim, hum... é... ele me contou, claro. Eu ouvi o que ele disse, e, quando você saiu, falei com ele. Disse que apoiava completamente. Filhos são bênçãos, e ele sempre quis.

— Não parecia que ele queria naquele dia.

— Nós tentamos engravidar um ano depois de morarmos juntos. Ele fazia, e ainda faz, de tudo para me dar um filho, diz que precisa ter um bebê comigo, uma parte nossa, mas eu nunca consigo. Acho que devo ter algum problema e quando você apareceu grávida, ele odiou a ideia de me humilhar daquela forma. Quer dizer... ele me esconde de todos, usa drogas em nossa própria casa e ainda por cima engravida um de seus casos de uma noite. Perdão a expressão, é que as traições se tornaram frequentes.

Eu precisei de um momento para organizar meus pensamentos diante daquilo.

— Quando você diz que ele ainda faz de tudo para ter um filho...

— Nós tentamos — concluiu. — Todos os dias, inclusive hoje, antes de ele sair.

Eu ia vomitar.

Mais uma vez a culpa me bateu. A mulher era apaixonada por ele, mudou toda a sua vida, fugiu e deixou tudo para ficar com ele, e o imbecil pagava traindo-a? E eu? Estava tão alucinada em fazer sexo com ele e deixar que meu filho tivesse um pai que nem reparei sobre o tal vício.

— Traições frequentes?

— Dante nunca conseguiu ser fiel. A droga o deixa cheio de adrenalina. Quando não quer me machucar, ele sai para procurar.

Eu me levantei do sofá, inquieta. Impossível permanecer parada e encará-la nos olhos.

— Sinto muito por você não conseguir ter filhos. Eu não me lembro de nada da nossa primeira noite.

Ela assentiu, e eu quis bater em mim mesma quando uma lágrima escorreu de seus olhos.

— Tudo bem. Eu só quero te pedir que... não seja como eu, não se apaixone por ele.

— Eu não estou...

— Sei que está, ele sabe também. E... sinto muito, Alessa. Ele diz que quando vem ver Axel se sente tão culpado por ter feito isso com você que quanto você se joga para ele, ele faz sexo com você para não deixá-la mais para baixo do que parece já estar.

Eu estava sem palavras, e ela percebeu. Enxugou o rosto e ficou de pé.

— Sinto muito vir incomodá-la com isso, só que... eu deixei tudo porque o amo, e ele me ama mais ainda. Mas você tem seu filho, se deixar tudo por um homem que tem apenas dó de você, o que te resta?

Com isso ela saiu, deixando-me ainda paralisada no lugar. Sentia meus olhos ardendo, as malditas lágrimas ameaçando cair. Esperei a porta bater e peguei Axel, abraçando-o o mais forte que pude.

Não podia acreditar como fora tola, como deixei que me enganasse daquela forma? Culpei-me imediatamente por deixar que minhas perversões me fizessem ver coisas

onde não existiam. É claro que ele a amava. Vivia com ela há anos, tentava lhe dar um filho, e eu, que era para ser apenas mais uma, apareci grávida.

Fechei os olhos e respirei fundo.

Precisava me acalmar, precisava pensar e dar um jeito de colocar distância entre nós. Se ele tinha dó de mim e se sentia culpado, então eu faria com que não me visse mais como a coitada da situação. Peguei-me pensando em qual momento deixei que minhas defesas caíssem. Quando foi que permiti que ele visse algo nos meus olhos, quando a felicidade forçada escorregou e meu sorriso não foi verdadeiro o suficiente?

Fui direto para o meu quarto, arrastei o cercadinho para a porta do banheiro, colocando Axel e alguns brinquedos lá dentro e tomei um rápido banho.

Quando terminei, procurei no guarda roupa alguma das roupas que eu usava atuando como Alessa Bonucci. Decidi por um vestido formal e elegante, um salto preto e soltei o cabelo, penteando e escovando até que ficasse liso por inteiro. Passei uma maquiagem leve e peguei Axel, dando leite a ele antes de tentar fazê-lo dormir.

Meia hora depois, coloquei-o no berço, fechei a porta do quarto e fui para a sala. Busquei dentro de mim mesma forças para não chorar. O relógio mostrava que era quase o horário de ele chegar.

Pareceu uma eternidade, então finalmente a campainha tocou. Eu queria me jogar em seus braços e fingir que Amira não esteve ali, mas como poderia? Depois de tudo o que soube...

Caminhei lentamente, meus passos em nada combinando com o bater desenfreado do meu coração, e

abri a porta. Dante levantou a cabeça e me encarou por alguns minutos, antes de se aproximar e segurar meu rosto. Sua próxima atitude me fez querer chorar.

Ele levou os lábios aos meus, num beijo deliciosamente calmo. Eu queria tanto agarrar seu pescoço e me perder nele, mas o rosto dela, da mulher que o amava e que ele amava de volta me acertou como um tiro, e me afastei.

Levando tudo de mim, fiz o que de melhor sabia fazer. Eu atuei.

Levantei uma sobrancelha.

— Isso, sim, é um bom jeito de chegar, hein?

— Eu esperei o dia todo, você não faz ideia.

Virei as costas, indo até a cozinha tomar um copo de água, com tranquilidade fingida.

— Certo.

Ouvi a porta fechar e ele me seguiu.

— Ele está dormindo?

— Está, pegou no sono cedo depois de brincar.

Eu escondi a parte de que o induzi ao sono com leite e um ninar no escuro.

— Então podemos conversar.

Resolvi ir direto ao ponto, porque estar perto dele era demais. Eu não podia fazer aquilo de forma tão fria, minha pose não duraria.

— Sim, precisamos.

— Hoje você está sóbria, então essa conversa será mais produtiva que a de ontem.

Seu tom parecia provocativo. Olhando profundamente em seus olhos, eu perguntei.

— Eu estou sóbria, mas e você? Está?

— Claro. Não bebo em serviço e nós ainda não abrimos nenhuma garrafa, então...

— Não falo sobre bebidas. Você usou antes de vir aqui?

Ele paralisou. Engoliu em seco e levou alguns minutos para falar.

— Alessa, o que... quem te contou?

— Não vai nem desmentir?

— Eu não gosto de mentiras. Ia te contar.

— Quando? — Ele apenas me observou. — Hein, Dante? As pessoas falam, quanto tempo achou que levaria até eu saber?

— As pessoas não falam o que não sabem.

— Então ninguém sabe?

— Poucas pessoas.

— Mas chegou até os meus ouvidos.

— Alessa, eu ia te contar, juro que ia, só estava esperando o momento certo.

— E qual seria? — perguntei, fria. — Quando tivesse uma overdose? Quando eu tivesse que explicar ao seu filho daqui a alguns anos como seu pai morreu?

— Não queria que descobrisse dessa forma.

— Mas descobri. Olha, você não me deve nada, a única coisa que te peço é que não chegue perto dele quando estiver sob o efeito. Está bem?

— Eu nunca fiz isso, Alessa.

— Que continue assim. Ele já vai estar no meio disso o suficiente quando crescer; enquanto é apenas uma criança, quero que esteja limpo e longe dessas coisas.

— Longe de mim?

Eu o encarei, escondendo toda a mágoa e deixando que ele visse o que viu no começo de tudo: nada. Não se tratava só das drogas, se fosse só aquilo, eu o ajudaria, faria de tudo para que deixasse, mas o fato de envolver Amira... aquilo, sim, me destruía.

— Não vou afastá-lo de você, ele te adora!

— Olha só... — falou, aproximando-se, e por mais que eu quisesse dar um passo atrás, fiquei parada, encarando-o sem vacilar. — Sei que é terrível, mas eu posso... posso parar, vou parar, juro.

— Isso não é tão simples.

— Não era, porque eu não tinha algo que me motivasse. Eu usava para esquecer, para fugir das... das coisas, mas agora eu tenho Axel e tenho você.

Eu dei risada, balançando a cabeça para ele.

— Dante... você não tem a mim. Assim como eu não tenho você também.

— O que está dizendo?

Eu levei minha mão em seu rosto, acariciando.

— Fazer sexo louco não me torna sua e nem te torna meu.

— Até ontem você pensava de outra forma.

Eu quis gritar e dizer que até ontem a namorada dele não tinha estado na minha casa e nem me contado toda a verdade sobre o caráter dele, mas me controlei.

— Só acho que essa coisa entre nós não funciona, entende?

— Estava funcionando muito bem até agora.

— Isso foi antes.

— Antes de quê?

Respirando fundo eu o encarei com indiferença.

— Antes de eu cansar.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Está falando sério?

— Dante, olha só. Nós transamos, muito, ok, mas a vida segue. Você parte para a próxima, e eu...

— Para o próximo? — Seus olhos eram intensos, quase não acreditando no que eu dizia.

Talvez estivesse aliviado.

— Eu sou assim. Não deveria ser nenhuma surpresa para você.

Ele assentiu lentamente, seus olhos perdendo toda a emoção, o rosto novamente vestido com a máscara de indiferença que eu não via há muito tempo.

— Então é essa a forma como funciona? Você fode com um, depois com outro. Vai trazer outro otário para dentro de casa com o meu filho aqui também?

Suas palavras cortaram o resto do meu coração que ainda sobrava intacto.

— É exatamente assim que funciona, mas não se preocupe. Jamais traria alguém para dentro de casa com meu filho aqui. Posso sempre ir até eles. — Pisquei.

Ele desviou o olhar, apertando o nariz entre os olhos, antes de assentir.

— Boa caça, Alessa. Tente pelo menos se lembrar no dia seguinte.

Com isso ele virou as costas e saiu batendo a porta.

Eu levei apenas um minuto para escorregar até o chão, tirando os saltos e jogando o vestido chique de lado, ficando apenas de roupa íntima. Jogando Alessa Bonucci para longe e ficando sozinha comigo mesma. Apoiei a cabeça nos joelhos e chorei.

Por Deus... como eu ficaria sem ele agora? Em questão de meses se tornou tão normal tê-lo ali comigo, conosco. Éramos quase uma família. Como foi possível que eu tivesse me enganado tanto? Os olhares que eu jurava que me dava, os sorrisos, a forma como falava e como nos devorávamos, desesperados um pelo outro.

Foi tudo por dó? Encenação?

Meu coração doía, doía tanto. Fui tão idiota. Anos me escondendo, não deixando que ninguém chegasse a um passo perto do meu coração, tudo para cair direto nos braços do pior que eu poderia conhecer.

Mas qual a surpresa, afinal? Ele era homem. Se não terminasse tentando me matar, seria me quebrando até que estivesse quase morta. E a história se repetia, outra vez.



DANTE DEROSI

Quando descii no andar de casa mal podia acreditar no que tinha acabado de acontecer. Como alguém poderia ser tão... fria? Ela não via o que estava fazendo conosco? Comigo? Por Deus! A sensação foi mil vezes pior. Dez anos atrás nem se comparava ao sentimento de agora. Eu queria bater a cabeça na parede e me recriminar por ter sido tão cego, tão inútil.

Anos a olhando de longe, anos vendo como era insensível, anos que deveriam ter servido para me alertar. A que ponto cheguei? Porque me deixei enganar? Me tornei fraco por aquela mulher.

Estava pronto para me abrir de novo, para deixá-la ver quem eu era, para construir tudo com ela. Será que não conseguia ver que eu lhe daria o mundo?

Assim que abri a porta, tive a visão de Amira regando uma planta na sala. Ela deixou o copo de lado e se aproximou.

— Oi, amor — ela me cumprimentou com um sorriso.

O mesmo sorriso de todos os dias. O mesmo que me recebia, mesmo diante das humilhações, de todas as barbaridades que eu disse a ela. O sorriso de quem dedicou os últimos anos de sua própria vida a mim, a tentar me conquistar, a cuidar de mim, mesmo que tudo que eu tivesse lhe dado fosse infelicidade e bens materiais.

Ela sorria, mesmo sabendo que eu a estava mandando embora.

E eu estava prestes a chuta-lá para fora, sem nem me preocupar com o que lhe aconteceria, tudo por uma mulher que entrou na porra do coração que eu nem acreditava ter mais. No fim, o que ela fez? Jogou na minha cara que eu não bastava. Trocou a família que poderíamos ter formado, quando eu finalmente me deixei aceitar aquilo, trocou por sexo. Por outros homens, outras experiências.

— Dante — Amira chamou, aproximando-se.

Quando ela estava a um passo de mim, segurei seu pescoço e a puxei, devorando sua boca num beijo nada delicado. Ela ofegou, me abraçando pelo pescoço. Bati

suas costas na porta, tirando a camisa que ela usava e a deixei nua. Sem nenhum pinga de paciência, abri minhas calças e levantei sua perna, me enfiando dentro dela.

— Dante... — ela chamou, de olhos arregalados. — O que está fazendo? A camisinha, você...

— Sem camisinha — rosnei. — Vou te dar o que você quer.

Ela chorou, agarrando-se a mim. Eu fechei os olhos, segurando-a, sabendo que as formas daquele corpo não eram como as de Alessa, que os gemidos não soavam como os dela, que não era tão apertada e quente como ela. Porra. Eu queria tirar aquela amaldiçoada da minha mente, mas como? Fechei os olhos, enfiando meu rosto no pescoço de Amira e me deixei levar.

Fodendo-a como um animal, machucando-a, ouvindo seus gritos que variavam do prazer a dor.

E o rosto dela surgiu em minha mente de novo. Droga de mulher! Porque fez isso comigo? Porque não me queria como eu a queria? Porque não planejou comigo? Porque não me deixou mostrar que, com o tempo, eu bastaria? Que outros homens não a fariam feliz?

Em um mundo longe, distante, só nosso ou nas minhas fantasias, ela seria minha. Poderíamos viver sem complicações, tendo passeios com nosso filho, aproveitando a vida. Eu poderia segurá-la e cuidar dela e, de volta, ela cuidaria de mim.

Quando estava prestes a gozar ela beijou abaixo do meu ouvido e sussurrou.

Eu não seria o subchefe.

Não precisaria obedecer meu capo.

Sem a máfia, crimes e morte. Apenas nós.

— Eu te amo.

Puxei seu cabelo, fascinado com a imagem do sorriso dela em minha mente, sussurrando de volta.

— Eu também, Alessa, te amo pra caralho.

Ela me empurrou, quebrando o contato. Dei alguns passos atrás, observando o rosto chocado de Amira. Fechei os olhos e cai de joelhos, segurando minha cabeça e percebendo a merda que tinha feito. Ela correu para longe, chorando.

Sentei-me, escorando minhas costas na parede, doido para ir até o apartamento dela e exigir que me amasse de volta, louco para ir até o meu quarto e cheirar até meu nariz explodir. Acabar com a porra da vida de merda que levava.

Os soluços de Amira, os gritos só forçavam ainda mais o quão estúpido eu era.

Já não tinha visto uma vez o que o amor era capaz de fazer? Como foi que me deixei levar de novo?



Horas mais tarde eu estava deitado em uma espreguiçadeira da varanda, olhando a noite, pensando em nada, só encarando aquele céu escuro. Tão sombrio quanto eu me sentia naquele momento. Foi quando senti Amira se sentando ao meu lado, a cabeça apoiada no meu braço.

Ela ficou em silêncio por longos minutos antes de falar.

— Você transou comigo dizendo que ama Alessa Bonucci. — Eu não respondi, e ela continuou. — Se a ama, porque não vai atrás dela?

— Ela fez o que você disse que faria — peguei-me comentando.

— O quê?

— Sentiu nojo. Disse que eu só deveria ir para ver Ax, deixou claro que eu não seria suficiente.

— Dante... — lamentou. — Sinto muito. Ela foi terrível em fazer isso.

— Não importa. Vá lá dentro e pegue a cocaína. — Ela se levantou prontamente, mas segurei seu pulso. — Vou cancelar sua viagem a Nova York.

Ela se abaixou, segurando meu rosto.

— O que... porquê?

— Você vai ficar comigo, Amira. Vou assumir você. — Ela sorriu, abraçando-me com toda a força.

Não era o abraço que eu queria, não era a pessoa que eu queria. Mas de forma alguma amar e não ser amado estava na minha lista de coisas a fazer, então eu deixei que ela me abraçasse, e quando uma lágrima escorreu dos meus olhos, prometi que nenhuma mulher veria aquele lado meu novamente.

Prometi, pela segunda vez na vida, mas, daquela, estava disposto e certo de honrar.



CAPÍTULO 30



*“Fomos pegos e nos perdemos em todos os nossos vícios
Em sua pose enquanto a poeira se assenta
ao nosso redor e as paredes continuaram a desmoronar
Grandes nuvens passam sobre as colinas trazendo a escuridão
de cima
Mas se você fechar os olhos quase parece que nada mudou
afinal
Você já esteve aqui antes?
E por onde nós começamos?
Pelo escombro ou nossos pecados?
Como posso ser otimista sobre isso?...”*

Bastille – Pompeii

ALESSA BONUCCI

O aniversário de Giorgia foi mais aberto do que o de Luigi. As cinco famílias estavam presentes, e algumas de suas amigas do círculo também. Algumas falaram comigo, outras não, e, por mim, todas poderiam ter me ignorado, não faria diferença alguma.

As crianças ficaram na casa de Anita com uma babá, e eu já sentia falta de Axel. Minha irmã não levou as meninas e, seguindo seu conselho, preferi deixar Axel longe dos olhares e das línguas maldosas daquelas pessoas.

Isabella, Michella e Francina Gianni estavam sentadas na mesa em frente à nossa. Isabella mal levantava a cabeça, enquanto Michella não se importava de me encarar sem disfarces. Não sabia o motivo, já que nosso único problema era a coisa toda com os eventos. Problema, na verdade, para ela, porque eu não me ofereci a voltar e se me quiseram de volta pela incapacidade dela, que culpa eu tinha?

— Quero arrastar a cara dela no muro de tijolos. Você a chamaria para algum canto escondido? — Anita perguntou.

— O quê?

— Isabella. Quero bater nela de novo. Gostei da cor de seu sangue, quero ver mais uma vez.

Eu dei risada.

— Anita, controle-se.

Ela sorriu, ainda encarando a ruiva.

— Viu como ela nem ousa em olhar nessa direção?

— Em compensação, Michella não para de me encarar. Qual o problema dela? Não tenho culpa se a quiseram fora da organização.

Anita fez uma cara cínica para mim.

— Ela te encara porque além de tomar de volta o seu lugar por direito e raiz, você ainda se deitou com Dante, tendo um pequeno Dantinho.

— E daí?

— Daí que ela é louca para chupar aquele picolé de mel.

Eu coloquei a mão na boca a tempo de não cuspir o suco. Ela riu, toda escandalosa.

— *Mio buondio*, Anita!

— É a verdade, você não lembra naquela festa da Evangevaca como ela se esfregava nele, e ele nem aí? Eu até fui falar com Dante, mas você tinha saído correndo.

Eu imediatamente me lembrei. E o motivo pelo qual sumi levou um gosto de culpa à minha boca. Iago Joseni. Ex-capo de Nova York e, agora, atual de Miami. Não estava nada orgulhosa de como nos estraçalhamos em uma das salas escuras daquele salão.

— Sim, me lembro, mas não reparei o interesse dela. E olhe como fala dos mortos, Anita.

Ela deu de ombros.

— Acha mesmo que a cretina merece respeito? Se eu soubesse onde está sua cova iria lá todo os dias pisotear em cima — comentou, rindo.

Eu balancei a cabeça.

— Onde está Ella?

— Com Lucca, bem ali.

Eu olhei na direção que apontou, vendo como minha irmã sorria discretamente ouvindo algo que Lucca falava. Para quem olhasse, ele pareceria completamente rígido, distante, mas o brilho nos olhos quando a fitava, deixava que quem o conhecesse realmente notasse o carinho escondido.

— Eu quero saber onde está o meu Luluzinho — comentou, olhando para os lados. — Se aquele ordinário estiver de conversinha com alguém, vou castrá-lo.

Dei risada.

— Pare de ser obcecada.

— Estou falando sério, já deixei claro para ele. Avisei que... Oh merda — exclamou, chamando a minha atenção.

Meu corpo travou em choque, olhando para o corredor de entrada do jardim, por onde Dante e Amira entravam.

Ela segurava o braço dele, sorrindo, e ele, completamente sério. Amira estava lindíssima, como quando eu a conheci anos atrás e como foi à minha casa dias atrás. Usava um vestido branco, assim como eu, cabelos soltos, saltos pretos e o brilho nos olhos deixava claro: era uma mulher feliz.

E como poderia não ser?

— Alessa... — Anita chamou, mas eu ignorei.

Observei o casal andar pelos arredores, pessoas cumprimentando-os. Os homens olhando cheios de malícia para ela e as mulheres com curiosidade. As jovens, decepcionadas, e eu... destruída.

Nunca tive o coração partido. Nunca senti tal dor. Mas sabia o que era agora. Meu coração era uma roupa, e alguém a estava torcendo, torcendo e torcendo. Já nem havia mais nada para escorrer, mas, ainda assim, estava sendo torcido.

Ver Dante depois de dias foi um bálsamo e uma maldição ao mesmo tempo. Ele parecia o mesmo. Lindo, centrado, sério, dono de si. Desde que tudo aconteceu, Boni passou a levar Axel até o andar de cima e depois trazia de volta. Odiava saber que Axel estava perto dela, que estavam sendo a família que era para nós três termos sido.

Ele se sentou com ela em uma mesa de canto, seu olhar nenhuma vez cruzando o meu. Ela olhava tudo e se inclinava, comentando com ele, que ora assentia, ora falava.

— Esse filho da puta não vai fazer isso — Anita falou, me fazendo perceber que Luigi se aproximava deles. Eu não podia ver seu rosto, mas ele se sentou à mesa, e Amira sorriu, dando um beijo rápido no rosto de Dante.

— Estou me sentindo assassina — falei sem pensar.

— Entre no clube, irmã. Onde está Abriela para ser a terceira pantera, porra?

— Pilantra safado — resmunguei por entredentes.

— Porque aquela desclassificada está sorrindo para o meu marido?

Foi nesse momento que Amira riu, e seus olhos bateram nos meus. O sorriso que já era grande, aumentou, e ela acenou. Lembrando-me do papel que deveria seguir estando em público, eu sorri de boca fechada. E como se não fosse ruim o suficiente, ela ficou de pé, aproximando-se.

Dante olhou para ela, depois para onde estava indo e me viu. Ele se recostou na cadeira, desviando a atenção, como se nem me conhecesse, e voltou a falar com Luigi.

— Você está brincando comigo — Anita falou.

Amira abriu os braços para mim, sorrindo, então se inclinou, cumprimentando a mim e Anita com beijos no rosto.

— Olá, Alessa!

Eu me controlei.

— Como vai, Amira?

— Muito bem! — Ela se voltou para Anita. — Sou Amira.

— Eu ouvi falar. Você fez algum tratamento odontológico recentemente? — Anita perguntou.

Amira a encarou, confusa.

— Hum... não, porquê?

Minha irmã, debochada, balançou a mão em desdém.

— É que você não para de sorrir, nós não somos dentistas, então...

Amira fechou a cara, abriu a boca, mas antes de falar qualquer coisa, Abriela apareceu e se sentou do meu outro lado.

Ela estendeu a mão.

— Sou Abriela DeRossi.

Anita se inclinou.

— Esposa de Lucca DeRossi, você sabe... o chefe da porra toda.

— Você é? — Ella continuou.

Amira sorriu mais uma vez, apertando a mão de minha irmã.

— Amira Cardinale.

Anita riu, chamando atenção. Luigi nos olhou e arregalou os olhos. Então ficou de pé.

— Ouvi falar de você.

Amira levantou uma sobrancelha.

— Mesmo?

— Sim. Soube que foi mandada para cá como um presente aos soldados.

Amira abriu a boca e arregalou os olhos. Eu estava tão focada em encará-la, tentando entender porque Dante a

amava que nem me importei com os desaforos de minha irmã.

Abriela inclinou a cabeça.

— É verdade, eu soube. Porque está com Dante, então?

Amira tentou falar, mas Anita foi mais rápida.

— Dante está pagando os honorários? Ou hora extra?

— perguntou, maldosa.

Ela estava chocada, escandalizada. Pelo jeito, seu amado não a avisou dos riscos de entrar para a família.

Luigi se aproximou, puxando Anita, que o beliscou, e eles riram, entrando na casa.

Ela pegou o copo de vinho na mesa e sequer se deu ao trabalho de encarar a loira.

— Você já pode ir, Atina.

— É Amira.

Minha irmã deu de ombros.

— Não é necessário que eu lembre, logo você não estará mais aqui.

Com isso, ela se afastou, buscou por Dante, mas ele não estava mais por perto, então saiu pelo mesmo lugar que entrou minutos antes, quase soltando fogos. Não era da personalidade de Abriela tratar alguém daquela forma, mas se ela se aproximou tão rápido quando Amira chegou, foi porque sabia que eu estaria machucada com sua presença. Talvez eu não fosse tão boa assim em esconder meus sentimentos das minhas irmãs.

— Dante ficou maluco, *santo dio!*

— Não, irmã, maluca fiquei eu.



DANTE DEROSI

Luigi tinha acabado de se levantar quando minha mãe me chamou. Eu fui sem hesitar, qualquer coisa que me afastasse de vê-la seria bem-vindo.

Quando tinha decidido ignorá-la e seguir com a vida, tinha me esquecido de que a veria sempre e teria que aprender a lidar com aquilo. Amira fora apresentada apenas por seu nome. Não a rotulei. Ver a ela e Alessa no mesmo espaço foi decadente, por um momento me perguntei onde é que estava com a cabeça, mas aí me lembrei de sua rejeição e me fortaleci.

Ela não me queria, e eu nunca fui homem de me humilhar.

— O que foi, *mamma*? — perguntei quando estávamos em um lugar vazio da casa.

Ela me olhou com fogo nos olhos.

— Chamei-o aqui para não te fazer passar vergonha. Não posso acreditar nisso, não posso crer que fez isso!

Franzi o cenho.

— O que a incomoda?

— Dante DeRossi, eu vou falar uma única vez e você vai prestar muita atenção. Tire essa mulherzinha dos gramados da minha casa agora mesmo!

— Não seja absurda, *mamma*, é minha acompanhante.

— Porque está fazendo isso com Alessa? É o único que não vê como ela está mal em meio a essa encenação toda?

Eu levantei uma sobrancelha.

— Mal? Poupe-me, *mamma*.

Ela me deu um tapa no braço.

— Não fale assim comigo e não faça essa cara de cínico.

— A senhora diz isso porque não a conhece.

— E você conhece?

— O suficiente para saber que ela não dá a mínima se Amira está aqui ou não.

Minha mãe balançou a cabeça.

— Será assim tão cego como seus irmãos foram?

— *Mamma...*

— Trouxe uma prostituta para dentro da minha casa. A casa onde você e seus irmãos cresceram, a casa onde meus netos brincam! — esbravejou.

— Ela mora comigo, mãe. Aceite e conviva com isso.

Ela arregalou os olhos.

— *Por Dio!* Pelo santo! — Segurou meu rosto, passando os polegares abaixo dos meus olhos. — Tire essa venda maligna que te cega e afaste essa cobra de você, meu filho!

Eu segurei sua mão, dando um passo para trás.

— Mãe, já chega! Amira me ama, a senhora deveria ficar satisfeita com isso e parar de defender Alessa! Não é isso que tanto deseja? Que eu e meus irmãos tenhamos amor em meio as nossas guerras?

— E você a ama também?

Ela perguntou, e eu a encarei, sem responder.

Por fim, balançou a cabeça, derrotada.

— Foi o que eu pensei. Lembre-se do que é o amor, meu menino, e não deixe o seu escapar mais uma vez. —

Antes de sair ela foi até uma gaveta e tirou algo que eu não via há muito tempo. Há 10 anos, especificamente.

Puxou a fita, abrindo e me entregou. Ficou na ponta dos pés, me dando um beijo e saiu.

Eu me sentei no sofá, vendo as letras delicadas que marcavam a página e pude ouvir aquela doce voz lendo para mim.

“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha.

Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor.

O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará.

Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos;

Quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá.” 1 Coríntios 13:4-10

Fechei a bíblia rosa e a coloquei sobre o meu coração. Há muitos anos, eu costumava buscar direção com aquele livro, mas agora, mesmo com ela nas mãos não podia estar mais perdido.



ALESSA BONUCCI

Assim que desci do táxi, na porta do clube, sentei-me no muro baixo que ficava do outro lado da rua e observei as pessoas entrando e saindo de lá.

A fachada era cheia de luxo. Vermelho e preto, o nome em letras grandes e bonitas: “Unione”. Enlace, união, harmonia, unidade. Era o que significava. Um nome que brincava com BDSM, bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo. Eu não frequentava aquele lugar pelos chicotes, ou o prazer que os homens e mulheres lá dentro proporcionavam a qualquer um.

Eu o visitava por conta da última coisa naquele nome: masoquismo. Não aquele erótico que se via em livros e filmes pornô. Mas aquele que dói, que machuca, que sangra. Que pune e castiga quem merece.

Algolagnia, foi como o psiquiatra que visitei uma única vez descreveu. Uma perversão sexual. Em outras palavras, eu delirava com o prazer de infligir dor em mim mesma. Uma parafilia animal, doentia e anormal. Um desvio de caráter adquirido ao longo de anos sofrendo nas mãos de um sádico.

Ele gostava de me causar dor e, com o tempo, meu corpo aceitava, tendo prazer com aquilo. Algemas, vendas, chicotes, varas, velas, agulhas, asfixia, coleiras, cordas de todos os tipos, arame, arame farpado, corda de algodão. Eu sorri sem humor ao lembrar. Tantas cordas. De seda, de poliéster, tripa sintética e qualquer outra que fosse dura o suficiente para machucar. Prendedores de mamilos também eram muito divertidos para ele. Uma vez, chegou a esmagar o meu, sendo mais uma entre tantas vezes que fui a alguma clínica escondida, fazendo uma cirurgia para corrigir o estrago.

Houve a época em que vibradores e varas se tornaram seus preferidos. Quando ele descobriu que me ver humilhada era melhor do que me fazer sangrar. Quando ele

estimulava meu corpo uma vez atrás da outra, e eu gozava, chorando e implorando que parasse.

Graças ao estrago que fez e ao prazer que eu, imunda, sentia, estava ali naquele lugar. Só queria entrar, sentir um pouco daquilo que não sentia há muito tempo e voltar para a casa. Como, eu não sabia, já que sempre que saía ficava impossibilitada de me manter de pé.

— Faz um tempo desde a última vez. — Eu levei um susto ao ouvir a voz atrás de mim, mas me acalmei ao reconhecer.

Lucca se sentou ao meu lado, cruzando os pés.

— E aí, vai ou não?

— Como me encontrou?

— Te segui.

Bufei.

— Clássico. Como nos velhos tempos, hein?

— A diferença é que você não tem mais 17, nem 18 ou 19. Não posso mais arrastá-la para fora daqui.

— Você pode, sim.

Ele assentiu.

— Posso, mas não vou.

— E porquê?

— Porque você não quer entrar.

— Você não tem certeza disso.

— Está aqui há uns 20 minutos. Se quisesse, já teria ido. Você nunca hesitou.

— Tem razão. Mas é bom saber que você teria respeitado a minha escolha.

Nós ficamos em silêncio por um tempo, até ele falar.

— Depois de anos, Alessa... o que te impulsionou a vir?

— Lembranças.

Ele bufou.

— Não vem com essa. Foi meu irmão, não foi?

— Você é muito esperto, chefe.

— Preciso ser — comentou com uma risada baixa. —
Amira Cardinale não é ninguém, Alessa.

— É alguém para ele.

— Alguém que ele fode.

— Não venha defender seu irmão, Lucca.

— Sabe que não banco o advogado de ninguém, estou apenas dizendo a verdade.

Eu o encarei.

— Não quero falar sobre isso.

Ele me fitou, antes de balançar a cabeça e descer do muro, estendendo a mão para mim.

— Você já veio aqui, viu que não vai entrar, então vamos embora logo.

Eu segurei sua mão, deixando que me ajudasse a descer.

— Sabe que minha irmã tem te tornado muito gentil e compreensivo?

Ele passou o braço pelo meu ombro.

— Eu estou só de camarote, observando.

— Observando o quê? — perguntei, rindo.

Ele me olhou, irônico.

— Quando a última Bonucci vai cair nos braços do último DeRossi.

Eu revirei os olhos.

— Ora, Lucca, cale a boca.

Ele riu.

— Vocês serão o GranFinale, estou ansioso. Mas se o filho da puta te machucar, você me diz.

Eu dei risada, deixando-o me levar de volta para casa. No caminho tomei consciência de que não entrei no clube, não me machuquei e não estava ansiando por aquilo como das outras vezes. E me tornei, também, ciente de que o granfinale que Lucca dizia nunca iria acontecer



CAPÍTULO 31



*“Diga-me como é a sensação de estar aí em cima
Sentindo-se tão alto, mas longe demais para me abraçar
Você sabe que fui eu quem te colocou aí em cima
Com seu nome no céu, alguma vez se sente sozinho?
Pensando que você poderia viver sem mim”*

Halsey – Without me

DANTE DEROSI

— Então elas começaram a falar todos os tipos de barbaridade, me ofenderam, riram de mim! Alessa foi a pior das três, ficou jogando na minha cara que já teve você, que tem o seu filho, que você se apaixonou e assim que cansou, te chutou para fora! Sinceramente, Dante, não sei como essa mulherzinha pode ser tão respeitada nos nossos círculos!

Eu estava sentado no meu escritório, ouvindo Amira falar e falar sobre o acontecido do dia anterior. Primeiro chorou dizendo como havia sido humilhada publicamente, depois, disse que precisou pegar um táxi para voltar pra

casa, já que nenhum soldado a conhecia, então não a levariam a lugar algum sem ordens e sem saber quem ela era.

— Dante! Está me ouvindo?

Eu a encarei.

— Muito bem.

— Então me diga, amor, porque ela é tão importante, hein? Vi como todos a olhavam na casa de sua mãe. Mesmo depois de ela ter quebrado uma regra e fugido, por que ainda a admiram?

— Sempre foi assim, Amira. Não é porque ela fez algo errado que as pessoas vão esquecer como ela é brilhante.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Brilhante? Sério?

— É o que é.

Ela bufou.

— Vá professar seu amor por ela longe de mim, será que não vê como é falsa?

— Amira, chega. Se está tão incomodada, porque não para de falar nela?

— AH! Porque a odeio! Quero você longe dela, Dante, muito longe!

— Impossível, sendo que temos um filho juntos.

— Boni tem buscado Axel e o trazido aqui e funciona muito bem, você não a viu mais.

Não, não vi. Mas queria. Cada vez que meu filho estava em casa e a mulher lá conosco não era Alessa eu queria descer no apartamento dela e sacudi-la.

— Você não tem que querer nada, Amira. As coisas não mudaram.

Ela estava pronta para começar seu show, mas então parou e assentiu.

— Você está fora de si. Vou pegar a coca e vamos nos divertir juntos, como só nós sabemos.

— Não há mais cocaína aqui, Amira.

Ela sorriu.

— Eu comprei.

Eu fiquei de pé, indo até ela e peguei a bolsa de sua mão.

— Que porra é essa?

— Você jogou tudo fora! Eu sabia que uma hora ou outra ia precisar colocar juízo nessa cabecinha sua e providenciei o suficiente para nós.

Joguei a bolsa de lado e segurei o braço dela com força.

— Eu disse que enquanto meu filho estivesse presente em minha vida, não queria essa merda aqui dentro, qual parte você não entendeu?

— Ai, Dante! Está machucando!

— É para machucar, para ver se você aprende a escutar!

— Não seja hipócrita! Do quê adianta não trazer pra cá e usar fora de casa?

Eu não respondi, e ela estreitou os olhos.

— Dante...

— Não tenho usado.

— Como não?

— Não usei, Amira. Não tenho cheirado.

Ela franziu a testa.

— Desde quando?

— Desde que Axel começou a vir aqui.

— Mas isso... isso são semanas! Você nunca ficou nem um dia sem usar.

— Eu não tinha motivo para parar.

Ela bufou.

— Não seja ridículo, ninguém para de uma hora pra outra.

— Qualquer pessoa faz o que quiser, se tiver força de vontade e motivação.

— E você tem?

— Meu filho é tudo o que eu preciso pra querer viver mais. É simples, entre Axel e a droga, eu escolho ele sem pensar duas vezes. Não sou cabeça fraca, Amira, usava para poder me esquecer de tudo, se eu não quero mais, não uso.

— Você é um viciado, assim como eu! É assim que nós somos! Nos drogando e fazendo sexo e levando a vida como dá...

Eu a soltei, pegando a chave do carro.

— Não vou ter essa conversa com você de novo. Eu sei o que eu faço, não posso mandar em você, então se quiser usar, faça fora da minha casa.

Caminhei até a porta, abrindo-a e a encarei.

— Você vem ou não?

— Eu não vou a lugar algum com você! — gritou, jogando os braços no ar.

— Melhor ainda, porra! Fique aí! — gritei de volta, sem nenhuma paciência.

Dei as costas, mas ela me segurou.

— Não, não, não, não! Tudo bem... eu vou, me desculpe.

— Então ande logo — rosnei, e ela pegou a bolsa e o casaco, seguindo-me para fora.



ALESSA BONUCCI

— Acho que deveria ser estilo fantasia — Michella comentou, buscando fotos na internet.

— Não é uma festa para lazer, Michella. Os políticos vêm para fazer negócios, será clássico.

— Já parou para pensar que eles gostam de diversão?

— Eles conseguem diversão nos nossos cassinos e bordeis. Nas festas eles vêm acompanhados de suas esposas e, às vezes, filhos.

— Eu não concordo. — Encolheu os ombros.

Eu a encarei, sem paciência.

— Eu concordei que você ficasse, por um pedido de sua tia, mas se começar a dar palpite demais, vou pedir para sair.

— Se estiver incomodada vá embora, eu tomo as rédeas da situação.

— Assim como fez da última vez? Quer realmente ser humilhada de novo, vendo as senhoras me chamarem para vir fazer o que você não foi capaz?

Ela me olhou com fúria no olhar, mas voltou sua atenção ao computador sem falar mais nada.

Estávamos a dois dias de um grande evento da *famiglia*, e eu precisava focar para que tudo saísse como sempre era quando eu comandava a organização dos nossos eventos. Perfeito.

Tinha acabado de enviar o pedido dos lustres do salão, quando a porta de entrada da casa dos Ferrari bateu, sendo fechada. Ouvi o barulho de saltos e uma risada feminina pelo corredor, e quando olhei para cima, meu coração quase parou. Eu não podia acreditar que ele estava fazendo aquilo.

— Senhoritas, boa tarde. Amira tem experiência com organização de eventos e vai ajudá-las.

Belinda ficou de pé, abraçando Amira.

— Seja bem-vinda, querida! Tenho certeza de que será de grande ajuda.

Ela cumprimentou Michella e se sentou, vendo as duas mostrarem a ela tudo o que havíamos resolvido. Eu encarei Dante sem piscar, querendo que ele olhasse para mim e visse todo o ódio e desprezo que estava jogando nele. Mas foi como se eu fosse invisível; ele nem me notou, e se notou, escondeu muito bem, pois nem se voltou em minha direção.

— Mando alguém buscá-la mais tarde — ele falou, e ela sorriu, indo até ele.

Eu virei o rosto antes de ver onde o beijo foi dado. A próxima coisa que ouvi foi a porta sendo fechada, então estávamos as quatro sozinhas.

Eu tentava me concentrar nos cálculos que precisava fazer, mas era impossível. Aquela mulher estava bem ali, diante de mim. A verdadeira mulher dele. Que dormia com ele, que morava com ele, que se deitava em sua cama. A que tinha seu amor e seu coração.

— Nossa... mas já está quase tudo pronto!

Belinda riu.

— Precisa estar, é um evento muito importante e será daqui a dois dias.

Amira torceu o nariz.

— Pensei que houvesse mais coisas a fazer.

Michella me encarou irônica.

— Alessa é muito competente, não é?

Eu levantei uma sobrancelha.

— Se não fosse, não me chamariam de volta, não é?

— As coisas aqui são rápidas, queridas. Rápidas e de qualidade! — Belinda falou. — Bom, eu vou indo... deixarei que as jovens se divirtam!

Com isso, ela se despediu de cada uma e saiu.

Eu continuei fazendo anotações, completamente ciente dos olhares de Michella e Amira sobre mim.

De repente, Michella riu, e eu sabia que iria começar.

— Não é engraçado?

— O quê? — Amira perguntou.

— Estarmos aqui juntas, os três casos de Dante DeRossi.

— Não sou caso de ninguém Michella — falei com falsa calma.

Amira se exaltou.

— E eu menos ainda! Passo longe de ser um caso dele.
Ela deu de ombros.

— Do que adianta viver debaixo do teto dele se não foi apresentada como noiva? Sequer tem um diamante no dedo.

— Oras, cuide de sua própria vida!

Michella, vendo que eu não me preocupava em discutir, caindo em sua lábia, voltou-se para mim.

— E você... do que adiantou ter um filho, se nem em casamento ele te pediu?

Eu a encarei com frieza e descaso.

— Abra sua boca para falar do meu filho novamente e vou ensiná-la a respeitar quem está acima de você.

Ela se encolheu, mas bufou.

— Não é melhor que eu, Alessa.

— Não, não sou. Mas tenho um diploma, meu próprio dinheiro, meu rosto está estampado em revistas e outdoors na Itália afora, já viajei mais do que posso contar, tive um filho e ainda tenho um corpo maravilhoso e claramente um rosto mais bonito que o seu, sou mais inteligente que você. Seria até se você tivesse dois cérebros e, para finalizar, quebrei uma das regras mais importantes da *famiglia*, e ainda assim... me quiseram e dispensaram você. Mas e você, o que tem além de uma língua que escorre veneno e inveja para dar e vender?

Parte da minha vida era dedicada a ajudar mulheres, eu não me regozijava de humilhá-la ou tentar me provar melhor, mas Michella precisava ser colocada em seu lugar. Minha paciência tinha limites e estes haviam estourado há muito tempo com aquela mulher.

Ela ficou de pé, vermelha de raiva e apontou o dedo para mim.

— Eu tenho minha honra, sua vagabunda! Deitou-se com Dante e pensou que se daria bem, não é? Pois vai ver que é comigo que ele ficará no final!

Eu estava prestes a me levantar, mas Amira foi mais rápida, empurrando Michella. No fim, eu nem precisaria descer ao nível delas. Continuei sentada, tomando calmamente meu chá e observei.

— O que é que você disse?

Michella a empurrou de volta.

— O que você ouviu!

— Dante é meu!

— Nem nessa e nem na próxima vida, sua loira azeda!

— Loira azeda que está com ele, ao invés de você!

— Não por muito tempo, pois quando ele enjoar e ver o que é bom, vai finalmente correr para mim.

Amira riu.

— Só nos seus sonhos, ele não precisa procurar fast-food se tem caviar em casa!

Eu não podia acreditar em meus ouvidos.

Michella abriu a boca, chocada.

— Sua... sua... sua vigarista!

Amira se aproximou.

— Isso é pra você aprender a não falar do meu homem.

— Eu quero ver o que o seu homem vai achar quando te ver sem esse lixo que chama de cabelo! — Sem mais, se jogou sobre Amira e agarrou nos cabelos dela.

Eu continuei onde estava, plena, tranquila, observando a ridícula cena das duas atracadas no chão como se fossem dois animais selvagens. Uma puxava o cabelo da outra, roupas amassando e rasgando, gritos, arranhões, unhas quebrando, tapas no rosto. Eu só conseguia ser grata por ter respeito por mim mesma e mesmo que fosse louca por aquele homem, não iria me diminuir terrivelmente como as duas faziam.

Foi só depois de alguns bons minutos que dois soldados apareceram, atraídos pela gritaria.

Eu terminei meu chá, coloquei a xícara sobre a mesa de centro e dei as costas aos quatro. Ouvindo, pelo caminho até a porta da casa, as duas gritando obscenidades uma a outra, sendo seguradas pelos dois.

Boni me aguardava e abriu a porta traseira assim que me aproximei. Axel estava com Ella, então o que me aguardava em casa era o silêncio e horas a fio para pensar. Tinha marcado um horário no salão, mas estava tentada a cancelar e aproveitar o tempo livre para dormir.

— Senhorita?

— Sim, Boni — respondi, olhando para fora.

— Sei que ter uma pessoa 24 horas todos os dias atrás da senhora como uma sombra, deve ser incômodo, mas é meu trabalho, então peço que a senhorita, por favor, não o dificulte mais, ou terei que comunicar ao senhor DeRossi.

Eu o encarei.

— O quê?

— Eu não falei nada, pois pensei que a senhora diria algo, mas como não fez, eu resolvi deixar claro. Peço desculpa pelas palavras.

Eu franzi a testa, confusa.

— Boni, não estou lhe entendendo, juro que não.

Ele suspirou, como se não quisesse falar.

— Aquela ligação que a senhora fez, tentando me despistar, me fazendo ir até o andar debaixo para deixar a porta e o elevador livre, não pode se repetir. Poderia ter colocado sua segurança e a do filho do chefe em risco.

— Boni, pelo amor de Deus, que ligação?

Ele abriu a boca, mas no mesmo momento seu celular tocou.

— Só um minuto, senhora.

Então o resto do caminho ele falou ao telefone, sempre em códigos e monossilábico. Estacionamos em frente ao prédio, e ele saiu abrindo a porta para mim.

Acompanhou-se até a recepção e tirou o telefone do ouvido.

— Senhorita Bonucci, Gian virá assumir meu lugar por esta noite, meus serviços são necessários em outro lugar.

— Boni, mas o que você disse sobre aquilo? Quero entender.

— Assim que eu voltar podemos falar sobre isso, não se preocupe, não direi a Dante.

Com isso, ele deu as costas e saiu me deixando de frente para o elevador. Eu revirava minha mente pensando sobre o que ele podia estar falando. Não tinha lhe feito ligação alguma, de onde tirou aquela história?

Pegando-me de surpresa, a porta do elevador se abriu. Eu dei um passo à frente para entrar, então parei. Dante estava lá dentro.

Eu precisei me recompor do baque que era vê-lo dentro de segundos, torci para que ele passasse reto, porque a vontade de me jogar nele era grande demais para controlar. E as lembranças impregnadas naquele elevador não ajudavam em nada.

Ele me olhou de cima abaixo e deu um passo à frente.

— Como vai, Alessa?

Formal, sério, centrado. Como se não tivesse um filho comigo. Como se não tivesse estado dentro de mim de todas as formas.

— Olá, Dante.

— Como está Axel?

— Muito bem, como você viu ontem.

— Boni pode ir buscá-lo hoje, mais tarde?

— Ele está na casa de Lucca.

— Oh, eu o trago então. Estou indo pra lá.

— Obrigada. Com licença.

— O que eu puder fazer para ajudar, farei.

Aquilo me irritou.

— Não precisa ter dó, Dante, estou muito bem. Ir buscar meu filho não seria problema algum.

Ele franziu a testa e segurou meu pulso.

— Dó? Alessa, sinto qualquer coisa por você, menos dó.

Minha pele formigou, com saudade de sentir suas mãos em mim.

Eu revirei os olhos, tentando me livrar do aperto.

— Certo, não perca tempo comigo, vá buscar sua amada.

— Que amada?

— Oh, verdade... Qual das duas?

Ele balançou a cabeça, chegando mais perto.

— Alessa...

Eu puxei meu braço, entrando no elevador e apertando o botão do meu andar.

— Não se preocupe, não serei mais uma na luta por você.

Ele colocou a mão, impedindo que a porta se fechasse.

— Que porra você está falando?

— Me deixe subir e vá cuidar das duas que estavam se atracando na casa dos Ferrari apenas alguns minutos atrás.

Ele levantou as sobrancelhas, e eu o empurrei, as portas fechando enquanto ele ainda me encarava. Na segurança da distância dele e de seu olhar, encostei-me na parede respirando fundo. Morar ali não daria certo, não enquanto eu perdesse a cabeça daquela forma. Isso porque ele estava sozinho, imagine quando estivesse com ela?

— Droga — resmunguei, virando-me para o espelho. — Onde está o seu controle, Alessa Bonucci? Onde está?



CAPÍTULO 32



*“Eu ainda sinto sua falta e não consigo ver o final disso
Só quero sentir seu beijo nos meus lábios
E agora todo esse tempo está passando
Me dói cada vez que eu vejo você, porque percebo que ainda
preciso
Você sente minha falta como eu sinto a sua?
Vadiei por aí e acabei me apegando a você
Você ainda está apaixonado por mim?
Se você me quisesse, você apenas diria
E se eu fosse você, eu nunca me deixaria ir
Eu não quero te machucar, é que sinto falta de você nos meus
braços
Sinos de casamento eram apenas alarmes
Uma fita de isolamento ao redor do meu coração...
Você já se perguntou o que nós poderíamos ter sido?
Agora todas as minhas bebidas e todos os meus sentimentos
estão misturados
Sempre sentindo falta de quem eu não deveria sentir
Às vezes você precisa queimar algumas pontes para criar
distância
Sei que eu controlo meus pensamentos e que deveria parar de
lembrar
Porque quando o amor e a confiança se vão, tem que seguir
em frente...”*

*Por que você nunca percebe que você está me matando
lentamente?
Eu te odeio e eu te amo, eu odeio que eu te ame e não quero
Mas não consigo colocar ninguém acima de você...”*
Gnash & Olivia O'Brien – I hate u, I love u

ALESSA BONUCCI

— Alessa, querida, está tudo incrível! — Aida elogiou, me abraçando.

Belinda concordou.

— Verdade, imaginei que ficaria, mas como sempre... me surpreendeu.

Gema sorriu, orgulhosa.

— Faz muito tempo desde que tivemos uma recepção tão linda.

Eu sorri educadamente, agradecendo.

— Fico feliz que gostaram. Com licença, senhoras.

Elas sorriram, e eu saí rapidamente de perto. O evento havia começado há duas horas, e eu já queria ir embora. Tinha me esquecido de como era tedioso ficar em pé, andando, sorrindo e conversando para preencher silêncios a noite toda.

A banda tocava uma coletânea com os maiores sucessos de Toto Cognuto, soando melodias suaves e clássicas da mais pura música italiana. Os garçons passavam com bandejas de champanhe caro, uísques dos mais requisitados e vinhos antigos. Petiscos eram variados, indo dos pães até frutas e doces. Tudo requintado, de luxo, de qualidade. Tudo a cara da máfia.

O salão enorme parecia cenário de um filme passado, de outras épocas. A decoração completamente inspirada em “Ópera de Paris”. Nada passava despercebido, nenhum detalhe era perdido, eles adoravam se ver cercados de riqueza. O cenário precisava contrastar com o próprio ego, por isso, saber que o dinheiro gasto ali era absurdo os deixava mais do que feliz, mas eufóricos.

Fiquei mais do que agradecida quando vi minhas irmãs. Estavam sentadas na mesa reservada para os três chefes da *famiglia*. Eu me aproximei, vendo como estavam lindas. Anita usava um vestido vermelho, curto e apertado, o decote, como sempre, estava presente. Os cabelos maravilhosamente em ondas, como ela adorava e uma maquiagem marcante.

Abriela, mais discreta, usava um longo azul, com uma fenda na coxa direita. O cabelo em um coque e maquiagem leve. Não poderíamos ser mais diferentes.

— Como foi que deixaram vocês duas sozinhas? — perguntei, aproximando-me, abraçando cada uma.

Sentei-me em uma das cadeiras vazias apenas para falar com elas, já que eu não ficaria ali. Por estar na organização e ser uma das principais anfitriãs de todas as festas, nunca conseguia ficar sentada em uma única mesa. Era chamada para uma bebida em uma, minutos depois já precisava cumprimentar alguém em outra, então surgia um problema logo depois e precisava resolver. Com o tempo, parei de guardar meu lugar e ficava apenas andando pelos salões.

Anita se recostou.

— Eu queria estar em casa com Tweedledee e Tweedledum.

Nós rimos.

— Pare de chamá-las assim, pelo amor de Deus.

— Vai traumatizar as meninas — Ella concordou.

— Elas gostam. Adoram ver o filme, inclusive.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Elas nem entendem.

— Mas gostam das canções. — Riu.

Revirei os olhos, olhando ao redor.

— Vou embora em duas horas.

Ella sorriu para mim.

— Senti falta dessas festas boas que só você sabe organizar, está tudo perfeito.

Anita concordou, levantando sua taça.

— Verdade, e o champanhe é ótimo.

— Eu poderia estar assistindo algum desenho com Axel, mas preciso estar aqui. Definitivamente não senti falta de trabalhar para a *famiglia*.

Elas riram e ficamos conversando. Falamos dos penteados, os feios e os bonitos, as roupas engraçadas, tiramos sarro de algumas mulheres, inclusive de Michella e Isabela Gianni, Francina também estava com elas, mas como nunca nos fez nada, ficou livre dos ataques.

Estava tudo ótimo, até que, como sempre, precisei ir resolver algo referente ao jantar que logo seria servido.

Problemas, problemas e mais problemas.

Quando tudo estava em ordem novamente, voltei ao salão. Ia direto para a mesa das minhas irmãs, mas ao olhar vi que tinham companhia. Além de Lucca e Luigi, Dante estava lá, e pior... com Amira. Eu sabia que ela iria.

Arrumei-me e fui para o evento ciente de que daria de cara com ela, mas vê-la com as minhas irmãs e meu cunhado, sabendo que seria, provavelmente, a próxima senhora DeRossi, me matava.

E ele... *por dio*. Ele estava tão divinamente belo. O rosto esculpido, os olhos azuis tão lindos que eu via todos os dias, o cabelo claro completamente em ordem, penteado e aquele terno preto, mostrando como era forte. Meu coração perdeu uma batida e suspirei. Tão inalcançável.

De repente percebi que nunca toquei sua pele. Mesmo em tantas vezes que estivemos juntos, nunca toquei seu peito, sua barriga, suas costas. Pele na pele, nunca. Eu o tinha visto sem camiseta uma vez, mais de um ano atrás, quando fui lhe contar da gravidez, mas depois disso... ele nunca tirou a roupa quando fazíamos sexo.

Ainda estava encarando os dois distraidamente quando senti uma mão na minha cintura e um sopro perto do ouvido.

— Como sempre, a mais bonita da festa.

Eu sorri, virando-me para encarar Iago Joseni. O jovem capo de Miami era um rapaz bonito, engraçado e todos os sinônimos que levassem a um significado só: cafajeste.

— Como vai, Iago?

Ele passou uma mão no meu rosto.

— Apaixonado mais uma vez.

— Sua habilidade de conquistar uma mulher continua tão escassa como anos atrás — comentei, rindo.

— Você sabe que não precisamos de joguinhos, só estou dizendo que meu coração ainda é seu. — Ele pegou

a minha mão, colando-a no cós de sua calça. — E meu Capinho também.

— Que dó do seu coração, não poderia ter escolhido dona pior.

Ele riu, aproximando o rosto do meu, dando um selinho de surpresa e me puxou, nos levando até o centro do salão, à pista de dança. Ele assoviou, chamando atenção dos músicos, não se importando nem um pouco que todos os olhares estavam sobre nós.

— Jeff, toque aquela que eu gosto! — exclamou, e o músico piscou para ele.

— Iago — chamei. Odiava estar no meio de falatórios, e aquilo, com toda a certeza, geraria um.

Ele me olhou, sorrindo, e sem me dar tempo de dizer mais nada, segurou minha cintura e minha mão, nos aproximando mais do que o necessário.

— Dedico essa canção em homenagem a como terminaremos a noite.

Eu franzi a testa, mas não impedi a risada quando os acordes iniciais de “Besame Mucho” tocaram.

Alguém assoviou atrás de mim, e ele piscou naquela direção, sem nenhuma vergonha.

— Olha só, já temos o apoio de Luigi.

— Ora, cale a boca. Ele é tão ajuizado quanto você.

Iago mordeu o lábio inferior e me girou no lugar.

— Senti sua falta, Alessa.

— Você sente falta de todas.

— Sabe como magoou meu coração quando acordei e você não estava na minha cama? Nenhum bilhete,

nenhuma explicação, você nem pediu um café da manhã.

Eu ri, percebendo como gostava dele. Antes de termos ido pra cama duas vezes, éramos amigos. Ele sempre foi um galinha de primeira linha e eu... eu era clássica demais para me deixar levar.

— Não pedi o café, porque sai antes mesmo de amanhecer.

Ele me soltou, colocando a mão no coração e ajoelhou na minha frente. Eu arregalei os olhos.

— Iago, o que...

— “Besame... besamemucho... como si fuera ésta nochela última vez!” — cantou junto com a música, atraindo risadas e palmas.

Eu segurei o terno dele, puxando-o para cima.

— Ficou louco?

Ele riu, voltando a dançar.

— Iago, está bêbado?

— Não, mas vou te beijar a qualquer momento.

— Pare com isso! — Ele me girou, puxando de volta pelo braço e batendo-me em seu peito.

— Venha para Miami comigo, seja a senhora Joseni, vamos viver a vida como se fosse uma festa.

— Pelo amor de Deus, eu tenho um filho!

Ele revirou os olhos.

— Serei o pai dele, qual o problema? Sabe que não me prendo às crenças de honra da *famiglia*.

— Ele já tem um pai, Iago, não diga isso! Se Dante te escuta falando uma coisa dessa...

— Tudo bem, padrasto então. Dante é meu amigo, mais do que você imagina, ele não se importaria se o filho dele morasse comigo.

— Fora de questão, e pare com esse assunto.

— Então vamos ali fora comigo matar a saudade.

— Comporte-se, as pessoas estão olhando.

Ele riu.

— Se não for para fora comigo agora, vou te beijar aqui no meio de todos. Você escapou das regras uma vez, mas Lucca te daria em casamento para mim se as pessoas o pressionassem.

Ele nos aproximou mais e encostou sua boca no meu ouvido.

— Você sabe como eu faço do jeito que você gosta, Alessa. Quanto tempo faz que você não tem o que quer, hein?

Eu engoli em seco, todo o meu corpo alerta com suas palavras.

— Muito — sussurrei.

A mão que estava na minha cintura começou a me apertar fortemente.

— Então será muito rápido. Vamos lá, Lessa. Você quer... eu também, qual o mal nisso?

Levantei a cabeça, fitei seus olhos castanhos cheios de desejo e me lembrei da nossa última vez juntos. A forma como ele fazia, como me dava o que eu precisava sem que eu tivesse que pedir. Naquele momento, envolta na onda de febre, na ansiedade de sentir tudo de novo, eu não pensei em nada. Esqueci-me de tudo, e aquela era a maior intenção. Segurei a mão de Iago e dei um aperto.

— Encontre-me lá fora.

— É isso aí, linda. Vá para o jardim.

Eu não precisei esperar demais até que ele aparecesse. Assim que nos encontramos lá, ele me empurrou, batendo minhas costas com brutalidade no muro da mansão e segurou meu cabelo, puxando os fios com força, fazendo lágrimas crescerem nos meus olhos.

Ele rosnou, mordendo com força meu lábio.

— Coloque meu pau pra fora... vagabunda.

Eu gemi, palpitando de fome por aquilo. Fiz o que ele mandou, mais do que disposta a receber o que me daria.



DANTE DEROSI

Eu ia matá-lo.

Ela estava linda demais em um vestido preto cheio de rendas que me faziam imaginar mil coisas e pedras que pareciam diamantes. Aqueles saltos enormes e os cabelos grandes, caindo pelas costas. Eu queria chegar perto e ver qual o perfume que usava, em qual tom de verde seus olhos estavam, queria colocar as mãos nela. Mas quem fazia aquilo era Iago Joseni. Meu amigo fodido que eu não fazia nenhuma ideia de que tinha tal intimidade com ela.

E ali estavam os dois dançando, brincando, o imbecil cantando pra ela. Eu ia ter um infarto a qualquer momento. E como se não fosse pior, ela saiu do salão, sendo seguida por ele pouco depois. Eu permaneci sentado, dizendo a mim mesmo que não era da minha conta, que ela me

chutou, que não me quis. Obriguei a mim mesmo a manter minha dignidade e não correr atrás.

Porra... aonde é que eles estavam indo? Como não percebi o interesse de Iago nela? Em anos ele nunca disse nada além de que a achava linda, mas isso era normal, todos diziam. Estava me corroendo.

— Eu te disse que ela não valia nada — Amira falou para que só eu ouvisse.

Foi o suficiente. Eu fiquei de pé, decidido a ir lá e acabar com aquela palhaçada. Já tinha visto o suficiente, e se ela pensava que ficaria por aí se agarrando com outros, estava muito, muito enganada. Amira levantou-se também, pronta para me seguir, mas eu a encarei, mostrando toda a raiva que a situação causou e apontei para ela.

— Fique aí — rosnei.

Ela arregalou os olhos, sentando-se novamente. Ouvi a risada da minha cunhada, mas ignorei. Estava sentindo, sabia que se Iago colocasse as mãos nela mais do que já tinha posto naquela dança ridícula, eu perderia meu amigo. Porque ia matá-lo.

Boni veio até mim quando me viu saindo.

— Senhor.

— Viu Alessa e Iago?

Ele desviou o olhar, coçando o queixo.

— Chefe...

Eu o segurei, batendo-o contra parede, assustando duas mulheres perto e rosnei.

— Você viu ou não?

— No jardim, senhor, perto da piscina. Fui até lá para garantir que a senhorita Bonucci estaria bem, mas... voltei

quando eles...

Eu o soltei, caminhando na direção que informou. Cada passo me irritando mais, a cada minuto de distância do que eu sabia o que poderia estar acontecendo, eu soltava fogo pelos ares.

Porra de mulher!

Passaram-se minutos, vários! Sabe lá por quanto tempo continuei procurando como um tolo. Andei pelas árvores do jardim enorme, e, para piorar, tinha um labirinto dos infernos dificultando que eu os encontrasse. Eu parei, respirando profundamente, tentando me acalmar. Mas não funcionou, na verdade, me irritou mais. Eu ia matar Iago.

Eu ia torturá-lo por dias, por semanas... mandando para o inferno anos de amizade. Anos que, aliás, ele jogou fora quando tocou nela. Não sabia que era minha? Que tinha o meu bebê? Filho de uma puta!

Já estava a ponto de gritar o nome dele quando finalmente os vi. Se não soubesse dos gostos e preferências de Alessa, teria afogado Iago na piscina atrás deles. Meu coração quase parou, observando aquela linda e delicada mulher sendo sujeitada àquilo.

Iago segurava o cabelo dela com uma mão e com a outra dava tapas em seu rosto. Eu sabia que eram fortes, percebi não só pelo barulho e pela marca dos dedos dele em seu rosto, mas pelo fio de sangue que escorria do lábio dela.

Dei um passo à frente, então parei quando ele gemeu. Tirei meus olhos do rosto dela, descendo pelos corpos, rezando que não fosse o que eu imaginava, mas era. Ela mexia os braços, masturbando-o, os seios para fora, e ele

bateu mais uma vez no rosto dela, abaixando a cabeça e tomando um bico rosado na boca.

O peito onde o meu filho se alimentava! Eu ia matá-la. Os dois.

Sem poder olhar mais aquela cena deprimente eu me aproximei. Os dois tão concentrados naquele filme de terror, nem me notaram. Eu puxei Iago pelo terno, jogando-o no chão e me abaixei ao lado dele, pressionando seu pescoço, apertando-o com as minhas mãos. Ele estava tão distraído que ficou sem reação, quando viu, o cano da minha arma já estava em sua cabeça.

— Dê-me um motivo.

Ele arfou.

— Dante... que porra? O que está fazendo?

Eu odiei ver o batom vermelho dela na boca dele. Odiei ver como estava corado, odiei ver o pau dele duro por ela.

Olhei na direção dela, vendo-a escorada na parede. Os olhos verdes arregalados, os seios, grandes e empinados, pendurados para fora do vestido, uma mancha de vermelho. Com o batom que a boca dele levou até lá. O sangue pingando do queixo. Ela arfava, a respiração pesada e rápida.

Eu levantei Iago, dando-lhe um soco. Depois outro. E outro. Só parei quando ouvi o estalo do nariz e o lábio cortado. Ele caiu no chão, tonto e quase inconsciente.

— Dante... — murmurou fraco.

— Boni — chamei. Meu soldado surgiu, sabendo exatamente o que fazer, então encarei Alessa.

Ela se manteve do mesmo jeito.

Em passos lentos, fui até ela. Minha respiração pesada, deixando que visse toda a minha ira.

Ela abriu a boca quando estava a um passo de distância.

— Dante.

Eu segurei seu pescoço, encostando-a na parede.

— Sua vagabunda — rosnei.

Ela me fitou com desespero.

— Eu não queria que você visse... — sussurrou.

— Mas eu vi.

— Dante... — sussurrou outra vez, passando o polegar pelo lábio, tentando limpar o sangue.

— É disso que você gosta?

— Eu...

— Sabe quantas mulheres passam por isso todos os dias e não têm como sair? Quantas apanham? Não porque querem, mas porque vivem isso, é a realidade delas.

Ela soluçou, abaixando a cabeça. Eu levantei seu queixo com brutalidade.

— Se eu encostar na sua boceta agora, você vai estar pingando, isso é o pior. — Ela chorou mais forte, envergonhada porque sabia que era verdade. — Você ia voltar pra casa, pegar nosso filho no colo, deixando que ele visse seu rosto marcado. Deixando-o colocar a boca onde ligo Joseni colocou. Arrume a porra do vestido. — Ela fez o que eu disse com as mãos tremendo.

— Eu sinto muito, tudo ia ficar bem, tudo ia se resolver. Ele não ia ver isso. Me perdoe, Dante... eu não queria que você visse... eu...

Eu soltei o pescoço dela e a segurei, deixando que se apoiasse no meu corpo.

Cada soluço quebrava meu coração. Não entendia porque ela fazia aquilo, porque tinha que ser daquele jeito?

As imagens dele tocando-a, machucando-a, pegando o que era meu me fizeram soltá-la, e eu me afastei. Ela escorregou até o chão, chorando. A maquiagem preta dos olhos escorrendo pelas bochechas pálidas, o batom vermelho todo borrado, espalhado pela boca daquela infeliz. Pelo o que ela e meu amigo fizeram.

— Porra, Alessa! — rosnei.

Ela se encolheu, chorando ainda mais.

Eu me ajoelhei à sua frente, segurando o rosto próximo ao meu.

— Porque fez isso? Porque estava com ele se chorava? Estava soluçando, Alessa!

Ela balançou a cabeça, os olhos perdidos, lágrimas que não paravam de cair. Segurou meu rosto, como eu fazia com o seu e se jogou para cima de mim, me beijando. Eu gemi. De alívio, de saudade, de desespero. Passei o braço em volta da cintura dela e passei minha língua por sua boca, sentindo gosto do qual eu tanto senti falta.

Queria apertá-la e não soltar. Queria continuar sentindo sua pele, seu cheiro... Mas, de repente, senti o salgado em meus lábios e me lembrei de onde estávamos, do que tinha acabado de acontecer.

— Alessa, não podemos... não...

Ela desceu a boca, beijando, lambendo e mordendo meu pescoço.

— Não seja frouxo... — sussurrou.

— Pelo contrário, vou ser homem o suficiente para dizer não, e nós vamos conversar.

— Porque temos que conversar quando podemos fazer coisas mais interessantes?

Eu segurei sua cintura com as duas mãos, afastando-a relutantemente.

— Alessa, pare.

Ela segurou meu pescoço, levando sua boca até o meu ouvido.

— Porque parar? Eu quero sentir esse seu pau enorme entrando e saindo de mim... bem devagar e depois... bem rápido.

Eu fechei os olhos, tirando forças do inferno e a segurei longe de mim.

— Pare. Pare de usar sexo para conseguir fugir das coisas.

Ela paralisou por apenas um instante, antes de dar um tapa no meu rosto. Eu a encarei com espanto.

— Que porra é essa?

— Você é um hipócrita desgraçado, está excitado. Louco para transar comigo e fica se fazendo de bom moço! Comigo, não, seu pilantra safado! Comigo, não!

Ela levantou a mão para me bater de novo, mas eu segurei daquela vez.

— Não levante a sua mão para mim! — rosnei. — Alessa, porra! Ficou louca? É claro que estou excitado, você é linda. Esplendorosamente linda. Mas sexo não conserta tudo.

Ela estreitou os olhos, me empurrando.

— Se você não quer, vou atrás de lago. Íamos nos divertir muito antes de você chegar.

Antes que ela fosse longe, eu a segurei.

— Você o ama? — perguntei e imediatamente quis pegar as palavras de volta. Se ela o amasse, eu não queria saber.

Ela riu, puxando o braço para fora do meu alcance.

— É claro que não, eu amo como fode, mas ele? Não.

Eu abaixei a cabeça, odiando ouvir que eles já tenham feito aquilo.

— Porque faz isso com alguém por quem não sente nada?

Seus olhos eram puro fogo.

— Eu disse que não o amo, mas não falei que não sinto nada.

— Sexo deveria ser feito com amor e não pelo o que você faz, para se machucar.

— Cale a sua boca! Você não sabe nada! — rosnou.

— Sei o suficiente e sei que sexo não é dor, Alessa, é para se libertar, para se conectar com outro. Não faça disso algo ruim.

— Não! É estar preso, sexo é um castigo, sujo e desprezível.

— É um castigo se você o faz da forma errada, pelo motivo errado. Se você fode do jeito como costuma fazer é, sim, um castigo, mas se você faz amor...

Ela rosnou, me interrompendo e me empurrou.

— O que é que você sabe sobre o amor, Dante?

— Alessa — alertei.

— Hein? — mais uma vez. — Ama uma mulher que não é nada do que pensa!

Eu franzi a testa.

— O quê?

— Sua amada Amira não é nada frágil, nada santa e nada inocente, seu idiota!

— Ela não é minha amada, pare de dizer esse absurdo!

— Ah, não? Então você realmente não sabe o que é amor. Se mora com uma pessoa e não tem, no mínimo, sentimentos por ela, é tão vazio quanto todos dizem!

— Você terminou? — perguntei, calmo.

Mas ela estava descontrolada, andando de um lado para o outro.

— Não cobre de mim, não me julgue por fazer sexo com quem não amo se você faz o mesmo. Se não sabe o que é o amor.

— Está enganada, Alessa. — Ela me fitou sem entender, e eu reforcei. — Está muito enganada.

Cocei a testa e me aproximei, estendendo a mão para ela.

— Venha comigo.

Ela me encarou, incerta e só depois de longos minutos colocou sua mão na minha. E ao sentir o calor de sua pele, ao saber que aquela era a única chance, soube que havia chegado a hora. Ela tinha que saber.



CAPÍTULO 33



*“Eu observo seu rosto sereno enquanto você dorme
E me apaixono por cada suspiro.
Se seus olhos estão fechados,
Imagino se está sonhando comigo
Por que sob a escuridão, tem uma luz tentando aparecer
Se for necessário me deixe ser quem aguenta a dor
Eu vou quebrar as barreiras no nosso caminho
Você vive me dizendo que estou perdendo tempo
Mas chamar isso de perder de tempo é um crime
Você acha que é loucura o que estou fazendo
Mas amor... eu sou louco por você.
Por que se você não entendeu ainda,
Então não vou deixar você esquecer
Você não tem que fazer isso sozinha
Eu serei um ombro pra se apoiar
Eu te ajudarei a ver o certo, quando tudo estiver errado
Então venha, segure a minha mão, vamos seguir em frente...”*

Shawn Mendes – This is what it takes

ALESSA BONUCCI

Ele me levou até um dos cômodos vazios da mansão onde a festa acontecia e trancou a porta. Assim que acendeu a luz, vi que era um quarto. Sabendo que se eu não me afastasse dele, usaríamos aquela cama, dei alguns passos para trás, me sentando, esperando que ele comesse a falar.

Estava envergonhada. Profundamente envergonhada pela forma como me encontrou, constrangida por ainda me jogar em cima dele, pela rejeição. E saber que ele daria um basta definitivo ali, naquele momento, acabava comigo. Era uma sensação ruim na boca do estômago, que me fazia querer colocar o pouco que tinha comido para fora.

Ele foi até a janela e se encostou lá, olhando-me diretamente nos olhos.

— Isso entre você e Iago, não foi a primeira vez.

— É uma pergunta?

— Pela forma como vocês dançavam, deu pra ver que já se conhecem bem.

Eu abaixei a cabeça, não queria falar com ele sobre outros homens com quem estive. No calor do momento, quando estava excitada e raivosa, querendo sexo e desesperada por sentir aquilo, eu falava, sim, falava de homens, dizia que procuraria outros, mas ali com ele, eu me sentia suja, sabendo que fui tocada por mais homens do que podia contar e que Iago era só mais um deles.

— Passado.

— Um passado bem recente ao que parece — rosnou.

Eu finalmente o fitei.

— O que quer que eu diga? Você viu tudo. Está aqui, diante dos seus olhos! Agora você pode voltar correndo

para a única mulher que ama e me deixar aqui com a minha vergonha, por favor?

Ele estreitou os olhos.

— Seu problema é falar demais sobre coisas das quais não sabe nada. Já disse que não amo Amira, não sei porque insiste nisso.

— Porque mora com ela há anos, porque a assumiu perante toda a sua família e a máfia, porque ela faz questão de deixar isso bem claro!

Ele se aproximou, segurando meu queixo.

— Não se esqueça, sua descarada, que mais de um ano atrás, eu te procurei, e não foi para assumir Amira, foi pra assumir você, e o que você fez? — Eu não respondi. — Hein, Alessa? Você me chutou, como sempre. Adora fazer isso.

Ele me soltou, passando a mão pelos cabelos.

— Aquela cena de vocês dois fica passando sem parar, repetindo na minha cabeça. Eu quero ir atrás do meu amigo e matá-lo e quero estrangular você!

Eu me assustei com seu tom de voz. Ele percebeu e fechou os olhos, respirando fundo.

— Você ia me assumir por obrigação, e eu não te chutei...

— Chutou, sim, você gosta de me ver como um tolo atrás de você. Gosta de ver todos puxando o seu saco, de ser exaltada, gosta de brilhar, estrelinha de merda do caralho...

Eu fiquei de pé, me aproximando dele.

— Eu sou uma estrelinha de merda? — esbravejei. — Eu não precisava que você me assumisse, Dante, sou

mulher o suficiente pra viver nessa família hipócrita sem precisar me apoiar em homem nenhum! Acha que só porque as menininhas saem por aí brigando por você, eu seria mais uma?

— Eu nunca pedi pra você brigar por mim! — Ele apontou o dedo no meu rosto, e eu dei um tapa em sua mão.

— Não aponte o dedo na minha cara, seu ogro!

— Alessa... — rosnou.

Eu fechei os olhos, soltando uma longa respiração, e me sentei novamente.

— Não vai dar certo, nós não conseguimos ter um diálogo sequer.

Ele se afastou, voltando para onde estava e ficamos em silêncio por um tempo.

A música do salão tocava bem baixa no quarto, uma melodia melancólica, combinando exatamente com o clima em que nós estávamos.

— Havia uma mulher... — Fiz menção de falar, mas ele me parou, levantando a mão. — Trouxe você aqui para conversarmos, aliás, para você ouvir tudo o que pensa que não sei sobre o amor.

— Ótimo, vai me fazer ouvir sobre seu lindo romance com Amira.

Ele me ignorou.

— Seu nome era Célia.

Eu o fitei surpresa, mas ele tinha os olhos focados para fora da janela, no céu escuro.

— Tinha vinte e cinco anos, recepcionista num escritório de advocacia. Visitava os pais em Nápoles todos os finais

de semana, ia à igreja, era muito religiosa. Pagava suas contas e não havia nenhuma célula desonesta nela. Apenas bondade.

Por mais curiosa que eu estivesse, ouvi-lo falar de outra mulher com tanta devoção estava me irritando.

— Estávamos juntos há três anos, ela queria que eu fosse morar com ela, que conhecêssemos um a família do outro. Mas como eu poderia levar uma mulher que não era da *famiglia* para dentro? Eventualmente contei sobre a máfia, porém ela me amava tanto que não se importou. E eu, egoísta como era, não tive coragem deixá-la, mesmo sabendo que se alguém da máfia soubesse, a vida dela estaria em risco e eu seria acusado de traição. Ainda assim, não a deixei. — Suspirou e passou a mão pelo cabelo. — O que eu não sabia era que Thomas já tinha descoberto.

Meu coração acelerou, temendo por onde aquela história estava indo.

— Eu estava em uma viagem de negócios quando ele foi até ela e ofereceu dinheiro, a ameaçou, dizendo que se ela não me deixasse ele me mataria. Ela, obviamente, não conhecia Thomas, não sabia que tudo já tinha ido pro espaço no momento em que soube de nós.

Eu me ajoelhei na cama, temerosa e sussurrei.

— O que aconteceu?

— Ele não era o único que sabia. Lucca também tinha conhecimento dela. Meu irmão foi até a sua casa no mesmo dia e tentou convencê-la a abandonar a cidade, assim eu e ela estaríamos a salvo. Ele tentou nos dar uma chance, mas ela estava convencida de que poderíamos

ficar juntos e que, com o tempo, Thomas e a *famiglia* a aceitariam. Ela estava tão cega em sua própria ilusão que mesmo quando voltei à cidade, ela não me contou. — Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça. — Eu a levei para jantar no mesmo dia, mas ela passou mal, eu entrei em desespero e a levei até um hospital. Na entrada paguei uma senhora para acompanhá-la e esperei no carro. Me corroeu não poder entrar, mas ser visto em um hospital com uma mulher desconhecida era arriscado demais, principalmente para ela. A mulher voltou com Célia meio zozna e me entregou os papéis dos exames.

Eu podia ver que contar aquilo o estava matando.

— Dante, você não precisa continuar...

— Eu preciso, estou bem... apenas... — Respirou profundamente. — Dirigi até o apartamento dela e a coloquei na cama. Sentei ao seu lado e abri os papéis. Quando vi o que estava escrito meu mundo caiu, mas ao mesmo tempo o maior sorriso explodiu em meu rosto. Ela estava acordada e me abraçou quando terminei de ler. Célia estava grávida, sabia há um mês, isso reforçou ainda mais o motivo de ela não ter ido embora. Pensou que um filho iria amolecer meu pai, tão iludida... porra! — ele rosnou as últimas palavras e deu um soco na parede.

Eu pulei no lugar pelo susto.

— Dante, por favor...

— Eu a encontrei morta três dias depois, no chão de sua sala. Uma lasanha queimada no forno. Era o meu prato preferido, e ela estava fazendo para o jantar. Um tiro no coração, um na barriga e a garganta cortada, em cima dela estavam os exames da gravidez, e pintadas com seu sangue, as palavras: “a Cosa Nostra”.

Eu coloquei a mão sobre a boca, bile subindo, lágrimas de puro horror romperam de mim.

— *Oh, Dio mio*, eu sinto tanto... Dante eu...

— Perdoe-me por não ter reagido bem à notícia quando me contou. Eu perdi a mulher que amava há dez anos, perdi o filho que nunca vou ter. — Ele suspirou. — Isso não é desculpa pela forma como te tratei, mas estava tão perdido... Minhas únicas fugas eram a droga e Amira me mantendo ocupado tanto tempo quanto conseguia, usando drogas comigo, fazendo sexo pra caralho... me servindo, me fazendo esquecer.

Ele se sentou na beirada da cama, enfiando a cabeça entre as mãos.

— Você não sabe como é, não tem noção do que é ver a pessoa que você mais ama na vida morta, sabendo que ela levava o seu filho, morto também. Aquela imagem... meu Deus... aquela imagem nunca vai sair da minha cabeça.

Minha mente estava rodeada de caos. Ouvindo tudo, atenta, alarmada, surpresa, chocada. Não sabia o que fazer com tudo aquilo de informação. Cada coisa que ele dizia me acertava com força o suficiente para derrubar, mas permaneci de pé, precisava estar lá para ele.

— Ela era incrível, Alessa... incrível. Inteligente, bondosa, engraçada... tão meiga e doce. E eu estraguei sua vida... eu a matei...

Eu me ajoelhei na frente dele, segurando seu rosto.

— Dante, não! Você não fez isso, não tem culpa de nada!

— Se eu a tivesse deixado, se a tivesse mandado embora...

— Não funcionaria, ela não teria ido.

— Como sabe disso? Como sabe que ela não teria ido embora se eu pedisse? Fui tão covarde...

— Sei que ela não teria ido, porque se te amava pelo menos um terço do que você a ama, seria impossível. Sei o que é te amar, Dante, e acredite em mim, mesmo diante da morte eu ainda ficaria e escolheria você, assim como ela fez.

Ele me fitou com surpresa. Aqueles lindos olhos cheios de dor, de tristeza, quase transbordando em lágrimas

— O que?

Lambi os lábios e o encarei, deixando que visse toda a verdade dos meus sentimentos.

— Eu amo você.

Ele ficou paralisado.

— Sei que não sou perfeita, sei que... que depois de ter amado como você a amou, eu não sou nada... mas... eu não consegui evitar me apaixonar por você. Sou terrível na maioria das vezes, tenho mais monstros do que posso contar e meu passado é um filme de terror, mas ainda assim... mesmo achando que nunca sentiria algo bom de novo, meu coração aprendeu a te amar.

Ele me olhava como se não acreditasse no que ouvia. Meu coração batia descompassado, esperando o momento em que ele diria alguma coisa. Será que me rejeitaria? Diria que nosso único vínculo era Axel, e eu devia deixar qualquer ilusão de lado? Já não aguentava mais esperar quando ele passou a mão na minha cabeça, segurando uma mecha do cabelo.

— Acabei de me dar conta de que esperei anos para ouvir isso.

Eu engoli em seco.

— Devo gostar muito de sofrer mesmo, porque acho que te amei quando você me chutou para fora da sua casa pela segunda vez.

— E eu acho que te amei quando você bateu a porta na minha cara anos atrás e mandou eu ir me foder.

Eu ri, mas então parei, me dando conta do que ele disse.

— O que? Você... você me...

— Sim. Antes de você me amar também.

Dito isso, ele me fez ficar de pé e se levantou, deitando-me na cama como se eu fosse uma criança pequena. Então ele ficou em cima de mim, me encarando com aqueles intensos olhos azuis.

— Eu te amei quando você me xingou, me usou e fez com que eu te machucasse. Te amei quando me deu meu filho, mesmo que não me desse conta disso na hora. Te amei enquanto te observava por anos e vou te amar o suficiente para esperar até que confie em mim e me diga o que te machuca, assim como eu contei a você.

Meu corpo reagiu ao dele na mesma hora e me condenei por estar pensando naquilo.

— Dante... nós vamos...

— Não.

— Porquê?

— Porque não vou machucar você.

Eu o encarei, pesarosa, sabendo que se não fosse daquele jeito, nunca iria acontecer. Sentia aquela raiva louca começar a crescer dentro de mim, o impulso de fazer com que me tocasse, fazer com que...

— Pare — ele disse, olhando nos meus olhos. — Pode me bater, me xingar, se descabelar, mas na próxima vez que fizermos isso, vai ser com calma e não será sexo... será amor.

— Dante... — rosnei. — Não vai acontecer, você vai virar celibatário se for sob essa condição.

Os lábios dele se ergueram devagar, pouco a pouco me mostrando o mais lindo sorriso que tinha visto na vida. Eu quase babei diante daquela visão.

— Dez anos atrás eu era um cara romântico, gentil e clássico. Eu fui virgem por anos depois de perder Célia, porque acredite você ou não, sou um bobo apaixonado.

— Você é um mafioso cruel.

Ele riu.

— Quando preciso ser. Mas não há ninguém além de nós dois nesse quarto. Eu conto nos dedos de uma mão com quantas mulheres já transei.

Eu arregalei os olhos, e o sorriso dele aumentou.

— Uma prostituta, porque quando você é iniciado não pode ser virgem. Célia, anos depois, e Amira, anos depois. Então... você.

— Mentira.

— Porque diz isso?

— Porque você faz bem demais para só ter tido 4 mulheres.

— Eu te disse... um bobo apaixonado. Eu era um garoto com sonhos, Alessa. Casamento, filhos e finais de semana tranquilos era o que eu queria. Mas meu pai destruiu isso e, além do mais, fui ingênuo de querer tais coisas tendo nascido na máfia.

Eu virei o rosto, fugindo do seu olhar.

— Ei, o que foi?

— Eu sou uma vagabunda.

Ele segurou meus braços do lado da cabeça, beijando meu rosto devagar, centímetro por centímetro, não deixando nenhuma parte livre de seus carinhos.

— Porque diz isso?

— Dante... — sussurrei.

— Porquê?

— Você esteve com quatro mulheres, e eu não faço nem ideia de quantos homens já fodi.

Ele suspirou, enfiando a cabeça no meu pescoço.

— Exatamente, quantos você fodeu. Mas quantos você amou, Alessa? Quantos tiveram seu coração?

— Nenhum...

— Então nós vamos passar por isso. Não posso mudar o seu passado e nem o meu. Mas quero dar uma chance a isso, a nós.

Ele se deitou ao meu lado, nos deixando frente a frente e segurou minhas mãos.

— Eu vou ser horrível.

— Eu costumava dizer isso a Célia. Falava que não entendia como ela, sendo tão boa, poderia me amar, mesmo que eu fosse um homem ruim, com tantos

pecados, tanta bagagem, e ela sempre repetia a mesma coisa. Inclusive, minha mãe me lembrou disso alguns dias atrás, quando tentou me alertar de uma burrada.

— O que Célia dizia?

Ele sorriu, e eu precisava me acostumar a vê-lo daquele jeito. Já era tão difícil conviver com seu maravilhoso rosto sério, agora tinha que ver aquele sorriso incrível.

Dante me puxou para perto, colocou minha cabeça em seu peito, passou a mão pelos meus cabelos e começou a citar.

— “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha.”

Uma lágrima escorreu dos meus olhos, e eu sussurrei.

— Eu te amo.

— “Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor.”

Eu te amo. Continuei repetindo em minha mente.

— “O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

— Eu te amo tanto.

— “E quando vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá.”

— Dante... — sussurrei, não conseguindo controlar as lágrimas e todo o amor que sentia.

Cada coisa que ele dizia era certa, parecia perfeito. Ele foi paciente me esperando por anos, mesmo sem saber que fazia isso. Foi bom comigo, mesmo tendo errado antes. Foi orgulhoso, mas deixou o ego de lado para ir atrás de mim e dizer o que sentia. Não me odiou quando

eu dei todos os motivos para que fizesse aquilo, me defendeu quando eu precisei e foi sincero comigo, mesmo quando descobri o que mais o envergonhava e me contou sua história, a que mais lhe machucava.

Nós sofremos, desacreditando de qualquer esperança para nós e tentamos seguir em frente. Mas nosso amor suportou. Passou pelas barreiras do tempo, do seu coração de gelo e das minhas muralhas pesadas. E naquele momento... o que veio antes, o que era, já não foi mais, o passado ficou para trás. O imperfeito desaparecia e nós permitimos lutar juntos. Perfeito.

— Eu amo você... preciosa.



CAPÍTULO 34



*“Mil exércitos não podem me impedir de entrar
Eu não quero seu dinheiro
Eu não quero sua coroa
Eu vim para incendiar
O seu reino”*

Florence and The Machine – Seven devils

ALESSA

Giorgia colocou os três bebês no quarto que fez especialmente para as crianças em sua casa e nos levou até a porta.

— Obrigada, sogrinha, vamos voltar para pegá-los mais tarde — Anita explicou, abraçando-a, e eu fiz o mesmo.

Giorgia sorriu.

— Não tem problema, sabem que adoro tê-los aqui. Mas me digam, não posso mesmo ir?

Anita riu, e as duas fizeram um gesto com a mão.

— Não queremos que você presencie o tipo de violência que vai acontecer.

Eu revirei os olhos.

— Anita.

— É verdade.

Eu me virei para Giorgia.

— Até mais tarde e obrigada mais uma vez.

— Divirtam-se! — Ela acenou.

Eu e Anita demos risada de sua animação diante da situação inusitada e voltamos ao carro onde Nino esperava.

— Para onde, senhoras?

— Para casa, Nino. Por favor.

Anita bateu palmas.

— Eu estou tão, tão empolgada!

Sim, eu também estava. Não podia acreditar que tinha caído tão facilmente na armadilha daquela cobra. Entrou na minha casa, fez tamanha cena, contou mentiras absurdas, e eu, num surto de ingenuidade, acreditei em cada palavra. A próxima coisa a fazer seria pedir perdão a Dante, pela forma como falei com ele, como fiz as coisas pensando que não se importava comigo...

E tudo por falta de diálogo, falta de conversar. Depois de termos ficado mais um tempo juntos naquele quarto da mansão do evento, na noite passada, ele me levou para casa e disse que precisava voltar, pois Amira estava sozinha e mesmo que quisesse ficar comigo, não podia deixá-la jogada se foi ele quem a levou até lá. Mesmo ficando irritada eu ainda o admirei por ser tão bom.

Esperei, olhando da janela, o carro dele se afastar e quando isso aconteceu, eu abri a porta do apartamento e falei com Boni.

Quando ele me explicou que havia recebido uma ligação de um número desconhecido, uma voz de mulher dizendo que era eu e que precisava de ajuda na portaria do prédio, se desesperou e nem se atentou aos detalhes. Como, por exemplo, que eu não ligaria de um telefone privado. E quando falei que Amira fora lá, ele ficou pálido.

Por fim, me falou que ela era uma prostituta da *famiglia* e morava com Dante para, inicialmente, a proteção dela, depois eles se acomodaram e ela nunca foi embora. A partir daquilo, eu soube que tudo o que ela disse era mentira. Menos a parte das drogas, já que Dante mesmo me confessou, mas sobre ele amá-la e querer filhos dela... não, eu não acreditava.

Quando amanheceu logo cedo, liguei para Anita e perguntei o que ela faria, se tinha tempo para me ajudar a exterminar certo... rato do prédio, e ela, como sempre, estava mais do que disposta.

— Podemos cortar o cabelo dela? — perguntou.

— Ela mal tem cabelo.

Ela riu.

— Mas podemos raspar e ela terá menos ainda.

— Tudo bem, podemos.

Ela deu um grito de comemoração, fazendo Nino rir.

— Senhora DeRossi, devo chamar o chefe?

— Ah, não, não, não... ele vai querer vir e participar, e esse é um momento de meninas! É como fazer as unhas e cabelo!

Eu dei risada, e ela me abraçou.

— Você está muito feliz para quem vai torturar alguém.

Ela fez um bico.

— Só não fico mais ainda, porque você disse que não podemos tirar sangue.

— Eu não disse que não podemos... disse que queria evitar me sujar.

Nós continuamos planejando e debochando do que faríamos com Amira, e quando Nino estacionou na frente do prédio, nem esperamos que abrisse a porta. Só saímos correndo em direção à portaria, aproveitando que o elevador estava parado. As portas se fecharam com um grito dele, nos mandando esperar. Anita ria escandalosamente, e eu acompanhei.

— Oh, meu Deus... — Suspirou, abanando-se.

— Tenho dó dele.

— Sabe que ele sai pra beber comigo e Luigi? É tão louco quanto nós.

— Imagino. — Apertei a campainha do apartamento no último andar e esperei.

Anita batia os pés no chão ao meu lado.

— Tic-tac, tic-tac, tic-tac.

Toquei mais uma vez e passaram-se alguns minutos, ninguém apareceu. Ela deveria estar em casa.

— “Um, dois, Fred vem te pegar... Três, quatro, feche bem a porta do quarto... Cinco, seis, reze mais uma vez... Sete, oito, mantenha os olhos abertos... Nove, dez, não durma nenhuma vez...”

Anita cantava baixo, olhando ansiosamente para a porta. Preparou-se para começar a cantar de novo quando a mesma abriu. Amira arregalou os olhos e tentou fechar, mas eu empurrei, entrando com minha irmã bem atrás.

Ela pegou um celular de cima da mesa de centro e apontou para nós.

— Vou ligar para Dante.

— Quietinha, vadia — Anita exclamou, empurrando-a no sofá. — Você achou mesmo que iria entrar na casa da minha irmã, mexer com ela e sair vitoriosa?

Ela sorriu, irônica.

— Eu já sai. Dante não a quer mais e depois de tudo o que ela lhe disse, ele nunca acreditaria nela e nem em você.

Anita sorriu, cruzando os braços e dando alguns passos para trás.

— Isso vai ser divertido.

— Como se sentiu, Amira, tendo seus cinco minutos de fama?

— Não foi de fama, foi de amor.

Anita rosnou.

— Anos atrás eu tive misericórdia de uma piranha como ela, não faça o mesmo, minha irmã. Acabe com a raça da infeliz.

Amira se encolheu.

— Tem que aceitar perder, Alessa, Dante sabe que você não vale o chão que pisa. E quando eu finalmente mostrar para todos quem você é, será escrachada e ficaremos eu e ele cuidando do pequeno Axel, como uma família.

Eu levei apenas um minuto para segurar o cabelo dela e puxá-la de onde estava, batendo seu rosto na mesa de madeira da sala.

— Você enlouqueceu? — perguntei.

Ela gritou e começou a passar a unha pelos meus braços, arranhando-os.

— Pare! Me solte! Me solte!

Anita dava pulos pela sala, gargalhando e batendo palmas, cantando algo como “La-ra-ra, la-li, la-rá...”.

— Eu poderia ficar aqui a tarde toda, te dando uma lição sobre como você não deve falar para uma mãe nada que tenha a ver com o filho dela, mas não vale a pena. Poderia te bater até sua cara escrota ficar irreconhecível, mas não vou fazer isso, porque meu vestido é caro demais para sujar com seu sangue, e minhas unhas foram feitas ontem. — Fitei Anita. — Se importa de encontrar uma tesoura, irmã?

Ela sorriu, radiante, e eu me perguntei se Luigi estava compartilhando demais seus feitos para a máfia, pois ela estava empolgada demais com aquilo tudo. Minutos depois retornou, abrindo e fechando o objeto antes de me entregar.

Então ficou atrás de Amira e segurou seus braços. Eu me sentei sobre as pernas dela, segurei algumas mechas e cortei rente ao couro cabeludo.

— A primeira mecha, para você se lembrar de que não deve mentir.

Cortei mais uma.

— Por ter entrado na minha casa, olhado para o meu filho e se atrevido a me afastar de Dante.

Ela mexeu a cabeça, fazendo a ponta da tesoura cortar sua testa. Anita riu e sussurrou para ela.

— Você precisa ficar quieta, amor.

Eu balancei a cabeça para a minha irmã.

— Você é terrível.

Ela me mandou um beijo, e eu voltei a cortar, dizendo a Amira, a cada tufo tirado, porque ela estava passando por aquilo.

— A franja, minha irmã, agora é a parte mais importante!

— Anita falou, cheia de expectativa.

Eu parei a lâmina no ar, encarando-a.

— Estou te sentindo meio psicopata.

Ela riu, dando um beijo na cabeça sem cabelos de Amira, que se acabava de chorar, então me olhou com olhos brilhando.

— É que eu amo você.

Eu dei risada.

— Que péssimo momento, eu também te amo.

Cortei o último tufo de fios que restava e mostrei a Amira.

— E por último... é para aprender a não se meter com quem é maior que você, mais importante e está acima de você em qualquer categoria. Entendeu?

Ela enfiou o rosto nas mãos quando Anita a soltou e soluçou. Por um momento me senti culpada, mas quando me lembrei das semanas que passei sem Dante e ela desfilando com ele, toda a culpa foi embora.

Nós a deixamos sentada no sofá, observamos o trabalho feito.

Anita segurava a barriga de tanto rir.

— Você parece um ovo, meu amor.

Amira a encarou, cheia de ódio.

— Não foi o que seu marido disse quando socou o pau na minha boca.

Minha irmã colocou a mão na cintura.

— Não adianta vir jogar veneno em mim, sua cobra maldita, confio no meu Luluzinho.

Amira riu.

— É mesmo? Confiava anos atrás? Oh... acho que ele nunca te contou que enquanto comia você e Isabella, quis me acrescentar a lista, mas Lucca não deixou.

Minha irmã parou de sorrir e voou em cima dela, dando tapas em seu rosto de forma violenta. Pegou a tesoura e cortou os pelos da sobrancelha, e os fios que não eram alcançáveis, ela raspou deixando a pele vermelha e com alguns cortes.

Eu me aproximei, tirando-a de cima, porque previa que a qualquer momento mataria Amira. Não que eu não quisesse aquilo, mas tinha outros planos para ela.

— Sua vaca maldita, prostituta velha! Está acabada!

Amira chorava, segurando o rosto, passando as mãos pela cabeça com poucos tufo.

Minha irmã se debateu contra mim.

— Me deixa! Eu vou matá-la!

— Não, a morte é rápida demais, irmã. — Olhei-a friamente. — Prostituta ontem, será prostituta hoje e para sempre. É o seu destino e sua punição.

— Não! — gritou, ajoelhando-se na minha frente. — Eu prefiro morrer. Por favor, me mate... mas não me coloque nos bordéis da *famiglia*. Você não sabe como eles são imundos, nojentos e cruéis...

— É isso o que você quer? O que prefere? — perguntei, fria.

Ela assentiu, chorando.

— Por favor Alessa... Eu te imploro, prefiro a morte!

Eu me inclinei, aproximando nossos rostos e segurei seu queixo.

— A morte seria muito fácil pra você. Um pouco de dor e acabou o sofrimento... Não, isso é pouco pelo que fez. Você vai para Nova York, vai servir a *famiglia* com seu corpo. Não gosta de usá-lo? Pois bem, farão bom uso de você lá.

Ela arregalou os olhos cheios de desespero e eu a soltei no chão.

— Boni, recolha o lixo, por favor.

O soldado se aproximou e a pegou sem nenhuma delicadeza.

— Senhorita Bonucci?

— Leve-a para um dos galpões vazios e a vigie até que eu informe a Lucca o que houve.

Ele assentiu, saindo com ela logo depois, os gritos sendo ouvidos mesmo depois da porta bater fechada. Eu me sentei no sofá, sentindo-me estranhamente esgotada.

Anita riu, jogando-se ao meu lado e me abraçou.

— Adorei! Nós podemos ir a Nova York todo mês para vê-la sofrendo?

Eu ri, retribuindo o abraço, chocada de como nós podíamos ser tão maldosas.

— Gêmeas de rosto... — comecei.

— E de cérebro — terminou, e nós rimos.

Os cabelos loiros jogados no chão... alguns pingos de sangue...

E nós já estávamos mais do que prontas para a próxima.



DANTE DEROSSI

Eu comecei a me preocupar quando Lucca atendeu a uma ligação no meio de uma reunião entre ele, eu e Luigi, coisa que nunca fazia a não ser que fosse Abriela. Mas não era ela, e ele parecia tenso. Quando continuou ouvindo por longos minutos e seus olhos pararam em mim, estreitados, eu me preocupei mais ainda.

Luigi me cutucou.

— Sujou pra você, irmão.

— Certo, agora? — Ele suspirou, passando as costas da mão na testa. — Espere minha posição.

Desligou, jogando o telefone na mesa, e me fitou.

— O quê? — perguntei.

Lucca se levantou, vestindo o paletó e foi em direção à porta.

— Venha comigo.

— Eu posso ir também? — Luigi perguntou, já nos seguindo.

— É claro, imbecil, foi você quem começou essa história toda.

Ele arregalou os olhos.

— O que foi que eu fiz?

Lucca não respondeu, pegou a chave do carro com Juliano e esperou que nós dois entrássemos. Luigi fazia milhões de perguntas durante todo o caminho, e Lucca o ignorou. É claro que também estava curioso, mas pela agitação do meu irmão sabia que não seria nada bom.

— É algo com Antony? — perguntei.

Ele virou seus olhos furiosos para mim.

— Não. É com você. Com vocês dois e a merda que arrumaram, agora eu tenho que colocar tudo no lugar.

— Merda... cara, eu vou assumi-la. Nós nos resolvemos ontem, pelo amor de Deus! Vou falar com ela hoje mesmo e vamos dar um jeito em tudo.

Ele passou para o canto da estrada e freou bruscamente, saiu, dando a volta e abriu minha porta, puxando-me para fora pelo colarinho.

Lucca me empurrou contra o carro e rosnou.

— Se você assumir aquela prostituta, esqueça que eu sou seu irmão, esqueça seu lugar na *famiglia*, eu tiro você do meu lado, entendeu?

Luigi saiu do carro também, tentando nos separar, mas era tarde demais. Eu lancei um soco no rosto de Lucca, fazendo-o vacilar para trás.

— Chame-a de prostituta novamente e quem vai esquecer que somos irmãos sou eu!

Ele segurou o queixo, passando a manga do terno pelo lábio cortado.

— É o que ela é, não sabe com quantos homens já se deitou e gostava daquilo. Mas achou um otário para bancar o marido agora.

Eu rosnei, me jogando sobre ele. Desferimos socos um no outro, cotoveladas, e Luigi se enfiou no meio, empurrando-nos para trás.

— Já chega, porra! Querem chamar atenção desnecessária? Amanhã estaremos estampados nos jornais! — esbravejou.

Lucca apontou para mim.

— Se ele não fosse tão absurdo, isso não aconteceria!

— Você não tem direito de abrir sua boca para falar dela!

Lucca riu, desgostoso.

— Ela é tão santa, não é? Deus me livre de eu estar falando dela. É uma qualquer, sim, até Luigi já esteve em sua boca, a boca que você beija, imbecil.

Eu encarei meu irmão mais novo, furioso. Ele deu alguns passos para trás e levantou as mãos no ar.

— Faz muito tempo, cara, e qual é...? Eu pensei que você soubesse!

— Já não bastou ter querido as duas irmãs, você ainda quis a terceira? Só uma não é o suficiente, e você ainda tinha que tocar na gêmea dela? Seu desgraçado!

Ele correu para trás do carro, desviando de mim e franziu a testa.

— Que gêmea?

— Não se faça de cínico, Luigi! — Fui para um lado, e ele para o outro.

Ele fitou Lucca, completamente confuso.

— Que porra ele está dizendo?

Lucca inclinou a cabeça para mim.

— Amira tem uma irmã gêmea?

Eu parei de perseguir Luigi e olhei entre os dois.

— Amira? O quê? Não! O que Amira tem a ver com isso?

Levou um segundo, nós nos encarando de um ao outro, e Luigi sentou no chão, gargalhando. Lucca bufou uma respiração e se encostou no carro, escondendo um sorriso e balançando a cabeça.

— De quem estamos falando, porra? — Luigi perguntou entre risos.

— De Alessa — expliquei, dando de ombros.

O sorriso de Lucca sumiu do rosto, e ele me deu outro soco.

Eu o fitei sem entender.

— Ficou maluco?!

— Não. É só para que você se lembre de que se machucá-la novamente eu estarei aqui. Só observando.

— Novamente? — questionei.

Ele abaixou a voz.

— O que você fez em sua primeira noite foi errado. Ela estava bêbada e você a fodeu. Eu não vou perdoá-lo por isso, mas ela quer estar ao seu lado. Apenas por isso você não vai morrer.

Eu sabia que nunca seria digno do perdão dela por isso.

Nós entramos no carro minutos depois, seguindo nosso caminho para onde quer que estava nos levando e rezando

para que ninguém tivesse visto nossa ridícula cena.



Eu só fui entender a raiva e a agitação de Lucca meia hora depois, quando entramos em um dos nossos armazéns.

Sentada em uma cadeira, estava uma irreconhecível Amira. Eu e meus irmãos ficamos sem fala.

Assim que me viu, ela tentou se levantar, mas Boni a pressionou na cadeira. Ela chorou, esticando os braços para mim. Eu fitei Lucca numa pergunta silenciosa, e ele foi até ela, sentando-se na cadeira à sua frente.

Ela se apressou em falar:

— Lucca, você disse que eu estava sob a proteção da *famiglia*, e hoje eu estava em casa, esperando Dante, quando aquelas duas selvagens entraram e fizeram isso comigo! Me humilharam, me trataram feito lixo! Quero que algo seja feito, eu exijo uma...

Ele a cortou.

— Minha irmã me deu um breve resumo do que você fez.

Ela paralisou, franzindo a testa.

— Sua... irmã?

— Alessa Bonucci.

Ela abriu e fechou a boca, mas não conseguia falar nada.

Eu também estava surpreso com o modo como rotulou seu vínculo com ela. Eu sabia que eram próximos, mas a ponto de Lucca chamar alguém de irmão, considerar daquele jeito, era novidade para mim.

— Lucca...

— Senhor DeRossi, já que eu nunca te dei intimidade para me chamar pelo primeiro nome.

— Tudo bem... Senhor DeRossi, eu quero dizer que...

— Você vai dizer ao meu irmão o que você fez.

Ela arregalou os olhos, balançando a cabeça.

— Comece — mandou.

— Lucca? — eu chamei.

— Comece a falar — rosnou.

Ela abaixou a cabeça, chorando, e só depois de alguns minutos me encarou.

— Por favor me perdoe...

Então ela começou a falar o absurdo que havia feito semanas atrás. Enquanto ouvia cada palavra saindo de sua boca, lembrei-me de minha mãe dizendo para afastá-la de mim. Eu não dei ouvidos e agora via no que deu, perdi semanas longe da mulher que amava, sem saber que ela me amava também e estive perto de fazer algo que não teria volta. Assumi Amira diante da máfia e logo um casamento teria que acontecer. Perguntei-me o que aconteceria se tivesse feito aquilo. Casamentos na máfia não tinham data de validade, não existia divórcio, e Alessa jamais me perdoaria.

Não queria ouvir mais nada do que ela dizia, queria apenas ficar longe e nunca mais precisar olhar aquele rosto novamente.

Luigi se aproximou, levantou a cabeça dela e perguntou em um tom de voz nada amigável.

— Você disse algo à minha esposa?

— Porque não vai até ela e descobre?

Meu irmão deu alguns passos para trás, sorrindo friamente.

— Se já não tivessem acabado com você, eu me divertiria te fazendo agonizar em dor, mas vou deixar que meu irmão faça isso.

— Preciso matá-la? — perguntei a Lucca. Eu não gostava de machucar mulheres.

Mesmo depois de saber que me afastou de Alessa, que contou tantas mentiras e ainda se fez de vítima. Mas queria ir logo pra casa, segurar aquela mulher em meus braços e pedir perdão a ela.

Por ter sido tão cego e ter criado uma víbora bem diante do meu nariz, dentro da minha própria casa, por ter deixado nosso filho perto dela.

Lucca balançou a cabeça.

— Alessa a quer em um clube em Nova York.

Ao ouvir isso, Amira desandou a chorar novamente, e eu assenti.

— Bom.

Luigi riu e virou as costas.

— Como tenho certeza de que minha linda esposa teve parte nesse serviço, vou pra casa parabenizá-la.

— Luigi — Lucca chamou.

— Sim?

— Faça com que saibam o que houve aqui.

Ele esfregou uma mão na outra, sorrindo.

— Pode deixar.

Lucca me encarou.

— Eu termino.

Assenti, deixando meu irmão lidar com ela e fui para onde mais queria estar. Ainda tive um peso tirado das costas, porque assim que Luigi começasse a falar, os boatos se espalhariam e a vida de Amira seria um inferno em Nova York.



CAPÍTULO 35



*“Amar é viver a minha dor
Viva os meus sentimentos”*

Rae Morris – Grow

ALESSA BONUCCI

Mais tarde naquela noite, eu estava sentada na sala, esperando Dante. Ele havia ligado, falando que soube de tudo e estava indo para o meu apartamento, pois tínhamos que conversar. Avisou também que sua mãe amou saber que Axel ficaria para dormir com ela. Eu imaginava o quão alegre ela deveria estar.

Quando a campainha finalmente tocou, fui atender, e a recepção foi tão maravilhosa que me tirou o ar. Eu mal pisquei e já estava em seus braços, recebendo um daqueles beijos de tirar o pé do chão e pedir mais. Quando se afastou, continuou de olhos fechados.

— O que... — comecei, mas ele me cortou.

— Tinha que fazer isso antes de você me chutar ou bater na minha cara.

Eu ri.

— Porque eu faria isso?

Ele abriu um olho.

— Não está com raiva?

— De você... não.

Ele suspirou.

— *Grazzie a dio*. — E me beijou de novo.

Eu me empolguei, abraçando-o de volta e aprofundando o beijo. O calor já se arrastava pelo meu corpo. Afinal, fazia dias desde que fizemos algo, semanas... e ontem, deitada na mesma cama que ele, só contribuiu para me deixar mais desesperada.

— Ótimo, mocinha... mas vamos com calma — falou, separando a boca da minha. Eu o puxei de volta, querendo mais.

Ele sorriu e me soltou, colocando espaço entre nós e ficou atrás do sofá.

Eu franzi a testa.

— O que está fazendo?

— Por experiência própria, sei que quando você está determinada a fazer sexo eu caio. Então vamos manter essa distância.

— Dante!

— Estou zelando pelo meu bem-estar.

— E eu vou atacar você?

Ele inclinou a cabeça, cruzando os braços sobre aquele peito largo, enorme e gostoso...

— Não me olhe com essa carinha de indignada, como se nunca tivesse feito isso.

Eu sorri.

— Nunca fiz nada que você não gostou.

— Está certa, mas quero conversar.

— Não podemos conversar deitados na cama, como ontem? — perguntei, abrindo o botão do short jeans que usava.

Ele estreitou os olhos, apontando.

— Deixe a roupa no lugar, Alessa!

Eu não aguentei, rindo, e ele sorriu de volta, impossibilitado de se manter sério.

— Quanto tempo essa conversa vai levar?

— Vamos falar sobre o que aconteceu hoje.

— O que há pra dizer? Eu a mandei embora, nós vamos tentar e descobrir o que é isso entre nós dois.

Eu sorri, me aproximando.

— Eu quero chegar perto de você.

— Prometa que vai ficar vestida e não vai me agarrar.

Eu ri, chegando perto, e ele andou para trás, entrando no quarto. Eu sabia que sua recusa era apenas por medo de não conseguir resistir. Dante era homem, tinha fogo e vontades. Nenhum de nós conseguia manter as mãos longe do outro.

— Olha onde você foi entrar.

Ele apoiou os braços no batente da porta, flexionando os músculos deliciosos.

— Alessa, já disse que não vai acontecer.

Eu fiz um bico.

— Porque?

— Não... droga, não faça esse bico! Não vamos foder porque você quer coisas que não estou disposto a dar. — Ele se afastou e sentou na cama, e eu corri, me jogando em cima dele.

— Você gosta dessas coisas também.

— Não... eu fazia porque era a única forma de ter você. E porque você gosta, Alessa?

— Só gosto, querer ser fodida com força e com as verdadeiras faces da carne não é pecado.

Ele nos virou na cama, ficando em cima de mim e segurou meu pescoço, pressionando o polegar na garganta, acariciando, me deixando desejosa.

— Gosta de brincar de dominação e submissão? Só falta pedir para eu te amarrar.

Eu dei risada.

— Você já deve ter percebido que não há sequer uma veia submissa em mim.

— Ótimo, porque essa coisa não é comigo. Sei o que eu sou dentro e fora do quarto, e não preciso de rótulos para isso.

— Hum... e o que você é?

— Um macho no auge do poder, forte, másculo... — Eu o encarei querendo rir, não acreditando que estava ouvindo aquilo, e ao virar o rosto vi que sorria, amassando uma mecha do meu cabelo entre os dedos. No canto dos olhos formaram poucas linhas, mostrando que ele nunca sorria, e fitou-me sério novamente. — Sou o que você vê, cru e feito de carne e osso. Não preciso te conter com cordas quando posso segurar seus braços, pele na pele, calor abrasando

de um ao outro... Você sabe que funcionamos assim. Quero me enterrar fundo em você. Não preciso de chicotes ou vara, qualquer outra merda dessas, se posso deixar sua bunda e minha mão doloridas ao mesmo tempo, sabendo que fui eu que a deixei daquele jeito.

Eu senti o calor se espalhar no meio das minhas pernas e o empurrei, montando nele, me esfregando em seu membro.

— Dante... por favor... — sussurrei.

Ele riu baixinho, o grave de sua voz vibrando através de mim, mas ele segurou minha mão e deu um beijo nela, deitando-me novamente, apertando-me em seus braços.

— Durma, preciosa, tudo a seu tempo. E amanhã nós conversaremos.

Suspirando e sabendo que ele não mudaria de ideia nem tão cedo, deixei que me embalasse e fechei os olhos, sentindo pela primeira vez em toda a minha vida o que era ser abraçada com amor e dormir na esperança de não ter pesadelos.



ALESSA – 14 ANOS

Eu estava deitada no suporte há quase uma hora. Ele já havia derretido mais de cinco velas e espalhando a cera por todo o meu corpo, prendeu meus mamilos com os grampos, fazendo-os sangrar, pois ainda estavam sensíveis dos ferimentos do dia anterior, e agora dedicava seu tempo espetando as agulhas.

Era a pior parte.

Ele enfiava agulhas por todo o meu corpo e tirava enquanto arrancava orgasmos de mim.

Ele abaixou a cabeça, deliciado com as lágrimas que já caíam sem parar dos meus olhos. Eu sabia o que aconteceria, ele sabia o que ia tirar de mim. Separou os lábios da minha intimidade e passou a língua lá. Eu me obriguei a fingir que nada estava acontecendo, tentei levar minha cabeça a outro lugar, mas então ele introduziu os dedos e segurou minha garganta com o braço esticado. Apenas acariciando minha pele no início, depois começou a apertar.

Mesmo amarrada, eu tentei lutar. Mas já fazia dois anos que ele treinou meu corpo a responder. Dois anos, e eu tinha descanso apenas dois ou três dias da semana; nos outros, ele sempre visitava o meu quarto.

Eu não podia evitar, como iria controlar as reações do meu corpo?

Ele sugou meu clitóris, batendo sua língua incansavelmente e mexendo os dedos dentro de minha intimidade. Com o tempo, aprendeu cada vez mais sobre mim, conhecia cada parte do meu corpo melhor do que eu mesma. A mão que tirava meu ar apertou mais forte, mais e mais. Ele levantou e lentamente introduziu seu membro em mim, ao mesmo tempo em que levava um vibrador onde sua boca estava.

Anos atrás, depois da primeira vez que eu gozei, aterrorizada, pesquisei o porquê de aquilo ter acontecido. Ele me machucou até tirar sangue, e eu... gostei? Mas tudo dizia que era uma reação do meu corpo. Que era biológico, que eu não tinha culpa.

Mas como eu não tinha culpa se deixava que aquilo acontecesse?

Quando conseguiu o que queria, ele se derramou em todo o meu rosto e lambeu minhas lágrimas, rindo na minha frente.

Ele segurou novamente o vibrador no meio das minhas pernas e gargalhava enquanto forçava meu corpo àquela reação.

— Por favor... — implorei, rouca. Já nem tinha mais voz.

— Oh, não se faça de vítima. Você gozou em todo o meu pau, gatinha. Sabe que me saiu melhor do que eu pensava?

— Eu não quero isso. — Solucei. — Você me machuca...

— A dor não é um machucado. A dor te une a mim porque você quer isso, Alessa. Essa é a única forma de sentir. Você nunca vai se livrar disso, sabe porquê? Porque quando você tentar fazer sexo com seu maridinho de merda daqui a alguns anos, ele será tão normal, tão básico... que tudo que você vai pensar será em mim. Eu duvido que não peça a ele para te sufocar ou enfiar agulhas em você. Talvez até mesmo peça a ele pra transar com você enquanto dorme, já que até inconsciente você gosta.

— Eu não vou!

Ele gargalhou.

— Vai sim, gatinha, então vai correr para tudo o que te ensinei, vai gozar forte e vai me agradecer.

— Não, porque isso não é o que eu quero; é o que você quer de mim — sussurrei.

— Você acha mesmo que teria tanto prazer se não gostasse? Sabe qual o seu problema? Você usa a coroinha de princesa e se acha muito santa, mas vou te dizer, a partir do momento em que você me seduziu e me forçou a te tocar, já provouo quão impura é!

— Eu não te seduzi!

— SEDUZIU, SIM! — esbravejou. — Você tem que enfiar na sua cabeça que tudo o que faço com você é um castigo, você merece isso! Como não consegue ver que é culpada por tudo o que está acontecendo? Você me forçou a fazer isso, então toda a dor é mais do que merecida!

Ele ainda segurava aquilo em mim quando a porta abriu repentinamente. Eu nunca tinha ficado tão grata em toda a minha vida por ver Lorenzo.

— Lorenzo! Irmão, por favor, me ajude, por favor!

Lorenzo me encarou e olhou de volta para ele, atordado.

— O que está fazendo com ela?

Ele saiu de perto de mim, puxou Lorenzo pelo colarinho e o encostou na parede, fechando a porta.

— Garoto, o que você está vendo aqui... isso não é nada.

— Mas ela está chorando...

— Meninas são todas choronas, ela está feliz com o que estou fazendo.

— Ela não parece feliz.

Meu irmão me encarou, de olhos arregalados.

— Por favor... — sussurrei.

— Terei de contar ao meu pai, isso não é certo! Ficou maluco?

— Filho, diga-me, já foi iniciado, certo?

— Sim, senhor.

— Sabe que Iago Joseni tem 19 anos e já está na fila para ser o sucessor de seu pai?

Lorenzo franziu a testa.

— Do meu?

— Sim, garoto, eu o indiquei.

— Mas... mas você sabe que isso é o que eu mais quero!

Ele deu de ombros.

— Posso mudar meus planos, só depende de você.

— Como?

— Você não vai comentar com ninguém o que viu aqui, vai se fazer de cego, surdo e, conseqüentemente, mudo. — Sorriu. — E eu garanto que quando seu pai sair daquela cadeira, ela será sua. Podemos até acelerar o processo.

Os olhos do meu irmão brilharam.

— Está falando sério?

— É claro. Tenho minha honra, esqueceu?

— Certo — respondeu, depois de um momento. — Mas tem que prometer que não vai machucá-la.

Ele sorriu e estendeu a mão.

— Prometo pela minha honra.

Lorenzo me olhou uma última vez.

— Serei o próximo capo Bonucci?

Ele encarou Lorenzo e falou mais alto, chamando atenção de volta para si.

— Eu prometo a você. Talvez seja até mesmo o Chefe da *famiglia*.

Lorenzo olhou entre nós dois, fechou os olhos e assentiu.

— Não... irmão! — supliquei, mas ele inflou o peito, tentando provar ser o homem que ainda não era, sua aparência juvenil provava aquilo, e me deu as costas.

Ele deu risada assim que a porta bateu fechada e balançou a cabeça.

— Menino estúpido. Terei que cuidar dele em breve. Então, minha gatinha... onde paramos? Ah, sim... você ia gozar de novo.



DANTE DEROSI

Eu acordei com um grito e um soco direto em meu nariz. Meu corpo e mente imediatamente se colocaram em alerta e foi quando vi Alessa sentada na cama, tremendo. Eu me aproximei, tocando seu rosto, e ela me atacou.

— Fique longe. Fique longe de mim! Seu desgraçado!

Eu estava em completo choque, nunca a tinha visto daquele jeito. Mesmo quando bebia, quando estava com tesão, excitada, irritada... Nunca ficava assim. Tentei segurar suas mãos, tentei afastá-la, mas ela começou a se bater, se afastou de mim e se jogou contra a parede, chorando, os olhos fechados fortemente pressionados.

Ela segurou os cabelos, puxando os fios com força, arrancando as mechas nas mãos.

— Saia da minha cabeça, saia, saia, saia! — dizia sem parar.

Mesmo surpreso demais de lidar com o que acontecia diante dos meus olhos, eu pulei da cama, indo até ela e a segurei, impedindo que continuasse se machucando. Foi quando aconteceu. Alessa abriu os olhos, olhava na minha direção, mas não me via, ela ficou descontrolada, tentando se soltar. Batendo em mim e me arranhando. Eu a segurei contra o meu peito, cerrando os dentes ao sentir suas unhas se enfiarem nas minhas costas. Ela gritou. Tão alto e tão forte que me deu calafrios. Eu aproximei minha boca de seu ouvido e comecei a sussurrar palavras doces, tentando de qualquer forma acordá-la.

— Shi, sou eu... sou eu.

— Não... — Ela soluçou, quebrando em um choro compulsivo. — Por favor, eu não aguento mais... eu não aguento mais...

— Alessa, olhe para mim, sou eu, lembra? Eu amo você, volte pra mim — eu sussurrava, buscando seus olhos, tentando fazer com que focasse em mim.

As pernas dela dobraram, fracas, e eu a amparei, segurando-a no meu colo. Sentei-me, balançando-a devagar, como se fosse uma criança.

— Tudo bem amor, tudo bem... foi só um pesadelo.

— Não... — sussurrou. — Não é um pesadelo...

Eu segurei o rosto dela, olhando naqueles verdes intensos, perdidos e tristes.

— Olhe para mim, amor, pelo amor de Deus, Alessa, está me matando.

Ela finalmente fez, e a destruição que vi ali quase me fez chorar. Mordeu o lábio inferior, e eu observei uma lágrima escorrer pelo rosto de porcelana. Aquele bonito rosto que eu via cheio dos mais sedutores sorrisos, com felicidade cada vez que via nosso filho, com determinação quando queria algo, estava retorcido em agonia.

Há quanto tempo ela sofria e porquê?

Eu me inclinei, beijando seus lábios levemente, deixando que provasse o meu carinho, o meu amor.

— Eu te amo. Sabe qual o significado de preciosa? — Ela soluçou, e eu continuei. — Aquilo que possui grande valor ou preço, que se dá grande apreço, admirável, importante, magnífico, rico... Tantas coisas. Assim como você.

— Dante, pare...

— E quando você chora, cada pedaço do meu coração dói; quando você se machuca, me machuca junto.

Ela balançou a cabeça, tentando se afastar.

— Não sabe o que está dizendo.

— Sei. Sei, porque eu vejo. Eu vejo a mulher mais linda do mundo sofrendo e não posso fazer nada para ajudá-la.

— Mas isso não é culpa sua, Dante... você é tão bom, tão lindo e perfeito. Eu nunca vou ser boa pra você.

Eu a impedi de continuar falando, porque suas palavras de depreciação não eram em nada verdades.

— Eu não poderia querer ninguém melhor do que você.

— Não sabe o que está dizendo, as coisas que eu já fiz...

— Não importa — cortei. — Você tem os olhos puros, Alessa. Uma alma que reluz.

Ela chorou mais forte ainda, suas mãos delicadas e pequenas tremendo no meu peito.

— Não diga isso — pediu num fio de voz. — Não há nada inocente em mim.

— Você não vê, amor, mas há, sim. Nenhuma das coisas ruins que viu te corrompeu.

— Eu não sou inocente há muito tempo, Dante, há anos...

— Pare.

— Há anos...

Ela pressionou os lábios e fechou os olhos. Segurei sua nuca, deitando a cabeça em meu ombro e a puxei para mais perto. Suas lágrimas molhavam meu peito. Deitei com ela em meus braços. Se pudesse acalentar seus medos, poderia descobrir o que a fazia ficar daquele jeito.

Desejei poder livrá-la de seus pesadelos e pegar todos para mim.



No dia seguinte Alessa saiu cedo, voltando apenas ao anoitecer. Eu esperei por seu retorno pacientemente, decidido a colocar um fim naquele mistério. Eu não aguentaria ver outro daquele momento. Mais um de seus surtos e eu tomaria providencias drásticas. Ela precisava de ajuda e não importava o que ela acharia, eu a faria melhorar. Ficaria ao seu lado a cada passo do caminho.

Ela me encontrou sentado no sofá. Não pareceu surpresa, tampouco contente como eu já havia me acostumado.

Nos encaramos por minutos. Seus olhos cheios de dor e raiva incendiando os meus. Eu esperei por algum sinal de que a noite passada se repetiria, mas Alessa apenas me observou. Assisti seu peito inflar e cair com respirações profundas, seus lábios tremeram e ela mordeu a carne, parando suas próprias reações.

— Não se esconda de mim — falei baixo, sabendo que ela entenderia o que eu queria dizer.

— Você me chamou de preciosa na noite passada.

— É a verdade.

— Disse que sou pura e inocente, mas essa não é a verdade. Não desde que eu era uma criança e meu padrinho me tocou pela primeira vez.

Eu precisei de um minuto para processar o que ela havia dito, então chocado, desacreditado, corri até ela e a abracei. Levei-nos ao quarto, como na noite passada.

— O quê? — sussurrei.

Ela me beijou levemente e disse.

— Por favor, me perdoe e não esqueça que amo você.

Então virou o rosto, fitando além da janela do quarto.

— Era nosso aniversário de onze anos quando vi meu padrinho... Frank, saindo de um lugar na mansão, sozinho com Ella. Ela estava muito assustada e pedia para não ficar sozinha com ele. Eu não tinha entendido o que aconteceu e quando ele me pediu para ir com ele naquela mesma sala...

— Alessa... — Ela soluçou e lágrimas começaram a cair de seus olhos.

— Ele não fez nada naquela noite, só me pediu que o tocassem e com o tempo... eu entendi o que ele estava

fazendo. Anos depois me disse que nunca fez nada com Abriela, que só a deixou assustada fingindo que era um monstro ou algo assim para que eu acreditasse nas chantagens dele. Dizia que Anita e Abriela nunca foram o foco, que ele me queria, que me observava desde que eu tinha três anos. Ele dizia que eu o provocava desde nova e algumas vezes eu acreditei. Me perguntava se realmente tinha buscado aquele destino.

Eu fechei os olhos, não querendo acreditar naquilo. Frank *fodido* Bonucci. Um exemplo de homem dentro da *famiglia*. Honrado, amigo, engraçado e sempre estava perto para ajudar. Tinha a confiança de todos e só agora eu descobria a escória que era.

Apertei Alessa mais forte em meus braços e encostei a testa em seu ombro, ouvindo cada palavra. Deixando que ela relatasse anos de abuso, anos de dor, de sofrimento, de medo, de chantagens e violência.

— Ficou pior quando pensei que já não tinha mais como. Foi quando ele começou a inserir... dor em tudo. Não que antes não doesse, mas daquela vez era dor intencional. Humilhação, me dividia com amigos, qualquer objeto era usável e, para qualquer um, ele encontrava uma forma de me fazer sofrer. Com 13 anos eu já tinha feito sexo com tantos homens que não podia contar. Fiz com algumas mulheres também.

Uma faca estava sendo cravada profundamente no meu estômago.

— Com 14 eu tive mais uma hemorragia interna... a mais grave de todas. No começo ele pensou que eu estivesse grávida e poderia ser um aborto, me levou até uma clínica clandestina em Nápoles e o médico falou que

não, eu não estava grávida. Porém a forma como ele fazia sexo comigo era muito violenta e acabou me machucando. Meu útero foi afetado, e ele disse que eu não poderia mais ter filhos.

O peso da culpa foi esmagador e, sem perceber, lágrimas começaram a escapar do meu rosto. Minhas palavras dizendo a ela que abortasse Axel, que não queria um filho... por Deus. Ela passou um braço pelo meu pescoço e me abraçou.

— Lorenzo o acobertava. Saía conosco e ficava esperando enquanto ele me usava por horas. Com o tempo começou a se interessar e ficava observando. Quando não era Frank me ameaçando, era ele. Eu morria de medo de que meu próprio irmão me tocasse daquela forma, como aguentaria? Eu me culpava cada vez que acontecia, cada vez que meu corpo maldito reagia a ele...

— Não diga isso — rosnei. — Nunca foi sua culpa.

— Era minha culpa se eu gozava, Dante, se eu ainda busco por isso. Uma vez ele me disse que eu nunca me livraria, que mesmo se um dia não me tocasse mais, eu iria atrás daquilo que ele me ensinou a gostar.

— São reações do corpo, você foi condicionada. Ele abusou de você. Te estuprou.

— Então porque é que eu ainda quero sentir a dor? Porque eu preciso dela para ter prazer? Houve um tempo que eu o desejei. Quando Lucca o matou, eu sofria querendo seus toques e o que ele me fazia sentir. Era como se eu estivesse doente. Em abstinência. Foi quando comecei a procurar outras pessoas para substituir Frank. Eu podia gozar por horas, ter inteiras sessões de prazer e quando acabava eu me sentia da mesma forma.

— Como?

Forcei a pergunta para fora. Ouvir Alessa falar de seu lado mais sombrio quebrava meu coração. Eu só conseguia pensar na garotinha inocente que foi forçada a se tornar aquela mulher traumatizada.

— Querendo mais.

Eu fitei seus olhos, os meus embaçados pelas lágrimas, sabendo naquele momento o que era morrer de amor, porque eu morreria por ela. Eu mataria por ela, eu andaria através do fogo... tudo por ela. Entendi ali o que era aperto no peito, porque queria desesperadamente tirar aquela tristeza do olhar dela, queria provar que ainda era pura, inocente e tão linda como tudo o que eu descrevi... preciosa.

— Você não quer isso. Você só está acostumada a buscar pelo que conheceu, porque não sabe o que é ser amada.

Ela arregalou os olhos, arfando, e a emoção refletida em seu rosto me impediu de ficar longe mais um segundo sequer. Eu a coloquei de lado e me levantei, tirando minha roupa e fiz o mesmo com a dela.

Deitei-a, nua, e encostei minha testa na sua, antes de beijar cada pedaço de seu rosto.

— Vou ensinar a você o que é ser amada, e cada resquício de dor vai ser esquecido. Porque você vai conhecer algo além disso, além do prazer e da luxúria.

Desci por seu corpo, beijando cada parte, nenhuma linha da pele livre dos meus beijos.

— E se quando acabar, ainda achar que merece sofrer, eu estarei aqui para te amar de novo. Nós temos a vida

toda.

Ela chorou baixinho, sentando-se e me puxou pelos ombros, me beijando com fome, com delicadeza e com paixão.

— Eu amo você — sussurrei.

Pretendia repetir aquilo até que fosse cravado em sua memória. Até que ela conseguisse ouvir as palavras sem que eu precisasse dizê-las.

Eu a amei com a minha boca, com minhas mãos e, por fim, como um homem ama uma mulher. Ela abriu os lábios num grito silencioso quando me sentiu por inteiro dentro de si, me encarou com olhos angustiados, querendo pedir o que estava acostumada a ter, mas antes que se lembrasse daquilo, eu a beijei novamente.

Beijei cada lugar que alcançava, ainda dentro dela. Lento, devagar, delicado. Mostrando a ela que poderíamos, sim, fazer sexo bruto e com força, mas, naquele momento, com ela exalando fragilidade, tudo o que teríamos seria amor. As horas passavam, as estrelas brilhavam no céu e os únicos barulhos ouvidos eram nossos gemidos, nossa respiração e os incontáveis “eu te amo” que eu disse a ela.

Eu não me importaria de ser chamado de tolo, de bobo ou de fraco, derramei meu coração, desnudei minha alma e continuaria fazendo aquilo dia após dia, até que da escuridão ela encontrasse o caminho de volta. Se fosse preciso entrar no buraco para estender a mão a ela e tirá-la de lá, eu faria. No fim, seríamos eu e ela, juntos.

Tão quebrados quanto alguém poderia ser. Eu dei a ela a única parte do meu coração que ainda restava e peguei os cacos do seu, colando-os juntos, como um só.



CAPÍTULO 36



*“Não pare de me amar, não me abandone
Não pare por nada, você é o que eu sangro
Aprendi a te amar da maneira que você precisa
Pois eu sei o que é dor
E percebi que pertenco a você
Porque sentimos a escuridão...”*

The Weeknd – Nothing without you

DANTE DEROSI

Depois do que aconteceu na casa de Alessa, eu passei os dois dias seguintes a enchendo de amor, carinho e dediquei meu tempo completo a ela. Nosso filho era parte fundamental no processo, e mesmo que ele não entendesse nada da situação, estava me ajudando a mostrar como era amada e querida por nós.

Ela não falou mais sobre aquilo, e eu não perguntei. Entendia que depois de ter se aberto pela primeira vez depois de tantos anos, precisava de um tempo para processar tudo e aos poucos ir tentando passar por cima.

Mas agora eu a entendia um pouco melhor. Entendia sua compulsão por sentir dor além do que precisava, sua necessidade de fazer sexo da forma mais violenta, suas palavras maldosas e as máscaras que vestia para se proteger. Não foi só porque ela me contou sua história que milagrosamente tudo mudou, na noite anterior por exemplo, mesmo com Axel no quarto ao lado, ela acordou e tentou fazer sexo novamente, e quando fui carinhoso, recebi um belo tapa no rosto. O qual me deixou um aranhão enorme e muito visível.

Então ela chorou e me pediu perdão. Eu não podia fazer nada além de mostrar que ficaria ao seu lado. Mostrar que eu ia perdoar, crer, esperar e tolerar.

Ela levaria muito tempo, até anos, quem sabe, para começar a entender que as coisas eram diferentes agora. Que estava liberta do controle opressivo do homem que a usou em sua infância. Mas eu estava mais do que disposto a ajudá-la. Eu, ela e nosso filho.

Estacionei meu carro na propriedade do meu irmão mais velho no dia seguinte e toquei a campainha. Assim que Goretti abriu a porta minutos depois, logo do foyer eu consegui ouvir risos vindos de dentro da casa.

Quando entrei na sala, meu temido irmão estava deitado no chão, com seu filho subindo em cima dele. Minha jovem cunhada estava deitada do lado deles, com a cabeça apoiada no braço e um sorriso brilhante no rosto.

Meu irmão também sorria.

Eu me lembro de haver momentos em que eu não pensava que a possibilidade de vê-lo sorrir de novo existia. Felizmente o destino foi bonito com ele quando Abriela abriu mão dos próprios sonhos para devolver a vida a

Lucca. Aqueles momentos, quando estavam só ele e sua pequena família, eram os únicos nos quais baixava a guarda.

Em sua posição, amor, sonhos, planos e sentimentos eram um risco. Por isso, aquela felicidade era muito bem guardada entre as paredes de sua casa. Eu era mais do que privilegiado de poder presenciar. Se alguém o visse ali daquele jeito, até duvidaria que ele era o primeiro no comando da organização criminosa mais poderosa do mundo.

Assim que eu pisei no cômodo, ele percebeu minha presença sem nem mesmo olhar na minha direção. Porque é claro que nada escapava dele.

— Eu espero que seja importante.

Quase sorri, sabia que ele diria exatamente aquilo.

— Não vou tomar muito do seu tempo. — Movi meus olhos para a minha cunhada, que agora pegava o bebê e se levantava, vindo em minha direção. — Olá, Abriela.

Ela sorriu.

— Como você está, Dante? — Franziu a testa. — É alguma coisa com Alessa ou o bebê?

— Não. Eles estão bem. Apenas tenho algo pendente com seu marido, prometo devolvê-lo rápido. — Anthony me olhou com seus grandes e brilhantes olhos azuis, idênticos aos do pai, aos meus e de Luigi também, e sorriu.

— Tio! Trouxe um presente? — Olhou atrás de mim. — Cadê o Ax?

Anthony sempre me arrancava um sorriso discreto. Eu toquei na mão que estendeu, e ele sorriu para mim. Eu

imaginava como seria quando Axel estivesse daquele tamanho, andando, correndo e falando sem parar.

Abriela apertou a bochecha dele.

— Ursinho, não cobre presentes das pessoas.

Ele levantou as mãos.

— Não é uma pessoa, *mamma*, é o tio!

Lucca sorriu.

— Lucca, não incentive. Você ri porque não será você que ficará constrangido quando ele sair cobrando presentes por aí afora — resmungou.

— Ele está certo. É meu filho, precisam agradá-lo. Se for com presentes, melhor ainda.

Eu me sentia um intruso ali, vendo como meu irmão puxava sua esposa para um beijo, antes de beijar a testa do seu filho.

Então finalmente eu tinha sua atenção.

— No meu escritório.

E lá estava o chefe. Frio, distante, bruto e calculista. Outra pessoa. Não que eu me importasse de lidar com ele daquela forma, afinal, tinha feito isso por toda nossa vida.

Afundando na cadeira de frente para a mesa dele, meus olhos foram direto para uma fotografia nossa de quando éramos crianças. A mesma que eu tinha mostrado a Abriela muito tempo atrás. Eu não duvidava que ela era a pessoa por trás daquilo estar ali. Ao lado, tinha uma de Antony segurando Axel sentado, com Rafaela e Helena juntos. Os quatro sorriam.

Desviando os olhos para meu irmão, resolvi ir direto ao ponto, até porque nenhum de nós gostava de enrolação.

— Alessa me contou sobre os estupros.

O rosto do meu irmão se endureceu, e ele assentiu.

— Bom.

— Você pretendia me contar?

— Você tem a minha lealdade, irmão, mas é a história dela. E eu sabia que eventualmente, acabaria contando.

Eu concordei.

— Não estou aqui para te passar um sermão por isso. Vim agradecer. Queria que os dois estivessem vivos para que eu mesmo cuidasse deles.

Lucca franziu a testa.

— Dois?

— Frank e Lorenzo.

Seu olhar se tornou sombrio.

— O quê?

Eu me recostei na cadeira.

— Lorenzo sabia e acobertou. Teve uma época em que começou a observar e ameaçá-la também, mas nunca passou disso.

— Merda. Porque ela não me disse?

Eu dei de ombros.

— Pelo menos nós o torturamos antes de matá-lo. Não por esse motivo, mas ele sofreu, ainda assim.

— Só de pensar que se eu não tivesse sido paranoico também não saberia nem de Frank. Vai saber o que teria acontecido com ela.

— O que quer dizer? Como descobriu? — Juntei as sobrancelhas.

— Frank Bonucci era um canalha sujo, mas escondia isso muito bem. Você sabe como todos o viam como um bom homem. Mas um dia, em uma festa, eu tive certeza de que o vi apertando a bunda de Alessa. — Eu fechei os olhos, tentando não gravar aquelas imagens na minha mente. — Irmão, se isso te perturba eu não vou continuar.

Eu neguei. Queria saber exatamente como aconteceu.

— Continue. Como você teve a confirmação?

— Sem contar a forma como ela ficava obviamente aterrorizada quando ele estava perto, eu mandei um dos soldados que mexia com tecnologia acessar o computador da casa dele. — Lucca hesitou, sua própria raiva se fazendo presente. — Eu não conhecia todas as crianças que estavam nas fotos e nos vídeos, mas ela estava, Dante. Nunca senti tanto ódio na minha vida.

Eu me levantei e fui até a janela.

— Ele deveria ter sofrido mais. Você o matou muito rápido.

Ouvi a cadeira se arrastar, e então meu irmão estava a alguns passos atrás de mim, sorrindo irônico.

— Eu fiz um corte superficial na garganta dele. Juliano entrou e o levou para fora, fazendo um curativo até que eu chegasse.

Eu o encarei.

— Fodido inteligente.

— Torturei-o por 6 dias, só parei porque ele morreu, eventualmente. Na reunião, deixei claro que era uma punição por pedofilia e estupro. Queria que todos o vissem morrendo pra que aquilo não se repetisse mais. Procurei Alessa no dia seguinte, antes de começar a tortura, e ela

chorava, meu irmão. Me deu um abraço tão forte que surpreendeu até a mim mesmo.

— Ela era muito jovem, Lucca.

Ele concordou.

— Muito. Cada lágrima dela, cada lágrima de felicidade, me deixava mais motivado e inspirado. Quando fui até ele foi uma festa.

— 6 dias de festa e ainda assim foi pouco.

— Sim. Eu queria ter mais.

Nós ficamos em silêncio por algum tempo. Minha cabeça estava um turbilhão. Eventualmente, senti a mão de Lucca apertando meu ombro. Era sua forma de mostrar apoio.

— Esta tudo bem, irmão, vá para casa. Para sua mulher.

Eu assenti. Surpreso por Lucca ter dito algo como aquilo. Mas sabia que ele estava certo. E pretendia fazer exatamente aquilo.

— Lucca... obrigado.

Ele me olhou, assentindo, piscando para longe de mim, mas eu podia ver seus olhos brilhando.

— Não fique todo sentimental, porra. — Eu sorri, e ele arregalou os olhos. — Santa Alessa, ele está sorrindo.

— Você também anda sorrindo muito, meu irmão.

— Magia Bonucci.

Eu concordei.

— Magia Bonucci.

Eu virei as costas para sair, mas ele me chamou.

— Case-se com ela logo.

Eu levantei uma sobrancelha pra ele.

— Está se sentindo matrimonial, irmão?

— Não, irmão. Mas se quer dormir na casa dela, vai torná-la sua esposa. Ou você acha que eu cuidei daquela mulher por anos para vir algum safado e se aproveitar agora?

Eu sorri, estendendo a mão ao meu irmão, entendendo que aquela era sua forma de dar apoio. E quando ele a apertou de volta, eu saí, me despedindo de minha cunhada e sobrinho, e voltei para casa. Para o único lugar onde queria estar.



CAPÍTULO 37



*“Te amo da forma que você precisa do amor
Milhas de altura, nas profundezas
Onde você está, eu estarei em qualquer lugar”*

Zella Day – Compass

ALESSA BONUCCI

Eu pensava que nunca diria aquilo a ninguém, mas fiz, e falei logo pra pessoa menos improvável possível. No dia seguinte, quando acordei nos braços dele e me lembrei de que contei tudo, fiquei imediatamente travada, não podia acreditar. O medo de que ele fosse me rejeitar, de que ficasse comigo por pena, de que se sentisse mais culpado ainda me dominou. A vergonha de saber que agora ele olharia para mim e saberia tudo pelo que passei era grande. Grande demais para suportar.

Por isso, tentando me mover o mínimo, tentei levantar-me da cama, mas mal me movi e ele estava me puxando novamente, fazendo amor comigo.

Eu vivia em picos de raiva, angustia, necessidade e alegria. Mas toda vez que parecia ser demais, eles estavam lá. Dante e Axel.

Dante, me mostrando, com seu enorme coração de ouro, que estaria do meu lado para ajudar-me em tudo, e nosso filho, que só com um sorriso e seus abraços inocentes me devolviam toda a alegria. Eles dois me faziam querer continuar, mas continuar de uma forma diferente.

Sabia que procurar ajuda de algum profissional ou falar sobre aquilo com alguém além dele estava fora de cogitação, mas queria tentar superar. Tantas pessoas conseguiam, porque eu não podia também?

Nós estávamos na cozinha de casa, tínhamos acabado de jantar e eu dava a comida de Ax. Aquela rotina aos poucos foi se tornando normal. Dante chegava e ia direto ficar conosco, me levava flores, chocolates, brinquedos a Ax, era perfeito. Eu sentia felicidade e amor de uma forma que nunca senti antes.

Sabia que minhas irmãs me amavam, mas era diferente. Estar ali com ele, sabendo que mesmo depois de tudo o que sabia, ainda me via com os mesmos olhos, ainda me amava sem me julgar, me dava todos os tipos de esperança de que eu precisava. Fazia-me ter fé na mudança. Fé em mim.

— Porque está me olhando assim? — ele perguntou. Nem me dei conta de que o estava secando.

— Admirando.

— Sabe que eu estava fazendo o mesmo?

Eu sorri.

— Porque não esperamos Ax dormir e nos admiramos mais de perto?

Ele me deu um estalar de línguas.

— Você não tem controle.

— Tenho até demais. A prova disso é que estou frente a frente com você e ainda não pulei no seu pescoço. No bom sentido.

— Virar mãe não deveria deixar as mulheres mais... recatadas, ou algo assim?

Eu sorri, deliciada.

— Dante, eu sou muitas coisas, mas recatada não é uma delas.

— Eu percebi de longe.

Inclinei a cabeça, dando outra colherada da fruta amassada a Ax.

— Sou uma mulher adulta, dona de mim, que sabe o que quer e pego o que quero. Eu quis você e o tive. Já, já vou ter de novo.

Ele levantou uma sobrancelha, escondendo um sorriso.

— Simples assim?

— Ninguém te avisou que satisfazer a mãe do seu filho fazia parte do pacote de ser pai?

Daquela vez ele riu, e nós continuamos conversando. Para quem, no início, não gostava de falar, ele era um ótimo conversador.

Uma coisa que eu aprendia cada dia mais com Dante era que sua personalidade real, o homem por trás de todo o passado sombrio, era um perfeito cavalheiro. Um homem gentil, carinhoso, apaixonado, dedicado, que me fazia dar

boas risadas e não se importava nem um pouco de falar o que sentia.

Naquela noite, quando me contou tudo, foi como se tivesse se livrado de um escudo e me deixado alcançar o mais íntimo de si. Ele se entregava à nossa relação de corpo e alma, completamente aberto. Eu sabia que seria reservado diante de outras pessoas e que demonstrações de afeto eram estritamente privadas, mas, ainda assim, saber que todos os dias estaria de volta para mim, fazia meu coração pular sem controle.

Nós terminamos de alimentar Axel, e ele se ofereceu para fazer nosso filho dormir enquanto eu tomava um banho. Eu imaginava que não iria demorar já que havia brincado o dia todo e com seu crescimento, a rotina de sono se estabelecia.

Permiti-me relaxar debaixo d'água, pensando e me dando conta de como estava feliz. Tomei meu tempo lavando o cabelo, o que era uma tarefa demorada e passei um óleo de banho perfumado pelo corpo. Sabia muito bem o que me esperava atrás daquela porta.

Quando terminei, passei a toalha pelo corpo bem devagar e me enrolei na mesma, já saindo do quarto. A visão que me recebeu foi nada menos do que perfeita.

Eu provavelmente nunca me acostumaria com a beleza daquele homem. Principalmente quando ele estava ali, encostado na parede, os braços fortes cruzados contra o peito duro e largo, pernas que eu sabia o quão fortes eram, mesmo completamente coberto pelo terno caro, escuro. Ele parecia um anjo.

Diabolicamente belo.

Eu deixei a toalha cair no chão, sem nenhuma vergonha do meu corpo. Mesmo que soubesse que era magra e a única coisa volumosa ali eram meus seios. Diferente do corpo da minha gêmea, que era preenchido em todos os lugares, o que a deixava tão incrível. Eu tinha braços finos, pernas finas e nada daquele quadril largo que ela tinha. Tinha um corpo bonito, admitia, mas poderia ser melhor.

Infelizmente, anos abusando de remédios deixavam suas consequências, e não importava o quanto eu comia, nunca ganhava peso. Um pouco depois de ter Axel, fui no médico tentar entender porque não encorpei, ele já ia passando uma lista de vitaminas quando eu lhe dei uma receita, mostrando todos os remédios que tomava.

De início, ele achou absurdo. E realmente era. Só eu sabia como era difícil fazer o médico da *famiglia* prescrever aquilo tudo.

Dante me distraiu dos pensamentos ao dar um passo à frente. Seus olhos passando lentamente por cada parte do meu corpo, e os olhos brilharam de desejo. Ele ainda me achava bonita, mesmo enquanto eu pensava tão pouco de mim.

Ele tirou a roupa lentamente enquanto eu me aproximava e subia na cama. Primeiro o terno, depois os sapatos e começou a abrir os botões da camisa. Eu já ansiava por lambar cada centímetro daquele peito musculoso. A luz estava acesa, e nós nunca tínhamos ficado nus na frente um do outro no claro, eu queimava de ansiedade e...

Foi quando eu vi. Assim que sua camisa estava no chão, pude ver. Meu coração deu um salto, olhos marejando e o desespero tomando conta de mim.

— O que é isso? — Eu ofeguei. — Oh, meu Deus, Dante...

Ele segurou meu rosto, fazendo-me encarar seus olhos.

— Esqueça.

Aproximou-se para me beijar, mas eu desviei.

— Não! Essa marca... porque... porque tem ela?

Ele suspirou.

— Deixa pra lá.

Eu olhava a marca em seu coração, completamente atônita. Como poderia simplesmente fingir que não vi, que não estava lá? Já tinha visto aquela marca antes, os traidores da *famiglia* a tinham, mas porque Dante a carregava?

Eu balancei a cabeça.

— Como vou deixar isso de lado, ficou maluco?

— É só uma marca, preciosa. A marca do que eu quase perdi. Cada vez que olho para ela me lembro de quão perto estive de perder minha família. De como te machuquei.

— Dante! — lamentei por suas palavras. Não queria que ele vivesse olhando aquilo e se afligindo por algo que estava no passado.

— Alessa, do que adianta ficar pensando nisso agora?

— Lucca não deveria ter feito isso.

— Ele fez, porque eu o trai. Sabia que de alguma forma você era importante para ele e fiz com que você fosse embora. Tem noção de como teria ficado se algo acontecesse a você? Como todos ficariam?

— Mas não aconteceu e...

— Mas poderia. O mínimo que posso fazer é levar essa marca.

Eu levantei a mão, passando-a delicadamente por cima do “T” enrugado em seu peito. A cicatriz bem em cima do coração.

— Então vamos fazer o seguinte, a partir de hoje essa marca...

— Não existe. Ela não existe há muito tempo para mim.

— Não, Dante... ela será uma lembrança do homem que você era. Do que você guarda aí dentro, e essa cicatriz vai nos ajudar a nunca trazê-lo de volta. Eu amo meu Dante bobo apaixonado.

Ele sorriu, encostando a testa na minha.

— Não gostava do ogro?

— O picolé de mel — sussurrei.

Ele arregalou os olhos, cheio de confusão.

— Picolé de mel?

Eu dei risada, mal acreditando que tinha dito em voz alta.

— Esquece... senhor gelado.

Ele me olhou por alguns minutos, seu semblante livre de sorrisos. Seu olhar era firme, compenetrado. Apenas a respiração irregular e ainda assim bem contida denunciando quão afetado estava. A mão direita subiu, segurando meu cabelo bem no couro e a esquerda desceu, passando levemente pela minha pele, até parar onde eu me encontrava já quente por ele.

A janela estava aberta e uma brisa gelada passou por nós, fazendo cada pelo do meu corpo se arrepiar, juntamente com seu toque.

Eu me inclinei, mordendo levemente seu lábio e me joguei de costas na cama.

— Você vai fazer amor comigo?

Ele cobriu meu corpo com o seu e abaixou a cabeça, deixando sua respiração quente bater no meu pescoço e mordeu fraco, subindo até minha orelha.

— Não. Hoje nós vamos foder, mas vai ser com amor.

Eu ri, parando subitamente com um arfar quando senti seus dedos acariciarem minha intimidade molhada.

— Dante...

Os dedos escorregaram, entrando em mim sem nenhuma dificuldade. Ele começou a mover num vai e vem gostoso, apertando o punho, fazendo apenas uma pressão gostosa no meu couro cabeludo.

— Não vou te machucar, nem morder, nem beliscar e muito menos enforçar você.

— Nem com mordidinhas de amor? — sussurrei.

Ele riu baixinho, rouco, os lábios molhados deixando um rastro pelo pescoço e os dedos, me tirando o juízo.

— Mordidinhas de amor pode.

Eu abri as pernas, envolvendo-as em sua cintura e o apertei com força.

— Seu pilantra safado...

Ele rosnou.

— Fico louco quando me chama assim.

E me beijou. Era um beijo cheio de paixão, de desespero, nada calmo como das últimas vezes que tínhamos nos tocado.

Ele tinha prometido nunca mais me machucar, nem se eu pedisse, mas diferente de como havia me... acostumado, seus toques não eram leves e cuidadosos. Havia certo fogo ali, como se ele também estivesse querendo mais. Como se finalmente estava pronto para me mostrar como se fazia sexo bruto, mas sem violência. Aquele que os casais faziam quando estavam querendo mais um do outro, quando a delicadeza e a lentidão não era apropriada para suprir o desejo.

Eu descii minha mão, ainda dando toda atenção à sua língua voraz e toquei seu membro grosso, grande... delicioso. Ele gemeu, aprofundando ainda mais o beijo, seus dedos incessantes dentro de mim. Eu me senti encharcar e uma gota vazou do membro dele. No mesmo momento, separei nossos lábios, sem conseguir respirar, e levantei o quadril, passando sua ponta pela minha abertura.

Quando o coloquei na direção certa, ele me deu um último olhar, beijando-me delicadamente uma última vez antes de num único impulso, nos unir em um só.

Eu abri a boca, fechando os olhos e me deixei admirar como era perfeito tê-lo dentro de mim. Mas a paz foi embora antes mesmo de ficar um pouco, e a afobação começou. Ele levou a mão desocupada ao meu seio e apertou, antes de enfiar a língua em minha boca mais uma vez.

O desejo nos pegou por completo, enquanto ele batia com força dentro de mim, me deixando sentir cada parte dele, me fazendo lembrar de como era tê-lo com tamanha fome.

Ele acertava cada movimento no ponto certo, calor espalhava, corpo suave, perdidos completamente no prazer.

Foi bruto, carnal, cheio de desejo, paixão e força. Mas não foi violento e não foi pela dor.

— Eu te amo — ele sussurrou no meu ouvido ao se derramar dentro de mim logo depois de eu ter me desfeito em volta dele, me lembrando das palavras que eu tanto adorava ouvir e ele amava dizer.

— Sempre.



CAPÍTULO 38



“Esse foi o começo do fim...”

Anthony Casso, integrante da Cosa Nostra italiana

ALESSA BONUCCI

Eu acordei com um gemido, um calor se arrastando pelo meu corpo e assim que abri os olhos, Dante tirou a cabeça do meio das minhas pernas e se ajoelhou na cama, se empurrando para dentro de mim. Eu o recebi com alívio, maravilhada.

— Bom dia.

Eu sorri, bêbada de prazer.

— Ótimo dia — gritei quando estocou com força, e ele riu. Fazendo aquilo uma e outra vez.

Ali eu decidi que melhor do que tomar café da manhã era acordar sendo o café de Dante DeRossi.



Como tomei banho primeiro que ele, quando saiu do quarto ajeitando a gravata no terno preto e me viu de vestido e salto, com Axel também arrumado, Dante franziu o cenho.

— Aonde vai?

— Tenho que ir à associação.

Ele levantou uma sobrancelha, me fazendo lembrar que ele provavelmente não sabia daquilo.

— Alguns anos atrás, enquanto ainda estudava na faculdade, Lucca queria que eu fizesse terapia, conversasse com alguém, mas como eu era irredutível em falar sobre aquilo com qualquer pessoa, pedi a ele que me deixasse ir a algum lugar onde eu pudesse ouvir sem ter que falar. Ele ficou com medo de me expor, já que, além da *famiglia*, eu ainda tenho contratos com algumas marcas famosas, então qualquer pessoa poderia me reconhecer e criar caso com isso. Tentar chantagear ou abrir a boca.

Ele se sentou, pegando Axel do meu colo e me escutando atentamente.

— Então encontrou para mim duas pessoas que trabalhavam com serviço social, faziam reuniões com crianças de rua, aconselhando e participando como podiam. Gardenia e Phil. Eu comecei a participar e quando vi, já tínhamos projetos e planos que não acabavam mais. Eu tinha dinheiro, e eles, os diplomas. No início, Lucca me deixou usar um espaço da máfia, mas depois me deu um outro lugar. Nós reformamos e fizemos uma espécie de associação.

Dante abriu a boca, e Axel enfiou a mão, mexendo nos dentes do pai com os dedinhos. Eu sorri vendo que ele

nem se importava.

— Vou com você — falou, embolado.

Eu sorri com a cena.

— Não tem que ir a uma reunião?

— Como sabe disso? — Eu levantei uma sobrancelha, e ele bufou. — Lucca.

— Abriela, na verdade. Ela me chamou para fazer compras enquanto vocês estão ocupados com essa coisa toda de homens da máfia e tudo o mais.

— Coisa de homem da máfia, hein?

Eu me sentei, tomando meu café, e sorri.

— É muito sexy.

Ele riu.

— Não vou entrar em assuntos picantes com você, porque o garotão aqui está acordado.

Desci meus olhos até sua calça, um sorriso nos lábios.

— Qual dos garotões?

Balançando a cabeça, ele amassou a banana de Axel.

— Você não tem jeito.

— Mas, falando sério, não precisa ir?

— Será mais tarde, dá tempo de acompanhá-la. E já que tocou no assunto, há algo que estou curioso.

— O quê?

— Como foi que fez faculdade e ninguém nunca desconfiou?

— Eu estudava de noite, nós cogitamos o ensino a distância, mas preferi estar lá presente. Minhas irmãs estranhavam as horas que passava fora, sempre implicando por eu ficar ausente, mas quando peguei o

diploma, contei a elas. Foi uma surpresa, mas ficaram felizes.

— Lucca nunca comentou.

— Eu nem sei porque fiz, na verdade. Depois de tudo o que aconteceu, eu queria dar um jeito de ter poder sobre mim mesma, entende? Naquela época, Lucca teria feito qualquer coisa que eu pedisse, e Direito me pareceu ser uma boa escolha.

— Advogada, hein?

Eu revirei os olhos.

— Foi bom para que eu me instrísse, entendesse melhor as leis e muitas vezes consegui ajudar Lucca, mas não tenho paixão pela profissão.

— E por organizar eventos?

— É uma chatice, mas quando vejo tudo pronto e as pessoas babando em cima, me sinto bem.

— Estrelinha.

Eu sorri.

— Eu tenho meu rosto estampado em revistas por aí afora meu bem, como não seria?

Ele franziu a testa.

— Não gosto disso.

— Do quê?

— De que todos vejam o que é meu.

Eu dei risada, mas seu rosto continuava sério.

— Você está brincando.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Pareço estar?

— *Va bene*, Dante... vamos deixar algo claro. Você é o pai do meu filho, o homem que eu amo, mas não manda em mim.

— Eu não disse que mando.

— Mas sua cara mostra seu descontentamento com isso.

Ele continuou alimentando Axel e suspirou.

— Não fico feliz vendo tanta gente olhando pra você, só isso.

— Vai aprender a conviver.

Ele me fitou.

— Sabe que se expõe fazendo isso? Daqui a pouco vai me dizer que vai posar nua.

— Já recebi convites — respondi.

Ele arregalou os olhos.

— Alessa!

— Eu disse não.

— Pelo amor de Deus! Muito bem, sensata você. Já imaginou todos vendo...?

— Mas disse sim a lingerie.

Sua expressão foi cômica. Até Axel riu.

Eu dei risada, inclinando-me e, segurando seu queixo, beijei seus lábios levemente.

— Estou brincando.

Ele suspirou aliviado, e nós continuamos comendo, nos preparando para mais um dia.

Mais um dia onde ele planejaria assassinatos, controlaria ações criminosas e brincaria de senhor do mundo. E eu... Bem, eu faria compras com minha irmã.

Meia hora depois, estávamos no carro, já a caminho da associação. Eu não avisei ninguém que estava indo, pois queria fazer uma surpresa. Fazia tanto tempo que não aparecia... Além da saudade enorme, ainda precisava ser grata por terem me perdoado. Saí deixando-os na mão e mesmo que Anita tivesse assumido tudo com muito gosto, eu me sentia negligente. Aquele lugar era algo pelo qual antigamente eu vivia, fazia parte dos meus dias e tudo girava em torno das crianças de lá.

Eles ajudaram tanto... mesmo que não tivesse superado meus problemas e ainda fosse assombrada pelo passado, quando ouvia suas histórias, as minhas próprias sumiam e todo o meu foco era sobre cada um deles.

— Me fale sobre essa associação — Dante pediu enquanto dirigia.

Expliquei parte por parte como fazíamos as coisas. Fomos o caminho todo com ele tirando dúvidas, conhecendo como funcionava, as idades das crianças, o tipo de histórias que ouvíamos. Quando falei sobre a forma como lidávamos com os abusadores e malfeitores das crianças, Dante apertou o volante e rosnou.

— Agora sei de onde Lucca tirava tanta gente para torturar.

— Ele nunca me falou como funcionava essa parte.

Ele olhou Axel pelo retrovisor, que mordia um brinquedo de borracha, seus grandes olhos brilhantes concentrados no objeto brilhante.

— Às vezes ele levava algumas pessoas, a maioria homens, e mandava que os soldados torturassem e matassem depois. Grande parte das vezes que isso

aconteceu, ele dizia que era porque estava entediado e queria fazer alguém sofrer.

— Meu Deus...

— Se os soldados soubessem que estavam torturando gente tão podre assim, teriam sido muito cruéis. Vou cuidar dessa parte junto com meu irmão. Vou adorar dar o inferno a cada um desses lixos.

Eu o encarei, temerosa.

— Sei que muitas pessoas veriam o que fazemos como errado, diriam que deveríamos entregá-los à polícia, mas...

— Alessa — ele me cortou, segurando minha mão e dando-lhe um beijo. — Não se explique. Não há justiça para tais crimes, se forem cometidos contra crianças então... que nem sabem o que está acontecendo, piorou.

Eu o amei mais ainda ali. Ergui sua mão, devolvendo o beijo, e virei-me para frente, olhando a estrada. Todo o resto do caminho foi feito em silêncio, só Axel resmungando de fundo.

Quando estacionamos na frente do local, ele parou, encarou a fachada por alguns minutos, e eu fui pegar Axel no banco de trás.

— O que foi?

— Lucca foi iniciado aqui.

— Sério? Ele nunca me disse.

— Ele não diz a ninguém.

— Como você sabe?

Dante suspirou, colocando um braço no meu ombro e acenando para Boni, que estacionava atrás de nós.

— Vamos entrar.

— Dante, como soube?

— Quando um garoto perde seu irmão mais velho, ele vai atrás de descobrir o que aconteceu.

— Você não perdeu Lucca. — Acaricie seu rosto.

— Naquela época, achei que tinha perdido.

Eu beijei seu peito, porque não havia nada que pudesse dizer, e aqueles assuntos não podiam ser discutidos. Ele empurrou a porta para abri-la e entramos, sendo imediatamente envolvidos pelas cores vivas de dentro e pelo silêncio completo.

Eu levei algum tempo olhando cada canto, vendo que, fora alguns enfeites novos, quase nada havia mudado. Estava com tanta saudade de tudo ali! Das crianças, de ser livre do passado, dos meus amigos.

De repente, ouvi uma risada, e Gardenia surgiu, sendo abraçada por Phil. Eles levaram apenas alguns segundos para nos notar, pois estavam entretidos demais entre si. Gar foi a primeira a me ver. Ela arregalou os olhos, que imediatamente lacrimejaram, e cobriu a boca. Phil estava tão surpreso quanto. Olhou o homem atrás de mim e o bebê, e um sorriso surgiu nos lábios dele.

Eu imaginava que deveria ser chocante. Quando fui embora, era uma mulher fria, sem relações estreitas e que não demonstrava muita coisa. Agora, voltava mãe e acompanhada de um cara como Dante, que para quem não conhecia seu lado mole, ele parecia enorme e intimidador. Sua aparência fazia jus a reputação.

Gar deu dois passos à frente, então parou, cerrando os olhos.

— Alessa?

Eu sorri, discreta.

— Quem mais seria?

— Anita. Ela adora fazer brincadeiras de mau gosto.

Eu me virei para Dante, entregando-lhe Axel e me aproximei lentamente dela. Quando envolvi meus braços em seu corpo ela paralisou. Mas tão rápido quanto o choque passou, retribuiu o abraço.

— *Santo Dio*... — sussurrou.

— Senti sua falta, Gar. — Olhei Phil por cima do ombro dela. — De vocês dois.

Ele piscou, sorridente como eu me lembrava, e me deu um aperto no ombro.

Quando nos soltamos, chamei Dante e os apresentei.

— Este é Dante DeRossi.

Ao ouvir o sobrenome os dois ficaram tensos, o sorriso de Phil vacilou no rosto e eu me condenei. DeRossi não era um segredo, todo mundo sabia quem eles eram. Quem *nós* éramos.

Quando os dois me conheceram, fazê-los perder a insegurança perto de mim levou tempo, e mesmo que nunca tivéssemos falado do assunto, sabiam quem eu era.

— Tudo bem, gente. E este é o nosso filho, Axel.

Phil foi o primeiro a respirar fundo e dar um passo à frente, estendendo a mão a Dante.

— É uma honra, senhor.

Dante levantou uma sobrancelha, e Phil me encarou, cheio de incerteza.

— Desculpe, não tenho certeza de como me referir. Padrinho?

Dante o encarou, sério, então depois de alguns segundos inclinou a cabeça.

— Padrinho seria o meu irmão, ele é o chefe. — Aproximou-se, pegando a mão que Phil estendeu. — Eu sou o segundo no comando, então Dante está ótimo.

Os olhos dos dois poderiam saltar do rosto a qualquer momento.

— Está tudo bem, gente. Sou só eu. A mesma de sempre.

Gardenia engoliu em seco e se aproximou um pouco mais, pegando a mão de Axel com cuidado.

— Meu Deus, Alessa, ele é tão lindo!

— Eu sei.

Ela olhou para Phil.

— Ela continua convencida.

Ele assentiu.

— Sim, querida. Há coisas que nunca mudam.

Dante se inclinou para mim.

— Digo e repito, estrelinha.



Depois das devidas apresentações, eles nos levaram a um breve passeio pelo lugar, para Dante conhecer e para eu ver as mudanças que foram feitas. Fiquei sabendo de tudo o que aconteceu; eles iam explicando por cima os casos das crianças, quais foram adotadas, quais não apareceram mais. Aquilo me cortava o coração, saber que algumas perderam as esperanças, mas resolvi que cuidaríamos dessas situações. Agora que eu podia ver a

luz, que voltei a ter esperança, queria que todos sentissem o mesmo. Eles podiam, sim, superar e ter uma vida.

Tínhamos que tentar.

Eu soube também que minha irmã aprontou muito, e as crianças se apaixonaram por ela. Helena e Rafaela eram visitas frequentes, assim como Luigi, que até de mágico pagava. Dante prometeu infernizá-lo sobre isso.

— Precisamos contê-lo em alguns momentos — Phil falou, rindo.

Gardenia lhe repreendeu com o olhar.

— Não dê risada disso, ele perde o controle às vezes.

— O que ele fez?

Phil riu mais forte ainda, e ela lhe deu um tapa.

— Pare de rir!

— Ai, ai, amor! O que quer que eu faça?

— Fique obviamente abismado!

— Gar... — chamei.

Ela suspirou.

— Tem momentos que parece que tenho mais três crianças nesse lugar. Phil, Anita e Luigi. Acredita que ele chegou aqui um dia, todo empolgado, e disse que tinha algo novo a mostrar para as crianças?

— Mas isso é bom, ele gosta delas — argumentei.

— Foi o que eu pensei também, até que ele abriu uma bolsa e começou a tirar... objetos de dentro.

— Objetos tipo?

Phil não se aguentava de tanto rir.

Ela revirou os olhos.

—Alicates, cordas, até uma furadeira! Alessa... eu quase desmaiei!

— Parece algo que meu irmão faria — Dante explicou.
Ela levantou as mãos.

— Desisto!

— Tentarei dar um jeito em Luigi, agora... Há algo que eu quero saber.

O olhar dela suavizou, como se soubesse exatamente o que era.

— Ela está bem, Alessa.

— Defina “bem”.

— Você se lembra que depois do acidente dos pais, a guarda foi passada para os tios. Bem... Ela contou o que houve, poucos meses atrás. O tio era quem a abusava sexualmente. A mulher dele trabalhava, e assim que ficavam sozinhos ele começava. Nós enviamos o e-mail para aquele lugar onde você encaminhava os nomes e dois dias depois a polícia apareceu com ela aqui. A tia não tinha o direito da guarda, e ela deu o nosso nome.

O tio dela. Fechei meus olhos, sentindo asco, nojo e revolta.

Sofrendo por sabe Deus quanto tempo dentro de sua própria casa! Quando aquilo pararia? Quando as pessoas finalmente começariam a abrir os olhos e ver que crianças precisavam de proteção? Quando elas deixariam de ser reféns dentro de sua própria casa? Eu era parecida com Milena em tantas coisas. Via a mim mesma nela cada uma das vezes que ela ia até a associação, e naquele momento, sabendo daquilo, tudo o que queria era abraçá-

la e dizer para ficar firme. Para se apoiar em algo e seguir em frente. Lutar.

Engolindo em seco, me forcei a falar.

— E agora, o que acontece?

— Adoção. Sei do seu carinho por ela, então quero saber se você gostaria...

A tristeza tomou conta de mim. Era tudo o que eu mais queria. Mas como poderia forçá-la a um mundo que a prenderia? Que a faria infeliz? A máfia seria extremamente preconceituosa e vil com ela. Ela seria sempre uma bastarda no nosso ciclo. Não poderíamos protegê-la.

— Eu queria, Gar, mais do que tudo. Mas nossa família... nunca poderíamos.

— Eu entendo, acho que entendo.

Dante falou pela primeira vez.

— Não é sobre a adoção em si. Se Alessa quisesse, faríamos, e sei que ela quer. Mas no mundo onde nós vivemos, ela não seria feliz. As pessoas a olhariam sempre torto, e ela ficaria presa. Sair de uma infância cheia de violência para entrar em um mundo de violência não lhe faria bem.

Gardenia olhou para Axel, e Dante parecia adivinhar o que ela pensava.

— Quando chegar a hora do meu filho conhecer tudo, vou ser o homem mais infeliz, mas ele nasceu no nosso meio, será obrigado a isso. Não posso colocar uma criança que poderia estar em um lugar melhor nessa posição.

Phil assentiu.

— Entendemos. É muito nobre e justo de sua parte pensar assim.

Gardenia concordou.

— Lessa sempre a olhou com muito amor, sei que daria tudo para tê-la, mas abrir mão disso para que ela seja feliz em outro lugar, com paz, mostra como é incrível.

Eu assenti, me controlando para não chorar.

— Mas o que podemos fazer para que ela vá para um bom lugar? Não quero que seja adotada por alguém que a faça mal, ela já sofreu demais.

Eles se entreolharam e me fitaram minutos depois.

— Nós sabemos como você se sente sobre ela e... quisemos esperar para falar com você.

— Falar o que?

— Queremos adotá-la, Lessa. Queremos dar uma família a ela. Uma boa e feliz.

Meu coração disparou. Lágrimas caíam livremente, e eu me joguei nos braços dela. Ela nunca saberia como estava sendo boa. Que seria um anjo para Milena. Gardenia e Phil eram duas das melhores pessoas que eu pude conhecer na vida e sabia que o lar perfeito para Milena seria com eles.

Eu abracei minha amiga mais uma vez, sussurrando inúmeros agradecimentos a ela. E, no fim, olhou-me gentilmente e disse.

— Vou criar Milena com todo amor e quero que, quando cresça, seja uma mulher exatamente igual a você.

Eu a encarei sem entender, e ela me abraçou novamente, sussurrando no meu ouvido.

— Coisas ruins acontecem com pessoas boas todos os dias, Alessa. O que conta é o que elas farão com isso. Você brilha, brilha mesmo na escuridão, saiba disso.

Eu me afastei, fitando seus olhos, tentando desvendar se ela estava se referindo ao que eu pensava, e quando seu rosto se encheu de gentileza, eu soube que era exatamente aquilo. Não perguntei como descobriu e nem toquei no assunto.

Mas sabia que, se um dia quisesse falar, ela me ouviria.



DANTE DEROSI

Depois de deixar Alessa e Axel na casa de meu irmão, fui direto ao lugar onde seria a reunião. Após conhecer aquela parte da vida de Alessa, como se fosse possível, me apaixonei ainda mais por ela. Saber como ajudava tantas crianças e adolescentes, como foi corajosa de passar por cima dos seus próprios traumas para ajudar outras pessoas... Eu tinha mais orgulho dela.

Eu fui o segundo a me sentar em uma das cadeiras da mesa redonda. Luigi chegou pouco depois, assobiado e sorrindo, como sempre. Antes eu me perguntava porque meu irmão vivia sempre tão feliz, mas podia entender agora, porque mesmo que eu não saísse cantando por aí, estava em êxtase por dentro.

Faltavam apenas três coisas para tudo ficar perfeito. Tornar Alessa minha, em todos os sentidos, dar a Axel um irmão. Dois ou três talvez... e algo por último, mas essencial, algo que cuidaríamos ali, naquele momento.

Quando Lucca chegou, todos os capos já estavam lá. Bebidas foram distribuídas, cada um tomou sua cadeira, a caixa de anel foi passada. Anéis de décadas atrás, de gerações da *famiglia*, uma tradição.

Nós levantamos a mão direita e falamos o de sempre.

— Prometo pelo sangue e a honra. Me mato ou deixo que um irmão me mate antes de trair a *famiglia*.

Daquela vez, mesmo que eles não soubessem, era tudo um teatro. Calculadamente planejando por nós três. Nós não falaríamos de assuntos pendentes, de problemas e nem de negócios.

Lucca tomou um gole de sua bebida e fitou cada um.

— Como sabem, temos assuntos a tratar no México.

Simone assentiu.

— Dante vai para nos representar. Vou deixar que três soldados meus vão com ele. Meu capitão fica, não posso arriscá-lo.

— Eu libero dois — Leon informou.

Cada um na mesa informou quem poderia enviar como reforços comigo, e Lucca os deixou falar.

— Temos um problema, meus amigos — eu me pronunciei.

Ciro soprou a fumaça do cigarro.

— E qual é? Diga e resolveremos.

— Tenho que ir à Suíça. Os atentados que Lucca armou alguns anos atrás foram ligados a nós, preciso ir para lá.

— Merda — Éder murmurou. — Tenho que ir a Milão; o governador quer uma reunião e é inadiável.

Eu assenti.

— E você, Pablo?

— Não posso ir, Dante, tenho um problema para resolver em Nova York.

— E eu, em Miami — Leon falou.

Um por um, cada um falou que já estava ocupado e não poderia ir à viagem. Mas nós já sabíamos daquilo também. Tudo parte do plano.

Luigi levantou as mãos, como se tivesse acabado de ter uma ideia.

— Thom pode ir, não pode, papa?

— Claro que não! Arrumem outro.

Lucca o fitou.

— Já tem compromisso?

— Não tenho, mas isso não é trabalho para um homem do meu porte.

Luigi bufou uma risada.

— Além de velho, é um covarde. Tenho certeza de que se mandasse Antony no seu lugar, ele iria com coragem dobrada, algo que você não tem.

Thomas ficou de pé, batendo na mesa.

— Seu menininho! Posso ir e vou, tenho colhões o suficiente! Mexicano de merda nenhum me assusta!

— Tem certeza disso? Pode ser uma viagem sem volta

— Lucca falou ameaçadoramente.

Mas assim como sabíamos que seria, ele levantou o queixo.

— Ninguém se atreveria a mexer comigo. Sou Thomas DeRossi, vou e volto dez vezes mais forte.

Lucca o encarou por breves minutos, emoção alguma passando por seu rosto. Mas eu sabia que na mente do meu irmão passava a mesma coisa que na minha.

Sangue. Nós já podíamos sentir o cheiro.

Ele assentiu lentamente.

— Certo. Você partirá amanhã com os soldados.

Ele deu de ombros e finalizou seu copo, sorrindo, todo convencido. Nós terminamos a reunião e esperamos cada um sair, ficando apenas nós três.

— Bom trabalho, Luigi.

Luigi estava sério, pela primeira vez, e nos olhou com total determinação.

— Eu mal posso esperar.

Lucca me encarou e por um momento ficamos ali, os três, olhando em nossos idênticos olhos azuis. Idênticos aos dele. A única coisa que nos tornava parecidos com ele.

Luigi levantou-se, servindo uma dose de uísque, e nós brindamos.

Ele sorriu aquele sorriso que prometia horas de agonia a nossos inimigos.

— Ao meu irmão, com 8 anos de idade e a Célia. Onde quer que esteja.

— À vingança — concordei.

— A um DeRossi que jamais existirá e a um avô que nossos filhos não vão conhecer — Lucca falou.

Nós brindamos e bebemos.

À vingança.

À nossa mãe.

Aos nossos filhos.

À Célia.

E a um futuro muito próximo, livre de nosso pior pesadelo.



CAPÍTULO 39



*“Tome minha mente e tome minha dor
Como uma garrafa vazia que apanha a chuva
E cure
Me cure”*

Tom Odell – Heal

LUCCA DEROSI

“Quando você ler essa carta, provavelmente já será um homem grande e formado. Provavelmente já terá matado ou estará se preparando para matar. Depois de ler isso, há uma grande chance de que você me odeie para sempre, meu filho. Talvez eu nunca mais possa tocá-lo ou falar com você. Você já é temperamental como o seu pai, então imagino como será daqui a alguns anos.

A questão é que eu ainda não consigo ver nada de mim em você.

Eu vejo que me ama e vejo seus olhos inocentes, mas ainda há sempre algo que faz com que você exploda e faça ou diga algo que me deixa sem reação. Está no seu sangue. É quem você é.

Eu nunca vou condená-lo, afinal, o maior pecado de uma mãe é amar o filho acima de tudo e independente do que ele faça. Eu vou assistir sua vida de caos e estarei com você enquanto Deus me permitir, ainda que escolha me afastar.

Quando eu soube da sua existência, te amei imediatamente. Ainda que seus olhos, cabelos e rostinho sejam tão diferentes dos meus. Mesmo que nosso sangue não seja o mesmo. Sua mãe biológica foi uma mulher que acreditou e confiou em mim, por isso, não posso traí-la e manter esse segredo para mim mesma. Não posso aguentar mais. É como se a qualquer momento isso fosse estourar no meu rosto e toda a felicidade fosse para o inferno. Deus me perdoe. Eu amo você acima de tudo o que sou, Antony Lucca, mas essa mentira me corrói, e eu posso me sentir

aliviada apenas de escrever isso, imagina quando você ler e finalmente souber da verdade?

Você não nasceu de mim, mas sempre foi o meu sonho. Eu espero que quando ler essas palavras, meu amor e dedicação durante anos passem por cima do homem que se tornou e me deixe continuar sendo sua mãe. Não sei onde estarei até lá, mas com certeza vou estar esperando pelo seu perdão e seu abraço.

Seu pai não é um homem que perdoa, e tanto quanto eu o amo, também espero que você não tenha puxado essa característica dele.

Abriela DeRossi, sua mãe

Com amor, eternamente.”

Eu li a última linha daquela carta sentindo um misto de traição, revolta e amor. Como a minha esposa se atrevia a pensar que poderia tomar tal atitude em minhas costas era um mistério para mim. Que ela achasse que eu a deixaria cometer tal absurdo, era infundado.

Antony descobrir a verdade sobre seu nascimento seria o mesmo que tirar dele o direito como meu herdeiro legítimo, e por mais que Axel fosse se tornar um homem capaz como seu pai um dia, eu não podia permitir que meu filho fosse destronado de tal forma. Nosso nome seria desmoralizado, sua mãe seria jogada aos julgamentos mais pesados e eu me tornaria um homem fraco.

Permitindo que a criança de uma prostituta governasse a Cosa Nostra.

Não.

Eu estava prestes a matar um monstro, não podia deixar que as consequências dos meus erros criassem outro.

— Lucca, amor — Abriela me chamou. — Você vem?

Li novamente a última linha e gravei cada palavra em minha mente. Eu não esquecia nada. Minha linda esposa jamais deveria ter escrito tais palavras. Havia coisas que simplesmente não se colocavam nas mãos do destino. Ela deveria ter escondido seu diário melhor. Não deveria ter confiado tão cegamente em palavras que eu dizia. Eu a amava, sim, mas ainda era eu mesmo.

Amassei a folha de papel e a atirei na lareira. O fogo crepitou até que destruiu o registro, deixando apenas as cinzas.

Antony jamais saberia do meu pecado.

Existiam segredos que deveriam permanecer como estavam. Escondidos.



CAPÍTULO 40



*“Eu sentirei o medo para você
Eu chorarei suas lágrimas para você
Porque se eu cair, você cairá
E se eu levantar, levantaremos juntos
Quando eu sorrir, você sorrirá
E não se preocupe comigo”*
Frances – Don’t worry about me

DANTE DEROSI

No dia seguinte eu acordei pensativo. Não estava com muito ânimo para falar, e Alessa entendeu, então só ficou ao meu lado com nosso filho, me fazendo companhia, falando palavras de carinho. Ela não estava esperando que eu respondesse, só queria que eu soubesse.

“Você é um pai incrível”

“Axel ama você”

“Eu amo você”

Eu sabia daquilo, mas ouvir de sua boca era refrescante. Ela sabia o que iria acontecer. Contei-lhe, e suas únicas palavras foram: “Faça o que vai lhe dar paz, fique com o coração tranquilo. Quando acabar, Ax e eu estaremos aqui.”

Por isso eu entrava naquele lugar de aparência degradante com total certeza do que fazer. Eu iria observar o que meus irmãos faziam e só tocaria nele dependendo de suas palavras. Sabia que Thomas era venenoso e, antes de morrer, faria questão de dizer todos os tipos de coisas a nós.

Meus irmãos já estavam lá. Um ao lado do outro, e na frente deles o homem que nos criou. Estava sentado, com um saco preto na cabeça e gritava, xingando de todos os nomes. A postura de Lucca era reta e travada, já Luigi, tinha um sorriso brincando no rosto, nas mãos já rodava um alicate, um de seus instrumentos preferidos.

— Mexicano filho de uma puta! — ele esbravejava. — Quando sair daqui, vou atrás da sua família. Vou castrar os homens, estuprar suas mulheres e matar todos logo em seguida!

Como eu havia imaginado, diria as piores coisas. Ele pensava que estava sob o domínio dos mexicanos, no território deles, imagine quando soubesse que eram apenas seus filhos?

Lucca se aproximou, seus passos fazendo eco no lugar vazio. Pude ver que Juliano, Boni e Nino estavam no canto escuro, no fundo do armazém. Completamente calmos e acostumados a presenciar aquilo.

Sem demoras, meu irmão mais velho tirou o saco, e nosso pai abriu os olhos, ofegando em busca de ar. Abriu a

boca para desferir ofensas mas parou, chocado, surpreso. Ele estreitou os olhos e os abriu, como se estivesse em um sonho do qual ele queria acordar.

Eu também iria querer se estivesse em seu lugar.

— O que... que diabos é isso?

Luigi puxou a mim e Lucca nos unindo pelos ombros.

— Olá, *papa*!

— O que porra...

— Hoje o senhor verá como os seus três meninos aprenderam bem as lições que ensinou.

Ele levou um momento, mas quando o entendimento do que aconteceria lhe bateu, começou a tremer. Thomas engoliu em seco.

— Parem enquanto ainda é tempo. Todos vão querer uma explicação do porque de eu ter sumido e...

— Sumido não — Luigi brincou — Morto.

— Mas você já morreu — Lucca contiuiu — Neste momento, Simone está recebendo uma ligação de um dos soldados de que seu corpo foi deixado na porta pelos mexicanos. Ele vai me ligar, eu vou mandar cancelar a missão, e eles voltarão trazendo seu corpo irreconhecível.

Ele arregalou os olhos.

— Lucca...

Luigi riu.

— Pense pelo lado bom, pelo menos seu sócia terá um funeral. Diferente do senhor, claro.

Lucca sorriu friamente.

— Estou pensando em deixar cada parte do seu corpo em um pais diferente. O que acha... pai?

Ele ofegou, sabendo que cada uma daquelas palavras eram verdadeiras. Nós não éramos bons e não tínhamos nenhum motivo para poupá-lo de sofrer.

— Como foi que eles compactuaram com isso?

— Quem? Os capos? — Lucca perguntou. — Não sabem de nada. Ninguém sabe, só nós.

Luigi alisou o alicate, arrastando uma cadeira ruidosamente para frente de Thomas.

— Nós apenas armamos várias reuniões em lugares diferentes para que ninguém além de você pudesse ir ao México. — Virou-se para Lucca e fez uma reverência fingida. — Tenha as honras, irmão.

Lucca abriu o botão do terno e sentou-se. Sem que Thomas esperasse, pegou sua mão direita e o encarou.

— Eu tinha oito anos quando você fez de mim um homem. — Então virou o indicador para trás, quebrando-o.

O estalo do osso foi alto, Thom gritou, Luigi gargalhou e Lucca quebrou o do meio.

— Oito anos quando você tirou todos os meus brinquedos e minhas roupas coloridas.

Mais dois.

— Oito anos quando me fez pensar que minha mãe não me amava — dito isso, ele pegou um por um dos dedos de Thomas e torceu, quebrando-os, saboreando cada minuto de dor.

— Ela não é sua mãe! — cuspiu no terno de Lucca. — Você é filho daquela prostituta sem valor, bastardo!

Os olhos do meu irmão brilharam de ódio, e ele se levantou, pegou o alicate grosso da mão de Luigi, cortando os dedos que não foram quebrados. Foi um show de

horrores. O sangue esguichou, espirrando no meu terno, e meu pai era só gritos.

Sem perder o ritmo, Lucca pegou uma faca grossa na mesa repleta de objetos próxima de nós e segurou a orelha direita de Thom, arrancando-a em um único corte.

Mais sangue. Mais gritos. Mais dor.

Eu tirei sua camisa e demorei-me fazendo cortes em todo o seu corpo, mostrando a ele como era ser queimado com um maçarico.

Mas nada era o suficiente, nunca seria. Nunca traria Célia de volta, nem meu filho e tampouco livraria Lucca daquelas lembranças. Mas se fazê-lo sofrer antes da morte era nosso único jeito de nos vingarmos, nos contentaríamos com aquilo.

Estávamos os três juntos, cada um mexendo em algo quando o celular de Luigi começou a tocar.

— Merda, esqueci de desligar.

Lucca o encarou, impaciente.

— Calma aí, nervosinho.

Afastou-se de nós e atendeu.

— Oi amor... Eu sei, minha vida... Ah é? Que cor?... Hum, vai vestir pra mim hoje?

Lucca franziu a testa.

— Luigi!

— Querida, estou no meio de uma coisa agora. — Colocou a mão na cintura e sorriu. — Eu também... sim, você sabe... — Deu uma risada.

Lucca me encarou.

— Ele está brincando comigo?

— Luigi — chamei.

Ele esticou uma mão para nós, ignorando-nos.

— Querida, nós o estamos torturando... sim, eu sei que você queria, mas é uma coisa de irmãos.... Você acha? Só um minuto. — Ele nos encarou. — Anita gostaria de nos dar umas dicas do que fazer.

— Está de sacanagem, porra? — Lucca exclamou. Passou a manga do terno pela testa suada, evitando as mãos com sangue e se aproximou de Luigi.

Ele deu de ombros.

— Ela diz que tem umas boas ideias de como torturá-lo.

— Desligue a porra do telefone. — Ele abriu a boca, mas Lucca chegou mais perto.

— Ouça, amor, tenho que desligar — apressou-se em dizer. — Te amo também, linda, tchau.

Quando desligou nos encarou, pegando um alicate da mesa e se sentando na frente de Thomas.

— Vocês são muito sérios, vou mostrar como se faz. O que acha, papa?

Thom arfava, mal conseguia pronunciar uma palavra de tanto medo.

— Está diante dos três piores. Como se sente sabendo que sua prole é quem está fazendo um estrago em você?

— Meu irmão riu, completamente louco. — Abra a boquinha.

Thomas não se moveu. Sem perder tempo, eu me aproximei dele e abri sua boca à força.

Luigi sorriu.

— Isso... Olha só quantos dentes. Maravilhoso — sussurrou.

Eu não presenciava muito Luigi em cena, mas encarei Lucca, tentando descobrir se aquilo era normal ou se saber que sua próxima vítima seria nosso... pai, o animava mais.

— É sempre assim. Até pior — Lucca respondeu à minha pergunta silenciosa.

E foi só o começo. Quanto ele já não tinha mais nenhum dente na boca, meu irmão se ocupou da língua.

No meio de toda a nossa diversão, ele não aguentou e teve um ataque cardíaco, mas Lucca estava preparado e injetou adrenalina, o que fez com que tivéssemos mais algumas horas.

Ainda estávamos nos esbaldando em seu sangue, gritos, carne pendurada, porque Luigi era extremo, quando, de repente, a porta abriu e... nossa mãe entrou.

Eu paralisei onde estava, assim como meus irmãos. Ela olhou para mim, vendo meu terno jogado no chão e a camisa branca coberta de sangue, uma faca na mão direita e arame na esquerda. Luigi, com as roupas piores do que as minhas, tinha uma furadeira na mão e respingos de sangue no queixo. Lucca, ainda estava completamente vestido, mas a pele de suas mãos não era vista, apenas o vermelho vivo, brilhante e pingando no chão, segurando uma arma.

Eu quis me esconder, tirar minha mãe dali, impedir que visse tal cena. Aquele não era lugar para ela. Não deveria ver como poderíamos ser os piores animais. Ela ouvir histórias e saber o que fazíamos era uma coisa, mas testemunhar...

E contra tudo o que esperávamos que fosse fazer, ela não chorou, não se desesperou e nem nos olhou com nojo.

Ela encarou seu marido, nosso pai, Thomas DeRossi, e se aproximou dele.

— *Mamma*... — Luigi chamou.

— Thomas... não faz ideia de quanto tempo esperei por esse dia. Eu o achava desagradável desde quando meu pai me deu a você, mas depois do que fez aos meus filhos... eu o odiei. Você destruiu os meus meninos a ponto de que quase não conseguissem ser homens bons novamente, e, hoje, ainda não são, mas são muito melhores do que você. E só de pensar que meus netos não terão o azar de te conhecer, me deixa feliz.

— *Mamma*, por favor — eu chamei.

Thomas a fitava sem expressão. Já estava provavelmente sem qualquer sentido, vivo apenas pelos estímulos que demos a ele, mas morreria em breve.

— Me deixem sozinha com ele — ela pediu.

Lucca se aproximou, e ela colocou a mão sobre o revólver que ele segurava.

— Me deixem.

— Não ficará sozinha com ele, *mamma* — Luigi falou.

— Não ficarei. Juliano, Nino e Boni estão ali atrás, e algum deles me levará quando isso for terminado.

Eu fiquei na frente dela.

— *Mamma*, sei que pode estar com raiva agora... mas o que está pensando em fazer pode se arrepender depois, te dará pesadelos.

— Sabe o que me deu pesadelos? Ver Lucca chegando em casa com oito anos, como se fosse um homem de 30.

Ter que esperar anos para que ele me chamasse de “mãe” outra vez! Me deu pesadelos quando esse homem me obrigou a ver o que fazia com Luigi, porque eu amava tanto seu irmão e ele era um garoto tão alegre, tão brincalhão que Thomas quis tirar essa alegria dele, me fez assistir tudo! Ele deu a você uma vida inteira de tortura. Preciso me vingar.

Luigi abriu a boca, os olhos arregalados.

— *Mamma...* — sussurrou.

— Eu estava observando pelo vidro, o tempo todo, se desviasse o olhar, ele te machucava mais.

Passaram-se alguns minutos até que Luigi foi até ela, lhe deu um beijo na cabeça e deixou a furadeira na mesa, retirando-se logo depois.

Lucca fez o mesmo depois de algum tempo e saiu.

Por fim, minha mãe me fitou com olhos cheios de angustia.

— Me deu pesadelos saber que ele tirou o seu grande amor e meu primeiro neto. Me deu pesadelos pensar que você nunca voltaria a ser o meu Dante. O menino mais amoroso e com o coração mais puro que já pisou nessa terra.

Ela deixou que uma lágrima caísse e segurou minha mão. O metal firme em sua outra mão.

— Me deixe ter esse momento. Eu quero ser aquela que terminará tudo isso.

Eu assenti, engolindo em seco e a abracei.

— Eu te amo, *mamma*.

Ela limpou as lágrimas e me deu um beijo.

— *Mamma* também te ama, meu filho.

Eu olhei o homem que deveria ter sido meu pai, meu exemplo e meu melhor amigo, mas que só me fez sofrer, que tirou o meu chão, e dei as costas a ele. Sabendo que nunca mais o veria de novo e aliviado. Porque como minha mãe disse... meu filho nunca saberia quem foi Thomas. Eu seria o melhor pai do mundo, compensaria tudo o que o meu não foi.

Axel me amaria e teria orgulho de mim. Assim como eu teria dele.



Eu fui para casa com a roupa cheia de sangue. As imagens do que havíamos feito com ele rodando em minha mente. Rezava para que Alessa estivesse dormindo, que não me visse daquele jeito, mas assim que abri a porta ela estava lá. Sentada no sofá com um roupão de banho e um copo com água na mão.

Alessa vagou seu olhar em mim por inteiro, não demorando em nenhuma parte. E por fim ficou de pé, abriu o roupão e se aproximou, pegando minha mão e levando-me até o banheiro. Lá dentro, me dando a deliciosa visão do seu corpo perfeito, tirou minhas roupas manchadas e enfiou em uma sacola.

Quando estava nu diante dela, ela sorriu. Não gritou apavorada de medo por me ver chegar em casa daquele jeito, principalmente quando sabia onde eu estava e fazendo o quê.

Abriu o chuveiro, testando a temperatura antes de me incentivar a entrar, esperando que a água me molhasse.

Ela não disse uma palavra, mas o amor refletido nos olhos verdes, o cuidado e a preocupação eram claros.

Pegou o sabonete e começou a passar por cada parte do meu corpo. Como sempre fazia desde que descobriu, deu um beijo na cicatriz e me lavou. Tirou de mim toda a sujeira. Quando já não tinha nenhum resquício de sangue, puxou meu pescoço para baixo e me beijou, envolvendo a outra mão no meu membro inevitavelmente duro.

Eu retribui, segurando seu rosto, querendo-a mais perto, mas ela separou nossas bocas, ajoelhou-se à minha frente e segurou meu pau, me olhando diretamente nos olhos enquanto lambia centímetro por centímetro antes de enfiá-lo na boca. Ela me engoliu, apertando e massageando as bolas e eu a deixei. Os cabelos molhados grudando em sua pele branca, os mamilos arrepiados, duros do frio.

Tomou-me profundamente, engolindo e se acabando de me chupar. Eu pretendia deixar que terminasse antes de me enterrar fundo nela, mas quando enfiou uma mão no meio das pernas e gemeu se tocando, eu perdi todo o controle.

Segurei seu braço, levantando-a e a encostei na parede, suas costas no meu peito, e segurei os cabelos, enfiando-me sem qualquer gentileza dentro dela. Alessa gemeu, sentindo-me por completo. Apoiou as mãos na parede e gritou.

— Isso... amor...

Fechando os olhos com um lamento quando eu a fodi forte, Alessa me levava cada vez mais perto. Sua boceta apertada me fazia desejar poder me perder em seu corpo. Principalmente quando eu chegava naquele estado e tudo o que ela me oferecia era compreensão e amor.

A beijei com firmeza, duro e rápido, torcendo o mamilo, apertando os seios fartos. Eu estava desesperado por ela.

Sempre estive.

— Eu te amo, Dante. — Não respondi, mas eu sabia. Eu a amava também, sem medidas, e ela sabia.



CAPÍTULO 41



*“É como se você fosse o meu espelho olhando de volta para
mim*

Eu não poderia ficar melhor com mais ninguém ao meu lado

E agora essa promessa é clara, somos dois reflexos em um

Estou olhando bem para a minha outra metade

O vazio que se estava em meu coração

É um espaço que agora você guarda

Mostre-me como lutar pelo momento de agora

E eu vou lhe dizer, baby

Foi fácil voltar para você uma vez que entendi

Que você estava aqui o tempo todo...”

Justin Timberlake – Mirrors

ALESSA BONUCCI

Assim que abri os olhos no dia seguinte, sorri. Havia me acostumado a acordar segura e ancorada nos braços fortes de Dante. Nós estávamos de frente um para o outro, depois de termos nos amado toda a madrugada, e eu caí no sono sem nem perceber.

Aproveitei para observá-lo.

O rosto era tranquilo, transmitindo o que seu sono passava: serenidade. A noite anterior provavelmente foi um divisor de águas, por mais que Thomas fosse uma pessoa horrível, ainda era seu pai. Todo garoto quer ter o pai como exemplo de suas primeiras experiências, para caminhar ao lado; todo menino quer ter um bom pai. Mas o que ele e seus irmãos tiveram foi uma amostra do inferno, e todos sabiam que enquanto Thomas DeRossi vivesse, ninguém naquela família, entre nós, estaria bem e seguro.

Mas agora que havia acabado, eu esperava que ele encontrasse um jeito de ficar bem. Faria de tudo para ser seu apoio e seu ombro para se apoiar. Passei a ponta dos dedos levemente por seu rosto, onde a barba já crescia, e o admirei.

Meses atrás, se alguém me perguntasse o que eu pensava sobre os homens, com exceção de Lucca e Bernardo, eu diria que mais nenhum poderia ser bom. Na minha visão, estavam todos condenados e corrompidos, todos seriam capazes de ser ruins.

Todos eram Frank Bonucci.

Eu jamais me veria nos braços de um homem, dormindo ao seu lado, aceitando amor e retribuindo. Seríamos sempre eu e meu filho, e quando ele fosse grande, sabe lá Deus como seria...

Mas então... Dante veio e mudou tudo.

Uma gota caiu em meu braço e só então notei que estava chorando, mas não eram lágrimas de tristeza, eram de alegria. Por entender o que era o amor do qual Abriela falava, a dedicação, a devoção e a certeza de que tudo estaria certo, que tudo ficaria bem. Aquilo era mais do que

estar apaixonada, era entender que o amor mudava tudo, superava qualquer coisa.

“...Ele é meu primeiro pensamento pela manhã. Eu anseio por seu toque, ou apenas estar perto dele. Não posso sequer pensar em querer esconder algo e nunca senti necessidade de mentir, porque ele me passa uma confiança sem igual. Ele é o meu porto seguro, a minha casa e o meu consolo, ao mesmo tempo em que tira o meu juízo. Tudo ao mesmo tempo...”

Na época, eu não havia entendido e até duvidei que pudesse ser tão forte, mas estando perto de Dante, vivendo tudo o que estávamos vivendo, parecia ser até mais intenso do que minha irmã tinha descrito.

Fechei os olhos por um momento, pensando em tudo o que havia acontecido nas semanas que decorreram e me aproximei mais dele. Queria sentir seu corpo forte perto do meu, queria que, se fosse possível, nos tornássemos um só.

Pensei em Axel, na felicidade que estávamos vivendo e como nosso filho era essencial naqueles momentos. Em como tornava tudo mais especial ainda... e chorei.

— Porque está chorando?

Eu me assustei, afastando a cabeça para encará-lo. Com os olhos cerrados, ele levou a mão ao meu rosto, enxugando as lágrimas.

— Alessa?

Eu mordi o lábio, não acreditando que diria aquilo a ele. Eu o amava, confiava nele, e a possibilidade de perdê-lo, de não o ter ao meu lado me destruía só de pensar.

— Estou grávida — soltei sem conseguir segurar as palavras por mais tempo.

Ele paralisou um minuto antes de seus olhos se arregalarem e um silêncio completo cair entrenós.

Meus olhos já formavam uma nova corrente de lágrimas, eu coloquei a mão em seu peito, morrendo de medo de que a cena de um ano atrás fosse se repetir.

— Dante...

— Casa comigo.

Eu o encarei, atônita.

— O quê? — sussurrei.

— Case-se comigo — perguntou, me encarando cheio de... medo?

Eu me sentei na cama, depois me levantei.

— Está pedindo porque estou grávida?

— Sim — respondeu ainda com aquela mesma expressão de choque.

Toda a vulnerabilidade foi embora, e eu me vi pegando o primeiro sapato que vi no chão e atirando nele.

— Claro que não! — gritei.

Ele desviou e ficou de pé, me encarando sem entender.

— Você não quer?

— Você está pedindo só porque estou grávida!

— É!

— Então é não!

— Não! Espera... Não é por isso, eu estou nervoso porra, pergunta de novo!

— Se eu quero me casar?

— Oque? Não! Eu é que pergunto isso! Espera. — Respirou profundamente, e seus olhos lacrimejaram, os ombros caídos. — Você está grávida.

Eu cruzei os braços sobre o peito, não querendo me deixar levar por sua beleza irresistível.

— Já disse que sim.

Ele finalmente sorriu, me puxando para seus braços.

— Preciosa...

Eu o empurrei e apontei o dedo.

— Não me venha com preciosa, seu pilantra safado! Está achando que vou me casar só porque estou grávida? Não me casei por obrigação da primeira vez e não vou me casar dessa também!

Ele ficou sério, sem falar mais nada, me deu as costas e saiu do quarto.

Eu me arrependi de ter dito não no mesmo instante. E se eu tivesse sido grossa demais e ele estivesse indo embora? Desistido de mim?

De nós?

Eu culparia os hormônios da gravidez, mas ele não me deixaria. De jeito nenhum eu ia ficar sem aquele homem!

— Dante! — gritei, seguindo-o para fora. — Você nem pense em nos abandonar! Está achando que vai ficar me engravidando e me deixando? — eu gritava pelo corredor, colocando sua camisa que estava jogada no chão, procurando-o pela casa e, finalmente, entrei no quarto de Ax, que era o único onde não tinha ido.

Ele vestia uma calça jeans e segurava nosso filho.

Eu cerrei os olhos.

— Não vai sair desta casa, Dante.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você me disse um alto e claro “não”. Na verdade, foram vários.

— Não interessa, você não vai embora.

Ele olhou para Axel.

— Estou sentindo sua mãe meio descontrolada, filho. O que você acha?

Ax inclinou a cabeça para o lado, me fitando e depois sorriu.

— Ga-bu-buh.

Eu abri a boca, mas ele foi mais rápido e se ajoelhou na minha frente.

— Como combinamos, garoto.

Eu assisti sem palavras quando sentou Axel na perna dobrada, tirou do bolso uma pequena caixa preta e a abriu na minha frente.

— Dante... — sussurrei.

— Ela está comigo há dias. Mas eu quis acabar com as coisas que poderiam nos atrapalhar e só então fazer o pedido. Não é, carinha? Não acha que *mamma* tem que dizer “sim”?

Ax me olhou e deitou a cabeça no ombro do pai. O apoio estava claramente com ele.

As lágrimas voltaram a cair, e ele sorriu. Eu bufei, limpando meu rosto, mas era inútil, eu parecia uma torneira aberta.

— Hormônios — rosnei.

Dante me fitava com todo o amor que era possível.

— Eu sei que alguém veio antes de mim na sua vida e alguém veio antes de você na minha. Eles bagunçaram tudo, nos confundiram e nos magoaram. Mas não foi irreversível, olhe para nós, somos uma família. Eu não sou um homem bom, Alessa, não tenho direito de sonhar e almejar coisas boas. Mas vou fazer isso, então eu te peço que confie em mim e me deixe ser o homem que vai te honrar, amar e proteger enquanto nós vivermos. Se você disser “não”, juro que...

Eu estava desmoronando na frente dele, me ajoelhando e abraçando-o, com nosso filho no meio no minuto seguinte.

— Sim, é claro que sim. Se você sequer pensar em nos deixar algum dia, eu vou atrás de você e te trago de volta. — Balancei a cabeça, ouvindo sua risada. — Eu juro, Dante, amarro você na cama e vai ficar comigo para sempre!

Ele segurou meu rosto, beijando meus lábios, e, claro, as mãos de Ax tatearam nossos rostos.

— Espere aí, homenzinho, me deixe tirar uma casquinha aqui.

Eu sorri e segurei seu rosto, mas me tornei séria ao falar.

— Eu vou te dizer sim sempre. Mas, Dante... não posso suportar ser controlada, ser domesticada, subjugada...

Ele colocou um dedo nos meus lábios, me cortando.

— Preciosa, você ainda não entendeu que sou eu o lado fraco da relação? — Revirou os olhos. — Pelo amor de Deus... eu saio lambendo o chão que você pisa.

Eu dei risada, e ele me beijou.

— Obrigada.

— Nunca vou te machucar.

— Eu sei disso, amo você. E amo você também, pequenino.

Axel segurou minha mão, e eu a de Dante, sorrindo um para o outro. E agradei mentalmente, porque para quem não respirava um tempo atrás, a vida estava perfeita. Eu não poderia ser mais feliz.



— Tem certeza de que sua mãe não se importa?

— Quando nós éramos pequenos, Thomas contratava babás para ficar com a gente o tempo todo. Elas tinham ordens para fazer tudo, então não sobrava nada para minha mãe fazer.

— Dante... — lamentei por eles.

— Ela passou por cima uma vez, e as babás foram dispensadas. Quando ele chegou em casa, bateu nela. No dia seguinte ela fez a mesma coisa, mas como sabia que sua única punição seria apanhar, achou que valia a pena para ficar conosco o dia todo.

— Meu Deus... ela apanhou todos os dias para cuidar dos próprios filhos?

Ele deu um sorriso triste, ainda focado na estrada enquanto dirigia.

— Não, preciosa. Quando Thomas chegou, ele não bateu nela, bateu em nós. E disse que se ela fizesse aquilo de novo, seria pior para nós três.

— Eu sinto muito.

Ele pegou minha mão e a levou aos lábios, dando-lhe um beijo.

— Não sinta, já acabou. De qualquer forma, para ela é um privilégio cuidar das crianças. Perdeu tempo demais conosco e se nós contratássemos pessoas ao invés de deixá-la com os netos, seria como se estivesse sendo descartada mais uma vez. Ela os ama.

— Eu sei. Não confiaria nosso filho com mais ninguém. Sua mãe é uma mulher incrível, Dante.

— Sim, ela é.

Nós passamos o dia juntos, nós três em nossa bolha. Brincando, nos conhecendo, aproveitando nosso filho. Foi um dia perfeito. Parecia um sonho, a diferença é que eu estava bem ciente de que não iria acordar. A maior parte do tempo, quando Ax cochilava ou se entretia demais com algo, Dante aproveitava para estar dentro de mim. Era o céu.

E quando anoiteceu, recebemos uma ligação de Anita, dizendo que estava indo a uma boate com Luigi, nos convidando para ir. Aqueles passeios eram muito frequentes entre os dois, já que um completava a loucura do outro e amavam viver de aventuras, e como tínhamos muito o que comemorar, nós resolvemos aceitar o convite.

Aproveitaria para contar as novidades.

Nós chegamos no lugar minutos depois, indo direto à área vip. Não podíamos ficar na pista com as outras pessoas, era arriscado demais, portanto, tinham poucas pessoas, provavelmente quem Anita e Luigi deixaram subir e, em cada canto, um soldado.

Surpreendi-me ao ver Lucca e minha irmã ali.

Ela e Anita estavam em uma mesa, conversando alegremente, enquanto Lucca e Luigi conversavam perto, um pouco afastados.

Eu passei por eles, dando um aceno com a mão e fui direto para minhas irmãs, que me receberam com abraços. Sentei-me no meio das duas.

— Eu sabia que você não resistiria a uma noite de farra, vou pedir as bebidas — Anita falou, já chamando o garçom.

Eu segurei sua mão, abaixando-a.

— Não estou bebendo.

Ela sorriu para mim.

— Ah por favor, só hoje! Até eu estou aproveitando!

Anita estreitou os olhos, observando-me.

— O picolé de mel não está te proibindo de algo, está?

Eu ri.

— Não. E pare de chamá-lo assim, porque eu acidentalmente fiz isso, por sua culpa.

Ela jogou a cabeça para trás, rindo.

— Eu queria ter visto a cara dele. Agora pare de ser safada, vamos beber!

— Irmã, sério... Não posso.

Ela me encarou, pronta para brigar comigo, então eu sorri, colocando a mão na barriga.

Seus olhos seguiram meu movimento, um minuto antes de serem arregalados.

— Está grávida?

Eu assenti, e as duas gritaram, abraçando-me ao mesmo tempo. Pernas jogadas em cima das minhas, braços apertando meu pescoço, beijos por todo o meu

rosto e cabelos nos olhos. Uma bagunça que só nós três conseguíamos fazer.

Anita segurou minhas mãos, sorrindo.

— Porra, Dante deveria ser jogador de basquete, ele acerta todas as bolas!

Ella inclinou a cabeça.

— O quê?

Eu imitei o movimento da minha irmã.

— Também não entendi.

Anita franziu o nariz.

— Não fez sentido, não é?

— Nenhum — Abriela concordou, segurando a risada.

— Meu Deus, vamos ser titias de novo. Vocês não podiam esperar Axel fazer um ano, ou algo assim?

Eu gemi, recostando-me no banco.

— Foi total acidente, mas estou feliz e ele também. E vamos nos casar.

Elas gritaram novamente, chamando atenção das pessoas ao redor.

Ella sorriu, colocando a mão na minha barriga.

— Como se sente, noiva?

Anita apertou minha bochecha.

— Futura senhora DeRossi!

Eu olhei para frente, onde os três homens mantinham os olhos em nós, e sorri para o homem da minha vida.

— Não poderia estar mais feliz.

E mais abraços.



DANTE DEROSI

Nós observávamos as três em gritos e fazendo festa na mesa à frente, e eu soube imediatamente que ela havia contado.

— Você fez o pedido — Lucca afirmou ao meu lado.

Eu assenti.

— Passava da hora.

Luigi riu.

— Somos três idiotas babões. Quem diria, hein? Os homens mais poderosos, que governam um país e têm famas de serem monstros, caídos por coisinhas pequenas dessas?

Lucca deu de ombros.

— Eu perdi a batalha no momento em que ela sorriu para mim.

— Ela está grávida — eu contei, e os dois me olharam.

Luigi gargalhou.

— Conhece uma coisa chamada preservativo, irmão?

Eu fitei Alessa, vendo como sorria com os olhos brilhantes, compartilhando alegrias com suas irmãs e sorri para Luigi.

— Conheço, irmão, conheço muito bem. E pretendo nunca mais usar.

Eles deram risada, me abraçando e parabenizando, e fomos para a mesa, cada um com sua esposa.

Observei meus irmãos, sorrindo e felizes, salvos de si mesmos e de passados terríveis, e abracei Alessa, pousando a mão em sua barriga.

Definitivamente a magia Bonucci.



CAPÍTULO 42



*“Quando meu mundo está caindo aos pedaços
E não há luz para quebrar a escuridão
É quando eu olho para você.
Quando as ondas estão inundando o litoral
E eu não consigo encontrar o caminho de casa
É quando eu olho para você
Eu vejo o perdão, vejo a verdade
Você me ama por quem eu sou
Como as estrelas seguram a lua
Bem ali onde deveriam estar
E eu sei que não estou sozinha”*
Miley Cyrus – When i look at you

DANTE DEROSI

— Tic-tac, tic-tac, tic-tac — Luigi cantou atrás de mim, fazendo-me lhe dar um olhar reprovador.

Ele riu e tão logo quanto desviei meus olhos daquelas portas, voltei a fitá-las. Em apenas alguns minutos, tudo mudaria.

O lugar estava cheio, as luzes do sol refletiam dentro do local, as janelas permitindo que os raios ensolarados entrassem e fizessem com que tudo parecesse mais vivo, mais colorido. As pessoas em pé, encarando aquelas portas esperando que ela surgisse a qualquer momento.

Era naquele momento, nos próximos minutos, que eu colocaria minha aliança em seu dedo e lhe daria meu sobrenome. Era ali onde nossas histórias passadas ficariam definitivamente para trás, onde eu mostraria a ela o sentido de pertencer, e ela se alegraria de me ter de volta. Acordaríamos todos os dias juntos, tendo manhãs recheadas dos sorrisos mais lindos que só ela tinha, seus ataques de fúria e cinco minutos que me divertiriam, momentos com nossos filhos, e a certeza de que ela seria minha para sempre.

Por toda a vida.

E como eu esperava, as portas se abriram e meus olhos bateram nela. Como se estivesse tão desesperada para me encontrar quanto eu, seus dedos apertaram nos braços do meu irmão, que era quem a levaria até mim, e ela começou a andar. Eu vi seu peito subir com a respiração pesada e uma lágrima escorrer daquele lindo rosto. Ela apertou os lábios, encarando-me com desespero. O mesmo que talvez fosse visível no meu rosto.

Ouvi meu irmão sussurrando atrás de mim, me dizendo para respirar. Eu respirei, ou soltei o ar que segurava. E quanto mais perto ela chegava, mais linda ela ficava. Mais apaixonado eu me tornava, mais ciente de que não havia a menor chance, nunca nesse universo, de viver sem ela.

Enquanto ela caminhava em minha direção, sendo completamente amparada por Lucca, eu me perguntei

como consegui viver por mais de longos trinta anos sem ela. Eu precisaria de no mínimo cem para compensar tudo o que perdi. Tudo o que perdemos.

Quando finalmente meu irmão colocou sua mão na minha, dando-me um olhar que valia por mil palavras, nós nos posicionamos em frente ao padre e enquanto ele falava, eu a observei. Tentando decorar cada traço do rosto, tentando, com o máximo de mim, buscar forças para não beijá-la ali mesmo ou arrastá-la para fora, para onde seríamos só nós dois.

Tive uma conversa comigo mesmo, me conscientizando de que era o homem mais sortudo por tê-la e deveria fazer dela a mulher mais realizada.

Eu ouvi a risada das pessoas e percebi que o padre falava comigo.

— Sim — respondi, sem nem saber se era daquilo que se tratava.

Alessa riu e decretou seu "sim".

Era totalmente fora do padrão da máfia que estivéssemos tão radiantes ali. Casamentos nunca eram felizes, nunca eram reais e eu estava muito errado em expor nossa felicidade, mas que direito eu tinha de privá-la do meu amor?

Estava me fodendo para as regras, os costumes e os perigos da *famiglia*. Eu só queria que ela olhasse para mim e conseguisse ver o quão maravilhado eu estava por ser o homem a quem ela diria sim. Queria que se sentisse amada em um nível estratosférico. Era o seu dia, tinha que ser perfeito.

Ela nunca teve amor, e eu tinha muito o que mostrar a ela.

As alianças foram dadas a nós por Anthony, que depois de fazer sua tarefa, juntou-se à minha mãe, e eu a olhei novamente, segurando sua mão com firmeza.

— Eu, Dante DeRossi, te recebo como minha esposa, Alessa Bonucci, e prometo ser fiel, te amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe.

Coloquei a aliança em sua mão, impossibilitado de desviar minha atenção de seu rosto.

— Receba essa aliança como prova do meu amor e da minha fidelidade, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ela sorriu para mim como se estivesse vendo o maior milagre de sua vida. A voz fraca, devido às lágrimas que não paravam de cair. Provavelmente culparia nosso bebê de agora três meses por isso.

— Eu, Alessa Bonucci, recebo-te, Dante DeRossi, como meu esposo e prometo ser fiel, te amar e te respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe.

Ela deslizou a aliança em meu dedo, logo levantando os olhos verdes mais bonitos que já vi e sorriu.

— Receba essa aliança como prova do meu amor e da minha fidelidade, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

— Pelo poder concedido a mim, eu os abençoo e os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Ele não precisou dizer duas vezes, na verdade, antes de falar a primeira, eu já a tinha presa em meus braços, beijando aqueles lábios carnudos com fervor. Com a fome de um homem que não comia há séculos, com a sede de alguém que viveu por anos no deserto.

Eu necessitava dela.

Quando nos separamos, ela encostou a testa no meu peito e fitou nossas mãos que carregavam as alianças, juntas, então levantou os olhos para mim.

O tempo parou no momento em que eu caí na profundidade daquele olhar.

— Obrigada — ela sussurrou e me beijou de novo, dando-me uma pequena amostra do que era uma fatia do céu.

Eu agradei também, passaria a vida agradecendo.

Porque o meu amor por ela superou o tempo, os vícios, a solidão, a amargura, a dureza e o gelo. O gelo que envolvia o meu coração, a minha mente e minhas esperanças. E o amor dela por mim... ele superou traumas, memórias, mágoas, erros e a distância.

Eu olhava nos brilhantes e intensos olhos verdes de Alessa e tinha certeza de que valera a pena.

As dores dela sempre estariam lá. Haveria dias em que ela iria acordar magoada, envolta na névoa de lembranças do passado, se sentiria impulsionada a fazer o que fazia antes, sentiria raiva de mim, dela, de nós e de tudo. Mas nem tudo eram flores e nós seguiríamos juntos em cada parte do processo. Da nossa cura.

Ela sorriu para mim, dando-me a visão de um anjo sorrindo. A minha preciosidade.

Valeu a pena amá-la em silêncio, amá-la por anos e esperar para que, na hora certa, ela me amasse também.

Havia pessoas que se encontravam por acaso, se esbarravam na rua, passavam alguns anos juntos e depois seguiam caminhos diferentes. Havia também aqueles que passariam a vida juntos, declarando amor, mas nunca sentiriam o gosto do verdadeiro elo, do verdadeiro e puro sentimento.

E havíamos eu e Alessa. Quebrados, destruídos e sem qualquer esperança de ver a luz novamente. Então nos esbarramos. Nada planejado, nem um pouco calculado, mas assim como tudo o que tinha que acontecer, aconteceu. Uma mão do destino, talvez, algo predestinado.

E valeu a pena esperar para encontrar a minha outra metade, aquela que colaria o meu coração, pedaço por pedaço e me deixaria fazer o mesmo com o dela. Foi um encontro de almas. Algo que o tempo, poderes e nem a morte separaria.

Valeu a pena sofrer, acreditar, esperar e suportar.

Valeu a pena.

Porque nosso amor era raro, puro e precioso.



EPÍLOGO



*“Eu sei que o Sol deve se pôr para se erguer
Isso poderia ser o paraíso”*

Coldplay – Paradise

ALGUNS ANOS DEPOIS

GIORGIA DEROSI

Eu me sentei no jardim da grande mansão onde vivia há mais de 50 anos e observei como o céu estava bonito. O sol quente e a brisa do vento suave. O verão na Sicília sempre foi uma época bonita. Era quando os campos floresciam mais, as pessoas ficavam mais felizes e todo jardim brilhava. O meu, em especial, começou a brilhar independente da época alguns anos atrás.

Meus dias tristes acabaram e agora eu andava quase saltitante de tanta felicidade.

— Tio Lucca! — Rafaela gritou, chamando atenção do meu filho mais velho.

Lucca a encarou, tomando mais um gole de sua bebida.

— O que foi, probleminha?

— Anthony não me deixa em paz! Olhe o que fez no meu cabelo! Esse menino está precisando de um correcente!

Lucca riu.

— Corretivo.

Ela revirou os olhos, jogando os cabelos compridos para trás.

— Qualquer coisa.

— Mamãe! Pietro não para de chorar, e Giovanni está me irritando! — Axel gritou, pegando a chupeta que seu irmão Pietro, de 2 anos, jogava no chão.

Abriela e Lucca, por motivos que só nós sabíamos, continuaram apenas com Antony, Abriela cogitou um

tratamento, mas mudou de ideia e agora era irredutível em engravidar por outros meios, certa de que os planos de Deus para ela era que tivesse apenas Antony, e estava muito feliz com sua decisão, assim como Lucca.

Anita e Luigi pararam nas gêmeas, as duas únicas meninas, as duas condenadas a sofrer com a proteção de seus primos e tios, assim como as tradições das quais não conseguiriam escapar.

Então vinham Alessa e Dante, que foram um caso a parte. Alessa deu a luz a Romeo meses depois do casamento, e pouco mais de um ano depois, recebemos Miguele. Quando esse completou um ano, soubemos que estava mais uma vez grávida... de Pietro. E, seis meses atrás, Giovanni veio ao mundo.

Seu rosto feliz, jovem e saudável, não mostrava em nada a luta que era cuidar de 5 meninos. Axel estava sempre reclamando, mas ao lado de Romeo, que era o mais próximo de sua idade, ajudava a mãe com os irmãos da forma mais linda. Completando que eles tinham o pai dos sonhos, sempre à disposição e cheio de amor para dar aos filhos.

— Papai, o que é um pilantra safado? — Rafaela perguntou, apoiando as duas mãos na cintura.

Luigi arregalou os olhos.

— Onde ouviu isso, menina?

— Tia Alessa disse ao tio Dante. Eu ouvi tudinho quando fui pegar doces!

Os adultos riram de sua expressão e falta de fala.

— É algo que... bem... é algo...

Ela bufou, batendo os pés no chão. Tão pequena e cheia de atrevimento.

— Papa, você vai me explicar ou não?

— Já posso colocar a mesa, Giorgia? — Goretti perguntou sorridente, observando as crianças correndo pelo jardim.

— Sim, querida. Por favor.

A mulher assentiu e voltou para dentro. Eu aceitei o copo de água que Abriela me deu, sentando-se ao meu lado, e fitei um por um.

Segurei a mão dela, dando um aperto, e ela a apertou de volta. Era uma gratidão mútua, duas mulheres que haviam passado pela mesma coisa e venceram. Hoje não poderíamos ser mais felizes.

— Anda, Helena, vem brincar! — Romeo chamou, mas ela se apertou mais nos braços de Dante, enquanto o tio acariciava seus cabelos.

— Ela não quer, filho.

Anthony riu, chamando-a.

— Vamos, princesinha! Sua irmã vai.

Ela moveu os olhos claros para Rafaela, vendo-a com as mãos na cintura.

— É, princesinha, vamos!

Ela balançou a cabeça.

— Não quero brincar.

Axel chegou perto dela.

— Porque, princesa? A probleminha quer.

— É, mas eu não sou ela, e eu não quero brincar agora.

Suas palavras fizeram Anita e Alessa, que estavam lado a lado, trocarem um olhar. Onde Rafaela era Anita todinha, desde a aparência até o jeito de ser, Helena era um mistério.

Não era atrevida como a mãe, nem calma como Abriela, nem controlada como Alessa. Ela tinha uma personalidade própria.

A probleminha e a princesinha.

Ambas mimadas pelos pais, pelos primos e pelos tios e tias. Rafaela levava o apelido, probleminha, muito a sério e arrumava muitas confusões.

Assim como sua irmã, que andava sempre com uma coroa na cabeça, literalmente. O apelido de princesa foi levado até mesmo para além de nós. Não importava quantas vezes eu tivesse dito a meu filho que a mimavam demais, eles não davam ouvidos. Helena gostava de ter o mundo aos seus pés, e eles lhe proporcionavam.

Rafaela se aproximou, impaciente.

— Se ela não quer brincar, que fique! Agora vamos logo! Axel balançou a cabeça.

— Espera aí, probleminha. O que foi, princesa?

Helena encostou a cabeça no peito de Dante.

— Não estou bem.

Dito isso, Lucca , Luigi, Romeo, Anthony e Axel estavam lá, prontos para fazer qualquer coisa para que ela ficasse feliz e sorrisse.

Minhas noras se aproximaram, sentando-se lado a lado, e observaram comigo.

Minutos depois, Goretti anunciou o almoço e nós nos sentamos para almoçar. Aquele era nosso dia especial.

Todos os domingos eram da mesma forma. Meus filhos, meus netos e minhas noras juntos, comigo, me dando a alegria de sermos uma família.

De vê-los felizes, de saber que sofreram mas superaram todas as dificuldades e os tempos ruins.

Olhei para cada um dos meus netos, o bebê sendo alimentado, as crianças rindo e brincando, assim como deveria ser.

Fitei meus filhos um por um, contente com o brilho nos olhos deles e os sorrisos que estampavam.

E, por fim, olhei minhas noras.

Abriela DeRossi.

Anita DeRossi.

Alessa DeRossi.

E como se sentissem meus olhos sobre elas, levantaram a cabeça e olharam para mim. Eu pisquei para cada uma, dando-lhes um sorriso de puro amor e gratidão, e recebi o mesmo de volta.

Olhei para o céu através da janela de vidro, sabendo que quando minha hora chegasse, iria embora feliz.

Fitei o grande quadro na parede, onde foi pintado um retrato da nossa família. Sorrisos, felicidade e amor.

Como toda família deveria ser. Como a nossa era.

Senti meu coração cheio, o peito apertado de tanto amor.

E, pela primeira vez, tive orgulho de dizer que, sim, a família está acima de tudo.



EPÍLOGO 2



*“O diabo está em seu ombro
Estranhos em sua cabeça
Foi apenas um momento
Foi apenas uma vida
Mas esta noite você é um estranho
Apenas uma silhueta”
Aquilo – Silhouette*

ALGUNS ANOS DEPOIS

EM ALGUM LUGAR DO MUNDO

— Vamos, doce menina, já esta ficando tarde.

— Vovó, podemos regar as flores quando chegarmos?

A senhora riu.

— Estará muito tarde, mas podemos fazer isso amanhã, assim que você chegar da escola.

A garotinha de longos cabelos loiros, quase brancos, sorriu. Os olhos de gato meio verdes meio azuis brilharam. Cheia de inocência.

Elas caminharam pelas ruas escuras, ansiosas para chegar em casa. Era sexta-feira, e sempre tinha sopa de legumes. Diferente de muitas crianças, a garotinha adorava.

Depois de alguns minutos, chegaram... O aroma da comida já era sentido por toda a pequena e aconchegante casa.

— Vovô! — a garotinha gritou, correndo para pular no colo do senhor.

Ela os adorava, e eles a amavam com todo o coração.

— Olá, meu raio de sol!

Ela riu, sentindo-o apertar a ponta de seu nariz e contou a ele como foi seu dia.

Quando se sentaram à mesa, comeram juntos, conversando e rindo.

Eram uma família realizada e completa. A garotinha estava feliz, muito feliz.

Uma felicidade inocente demais para suportar os planos que o futuro e o destino guardavam para ela.



ALGUM OUTRO LUGAR NO MUNDO

O homem bateu as mãos na mesa, assustando aqueles que o observavam.

— Como deixaram passar? Como só descobriram agora? — esbravejou.

— Foi tudo muito bem planejado, só soubemos agora e...

— Encontrem-na, eu a quero aqui!

— Senhor...

— Ela corre perigo! Não importa quanto tempo levará, mas tragam-na para mim.

Os homens assentiram e saíram, deixando o homem perdido em pensamentos.

Acabara de descobrir algo que nunca sequer imaginara. Agora se sentia enganado, manipulado. Sentia um ódio fora do normal.

Suspirou, olhando através da janela de seu apartamento no alto da cidade grande e lamentou profundamente.

Não tinha nada que pudesse fazer, teria que esperar.

Mas jurou que a espera valeria a pena. Ele iria encontrá-la, e todos os que a mantiveram longe dele pagariam.

Jurou, e era um homem de promessas. Sua palavra era honra, e ele a cumpriria.

Ou começa começariam a saltar dos pescoços.

Continua...



Quando essa série começou, eu soube que o livro 1 seria difícil de escrever, que o 2 seria terrível e o 3 destruiria a mim e quem mais o lesse. Mas não imaginei que chegaria a tamanha proporção.

Quando o primeiro relato da Alessa foi contado, eu recebi inúmeras mensagens em todas as redes sociais, meu celular vibrou a cada minuto com áudios enormes de mulheres e homens se derramando em lágrimas e me dizendo o quão profundo foi encontrar em páginas, algo que tinha sentido e causou tanta dor. Muitas Abriela's, muitas Anita's, muitas Alessa's. Muitas vítimas que abriram o coração e me contaram algo que sofreu ainda na infância, na adolescência ou até mesmo depois de adulta. Que ainda sofre.

Alessa em especial, tinha tudo para desistir. Seus traumas eram pesados, sua história era horrenda e sua probabilidade de superar e seguir em frente... quase nula. Mas a Alessa tirou força de uma amizade sincera, de irmãs que a amavam, de um filho por quem ela lutou e por fim... de um grande amor. Alessa não está curada, ela nunca vai estar. Mas todos os dias ela se levantará e vai se perguntar de onde vai tirar forças e a força vai vir do amor.

Todos os dias Alessa's sofrem. Todos os dias Alessa's surgem. Todos os dias Alessa's desistem.

Mas todos os dias Alessa's lutam também, olham além e vivem.

Um livro não é uma simples história que foi contada e essa em particular, é uma história que fala por muitas. Nunca é fácil, nunca é rápido, mas por favor... encontre algo ou alguém para segurar. Segure a mão, um objeto que te inspire, ou busque um hobbie. Peça força.

Não foi culpa da Alessa e não é sua culpa.

Se segure em algo e fique firme, fique forte.

E lembre-se, você nunca estará sozinho.



AGRADECIMENTOS



A quem me acompanhou desde o começo, eu não poderia me sentir mais honrada de dividir essa história com todos que me deram tanto apoio, carinho e amor desde que tudo começou.

Anny e Agatha Santos, que estiveram comigo em um período sombrio quando eu comecei a escrever esse livro. Vocês seguraram a barra forte. Obrigada por terem ficado mesmo quando eu queria me fechar sozinha em meu mundo em um dos piores momentos.

Simone Fraga e toda a equipe da Qualis Editora por continuar levando essa série as estantes das minhas leitoras.

Espero que a trajetória desses dois tenha te inspirado. Foi do meu coração para o seu.

Até a próxima.

SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

PREFÁCIO

DEDICATÓRIA

PRÓLOGO

PARTE I

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

PARTE II

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

EPÍLOGO

EPÍLOGO 2

ALESSA'S

AGRADECIMENTOS

NANA SIMONS
AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

O MONSTRO EM MIM

NO BERÇO DA MÁFIA - LIVRO I

Qualis

O monstro em mim

Simons, Nana

9788568839935

170 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eu pensei que poderia muda-lo... Sempre apontada como uma perfeita menina da máfia italiana, Abriella Bonucci era adepta aos costumes, tanto que foi criada para ser uma boa filha, e conseqüentemente, a esposa perfeita. Ela ainda insiste sonhar com um conto de fadas, mesmo que tudo a respeito da família onde nasceu tornasse isso quase impossível. Mas um casamento arranjado com um dos chefes da máfia, Lucca DeRossi, a faz duvidar de suas esperanças, porque não há um traço de bondade nas histórias sobre ele que correm pelos solos da Itália. Abriella está prestes a descobrir que nem mesmo sua inocência e seu sorriso doce vão salvá-la do monstro com quem se casou. Dizem que do ódio vem o amor e do amor vem o ódio. Será que um coração morto pode voltar a vida?

[Compre agora e leia](#)

LANI QUEIROZ
AUTORA BESTSELLER DA AMAZON

PERIGOSA *Sedução*

Qualis

Perigosa sedução

Queiroz, Lani

9788570270580

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ele não estava procurando, mas encontrou mesmo assim... Ela deveria ter fugido, em vez disso, se rendeu... Evelyn de Castro Santana estava em vias de se casar com o que pensava ser o homem de sua vida, mas o encontra na cama com sua melhor amiga e madrinha de casamento. Isso a desestrutura e a induz a fazer escolhas perigosas. A moça se aventura no universo das acompanhantes de luxo para se manter na cidade grande até concluir o curso de Medicina. Dylan do Prado Thompson III é um médico renomado, descendente dos Thompsons, uma tradicional e influente família norte-americana, radicada no Brasil no período da Guerra da Civil nos Estados Unidos. Um Homem metódico, acostumado a ter o que deseja, principalmente uma carteira invejável e uma bela esposa a quem pensa amar. No entanto, as aparências enganam... O casal vive uma relação aberta e libidinosa que chocaria

seu meio social. Dylan e Evelyn, duas vidas de lados opostos da cidade, são jogados juntos por um golpe caprichoso do destino. A atração é imediata, forte, densa, voraz. E enquanto os dois se envolvem em ardentes jogos sexuais, fatos intrigantes começam a acontecer ao seu redor. Em meio ao preconceito, suspense, atentados e boas doses de erotismo, pode nascer o verdadeiro amor?

[Compre agora e leia](#)



BEATRIZ CORTES
RENATA R. CORRÊA

O bebê
do meu melhor
amigo

Qualis

O bebê do meu melhor amigo

Cortes, Beatriz

9786587383293

217 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Apesar de bem-sucedida profissionalmente, a jovem jornalista gaúcha Mariana, que vivia em São Paulo há mais de uma década, ainda sonhava em encontrar o amor verdadeiro. Depois de vários relacionamentos fracassados, pela primeira vez estava saindo com um rapaz interessante e que parecia ser diferente dos anteriores. No entanto, no dia do seu aniversário de trinta anos, seu melhor amigo, Saulo, aparece de surpresa em seu apartamento. Depois de muitos desabaços, em que o jovem conta que o namoro com a amiga dela não vai bem, e de uma noite regada a tequila, sem entenderem absolutamente nada, os dois acordam e descobrem que transaram. Pior que descobrir que foi para cama com o melhor amigo, é perceber depois de algumas semanas que a menstruação está atrasada. Mariana conseguirá viver o tão sonhado grande amor, e ainda manter a amizade com Saulo, depois de uma

gravidez inesperada que poderá mudar o rumo de suas vidas para sempre?"

[Compre agora e leia](#)



O que toca o coração

Spadoni, Silvia

9788570270085

188 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tudo o que Sebastian Whright, conde de Nottingham, deseja é trazer à vida de sua jovem irmã um pouco de alegria e interesse pela temporada na Corte. Para isso está disposto até mesmo a aturar os caprichos de uma petulante professora de piano. Flora precisa de trabalho. Com um inverno rigoroso a frente, ela não será capaz de suportar meses com pouco carvão e lenha insuficiente. O convívio com a doce Emma compensaria a arrogância e o orgulho de Lorde Sebastian, símbolo de tudo que ela mais menospreza na nobreza. O que ambos não esperavam é a inexplicável atração que surge quando a convivência se intensifica e explode numa situação imprevista. Porém a aristocracia possui suas exigências e o casamento com uma jovem malnascida não está entre os planos de um conde. Por outro lado, Flora jamais se permitiria viver como amante depois do exemplo que teve dos pais. Será

possível a nobreza de caráter ser mais valorizada do que a nobreza do sangue? Poderá a beleza da alma cativar mais do que a aparência física?

[Compre agora e leia](#)

O CIDADÃO DE BEM

MAURICIO GOMYDE



O cidadão de bem

Gomyde, Maurício

9786587383248

273 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Dado o estado das coisas, aquele tiro poderia acontecer, mais dia, menos dia. Duas famílias terão suas vidas encaixadas feito peças de um quebra-cabeças, cuja imagem final será muito mais feia do que se imagina. Roberto e Rafael. Suas esposas, filhos, amigos, vizinhos, empregados e colegas de trabalho. Histórias pessoais que vão se ordenar lentamente até culminarem em um instante que mudará o destino de todos. Um drama cujo protagonista é a hipocrisia do mundo atual, perpassando parte dos temas que contam a triste história do nosso tempo: armas, homofobia, racismo, ódio nas redes sociais, assédio moral, bullying e o mito da meritocracia. Resistindo a tudo isso, entretanto, personagens contrários em apostar num mundo de paz, tolerância e civilidade. Afinal, quem são os verdadeiros cidadãos de bem?"

[Compre agora e leia](#)